

A photograph of a woman in a white, ribbed, sleeveless dress holding a large bouquet of flowers. The bouquet features several large, light-colored roses, smaller white flowers, and green foliage. The background is bright and slightly blurred.

MADELEINE WICKHAM

autora da série *Becky Bloom* como

SOPHIE KINSELLA

LOUCA
PARA CASAR

ROMANCE



"Ousado e divertido."
INDEPENDENT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



PRÓLOGO



Um grupo de turistas parou, boquiaberto, para admirar Milly vestida de noiva nos degraus do cartório. Eles lotaram a calçada em frente, enquanto os transeuntes de Oxford, acostumados ao fluxo cotidiano, apenas desviavam, sem se dar ao trabalho de reclamar. Alguns olhavam na direção do cartório para ver o que causava tamanho alvoroço, e, tacitamente, admitiam que o jovem casal realmente formava um par que chamava atenção.

Alguns chegaram a sacar suas câmeras, e Milly sorria feliz para eles, deleitando-se com a atenção recebida e tentando visualizar em sua mente a imagem que formava ao lado de Allan. Seu cabelo espetado e loiríssimo brilhava sob o sol da tarde; o véu alugado pinicava, a renda de náilon do vestido parecia desconfortavelmente úmida onde quer que tocasse seu corpo. Mesmo assim, ela estava alegre e tomada pela euforia. E sempre que olhava para Allan, seu marido, uma nova e intensa onda de emoção percorria seu corpo, obliterando toda e qualquer outra sensação.

Ela chegara a Oxford há apenas três semanas. As aulas haviam terminado em julho e, enquanto seus amigos planejavam viagens a Ibiza, Espanha e Amsterdã, Milly tinha sido enviada a um curso de secretariado em Oxford. *Muito mais útil do que umas férias bobas*, anunciara sua mãe em tom firme. *E pense na vantagem que você terá sobre seus concorrentes na hora de procurar um emprego.* Mas Milly não estava interessada em vantagens. Ela só queria um bronzeado e um namorado. Afora isso, não queria saber de mais nada.

Assim, no segundo dia do curso de datilografia, ela deu uma escapada depois do almoço. Achou um cabeleireiro barato e, num ímpeto de liberdade, repicou e clareou o cabelo. Em seguida, sentindo-se leve e feliz, vagou pelas ruas monótonas e ensolaradas de Oxford, embrenhando-se por frias abóbadas de mosteiros e capelas, espreitando atrás de arcos de pedra, tentando encontrar um lugar para tomar banho de sol. Foi pura coincidência ela ter escolhido o gramado do Corpus Christi College justamente em frente aos aposentos de Rupert, e ele ter decidido passar aquela tarde sem fazer nada, apenas deitado na grama ao lado de Allan, bebendo Pimm's.

Ela já os observara discretamente quando eles passaram, fizeram um brinde e acenderam

um cigarro. Fitara-os mais atentamente quando um deles tirou a camisa, revelando o torso bronzeado. Chegara a ouvir alguns trechos da conversa que flutuava pelo ar, e se viu disposta a conhecer aqueles jovens despreziosos e bonitos. Quando, de repente, o mais velho se dirigiu a ela, seu coração pulou de empolgação.

— Tem isqueiro? — O sotaque era americano e o tom era irônico e animado.

— Sim — gaguejou ela, tateando o bolso. — Tenho sim.

— É que somos muito preguiçosos. — Os olhos do mais jovem, mais tímidos e mais inseguros, encontraram os seus.

— Eu tenho um isqueiro, bem atrás daquela janela — disse, apontando para um arco de pedra cujo vão era dividido por uma barra vertical. — Mas está muito quente para andar até lá.

— Gostaríamos de retribuir seu gesto oferecendo um copo de Pimm's — disse o americano, estendendo a mão. — Prazer, Allan.

— Rupert — apresentou-se o outro.

Pelo restante da tarde, ela se refestelou na grama na companhia deles, embebedando-se de sol e álcool. Flertou e riu, fazendo ambos gargalharem com suas descrições engraçadas das secretárias do curso. Experimentou uma expectativa crescente com o passar das horas, uma vibração sexual cada vez mais intensa por se tratar de dois jovens, ambos lindos. Rupert era esbelto e louro como um leão jovem; seu cabelo era uma auréola dourada e brilhante, os dentes brancos contrastavam com a pele lisa e bronzeada. Allan tinha o rosto enrugado e o cabelo grisalho nas têmporas, mas os olhos verde-acinzentados do rapaz faziam seu coração pular quando cruzavam com os seus. A voz dele acariciava seus ouvidos como seda.

Quando Rupert se deitou de costas e, olhando para o céu, disse "Vamos sair para comer alguma coisa esta noite?", ela pensou que ele a estava convidando para um encontro. Sentiu-se tomada por uma alegria repentina; reconhecendo, logo em seguida, que preferia que o convite tivesse partido de Allan.

Mas logo depois, Allan disse:

— Claro!

Depois, ele se debruçou e, sem a menor cerimônia, beijou Rupert na boca.

Após o terrível choque inicial, Milly percebeu que, estranhamente, não se incomodou com aquilo. Aliás, era melhor assim: dessa forma, ela teria os dois para si. Naquela noite, os três foram a San Antonio, onde ela se deliciou com os olhares invejosos de duas secretárias que ocupavam uma mesa ao lado. Na noite seguinte, ouviram jazz em um velho gramofone, beberam julepo de menta, e ela aprendeu a enrolar cigarros de maconha. Em uma semana, eles se tornaram um trio inseparável.

Não demorou muito, Allan a pediu em casamento.

Imediatamente, sem pensar, Milly aceitou a proposta. Supondo que ela não estivesse falando sério, Allan riu e começou a explicar sua condição. Ele falou sobre vistos, funcionários do Ministério do Interior, sistemas antiquados e discriminação contra gays. O

tempo todo ele a olhou com ar de súplica, como se ainda precisasse de mais argumentos para convencê-la. Mas ela já estava convencida, já vibrava de emoção só de pensar em usar um vestido de noiva e segurar um buquê; seria a coisa mais excitante que faria em toda a sua vida. Só quando Allan, franzindo a testa, disse "Não consigo acreditar que estou pedindo que alguém viole a lei por mim!", e que ela se deu conta do que estava acontecendo. Mas a ligeira inquietação que começava a afligir sua mente não se comparava a alegria que a dominou quando Allan a abraçou e murmurou em seu ouvido: "Você é um anjo." Milly sorriu, sem fôlego, e disse do fundo do coração: "Ah, que nada".

Agora estavam casados. Haviam feito os votos rapidamente: Allan, em tom formal, surpreendentemente sério; Milly, com a voz trêmula, tentando controlar o riso. Em seguida, ambos assinaram os registros. Primeiro ele, com a mão rápida e destra; depois ela, tentando produzir a assinatura perfeita exigida pela ocasião. E, para surpresa de Milly, estava feito. Eles eram marido e mulher. Allan esboçara um sorriso tímido e a beijara. Ela ainda sentia levemente o toque dos lábios dele, e seu dedo anelar continuava desconfortável com a aliança de ouro.

— Chega de fotos — disse Allan. — Não queremos chamar atenção.

— Só mais um pouquinho — pediu Milly rapidamente. Fora muito difícil convencer Allan e Rupert de que ela deveria alugar um vestido de noiva e, agora que o estava usando, queria prolongar o momento o máximo possível. Ela chegou mais perto de Allan e segurou-lhe o braço, sentindo a textura áspera do terno contra sua pele. Uma forte brisa de verão começou a despentear seus cabelos, balançando o véu e refrescando a parte de trás de seu pescoço nu. Um panfleto com um programa de teatro era arrastado ao longo da sarjeta vazia e seca; do outro lado da rua, os turistas começavam a se dispersar.

— Rupert! — gritou Allan. — Chega de fotos!

— Espere! — disse Milly desesperada. — E o confete?

— Tudo bem — assentiu Allan, tolerante. — Acho que não podemos esquecer o confete da Milly.

Ele levou a mão ao bolso e lançou no ar uma porção de rodelinhas de papel multicoloridas. Neste momento, outra rajada atingiu o véu de Milly e, desta vez, o arrancou da pequena tiara de plástico presa ao cabelo e lançou-o no ar como uma nuvem diáfana de fumaça. O adereço aterrissou no chão, aos pés de um rapaz de cabelos escuros, de aproximadamente 16 anos, que se abaixou e o apanhou. Ele o observou cuidadosamente, como se examinasse um artefato estranho.

— Ei! — chamou Milly imediatamente. — Isso é meu! — E começou a descer os degraus, deixando um rastro de confete atrás de si. — Isso é meu — repetiu, com todas as letras, a medida que se aproximava do rapaz, temendo tratar-se de um estudante estrangeiro, que talvez não entendesse inglês.

— Tudo bem — disse ele em tom sério e educado. — Eu o peguei.

Ele lhe entregou o véu e ela sorriu constrangida, tentando um breve flerte. Mas a expressão do rapaz não se modificou; por trás do reflexo dos óculos redondos, Milly percebeu um leve

desprezo, tipicamente adolescente. Sentiu-se um tanto ridícula, vestida de noiva e sem o adereço da cabeça.

— Obrigada — disse ela, pegando o véu. Ele deu de ombros.

— De nada.

O rapaz a observou enquanto ela, pouco a vontade diante de seu olhar fixo, prendia as camadas de tule no lugar.

— Parabéns — acrescentou ele.

— Parabéns por quê? — perguntou Milly sem pensar. Então, ergueu os olhos e ruborizou. — Ah sim, claro. Obrigada.

— Que você tenha um casamento feliz — disse o rapaz em tom inexpressivo. Ele acenou com a cabeça e, antes que Milly pudesse dizer algo mais, foi embora.

— Quem era? — perguntou Allan, surgindo ao seu lado.

— Não sei — respondeu Milly. — Ele desejou um casamento feliz.

— Um divórcio feliz seria mais apropriado — disse Rupert, apertando a mão de Allan. Milly viu que ele resplandecia de alegria e estava mais bonito do que nunca.

— Milly, sou muito agradecido a você — disse Allan. — Nós dois somos.

— Não há o que agradecer — admitiu ela. — Honestamente, foi divertido!

— Bem, mesmo assim. Compramos uma coisinha para você. — Allan dirigiu o olhar a Rupert e, em seguida, retirou do bolso uma pequena caixa. Entregou-a a Milly. — Pérolas de água doce — explicou, quando ela a abriu. — Esperamos que você goste.

— Adorei! — disse Milly com os olhos brilhando. — Vocês não precisavam ter se incomodado!

— Fizemos questão — disse Allan com ar sério. — Para agradecer por ser uma grande amiga e uma noiva perfeita. — Ele prendeu o colar no pescoço de Milly e ela corou de satisfação. — Você está linda — constatou de modo afetuosamente. — A esposa mais bela que um homem poderia desejar.

— E agora, que tal um champanhe? — anunciou Rupert.

Eles passaram o resto do dia navegando pelo rio Cherwell, bebendo champanhe vintage e fazendo brindes rebuscados. Nos dias que se seguiram, Milly passou todo o tempo livre com Rupert e Allan. Nos fins de semana, iam de carro para a zona rural e faziam piqueniques requintados sobre toalhas de estampa xadrez. Visitaram Blenheim, e Milly insistiu em assinar o livro de visitantes como Sra. Allan Kepinski. Três semanas depois, quando o curso de secretariado acabou, Allan e Rupert organizaram uma despedida: reservaram uma mesa no Randolph, fizeram-na pedir três pratos e não a deixaram ver os preços no cardápio.

No dia seguinte, Allan levou-a até a estação, ajudou-a a colocar sua mala no compartimento de bagagens e secou suas lágrimas com um lenço de seda. Em seguida, deu-lhe um beijo de despedida, prometeu escrever e disse que, em breve, se encontrariam em Londres.

Milly nunca mais o viu.

CAPÍTULO

UM

Dez anos depois

O quarto era grande e arejado, com vista para as ruas descoradas de Bath, cobertas por uma camada da neve de janeiro. Fora redecorado há alguns anos de forma tradicional, com papel de parede listrado e algumas peças georgianas, que, no momento, estavam completamente perdidas sob a confusão de roupas brilhantes, CDs, revistas e maquiagem empilhados em cada superfície disponível. Num canto, um belo guarda-roupa de mogno estava quase inteiramente encoberto por uma enorme capa para vestidos feita de algodão branco; sobre a escrivaninha, uma caixa para chapéus e, no chão ao lado da cama, uma mala pela metade, com roupas de verão para uma viagem de lua de mel.

Milly, que subira um pouco mais cedo para terminar de fazer as malas, reclinou-se confortavelmente na cadeira, deu uma olhada no relógio e mordeu um pedaço da maçã do amor. Em seu colo, uma revista de papel brilhante estava aberta na página que trazia perguntas das leitoras sobre questões sentimentais. "Cara Anne", começava a primeira carta. "Tenho um segredo que nunca revelei ao meu marido." Milly revirou os olhos. Nem precisava ler o conselho. Era sempre o mesmo: "Fale a verdade. Seja franca." Uma espécie de catecismo secular, a ser decorado e repetido sem reflexão.

Ela passou os olhos pelo segundo problema: "Cara Anne. Ganho muito mais do que meu namorado." Milly mordeu a maçã do amor com desdém. Grande problema! Virou a página, para a seção de decoração e se concentrou em uma variedade de cestos caros para papéis. Ela não havia incluído esse item na lista de presentes de casamento. Talvez ainda houvesse tempo de fazê-lo.

No andar de baixo, alguém tocou a campainha, mas ela não se moveu. Não poderia ser Simon, pelo menos não ainda; devia ser um dos hóspedes. Milly tirou os olhos da revista preguiçosamente e observou ao redor. Aquele quarto era seu há 22 anos, desde que a família Havill se mudara para o número 1 da Bertram Street, e ela implorara, sem êxito, com o desespero de uma menina de 6 anos, para que ele fosse pintado de rosa, estilo Barbie. Desde então, ela estudou fora, foi para a universidade, chegou até a morar um tempo em Londres — e

todas às vezes ela retornou; voltou para este quarto. Mas, no sábado, iria partir para nunca mais voltar. Moraria em sua própria casa. Um novo começo. Como uma adulta, legitimamente casada.

— Milly? — A voz de sua mãe interrompeu seus pensamentos, e Milly levou um susto. — Simon chegou!

— O quê? — Milly deu uma olhadela no espelho e estremeceu diante de sua aparência desganhada. — Ele não devia chegar agora.

— Posso mandá-lo subir? — A mãe colocou a cabeça na porta e inspecionou o quarto. — Milly! Você devia ter arrumado essa bagunça!

— Não o deixe subir — pediu, olhando para a maçã do amor em sua mão. — Diga a ele que estou provando meu vestido. Diga que eu vou descer num minuto.

Assim que sua mãe desapareceu, Milly rapidamente jogou a maçã do amor na lata de lixo. Fechou a revista, colocou-a no chão, mas achou melhor chutá-la para debaixo da cama. Apressadamente, tirou a legging azul que estava usando e abriu o guarda-roupa. Em um dos lados, uma calça preta bem-cortada estava pendurada junto com uma saia grafite feita sob medida, um terninho cor de chocolate e uma variedade de camisas brancas impecáveis. Do outro lado, encontravam-se todas as roupas que ela usava quando não estava com Simon: jeans rasgados, camisetas velhas, minissaias justas e chamativas. Todas as roupas das quais teria que se desfazer até sábado.

Decidiu vestir a calça preta e uma das camisas brancas, e pegou o suéter de caxemira que Simon lhe dera no Natal. Inspeccionou rigorosamente a imagem no espelho, escovou o cabelo — agora louro pálido e na altura dos ombros — até ele brilhar e calçou um caro mocassim preto. Ela e Simon concordavam que comprar sapatos baratos era uma falsa economia; até onde Simon sabia, a coleção inteira de sapatos de Milly compunha-se dos mocassins pretos, um par de botas marrom e o scarpin azul-marinho com fivelas, da Gucci, que ele mesmo comprara.

Com um profundo suspiro, Milly fechou a porta do guarda-roupa, passou por cima de uma pilha de roupas íntimas espalhadas pelo chão e apanhou a bolsa. Em seguida, borrifou perfume, fechou a porta do quarto atrás de si e começou a descer as escadas.

— Milly! — Quando passou pelo quarto de sua mãe, uma voz sibilante chamou sua atenção. — Venha aqui!

Obediente, Milly entrou. Olivia Havill estava ao lado da cômoda, com a caixa de joias aberta.

— Querida — continuou ela alegremente. — Por que você não usa minhas pérolas esta tarde? — sugeriu, erguendo uma gargantilha de pérolas de duas voltas com fecho de diamantes.

— Ficaria linda com aquele suéter!

— Mãe, nós só vamos falar com o vigário — disse Milly. — Não é nada importante. Não preciso usar pérolas.

— É claro que é importante! — retrucou Olivia. — Você devia levar isso a sério, Milly. Só se faz os votos do matrimônio uma vez! — Ela fez uma pausa.

— Além disso, toda noiva da elite usa pérolas. — Ela ergueu o colar até o pescoço da filha. — Pérolas verdadeiras. Não aquelas coisas baratas.

— Eu gosto das minhas pérolas de água doce — disse Milly em tom defensivo. — E não sou da elite.

— Querida, você está a ponto de se tornar a Sra. Simon Pinnacle.

— Simon não é da elite!

— Não seja boba — retrucou Olivia com firmeza. — Claro que é. O pai dele é multimilionário.

Milly revirou os olhos.

— Tenho que ir, mãe.

— Tudo bem. — Com tristeza, Olivia pôs as pérolas de volta na caixa de joias. — Faça como quiser. E, querida, não se esqueça de perguntar ao cônego Lytton sobre as pétalas de rosa.

— Pode deixar — concordou Milly. — Até logo.

Ela desceu as escadas correndo, entrou no hall e pegou seu casaco, que estava pendurado ao lado da porta.

— Oi! — cumprimentou Simon, que se encontrava na sala de estar. Enquanto ele se dirigia até o hall, ela passou os olhos rapidamente na primeira página do *Daily Telegraph* daquele dia, tentando decorar o máximo de manchetes. — Milly, você está maravilhosa. — Simon sorriu. Milly ergueu os olhos e retribuiu o sorriso.

— Você também. — Simon estava usando roupas de escritório: um terno escuro que assentava impecavelmente em seu corpo firme e musculoso, uma camisa azul e uma gravata de seda roxa. O cabelo escuro caía por sua testa ampla, e ele exalava um discreto perfume de loção pós-barba.

— Então — disse ele, abrindo a porta e conduzindo-a para fora, no ar fresco da tarde. — Vamos aprender como ser casados.

— É — disse Milly. — Não é esquisito?

— Perda de tempo — completou Simon. — O que um vigário velho e decrepito pode nos ensinar a respeito de casamento? Ele nem é casado.

— Bem, suponho que essas sejam as regras.

— Só espero que ele não venha nos dar lição de moral. Isso sim *vai* me irritar.

Milly observou Simon. Seu pescoço estava retesado e ele olhava fixamente para a frente, com ar de determinação. Parecia um buldogue pronto para a briga.

— Eu sei o que eu quero do casamento — prosseguiu ele, com o semblante fechado. — Nós dois sabemos. Não precisamos da interferência de um estranho qualquer.

— Vamos apenas escutar e concordar em silêncio — propôs Milly. — E depois vamos embora. — Ela tateou o bolso a procura das luvas. — De qualquer maneira, eu já sei o que ele irá dizer.

— O quê?

— "Sejam amáveis um com o outro e não saiam por aí dormindo com outras pessoas."

Simon pensou por um momento.

— Espero que eu consiga seguir esse primeiro conselho.

Milly deu-lhe um tapinha e ele riu, puxando-a para perto de si e beijando seu cabelo brilhante. Quando se aproximaram da esquina, ele enfiou a mão no bolso e acionou o controle do carro.

— Foi difícil encontrar uma vaga — disse Simon ao ligar o motor. — As ruas estão tão cheias. — Ele fez uma careta. — Se esse novo projeto de lei realmente for adiante...

— O projeto de lei ambiental — interrompeu Milly de imediato.

— Exatamente. Você leu sobre isso hoje?

— Claro — respondeu ela, lembrando-se rapidamente do *Daily Telegraph*.

— Você acha que eles estão se concentrando na questão principal?

Quando Simon começou a falar, ela olhou para fora da janela, acenando distraidamente com a cabeça de tempos em tempos enquanto imaginava se deveria comprar um terceiro biquíni para a lua de mel.

A SACRISTIA ERA GRANDE, arejada e cheia de livros, que revestiam as paredes e se equilibravam em pilhas empoeiradas no chão. Além disso, quase tudo que não era livro se parecia com um: o bule de chá tinha motivos literários; o para-fogo era decorado com desenhos de livros; até as fatias do bolo de gengibre na bandeja lembravam os volumes de uma enciclopédia.

O próprio cônego Lytton se assemelhava a uma folha de papel velho; sua pele fina e ressequida parecia prestes a se rasgar a qualquer momento. Sempre que ria ou se tornava mal-humorado, seu rosto se enrugava completamente. No momento, como, alias, fizera durante a maior parte da reunião, ele exibia uma carranca. Suas espessas sobrancelhas brancas estavam juntas, seus olhos mantinham-se semicerrados em sinal de concentração e a mão ossuda, que segurava uma xícara de chá intacta, tremulava perigosamente no ar.

— O segredo de um matrimônio bem-sucedido e a confiança — pregou. Confiança é a palavra-chave. Confiança é a base de tudo.

— Com certeza — assentiu Milly, como tinha feito a cada três minutos na última hora. Ao olhar para Simon, viu que ele se inclinava para a frente, como se pronto para interrompê-lo. Mas o cônego Lytton não era o tipo de interlocutor que tolera interrupções. Todas as vezes que Simon tomava fôlego para dizer algo, o clérigo aumentava o tom de voz e olhava em outra direção, deixando o noivo preso em um silêncio frustrado, porém respeitoso. Ela sabia que Simon gostaria de discordar da maior parte das coisas que o padre dissera. Ela, por sua vez,

não tinha escutado uma palavra sequer.

Seu olhar percorria distraidamente as estantes envidraçadas a sua esquerda. Lá estava ela refletida no vidro. Elegante e chique, adulta e bem-arrumada. Sentiu-se satisfeita com sua aparência. Não que o cônego Lytton levasse isso em conta. Ele provavelmente considerava pecado gastar dinheiro com roupas. Diria que o mais certo era doá-lo aos pobres.

Milly mudou ligeiramente de posição, sufocou um bocejo e ergueu os olhos. Para seu espanto, viu que o cônego Lytton a observava. Ele estreitou os olhos ainda mais e interrompeu a frase.

— Desculpe deixá-la entediada, querida — disse ele de forma sarcástica. — Você já deve estar acostumada com esse discurso.

Milly ruborizou.

— Não — retrucou ela. — Eu só estava... — Ela voltou os olhos rapidamente para Simon, que sorriu e deu uma piscadela. — Só estou um pouco cansada — concluiu sem muita convicção.

— A pobrezinha tem andado muito ocupada com os preparativos do casamento — intercedeu Simon. — Há muito que organizar: o champanhe, o bolo...

— De fato — disse o cônego Lytton com uma expressão inflexível. — Mas devo lembrá-les de que o ponto crucial de um casamento não é o champanhe, nem o bolo, nem os presentes que vocês certamente receberão. — Os olhos do religioso moveram-se rapidamente em torno da sala, como se ele comparasse seus objetos sombrios com os presentes caros e suntuosos destinados a Milly e Simon, e seu semblante tornou-se mais fechado. — Fico apreensivo — prosseguiu, andando até a janela — com a importância meramente casual que muitos casais jovens dão a celebração do casamento. O sacramento do matrimônio não deve ser visto apenas como uma formalidade a ser cumprida.

— Naturalmente não — assentiu Milly.

— Não é simplesmente o prelúdio de uma grande festa.

— De jeito nenhum — anuiu ela.

— Como as próprias palavras ditas na cerimônia sugerem, o casamento não deve ser assumido de forma superficial, irrefletida ou egoísta, mas...

— E não será! — A voz de Simon se impôs em um tom impaciente; ele se inclinou para a frente. — Eu sei que provavelmente o senhor se depara todos os dias com pessoas que se casam pelos motivos errados. Mas esse não é o caso, nós nos amamos e queremos passar o resto da vida juntos. E para nós, isso é um assunto sério. O bolo e o champanhe não têm nada a ver com isso.

Ele parou de falar e, por um instante, todos ficaram em silêncio. Milly tomou a mão de Simon e apertou-a.

— Entendo — disse o cônego Lytton após um momento. — Bem, fico contente de ouvir isso. — Ele se sentou, tomou um gole do chá frio e estremeceu. — Não é minha intenção fazer um sermão desnecessariamente — disse, pousando a xícara. — Mas vocês não imaginam

quantos casais despreparados me procuram querendo se casar. Jovens imprudentes, sem juízo, que mal se conhecem; moças fúteis que querem uma desculpa para comprar um vestido bonito...

— Eu sei disso — concordou Simon. — Mas nosso relacionamento é para valer. Estamos levando isso a sério, fazendo a coisa certa. Nos conhecemos profundamente, nos amamos e vamos ser muito felizes. — Ele se debruçou, beijou Milly com suavidade e olhou para o cônego, como se o desafiasse a questionar.

— Ótimo — disse o religioso. — Bem. Acho que já falei o bastante. Vocês realmente parecem estar no caminho certo. — Ele apanhou sua pasta e começou a vasculhar dentro dela. — Há somente alguns assuntos...

— Isso foi lindo — sussurrou Milly a Simon.

— É verdade — sussurrou ele em resposta, tocando delicadamente o canto da boca da noiva.

— Ah, sim — recomeçou o cônego Lytton. — Eu já devia ter mencionado isso. Como vocês devem estar sabendo, o reverendo Harries não leu os proclamas do casamento domingo passado.

— É mesmo? — indagou Simon.

— Você deve ter notado — disse o cônego, olhando de forma maliciosa para Simon. — Imagino que esteve presente na missa matinal?

— Ah, sim — respondeu Simon após uma pausa. — Claro. Agora que o senhor mencionou, eu realmente percebi que havia alguma coisa errada.

— Ele lamentou muito; os reverendos sempre fazem isso. — O cônego Lytton deu um suspiro de desagrado. — Mas o dano já foi feito. Portanto, vocês terão que se casar com uma licença especial.

— Oh — disse Milly. — O que isso significa?

— Significa, entre outras coisas, que eu devo pedir que vocês façam um juramento.

— Cacete — praguejou Milly.

— Algum problema? — Ele a olhou perplexo.

— Não, nada — corrigiu-se Milly. — Prossiga, por favor.

— Vocês devem jurar solenemente que toda a informação que me deram é verdadeira — disse o cônego. Ele entregou a Bíblia a Milly e, em seguida, um pedaço de papel. — Basta dar uma olhada. Verifique se está tudo correto e leia o juramento em voz alta.

Milly fitou o papel por alguns segundos, depois ergueu os olhos com um sorriso radiante.

— Tudo certo — confirmou ela.

— Melissa Grace Havill — disse Simon, lendo por cima do ombro da noiva. — Solteira. — Ele fez uma careta. — Solteira!

— Ok — disse Milly bruscamente —, deixe-me ler o juramento.

— Está certo — concordou o padre, sorrindo. — Assim, como dizem, tudo fica nos conformes.

QUANDO SAIRAM DA SACRISTIA, o dia estava frio e escuro. Flocos de neve caíam novamente; as luzes da rua já estavam acesas; uma fileira de delicadas luzes de Natal piscava numa janela logo em frente. Milly respirou fundo, mexeu as pernas rijas por terem permanecido imóveis por muito tempo, e olhou para Simon. Mas, antes que pudesse falar, uma voz triunfante veio do outro lado da rua.

— Ah-ah Peguei vocês!

— Mãe! — exclamou Milly.

— Olivia — disse Simon. — Que surpresa encantadora!

Olivia atravessou a rua sorrindo. Os flocos de neve pousavam no cabelo louro bem-cortado e nos ombros do casaco de caxemira verde. A maior parte de suas roupas tinha cores com nomes de joias — azul-safira, vermelho-rubi, roxa-ametista — e era adornada com fivelas douradas brilhantes e botões reluzentes, além dos sapatos com enfeites dourados. Uma vez, chegara a cogitar a ideia de usar lentes de contato com matizes turquesa, mas acabou desistindo por achar que poderia se tornar alvo de risinhos sarcásticos. Então, em vez disso, resolveu tirar proveito do tom natural de seus olhos azuis, usando sombra dourada e tingindo os cílios de preto no salão uma vez por mês.

Ela lançou um olhar afetuoso para a filha.

— Acho que você não falou com o cônego Lytton sobre as pétalas de rosa, não é? — indagou.

— Ah, não! — disse Milly. — Esqueci.

— Eu sabia! — exclamou Olivia. — Por isso achei melhor vir até aqui. — Ela sorriu para Simon. — Como é distraída a minha menina, não é?

— Eu não diria isso — retrucou Simon em tom firme.

— Claro que não! Você está apaixonado por ela! — justificou Olivia, sorrindo e afagando os cabelos dele. De salto alto, ela ficava ligeiramente mais alta do que Simon e, apesar de ninguém mais ter se dado conta disso, ele percebera, que desde o noivado, Olivia vinha usando saltos altos com mais frequência.

— Eu tenho que ir disse Simon. — Preciso voltar para o escritório. Estamos com muito trabalho no momento.

— Nós todos! — exclamou Olivia. — Faltam só quatro dias, você sabe! Quatro dias para o casamento! E eu tenho mil coisas a fazer! — Ela olhou para Milly. — E você, querida? Esta com pressa também?

— Não — respondeu Milly. — Tirei à tarde de folga.

— Então, que tal voltar para a cidade a pé comigo? Poderíamos tomar...

— Um chocolate quente no Mario's — completou Milly.

— Exatamente. — Olivia sorriu novamente. — Sou capaz de ler os pensamentos de Milly

como se fossem um livro aberto!

— Ou uma carta aberta — disse Simon. Houve um breve e tenso momento de silêncio.

— Bem — disse Olivia com a voz entrecortada. — Eu tenho que ir. Vejo você à noite, Simon. — Ela abriu o portão e se afastou rapidamente, pisando em falso na neve escorregadia.

— Você não devia ter dito aquilo — advertiu Milly assim que ela se afastou. — Sobre a carta. Ela me fez prometer que eu não contaria a você.

— Desculpe, mas sua mãe mereceu. Por que ela acha que tem o direito de ler uma carta que eu escrevi para você?

Milly deu de ombros.

— Ela disse que foi sem querer.

— Sem querer! — Simon parecia indignado. — Você deve estar brincando. A carta foi endereçada a você e estava no seu quarto!

— Bem — começou Milly, tentando justificar o deslize cometido pela mãe. — Realmente não importa. — Ela deu uma risadinha. — Ainda bem que você não escreveu nada grosseiro sobre ela.

— Da próxima vez vou fazer isso. — Simon checou o relógio. — Desculpe, eu realmente preciso ir.

Ele pegou a mão fria da noiva, beijou seus dedos suavemente e puxou-a para junto de si. Milly fechou os olhos ao sentir os lábios quentes e macios tocarem os seus. Então, repentinamente ele se afastou, e uma rajada de ar frio bateu no rosto dela.

— Eu tenho que ir. Até logo.

— Tudo bem — assentiu Milly. — Nos vemos mais tarde.

Sorrindo consigo mesma, ela observou o noivo acionar o controle do carro, entrar no veículo e subir rapidamente a rua. Simon estava sempre com pressa. Sempre correndo para fazer algo, para concretizar alguma coisa. Ele precisava sair todo dia, como um cãozinho, fosse para fazer algo construtivo ou para se divertir. Não admitia perder tempo, não entendia como Milly era capaz de passar um dia inteiro sem fazer nada, ou não ter planos para o fim de semana. Às vezes, juntava-se a ela em um dia de ócio, repetindo varias vezes que era bom ter a oportunidade de relaxar. Porém, após algumas horas, levantava-se num ímpeto, dizendo que iria dar uma corrida.

Na primeira vez que o vira, na cozinha da casa de um conhecido, ele estava falando ao celular, comendo batata frita e lendo as manchetes no jornal, tudo ao mesmo tempo. Quando Milly se serviu de uma taça de vinho, ele ergueu sua própria taça e, em uma pausa na conversa ao telefone, sorriu para ela.

— Obrigado — disse ele.

— A festa é na sala — observou Milly.

— Eu sei — concordou Simon, voltando os olhos ao jornal. — Estarei lá em um minuto. — Milly revirou os olhos e o deixou sozinho, sem nem mesmo se dar ao trabalho de perguntar o

nome dele. No entanto, mais tarde, quando se juntou aos outros convidados, ele se aproximou e se apresentou de forma encantadora, desculpando-se poder sido tão indelicado.

— Eram apenas algumas notícias sobre negócios em que eu estava particularmente interessado — justificou.

— Boas ou más notícias? — Milly bebeu um gole de vinho e percebeu que estava bêbada.

— Depende de que lado se está.

— É sempre assim, não é? Notícias boas para uns são ruins para outros. Até... — Ela fez um movimento com a taça no ar. — Até a paz mundial. Má notícia para os fabricantes de armamentos.

— É verdade. Suponho que sim. Nunca pensei nisso por esse ângulo.

— Bem, nem todos são grandes pensadores. — Milly suprimiu o ímpeto de dar uma risada.

— Quer uma bebida?

— Não. Mas você pode me acender um cigarro.

Quando ele se inclinou em sua direção, segurando cuidadosamente o isqueiro aceso, ela notou a pele lisa e bronzeada, a mão firme e o agradável perfume da loção pós-barba. Então, ao dar uma tragada, os olhos castanho-escuros dele pousaram nos seus e, para sua surpresa, ela sentiu um frio na espinha. Abriu um sorriso lentamente.

Mais tarde, quando o bate-papo animado deu lugar a grupos de pessoas sentadas no chão fumando um baseado, o tema da conversa passou a ser vivisseção. Milly, que por acaso tinha visto um especial do programa infantil *Blue Peter* sobre o assunto na semana anterior, enquanto se recuperava de um resfriado, fez comentários mais concretos e bem-informados do que qualquer outra pessoa, deixando Simon admirado.

Alguns dias depois, ele a convidou para jantar e falou muito sobre negócios e política. Milly, que não sabia nada sobre nenhum dos dois assuntos, limitou-se a sorrir e concordar. No fim da noite, pouco antes de beijá-la pela primeira vez, Simon disse que ela era extremamente perceptiva e compreensiva. Um pouco mais tarde, quando ela tentou confessar que era totalmente ignorante em assuntos de política — na verdade, em quase tudo —, ele a repreendeu por ser modesta.

— Eu observei na festa como você conseguiu destruir os argumentos inconsistentes daquele cara. Você sabia exatamente sobre o que estava falando. Aliás — acrescentou de com olhar profundo —, você estava muito sexy. — E Milly, que estava prestes a confessar sua fonte de informação, em vez disso, aproximou-se para que ele a beijasse novamente.

A impressão inicial de Simon a respeito dela nunca se modificou. Ele ainda afirmava que ela era muito modesta, ainda acreditava que ela gostava das mesmas exposições sofisticadas que ele, ainda perguntava a opinião dela sobre assuntos como a campanha eleitoral para a presidência e ouvia suas respostas com atenção. Ele achava que ela gostava de sushi e que havia lido Sartre. Sem a intenção de enganá-lo, mas também sem querer desapontá-lo, ela lhe permitiu formar uma imagem que, sinceramente, não era de todo verdadeira.

Ela não sabia o que iria acontecer quando começassem a viver juntos. Às vezes, ficava

alarmada diante da proporção com que sua personalidade fora distorcida; tinha certeza de que se sentiria exposta, uma fraude, na primeira vez que ele a flagrasse chorando após ter lido um romance barato. De vez em quando, dizia a si mesma que a imagem que ele fazia dela não era de todo inexata. Talvez ela não fosse à mulher sofisticada que ele pensava, mas poderia vir a ser. E seria. Tudo o que precisava era mudar o modo de se vestir; fazer alguns comentários inteligentes ocasionais e permanecer discretamente calada o restante do tempo.

Uma vez, no início do relacionamento, quando estavam deitados na enorme cama de casal na casa dele em Pinnacle Hall, Simon confessou que a achara especial por ela não lhe fazer perguntas sobre seu pai. "A maioria das garotas", disse ele em tom amargo, "só quer saber como é ser o filho de Harry Pinnacle, conseguir uma entrevista de emprego ou algo assim. Mas você... você nunca sequer mencionou o nome dele."

Ele a fitara admirado, e Milly dera-lhe um sorriso meigo, murmurando algo sem sentido. Ela não podia confessar, por nada neste mundo, que nunca mencionara o nome de Harry Pinnacle porque nunca tinha ouvido falar dele.

— ENTÃO, VAMOS JANTAR com Harry Pinnacle esta noite! Acho que vai ser maravilhoso. — A voz da mãe de Milly interrompeu seus pensamentos.

— É — respondeu ela. — Acho que sim.

— Aquele cozinheiro austríaco divino ainda trabalha para ele?

— Não sei. — Milly percebeu que passara a imitar o tom desanimador de Simon sempre que falava sobre Harry Pinnacle. Simon nunca prolongava uma conversa sobre o pai; se as pessoas insistiam, ele mudava de assunto bruscamente ou até se afastava. Esquivara-se da futura sogra várias vezes quando ela o pressionara sobre detalhes e histórias a respeito do pai célebre. Mas ela parecia não perceber isso.

— O mais interessante sobre Harry — disse Olivia pensativa — é que ele é simples. — Ela deu o braço a Milly e elas começaram a descer a rua coberta de neve. — Eu digo a todo mundo: se você o conhecesse, não imaginaria estar diante de um magnata, não se sentiria intimidado por estar diante do fundador de uma rede de estabelecimentos de nível nacional, mas pensaria "que homem encantador". E Simon é igualzinho.

— Simon não é um magnata — corrigiu Milly. — Ele é um simples vendedor de anúncios.

— Ele está longe de ser simples, querida!

— Mãe...

— Sei que você não gosta que eu fique falando isso. Mas a verdade é que Simon vai ser muito rico um dia. — Olivia apertou ligeiramente o braço de Milly. — E você também.

— Talvez. — Milly demonstrou indiferença.

— Não há razão para fingir que isso não vai acontecer. E quando acontecer, sua vida vai mudar.

— Não vai não.

— Os ricos vivem de forma diferente, você sabe muito bem.

— Há um minuto — lembrou Milly — , você estava dizendo o quanto Harry é simples. Ele não vive de forma diferente, vive?

— Isso é muito relativo, querida.

Ao se aproximarem de uma fileira de lojas sofisticadas, elas notaram uma vitrine discretamente iluminada e pararam. Nela, havia um único manequim elegante em seu pesado vestido de veludo branco.

— Este é bonito — murmurou Milly.

— Não tão bonito quanto o seu — retrucou Olivia imediatamente. — Ainda não vi um vestido tão bonito quanto o seu.

— Tem razão. Ele é mesmo muito bonito.

— É perfeito, querida.

Elas se demoraram um pouco diante da vitrine, atraídas pelo brilho róseo da loja: nuvens de seda, cetim e voile forrando todas as paredes, buques e sapatinhos de damas de honra bordados. Olivia suspirou.

— Toda essa preparação para o casamento está sendo divertida, não é? Vou sentir falta quando acabar.

— Hummm.

Houve um momento de silêncio. Como se quisesse mudar de assunto, Olivia perguntou:

— A Isobel está namorando?

Milly teve um sobressalto.

— Mãe! Você não está tentando casar Isobel também.

— Claro que não! Só estou curiosa. Ela nunca me conta nada. Eu perguntei se ela pretendia trazer alguém a recepção...

— E o que ela falou?

— Ela não respondeu — admitiu Olivia com ar triste.

— Então...

— Mas isso não significa nada.

— Mãe — disse Milly. — Se você quer saber se Isobel tem um namorado, por que não pergunta a ela?

— Talvez — assentiu Olivia com a voz distante, como se não estivesse mais interessada.

— Talvez eu faça isso.

UMA HORA DEPOIS, elas deixaram o Mario's Coffee House e foram para casa. Quando chegassem lá, a cozinha estaria cheia de hóspedes com os pés inchados de tanto passear. A casa dos Havill, na Bertram Street, era uma das pensões mais populares de Bath. Os turistas adoravam a mansão georgiana bem-mobiliada por sua proximidade como centro da cidade, pelos modos encantadores e falantes de Olivia e pela habilidade dela de transformar cada encontro em uma festa.

O chá era sempre a refeição mais animada na casa; Olivia adorava reunir os hóspedes na mesa para que eles degustassem chá Earl Grey com pão doce.

Ela apresentava uns aos outros, ouvia atenciosamente quando relatavam o que haviam feito durante o dia, recomendava lugares divertidos para a noite e contava fofocas atualizadas de pessoas que eles não conheciam. Se algum hóspede demonstrava a intenção de ir para o quarto carregando uma chaleira elétrica, recebia um olhar de reprovação e torradas frias no café da manhã. Olivia Havill detestava minichaleiras e aqueles pequenos pratos para saquinhos de chá usados; só os fornecia para ter direito as quatro estrelas no *Guia de pensões Heritage*. Ela também detestava, embora oferecesse, TV a cabo, linguiças vegetarianas e uma prateleira cheia de folhetos sobre parques temáticos locais e atrações para a família — que, ela sempre constatava com satisfação, raramente precisava ser reabastecida.

— Já ia me esquecendo — observou Olivia ao entrarem na Bertram Street. — O fotógrafo chegou quando você estava fora. Um rapaz bem jovem. — Ela começou a vasculhar a bolsa, procurando a chave.

— Pensei que ele só viria amanhã.

— Eu também! — disse Olivia. — Por sorte, morreu alguém da família daqueles australianos simpáticos, senão estaríamos sem um quarto disponível. E por falar em australianos... dá só uma olhada!

Ela pôs a chave na porta e a abriu.

— Flores! — exclamou Milly. Na sala, havia um enorme buquê de flores brancas, amarradas com uma faixa de seda verde-escura. — Para mim? De quem?

— Leia o cartão — sugeriu Olivia. Milly apanhou o buquê e abriu o plástico da embalagem.

— "PARA A QUERIDA MILLY" — ela leu devagar. — "Estamos muito orgulhosos de você e lamentamos não podermos ir ao seu casamento. PENSAREMOS em você. Com todo o nosso amor. Beth, Scott e Adrian." — Milly olhou espantada para Olivia. — Não é gentil da parte deles mandarem isso de Sidney? As pessoas são tão gentis!

— Estão felizes por você, querida — afirmou Olivia. — Todos estão felizes. Vai ser um casamento tão maravilhoso!

— São mesmo lindas — disse uma voz agradável. Era uma hóspede; uma mulher de meia-idade que descia as escadas usando calça azul e tênis. — Flores para a noiva?

— Isso é só o começo — retrucou Olivia, rindo.

— Você é uma garota de sorte — disse a mulher dirigindo-se à Milly.

— Eu sei — disse ela com um largo sorriso. — Vou colocá-las na água.

Ainda segurando as flores, Milly abriu a porta da cozinha e parou, surpresa. Sentado a mesa, havia um jovem de jaqueta jeans surrada. Ele tinha cabelos castanho-escuros, usava óculos de aro redondo de metal e lia o *Guardian*.

— Oi — cumprimentou ela. — Você deve ser o fotógrafo.

— Oi — respondeu o jovem, fechando as páginas do noticiário. — Você deve ser a Milly.
— Quando ele desviou os olhos do jornal e ela viu seu rosto, reconheceu-o imediatamente.

Com certeza já tinha visto aquele rapaz em algum lugar. — Meu nome é Alexander Gilbert — anunciou em tom desprovido de entusiasmo, estendendo a mão. Milly se aproximou e a apertou educadamente.

— Lindas flores — observou, acenando com a cabeça em direção ao buquê.

— Sim, são lindas — concordou Milly, fitando-o com curiosidade. Onde o vira antes? Por que o rosto daquele rapaz parecia gravado na sua memória?

— Mas não é o seu buquê de noiva.

— Não. — Milly curvou a cabeça ligeiramente e inalou o doce perfume das flores. — Estas foram enviadas por uns amigos da Austrália. Foi muito gentil da parte deles, levando-se em conta...

De repente, ela parou de falar e sentiu o coração disparar.

— Levando-se em conta o quê? — perguntou Alexander.

— Nada — respondeu Milly, afastando-se. — Quer dizer... vou levá-las para a sala.

Ela andou em direção à porta, com as mãos suadas segurando o plástico barulhento que embalava as flores. Ela se lembrou de onde o vira antes. Sabia exatamente onde tinha visto aquele rosto. Só de pensar nisso, seu coração pulou e ela cerrou os dentes, forçando-se a se manter calma. "Está tudo bem", disse a si mesma quando alcançou a maçaneta da porta. "Esta tudo bem. Enquanto ele não me reconhecer..."

— Espere. — A voz do rapaz interrompeu seus pensamentos, como se ele pudesse ler sua mente. Prestes a ter uma vertigem, ela se virou e viu que ele a fitava com o cenho franzido. — Espere um minuto — insistiu ele. — Tenho a impressão de que conheço você de algum lugar.

CAPÍTULO

DOIS

Preso em um engarrafamento no caminho para casa naquela noite, olhando a neve cair sem parar e o movimento rítmico do limpador do pára-brisa, Simon pegou o telefone para ligar para Milly. Digitou os dois primeiros números e, em seguida, mudou de ideia e desligou o aparelho. Ele só queria ouvir a voz dela, fazê-la rir, imaginar seu rosto enquanto ela falava. Mas ela poderia estar ocupada, ou achá-lo ridículo por telefonar por impulso, sem ter nada para falar. E se Milly ainda não tivesse chegado em casa, ele acabaria tendo que falar com a Sra. Havill.

A Sra. Havill era a única coisa em Milly que Simon mudaria, se pudesse. Olivia era uma mulher bastante agradável, ainda atraente, encantadora e divertida; ele entendia por que ela era uma figura popular em eventos sociais. Mas o modo como tratava a filha o irritava profundamente. Ela agia como se Milly ainda fosse uma garotinha de 6 anos, ajudando-a a escolher roupas, dizendo-lhe para usar um cachecol, querendo saber exatamente o que ela faz cada minuto do dia. E o *pior* de tudo, na opinião de Simon, era que Milly não parecia se incomodar com isso. Ela deixava a mãe acariciar seus cabelos e dizer "Boa menina" e telefonava obedientemente quando achava que chegaria tarde em casa. Ao contrário da irmã mais velha, Isobel, que há muito tempo comprara o próprio apartamento e saíra de casa, Milly parecia não querer se tornar independente.

Consequentemente, sua mãe continuava a tratá-la como criança. Além dela, o pai e a irmã agiam praticamente da mesma maneira. Eles riam quando Milly expressava opiniões acerca de temas atuais, menosprezavam sua carreira e discutiam questões importantes sem consultá-la. Recusavam-se a ver a mulher inteligente e entusiasmada que ele via; nunca a levavam a sério e negavam-se a elevá-la ao status de adulta.

Simon tentara falar com Milly sobre a família dela, tentara fazê-la ver como eles a subestimavam e a limitavam. Mas ela simplesmente se mostrara indiferente e dissera que eles não eram tão cruéis. E quando ele reforçou a crítica, ela se aborreceu. "É bondosa e afetuosa demais para ver qualquer falta neles", pensou Simon, saindo da estrada principal de Bath em direção a Pinnacle Hall. E ele a ama por isso. Mas as coisas terão que mudar quando eles se casarem, quando tiverem sua própria casa. Após se tornar uma mulher casada e, talvez um dia,

mãe, o foco de Milly será outro, e sua família terá que respeitar isso e aceitar o fato de que ela não é mais a menininha deles.

Ao se aproximar de Pinnacle Hall, ele digitou o código de segurança no controle do portão e esperou, impacientemente, que ele se abrisse - os pesados

portões de ferro com o nome "Pinnacle" forjado na parte frontal. Havia luzes acesas em todas as janelas; os carros estavam estacionados em suas vagas e a ala dos escritórios ainda se encontrava em atividade. A Mercedes vermelha de seu pai estava bem diante da casa, um carro enorme, reluzente e arrogante. Simon o odiava.

Ele estacionou seu Golf em uma vaga reservada e caminhou sobre cascalho coberto de neve em direção a casa; uma mansão do século XVIII que funcionara como um luxuoso hotel nos anos de 1980 e que dispunha de um complexo de lazer e uma bela ala de quartos anexos. Harry Pinnacle a comprou quando os proprietários foram à falência e a transformou novamente em uma residência, instalando a sede de sua empresa na ala anexa. Ele costumava dizer para os repórteres que era bom ficar fora de Londres, afinal, estava se tornando um velho. Fazia-se um momento de silêncio, então todos riam. Em seguida, Harry sorria e tocava o sino para que fosse servido mais café.

A sala revestida de lambris estava vazia e cheirava à cera. Do escritório particular de Harry, onde se percebia a luz acesa, Simon ouviu a voz do pai, abafada pela porta, seguida de uma risada. O ressentimento, sempre latente, começou a formigar em sua pele, e ele cerrou os punhos dentro dos bolsos.

Simon sempre odiou o pai. Harry Pinnacle abandonara a esposa quando o filho tinha 3 anos. Sua mãe jamais esclarecera os motivos da separação, mas Simon sabia que a culpa era do pai, tão dominador, arrogante e antipático; tão determinado, criativo e incrivelmente bem-sucedido - esta última característica era a que Simon mais odiava.

A história era conhecida por todos. No mesmo ano em que o filho completou 7 anos, Harry Pinnacle abriu uma pequena loja de sucos, chamada Fruit'n Smooth. A loja, com seus balcões cromados, transformou-se em um sucesso imediato. No ano seguinte, ele abriu uma filial. Um ano depois, uma terceira loja. Três anos após abrir o estabelecimento, passou a vender franquias e, em meados dos anos 1980, havia lojas Fruit'n Smooth em todas as cidades, e Harry Pinnacle estava multimilionário.

À medida que seu pai prosperava e emergia das páginas internas dos cadernos de economia para as manchetes dos jornais, o jovem Simon acompanhava seu progresso com rancor. Os cheques chegavam todo mês, e sua mãe sempre exaltava a generosidade de Harry. Mas ele nunca aparecia, e Simon o odiava por isso. Quando o rapaz estava com 19 anos, a mãe morreu e Harry Pinnacle voltou a entrar em sua vida.

A expressão no rosto de Simon se tornou obscura, e ele sentiu as próprias unhas cravarem as palmas das mãos ao se lembrar do momento em que viu o pai pela primeira vez depois da separação, há dez anos. Andava pelo corredor do hospital em que sua mãe estava internada, desesperado de tristeza, raiva e

cansaço. De repente, ouviu uma voz chamar seu nome e, ao levantar os olhos, viu um rosto que lhe era familiar de inúmeras fotografias de jornal. Familiar, e ainda assim estranho. Ao fitar o pai em silêncio, tornado pelo choque, percebeu suas próprias características no rosto do homem. E mesmo sem querer, sentiu as emoções emergirem; sensações instintivas, como as de um bebê. Teria sido tão fácil abraçar o pai, permitir-se compartilhar o sofrimento que sentia, aceitar essa tentativa de diálogo e fazer dele um amigo. Mas, ao perceber que começava a ceder, Simon abafou seus sentimentos. Harry Pinnacle não merecia seu amor, e jamais o teria.

Depois do enterro, Harry acolheu Simon em sua casa. Deu-lhe um quarto e um carro e o levou em viagens luxuosas. Simon aceitou tudo educadamente. Mas se Harry pensava que compraria o afeto do filho enchendo-o de presentes caros, estava enganado. Embora o ódio adolescente do rapaz tivesse abrandado, ele fora substituído por uma determinação inabalável de superar o pai em todos os sentidos: administraria um negócio bem-sucedido e ganharia dinheiro. Porém, diferentemente do pai, ele teria um casamento feliz, criaria os filhos para amá-lo, tornaria-se o chefe de uma família feliz e estável. Teria a vida que Harry nunca tivera, e o pai o invejaria e o odiaria por isso.

Assim, ele deu início ao seu projeto, abrindo a própria editora. Começou com três boletins informativos, lucros razoáveis e grandes perspectivas, que nunca se concretizaram. Após três anos de luta, seus lucros se reduziram a zero e, no fim do quarto ano, ele declarou falência.

A humilhação ainda consumia Simon quando ele se lembrava do dia em que foi obrigado a admitir ao pai que havia falido, o dia em que teve que aceitar a oferta de Harry, vender o apartamento e voltar para Pinnacle Hall. Seu pai lhe servira uma dose de uísque, proferia alguns clichês sobre derrota e vitórias e oferecera um emprego nas Empresas Pinnacle, que Simon recusara imediatamente com algumas palavras de agradecimento. Mal conseguia olhar o pai; mal conseguia olhar para quem quer que fosse. Sentindo-se no fundo do poço, desprezava a si mesmo quase quanto tanto quanto desprezava o pai. Todo o seu ser estava atormentado pela frustração e pela vergonha.

Por fim, acabou arranjando um emprego como vendedor de anúncio em uma revista de negócio pouco conhecida.

Estremecera quando Harry lhe dera os parabéns; estremecera ao ver o pai folheando rapidamente a modesta publicação, tentando encontrar palavras de elogio, “Não é nada assim tão maravilhoso”, dissera de maneira defensiva. “Mas pelo menos estou trabalhando.” Pelo menos ele estava trabalhando; pelo menos os dias seriam preenchidos; pelos menos poderia começar a pagar suas dívidas.

Três meses após começar a revista, ele conheceu Milly. Um ano depois, pediu-a em casamento. Seu pai, mais uma vez, o parabenizara; ofereceu-se para ajudar a comprar o anel de noivado. Mas Simon recusara a oferta. “Prefiro fazer as coisas ao meu modo”, dissera, olhando o pai bem dentro dos olhos, imbuído de uma nova confiança, quase uma ar de desafio. Se não conseguia derrotar o pai nos negócios, então o derrotaria na vida familiar. Ele e Milly teriam um casamento perfeito: amariam-se, ajudariam-se, entederiam-se. Os problemas seriam discutidos, as decisões seriam tomadas em conjunto, o afeto seria expresso

livremente. Os filhos trariam ainda mais felicidade. Nada daria errado. Simon experimentara o fracasso uma vez; não queria experimentá-lo novamente.

De repente, seus pensamentos foram interrompidos por outra risada vinda de dentro do escritório, uma conversa murmurada e, em seguida, o toque agudo que significava que Harry havia recolocado no gancho o antiquado aparelho de telefone que usava em sua linha particular. Simon esperou alguns minutos, respirou profundamente, aproximou-se da porta e bateu.

AO OUVIR A BATIDA na porta, Harry Pinnacle levou um susto. Rapidamente, guardou na gaveta a pequena fotografia que tinha nas mãos. Então, para se garantir, trancou a gaveta. Por um momento, permaneceu imóvel, fitando a chave, perdido em pensamento.

Tornaram a bater na porta, ele levantou a cabeça. Afastou a cadeira da escrivaninha e passou as mãos pelos cabelos grisalhos.

– Sim? – Disse e viu a porta ser aberta.

Simon entrou, deu alguns passos e lançou um olhar furioso para o pai. Era sempre assim. Ele batia à porta do escritório e era obrigado a ficar esperando do lado de fora, como um empregado. Harry nunca lhe dissera que não precisava bater; ele nunca sequer pareceu contente ao ver o filho. Dava a impressão de estar sempre impaciente, como se Simon estivesse interrompendo algum negócio importante. “Mas isso é besteira”, pensou Simon. “Você não está no meio de nenhum negócio importante. Você é apenas um cretino arrogante.”

Seu coração estava disparado; ele estava pronto para um confronto. Mas não podia permitir falar nenhuma das palavras ofensivas que rodeavam sua mente.

– Oi – Disse com a voz tensa. Depois, agarrou o encosto de uma cadeira de couro e fulminou o pai com os olhos, esperando, de alguma forma, provocar uma reação. Mas Harry limitou-se a olhar para ele e, após um momento, suspirou e pousou a caneta na mesa.

– Oi, como foi seu dia?

Simon fez um gesto de indiferença, e desviou o olhar.

Quer um uísque?

– Não obrigado.

– Bem eu quero.

Ao se levantar para servir da bebida, Harry viu o rosto do filho num momento de descuido. Estava tenso, triste e zangado. O rapaz estava tomado pela raiva, à mesma desde que Harry o vira pela primeira vez, do lado de fora do quarto de hospital em que sua mãe estava internada. Naquele dia, ele cuspiu nos pés do pai e se afastou, antes que Harry pudesse dizer qualquer coisa. A partir de então, uma culpa horrível começou a crescer em Harry, uma culpa que o apunhalava toda vez que o rapaz o fitava com os mesmos olhos desolados da mãe.

– Como foi seu dia? – perguntou ele, levantado o copo à boca.

– Você já perguntou isso.

– Certo. É verdade. – Harry provou a bebida forte e imediatamente sentiu-se melhor. Tomou outro gole em seguida.

– Eu vim aqui – começou Simon – para lembrar a você o jantar desta noite. Os Havill estarão presentes.

– Eu me lembrei – disse Harry, pousando o copo. – Falta pouco para o grande dia. Está nervoso?

– De jeito nenhum – respondeu Simon imediatamente.

Harry deu de ombros.

– É um compromisso importante.

Simon fitou o pai. Sentia uma porção de palavras se formarem em sua cabeça, palavras retidas, que vinha carregando por anos como um peso constante.

– Bem – ele se viu dizendo –, você não entende muito de compromisso, não é?

Um lampejo de raiva atravessou o rosto de Harry, e Simon estremeceu. Esperava que seu pai gritasse, incitando-o a uma reação ainda mais revoltada. Mas tão repentinamente quanto tinha aparecido, a ira desapareceu e ele se afastou em direção às enormes janelas, deixando Simon frustrado.

– O que há de errado com compromisso? – gritou ele – O que há de errado em amar uma pessoa por toda a vida?

– Nada – respondeu Harry sem se virar.

– Então, por que... – Simon parou. Houve um longo silêncio, acentuado apenas pelos estalidos do fogo da lareira. O jovem fitou o pai, que permaneceu de costa. “Diga algo”, pensou ele, desesperado. “Diga alguma coisa, seu cretino.”

– Vejo você as oito – disse Harry finalmente.

– Perfeito – retrucou Simon com a voz marcada pela mágoa. – Nos vemos então. – E, num

ímpeto, saiu do escritório.

Harry fitou o copo em sua mão e praguejou. Não tinha a intenção de aborrecer o rapaz. Ou talvez tivesse. Ela não podia confiar nos próprios motivos, não podia controlar seus sentimentos. A compaixão rapidamente se transformava em irritação; a culpa rapidamente se transformava em raiva. As boas intenções em relação ao filho desapareciam no instante em que o rapaz abria a boca. Uma parte dele ansiava pelo momento e que Simon se casaria e deixaria sua casa, assumindo sua própria família e lhe dando finalmente um pouco de paz. Outra parte temia isso; não queria nem pensar a respeito.

Com a expressão sombria, Harry serviu de outra dose de uísque e voltou para a mesa. Logo depois, pegou o telefone, discou um número e escutou, impaciente, o sinal de chamada. Então, com a expressão mal-humorada, bateu o telefone no gancho.

MILLY ESTAVA À MESA da cozinha com o coração disparado, louca para fugir. Era ele. Era o rapaz que ela vira em Oxford depois do casamento com Allan, aquele que apanhara seu véu. Ele estava mais velho, com o rosto mais sério, e tinha uma barba rala. Mas os óculos metálicos redondos eram os mesmos, assim como a expressão arrogante, quase debochada. Naquele momento, ele se inclinava para trás na cadeira, fitando-o com ar curioso. “Não se lembre”, pensou Milly, sem se atrever a encontrar o olhar fixo do rapaz. “Pelo amor de Deus, não se lembre de mim.”

– Aqui está você – disse Olivia, aproximando-se da mesa. – Cuidei das suas flores, querida. Não basta simplesmente colocá-las na água e esquecer-se delas!

– Eu sei – murmurou Milly. – Obrigada.

– Quer mais chá, Alexander?

– Sim – respondeu o rapaz, entregando-lhe a xícara. – Muito obrigada. – Olivia o serviu, depois sentou-se e sorriu.

– Isso é maravilhoso – disse ela – É como se o casamento já estivesse realmente acontecendo! – Ela tomou um gole do chá. – Milly, você mostrou seu anel a Alexander?

Lentamente, com um movimento tenso, Milly ergueu a mão direita. O olhar observador do rapaz percorreu, de forma enigmática, o clássico aglomerado de diamantes. Então ele olhou para ela.

– Muito bonito – disse, antes de tomar o chá. – Você vai se casar com o filho de Harry Pinnacle, o herdeiro da rede Fruint’n Smooth, não é?

– Exatamente – respondeu Milly com relutância.

– Um ótimo partido – insinuou Alexander.

– Ele é um rapaz maravilhoso – retorquiu Olivia imediatamente, como sempre fazia quando alguém mencionava a fortuna ou a família de Simon. – A voz de Alexander expressava um tom levemente irônico. – Trabalha para o pai?

– Não – respondeu Milly com a voz estranha e desconcertada. – Ele trabalha com publicidade.

– Ah, sim – assentiu Alexander. Houve um momento de silêncio. Ele bebeu outro gole do chá e olhou para Milly, franzindo o cenho. – Ainda acho que conheço você de algum lugar.

– É mesmo? – indagou Olivia – que engraçado!

– Bem, eu não me lembro de tê-lo visto antes. – Milly tentava parecer despreocupada.

– É, querida – Olivia disse –, mais você não é muito boa para guardar feições, não é? – Ela se virou para Alexander.

– Eu sou exatamente como você, Alexander. Nunca esqueço um rosto.

– Eu trabalho com rostos. – lembrou. – Passo a vida prestando atenção às feições. – Seus olhos percorreram o rosto de Milly e ela estremeceu. – Seu cabelo sempre foi assim: – perguntou subitamente. O coração de Milly pulou de medo.

– Não – respondeu ela, agarrando a xícara com força. – Eu... Uma vez, eu o tingi de vermelho.

– Não ficou muito bom – observou Olivia enfaticamente. – Eu sugeri que ela fosse ao salão que eu costumo ir, mas ele nem ligou. Então, como era de se esperar...

– Não é isso – replicou Alexander, cortando Olivia. Ele se voltou novamente para Milly e franziu a testa. – Você morou em Cambridge?

– Não – respondeu Milly.

– Mas Isobel morou – disse Olivia triunfante. – Você deve estar se referindo a ela!

– Quem é Isobel? – perguntou Alexander.

– Minha irmã – respondeu Milly, animada por uma súbita esperança. – Ela... ela se parece comigo.

– Ela estudou línguas modernas – completou Olivia

E agora está se dando *muito bem*. Viaja pelo mundo inteiro como intérprete de conferências. Conhece todos os líderes mundiais. Ou pelo menos...

– Como ela é? – indagou Alexander.

– Ali está uma foto dela. – Olivia apontou para uma fotografia acima da lareira. – Vocês deviam se conhecer antes do casamento – acrescentou ligeiramente, vendo que Alexander examinava a foto atenciosamente. – Tenho certeza que vocês têm muitas coisas em comum!

– Não era ela – afirmou Alexander, virando-se para Milly. – Ela não se parece nada com você.

– Ela é mais alta do que Milly – observou Olivia antes de acrescentar, pensativa:

– Você é bem mais alto, não é, Alexander?

Ele se levantou.

– Eu preciso ir. Tenho um encontro no centro da cidade.

– Um encontro – repetiu Olivia. – Que bom, alguém especial?

– Um velho amigo dos tempos de escola – explicou Alexander, olhando para Olivia como

se ela fosse louca.

– Bem, divirta-se!

– Obrigada. – Alexander fez uma pausa no vão da porta.

– Verei você amanhã. Milly. Vou tirar algumas fotos informais e poderemos conversar sobre o que você quer. – Ele acenou e foi embora.

– Nossa! – exclamou Olivia assim que ele saiu. – Que jovem interessante.

Milly permaneceu imóvel. Fitava a mesa, segurando a xícara com força, o coração disparado.

– Você está bem querida – perguntou a mãe, olhando para ela.

– Estou. Está tudo bem. – Ela se forçou a sorrir e a tomar um gole do chá. Estava tudo bem, disse a si mesma.

Nada tinha acontecido. Nada iria acontecer.

– Eu dei uma olhada no portfólio dele. Ele é realmente muito talentoso. Ganhou prêmios e tudo mais!

– É mesmo. – O tom de Milly era apático. Ela apanhou um biscoito, olhou-o e colocou-o de volta no lugar, tomada por um medo súbito. Mas, e se ele lembrasse e contasse a alguém exatamente o que a vira fazer a dez anos? E se tudo viesse à tona? Seu estômago revirou só de pensar no assunto; estava apavorada.

– Ele e Isobel realmente deviam se conhecer – dizia Olivia. – Assim que ela voltar de Paris.

– O quê? – As palavras da mãe chamaram a atenção de Milly. – Por quê?

– Ela fitou Olivia, que deu de ombros. – Mãe, não! Você não está falando sério?

– É apenas uma ideia – redarguiu ela, defensivamente.

– Que possibilidade a pobre Isobel tem de conhecer um homem, escondida em salas de conferência enfadonhas o dia todo?

– Ela não que conhecer ninguém. Principalmente quem você quer que ela conheça! – Milly estremeceu. – Principalmente ele!

– O que há de errado com ele?

– Nada – respondeu Milly rapidamente. – É que ele... não combina com Isobel.

A imagem da irmã veio à mente de Milly, e o que ela viu foi uma mulher inteligente e sensata. De repente, sentiu uma onda de alívio: falaria com Isobel. Ela sempre sabia o que fazer. Milly olhou o relógio.

– Que horas são agora em Paris?

– Por quê? Você vai telefonar?

– Sim – Respondeu Milly. – Quero falar com Isobel. – De repente, ela se sentiu desesperada. – preciso fala com Isobel.

ISOBEL HAVILL VOLTOU ao quarto do hotel às oito horas da noite e viu que a luz de mensagens de seu telefone piscava insistentemente. Ela coçou a testa e abriu o minibar. O dia tinha sido mais cansativo do que o habitual. Sua pele estava ressecada devido ao ar-condicionado da sala de conferências; sua boca tinha gosto de cigarro e café. Passara o dia todo escutando, traduzindo e falando ao microfone, nos tons baixos e comedidos que a tornavam uma profissional altamente requisitada. Agora sua garganta doía, e Isobel estava impossibilitada de falar qualquer coisa. Sua cabeça parecia estar em um turbilhão, em consequência do debate enérgico e multilíngue.

Com um copo de vodca na mão, ela entrou lentamente no banheiro de mármore branco, acendeu a luz e, por alguns segundos, observou seus olhos avermelhados. Chegou a abrir a boca par dizer algo, mas desistiu. Sentia-se incapaz de pensar, de formular uma única ideia a respeito de si mesma. Por várias horas, seu cérebro agira apenas como um potente canal de informações. Ainda estava focando exclusivamente na tradução das palavras, impedindo assim que seus pensamentos interrompessem o fluxo de ideias e poluíssem a tradução com suas próprias opiniões. Trabalhara de maneira impecável o dia todo, sem fraquejar, sem perder a calma. Agora sentia-se como uma concha vazia e seca.

Ela bebeu toda a vodca e, quando pousou o copo na prateleira de vidro, o tinido a fez estremecer. No espelho, seu reflexo mostrava uma expressão apreensiva. Durante todo o dia, ela conseguira afastar este momento. Mas agora estava sozinha, seu trabalho havia terminado e ela não tinha mais desculpas.

Com as mãos trêmulas, abriu a bolsa e tirou um pacotinho de farmácia, de onde puxou uma pequena caixa oblonga. Em seu interior. Havia uma folha com instruções impressas em francês, alemão, espanhol e inglês. Passou os olhos impacientemente por todas as versões, notando que o parágrafo em espanhol havia sido mal traduzido e havia uma discrepância na versão alemã. Mas todos pareciam concordar em um detalhe: o curto espaço de tempo até obter o resultado. Só um minuto, *Une minute, Um minut.*

Sem acreditar no que estava acontecendo, ela fez o teste, deixou o pequeno frasco na borda da banheira e voltou para o quarto. Sua jaqueta ainda estava jogada na enorme cama; o telefone continuava piscando. Ela apertou o botão de mensagem, foi ao minibar e serviu-se de outra vodca. Faltam trinta segundos.

“Oi, Isobel. Sou eu.” A Vós grave de um homem encheu o quarto, e Isobel estremeceu. “Ligue para mim quando puder. Tchau.”

Isobel olhou o relógio. Quinze segundos.

“Isobel. É Milly. Escute, estou precisando muito falar com você. Por favor, por favor, pode ligar assim que ouvir este recado? É muito, muito urgente.”

– E quando não é? – perguntou Isobel em voz alta.

Ela olhou o relógio novamente, respirou fundo e voltou ao banheiro. A pequena faixa azul era visível antes mesmo de se chagar à porta. Ela quase desmaiou.

– Não – sussurrou. – Não pode ser. – Ela se afastou do frasco como se estivesse fugindo de algo contaminado, e fechou a porta do banheiro. Com as mãos trêmulas, estendeu o braço para

pegar a vodca. Mas, num ímpeto, parou antes de tocar o copo. Um desânimo solitário apoderou-se dela.

– Isobel? – gritou a voz no aparelho. – É Milly novamente. Estarei na casa do Simon esta noite, pode telefonar para lá?

Não – Vociferou Isobel com uma súbita vontade de chorar. – Eu não posso, está bem? – Ela apanhou o copo, bebeu tudo de uma vez e o espatifou na mesa de cabeceira. Porém, mais lágrimas encheram seus olhos e ela já não conseguia controlar a respiração. Como um animal ferido, rastejou até a cama e enterrou a cabeça no travesseiro. Quando o telefone tocou novamente, começou a chorar baixinho.

CAPÍTULO

TRÊS

Às oito e meia, Olivia e Milly chegaram a Pinnacle Hall. Elas foram recebidas por Simon, que as conduziu até a imensa e pomposa sala de estar.

– Nossa! – exclamou Olivia, indo em direção à lareira.

– Que maravilha!

– Vou pegar um champanhe– disse Simon. – Papai ainda está ao telefone.

– Vou tentar falar com Isobel novamente – disse Milly em tom hesitante.

– Vou usar o telefone da sala de jogos.

– Isso não pode esperar? – perguntou Olivia. – O que você tanto quer falar com ela?

– Nada – respondeu Milly imediatamente. – Nada. Eu só... preciso falar com ela. - Ela engoliu em seco. – Não vou demorar.

Quando os dois saíram, Olivia acomodou-se em uma cadeira, admirando o retrato acima da lareira. Era uma pintura a óleo, ricamente emoldurada, que parecia ter sido comprada junto com a casa; na realidade, era uma foto da avó de Harry ainda menina. Harry Pinnacle era tão conhecido por ter vencido na vida por conta própria que muitos acreditavam que ele havia enriquecido do nada. O fato de ele ter frequentado uma escola particular cara só estragava a lenda, assim como os vultosos empréstimos dos pais, que o ajudaram a começar os negócios. Esses detalhes eram geralmente ignorados por todos, inclusive pelo próprio Harry.

A porta se abriu, e uma garota loura e bonita, usando um blazer elegante, entrou na sala, trazendo uma bandeja com algumas taças de champanhe.

– Simon não vai demorar. Ele acabou de lembrar que precisava enviar um fax – justificou ela.

– Obrigada – disse Olivia, pegando uma taça com um sorriso discreto e elegante.

A moça saiu e Olivia bebeu um gole do champanhe. O fogo da lareira aquecia seu rosto, sua cadeira estava confortável, a música clássica tocava agradavelmente em caixas de som ocultas. "Isso é que é vida", pensou. Ao mesmo tempo, sentiu uma pontada de angústia –

metade satisfação e metade inveja – ao se dar conta de que, em breve, sua filha estaria fazendo parte deste mundo. Em Pinnacle Hall, Milly já se sentia em casa, como se estivesse na Bertram Street, número 1. Acostumou-se facilmente a lidar com os empregados de Harry, estava habituada a sentar-se ao lado de Simon em jantares elegantes. Naturalmente, ela e o noivo podiam afirmar que eram como qualquer outro jovem casal, que o dinheiro não era deles, mas a quem eles tentavam enganar? Seriam ricos um dia. Extremamente ricos. Milly poderia ter tudo o que quisesse.

Olivia segurou a taça com mais força. Quando o noivado fora anunciado, ela ficara atônita. Ter qualquer espécie de ligação com o filho de Harry Pinnacle já era bom. Mas casar, e tão rapidamente, era uma bênção. À medida que os planos de casamento avançavam e se tornavam mais concretos, ela sentia cada vez mais orgulho de si mesma por disfarçar sua satisfação, por tratar Simon naturalmente, como qualquer outro jovem galanteador, por minimizar, para si mesma e para quem outra pessoa, a importância daquele casamento.

Mas agora, poucos dias antes da cerimônia, seu coração voltara a bater acelerado de felicidade. Dentro de apenas alguns dias, o mundo inteiro veria sua filha casar com um dos solteiros mais cobiçados do país. Todas as suas amigas bem na verdade, todos os seus conhecidos – teriam que reverenciá-la enquanto ela estaria em posição de destaque, reinando no casamento mais grandioso, mais elegante e mais romântico que já tinham visto. Era como se Olivia tivesse passado a vida inteira planejando esse acontecimento; um evento que superava até seu próprio casamento, que tinha sido uma cerimônia simples. Mas essa ocasião seria repleta de pessoas importantes, influentes e ricas; todas forçadas a ficar em segundo plano, enquanto ela e naturalmente Milly seriam o centro das atenções.

Dentro de alguns dias, ela estaria usando a roupa feita por um estilista importante, sorrindo para as inúmeras câmeras e observando suas amigas e conhecidos, além dos parentes invejosos, boquiabertos com o luxo da festa. Seria um dia maravilhoso, um dia que ficaria gravado na memória de todos, para sempre. “Como um filme lindo”, pensou Olivia feliz. “Um lindo e romântico de Hollywood.”

JAMES HAVIL CHEGOU À Pinnacle Hall e puxou o pesado cordão da campainha de ferro forjado. Enquanto esperava ser atendido, olhou ao redor e franziu a testa. O lugar era bonito demais, perfeito demais. Era um clichê da opulência, mais parecia com um macabro filme hollywoodiano do que com uma residência de verdade. “Se isso é que o dinheiro pode comprar”, pensou ele, enganando a si mesmo, “então pode guardá-lo. Eu prefiro a vida real.”

Ele percebeu a que a porta da frente se encontrava entreaberta, e entrou. O fogo crepitava na enorme lareira, e os lustres estavam todos acesos, mas não havia ninguém por perto. Ele olhou cuidadosamente ao redor, tentando distinguir as portas com lambris. Uma daquelas portas dava para a enorme sala de estar, a que tinha cabeças de cervos, conforme se lembrava de visitas anteriores. Mas qual delas? Por alguns segundos ficou indeciso e então, irritado consigo mesmo, seguiu em direção à porta mais próxima e a escancarou.

Mas não era a porta certa. A primeira coisa que viu foi Harry. Ele estava sentado diante de uma enorme mesa de madeira, atento ao telefone. Ao ouvir a porta se abrir, ele ergueu a cabeça grisalha, semicerrou os olhos e, demonstrando irritação, fez um sinal para que James

saísse.

– Desculpe – murmurou James baixinho, recuando.

– Sr. Havill? – murmurou alguém atrás dele. – Desculpe não ter atendido a porta imediatamente. – James se virou e viu uma moça loura que ele reconheceu como uma das assistentes de Harry. – Poderia me acompanhar, por favor... – disse ela com delicadeza, conduzindo-o para fora do escritório.

– Obrigado – disse James mais aliviado.

– Os outros estão na sala de estar. Pode me dar seu casaco.

– Obrigado – disse James novamente.

– Se o Senhor precisar de mais alguma coisa – prosseguiu a moça delicadamente –, é só falar. Está bem? – “Em outras palavras”. Pensou James ressentido, “não fique perambulando por aí.” A moça deu-lhe um sorriso gentil, abriu a porta da sala de estar e fez um gesto para ele entrar.

O AGRADÁVEL MUNDO DE sonhos de Olivia foi interrompido quando a porta se abriu de modo repentino. Imediatamente, ela ajeitou a saia e sorriu, achando que se tratava de Harry. Mas era a moça loura novamente.

– Seu marido está aqui. Sra. Havill – disse ela, abrindo passagem para James.

Ele entrou na sala. Como tinha vindo diretamente do escritório. Seu terno cinza-escuro estava amassado e ele parecia cansado.

– Faz muito tempo que você chegou? – perguntou ele.

– Não – respondeu Olivia com uma alegria forçada. – Não muito.

Ela se levantou e foi em direção ao James com a intenção de cumprimentá-lo com um beijo. Pouco antes de Olivia alcançá-lo, a moça se retirou discretamente e fechou a porta.

Olivia parou de repente, sentindo-se constrangida. Nos últimos anos, o contato físico entre os dois só acontecia na frente de outras pessoas. Agora, sentia-se desajeitada por estar tão perto dele sem ter ninguém à sua volta, sem uma razão. Ela olhou para o marido, esperando um incentivo, mas o olhar dele era inexpressivo; ela não conseguiu detectar nenhum sentimento. Por fim, ela se inclinou para a frente, um tanto ruborizada, e deu-lhe um beijo no rosto. Recuou imediatamente e bebeu um gole do champanhe.

– Onde está Milly? – perguntou James com indiferença

– Foi dar um telefonema.

Olivia observou James se servir de uma taça de champanhe e beber um gole. Em seguida, ele foi até o sofá e se sentou, esticando as pernas confortavelmente. Seu olhar dirigiu-se à cabeça do marido. Seu cabelo escuro estava úmido da neve, mas bem - penteado, e ela se viu analisando distraidamente a divisão lateral do cabelo dele. Quando ele virou cabeça, ela rapidamente desviou o olhar.

– Então – disse ela, tentando iniciar uma conversa. Mas logo desistiu e bebeu um gole do champanhe. Foi até a janela, abriu a pesada cortina de brocado e admirou a neve. Ela mal

conseguia se lembrar da última vez que ficara sozinha em um cômodo com James, nem da última vez que conversaram com naturalidade. Alguns assuntos passaram por sua cabeça como se fossem comida na esteira rolante do caixa do supermercado, mas todos eram insípidos e difíceis de usar para iniciar uma conversa. Se falasse sobre a última fofoca de Bath, teria que começar lembrando quem eram os personagens principais. Se falasse a respeito do problema com o sapato que iria usar na cerimônia, teria que explicar primeiro a diferença entre cetim *duchesse* e *chiffon* de seda. Nada do que ela pensava em dizer parecia compensar o esforço de dar o primeiro passo.

Antigamente, a conversa entre os dois fluía como as águas de um rio. James ouvia as histórias da mulher com prazer; ela ria de seu humor irônico. Eles se curtiam, divertiam-se juntos. Mas ultimamente todas as piadas do marido pareciam ter traços de uma amargura que ela não entendia, e um desinteresse tenso surgia no rosto dele sempre que ela começava a falar.

Portanto, permaneceram em silêncio até que, finalmente, a porta se abriu. Milly entrou e lançou um breve sorriso forçado a James.

– Olá, papai. Você veio.

– Conseguiu falar com Isobel? – perguntou Olivia.

– Não – respondeu Milly rapidamente. – Não sei o que ela está fazendo. Tive que deixar outra mensagem. – Ela olhou para a bandeja. – Ah. Uma bebida viria a calhar.

Ela pegou uma taça de champanhe e a ergueu.

– Saúde.

– Saúde! – repetiu Olivia.

– A sua saúde, querida – disse James. Todos beberam e houve um breve momento de silêncio.

– Eu interrompi alguma coisa? – indagou Milly.

– Não – disse a mãe. – Você não interrompeu nada.

– Que bom – assentiu Milly displicentemente, indo até a lareira e torcendo para que ninguém falasse com ela.

PELA TERCEIRA VEZ, A ligação cairá na caixa postal. Toda vez que ouvia os toques, sentia uma explosão de raiva, uma certeza irracional de que Isobel estava ouvindo e simplesmente não atendia o telefone. Tinha deixado uma breve mensagem, e ficou fitando o aparelho durante alguns minutos, mordendo o lábio, aguardando desesperadamente que a irmã ligasse de volta. Isobel era a única pessoa com quem ela poderia falar, a única que a ouviria calmamente, que pensaria em uma solução em vez de dar um sermão.

Mas o telefone permanecera silencioso. Isobel não ligara de volta. Milly segurou a taça de champanhe com mais força. Não conseguia suportar esse pânico oculto e persistente. Quando estava a caminho de Pinnacle Hall, permanecera em silêncio no carro, conjurando pensamentos tranquilizadores. "Alexander nunca se lembraria", disse a si mesma repetidas vezes. Tinha sido um encontro de dois minutos, há dez anos. Ele não poderia se lembrar. E

mesmo se lembrasse, ele não diria nada a respeito. Ficaria quieto e faria seu trabalho. Pessoas civilizadas não causam problemas deliberadamente.

– Milly? – A voz de Simon interrompeu seus pensamentos e ela teve um sobressalto típico de quem está com a consciência pesada.

– Oi – respondeu. – Conseguiu enviar o fax?

– Sim. – Ele bebeu um gole de champanhe e olhou para ela mais atentamente. – Você está bem? Está parecendo tensa.

– Eu? – Ela sorriu. – Não, está tudo bem.

– Você está tensa – insistiu Simon, e começou a massagear seus ombros suavemente. – Preocupada com o casamento. Estou certo?

– Sim - assentiu Milly.

– Eu sabia.

Simon pareceu satisfeito, e Milly não disse nada. Ele gostava de pensar que tinha essa sintonia com as emoções dela, que sabia do que a noiva gostava e não gostava, que era capaz de detectar seu mau humor. E ela adotara o costume de concordar com ele, mesmo quando suas afirmações eram completamente equivocadas. Afinal, era muito carinhoso da parte dele fazer uma tentativa. A maioria dos homens nem se daria ao trabalho.

Além disso, esperar que ele acertasse sempre seria injusto. Na maioria das vezes nem ela sabia ao certo como se sentia. As emoções geravam matizes em sua mente como cores em uma paleta– algumas duradouras, outras momentâneas, mas todas se misturavam em um embate indivisível enquanto o humor de Simon parecia manifestar-se de maneira clara e uniforme, como uma fileira de blocos de construção de brinquedo. Quando estava feliz, ele sorria. Quando estava zangado, fechava a cara.

– Deixe-me adivinhar o que você está pensando – murmurou Simon no ouvido dela. - Você está lamentando o fato de não estarmos sozinhos esta noite.

– Não – disse Milly com franqueza. Ela se virou e olhou diretamente para ele, inspirando o seu familiar perfume almiscarado.

– Eu estava pensando no quanto eu te amo.

ERAM NOVE E MEIA da noite quando Harry Pinnacle entrou na sala com passos largos.

– Mil desculpas – disse. – Eu sei que isso é imperdoável.

– Harry, é completamente perdoável! – exclamou Olivia, que, a essa altura, estava na quinta taça de champanhe. – Nós entendemos!

– Eu não – murmurou Simon.

– E desculpe não ter falado com você mais cedo, no escritório – disse Harry dirigindo-se a James. – Era um telefonema importante.

– Não se preocupe – aquiesceu James de maneira formal.

Houve uma breve pausa.

– Bem, não vamos perder mais tempo. – Harry virou-se para Olivia e, com uma mesura, anunciou: – Primeiro as damas.

Eles atravessaram o corredor lentamente ate a sala de jantar.

– Você está bem, filha? – perguntou James a Milly ao se sentarem diante da magnífica mesa de mogno.

– Ótima. – Ela deu-lhe um sorriso tenso.

Mas Milly não estava bem, pensou James. Ele a vira entornando champanhe como se estivesse desesperada, estremecendo toda vez que o telefone tocava. Será que ela estava indecisa sobre o casamento? Ele se inclinou na direção dela.

– Lembre-se, filha – disse baixinho. – Você não tem que levar o casamento adiante se não quiser.

– O quê? – Milly deu um pulo, como se tivesse sido picada por um inseto, e James acenou com a cabeça de maneira tranquilizadora.

– Caso você mude de ideia em relação a Simon, agora ou até no dia do casamento, não se preocupe. Podemos cancelar tudo. Ninguém vai se incomodar.

– Não quero cancelar nada! – sibilou Milly. De repente, ela percebeu que estava prestes a chorar. – Eu quero me casar com Simon! Eu o amo.

– Ótimo - disse James. - Então, tudo bem.

Ele se acomodou na cadeira, passou os olhos ao redor da mesa, olhou para Simon e se viu inexplicavelmente irritado. O rapaz tinha excelentes qualidades: boa aparência, família rica e personalidade equilibrada. E nitidamente adorava Milly. Era gentil com Olivia e atencioso com o restante da família. Não havia motivo para se queixar. James admitiu a si mesmo que, naquela noite, estava muito propenso a reclamações.

Tivera um dia horrível no trabalho. A empresa de engenharia, em cujo departamento de finanças ele trabalhava, passara por um processo de reestruturação nos últimos meses. Naquele dia, rumores infundáveis culminaram com o anúncio de que haveria quatro demissões em cargos de menor importância no seu departamento. As notícias deveriam ser confidenciais, mas obviamente acabaram se espalhando: quando ele saiu do escritório, os membros mais jovens da equipe ainda estavam curvados sobre suas mesas. Alguns mantinham a cabeça baixa, outros levantaram os olhos, assustados, quando ele passou. Todos tinham família e prestações. Nenhum deles podia se dar ao luxo de perder o emprego. Nenhum deles merecia isso.

Quando chegou em Pinnacle Hall, estava muito deprimido com tudo aquilo. Ao estacionar o carro, decidiu que, quando Olivia perguntasse como tinha sido o seu dia, ele diria a verdade pela primeira vez. Talvez não contasse tudo imediatamente, apenas o bastante para deixá-la preocupada, para fazê-la entender a tensão com a qual lidava. Mas ela não perguntou nada, e certo orgulho o impedira de contar sua história voluntariamente, de admitir sua vulnerabilidade. Não queria que a mulher o visse como se ele fosse apenas mais um de seus projetos de caridade. Entre pôneis abandonados e crianças com necessidades especiais, um marido patético.

A essa altura, pensou James, ele já deveria ter se acostumado com Olivia, como fato de que ela não estava muito interessada nele, de que a vida dela era repleta de outras preocupações, de que dava mais atenção aos problemas de suas amigas tagarelas do que a ele. Afinal, os dois haviam conseguido estabelecer uma vida estável e funcional juntos. Se não eram almas gêmeas, pelo menos havia um tipo de simbiose entre eles. Cada um cuidava da própria vida, e tudo transcorria de maneira cordial nos pontos em que tinham algo em comum. James se resignara a esse acordo tácito há muito tempo, achava que era tudo de que precisava. Mas não era. Ele precisava de mais, queria mais. Desejava uma vida diferente, antes que fosse tarde.

– Eu gostaria de propor um brinde.

A voz de Harry interrompeu os pensamentos de James e ele franziu a testa. Lá estava ele: Harry Pinnacle, um dos homens mais bem-sucedidos do país e futuro sogro de sua filha. James sabia que essa união o tornava alvo da inveja de seus amigos e sabia que deveria estar feliz com a segurança financeira de Milly. Mas recusava-se a se alegrar como fato de ela se tornar membro da família Pinnacle; ao contrário da esposa, recusava-se a se deleitar com a curiosidade fascinada de seus amigos. Ele ouvira Olivia mencionar o nome de Harry numa conversa ao telefone, assumindo uma intimidade com ele que James sabia que ela não tinha. Ela explorava a situação ao máximo, e seu comportamento o deixava morto de vergonha. Certos dias, ele preferia que Milly nunca tivesse conhecido o filho de Harry Pinnacle.

– À Milly e Simon – declarou Harry com sua voz rouca, que fazia com que suas declarações parecessem mais importantes que as dos outros.

– À Milly e Simon – repetiu James, erguendo a pesada taça veneziana.

– Este vinho é simplesmente delicioso – disse Olivia. Você é expert em vinhos como em todas as outras coisas, Harry?

– De jeito nenhum – respondeu ele. – Conto com pessoas de bom gosto que sugerem para mim o que comprar.

Acho tudo igual.

– Ah, não acredito! Você está sendo modesto – exclamou Olivia. Incrédulo, James observou a esposa tocar a mão de Harry com intimidade. Quem ela achava que era? Virou-se, ligeiramente enojado. O movimento chamou a atenção de Simon.

– Saúde, James – disse ele, erguendo a taça. – Ao casamento. – Sim - anuiu James, e bebeu um enorme gole de vinho.

– Ao casamento.

AO VER TODOS BEBENDO, Simon sentiu um súbito nó na garganta e tossiu.

– Há uma pessoa faltando aqui esta noite, e eu gostaria de propor um brinde a ela. – Ele ergueu sua taça. - A minha mãe.

Houve um momento de silêncio e ele notou que os olhares se voltaram para a cabeceira da mesa. Então, Harry ergueu sua taça.

– À Anne – disse ele com expressão séria.

– À Anne – repetiram James e Milly.

– Era esse o nome dela? – perguntou Olivia com o rosto corado. – Eu sempre achei que fosse Louise.

– Não – disse Simon. – Era Anne.

– Bem – disse Olivia – se você diz... – Ela ergueu sua taça. – A Anne. Anne Pinnacle. – Ela bebeu e olhou para Milly, como se tivesse acabado de se lembrar de algo. – Você não está planejando manter seu nome de solteira, não é, querida?

– Acho que não – respondeu Milly. – Mas devo manter o nome Havill no trabalho.

– Ah, não! – exclamou Olivia. – Pode causar confusão.

Melhor adotar o sobrenome Pinnacle para tudo!

– Acho uma boa ideia manter sua independência, Milly – disse James, concordando com a filha. – O que você acha, Simon? Você se incomodaria se Milly mantivesse o sobrenome Havill?

– Para falar a verdade eu gostaria que compartilhássemos o mesmo sobrenome. Afinal, nos iremos compartilhar todo o resto. – Ele se virou para Milly e sorriu. – Mas, ao mesmo tempo, ficaria triste se Milly Havill deixasse de existir. Afinal, foi por ela que eu me apaixonei.

– Muito comovente! – exclamou James.

– Você cogitaria mudar seu nome para Havill? – perguntou Harry, do outro lado da mesa. Simon olhou para o pai com determinação.

– Sim. Se Milly realmente quisesse.

– Não! – exclamou Olivia. – Você não quer, não é, querida?

– Não acho que você teria mudado o seu nome pelo da mamãe, teria papai? – perguntou Simon.

– Não. Não teria.

– Bem – continuou Simon, tenso –, a diferença é que estou preparado para por meu casamento acima de qualquer coisa.

– A diferença – repetiu Harry – é que o nome de solteira de sua mãe era Parry. Já imaginou, Harry Parry! – Olivia riu e Simon disparou-lhe um olhar furioso.

– A questão – retrucou Simon em voz alta – é que o nome é algo irrelevante. E o casal que faz um casamento dar certo. Não os nomes.

– E você, naturalmente, é expert em casamento – replicou Harry.

– Sou mais do que você! Pelo menos ainda não destruí o meu! – Todos ficaram em silêncio. Os Havill permaneceram com os olhos fixos em seus pratos. Simon olhou para o pai, ofegante. Então, Harry deu de ombros.

– Tenho certeza de que você e Milly serão muito felizes. Nem todo mundo tem a mesma sorte.

– Não é uma questão de sorte – retrucou Simon furioso. – Sorte não conta! – Ele fitou James

e Olivia. – O que vocês acham que faz um casamento dar certo?

– Dinheiro – respondeu Olivia antes de dar uma gargalhada. – Brincadeira!

– É cumplicidade, não é? – perguntou Simon. Ele se inclinou para a frente com ar sério. – Compartilhar, dialogar, conhecer um ao outro profundamente. Concorda, James?

– Tenho que admitir que você tem razão – respondeu ele antes de beber um gole do vinho.

– Você está absolutamente certo, Simon – assentiu Olivia. – Na verdade, eu ia dizer que cumplicidade é muito importante.

– Eu colocaria o sexo antes da cumplicidade – disse Harry. – Sexo de qualidade e em grande quantidade.

– Bem, eu não saberia muito a respeito disso – retrucou James com ironia.

– James! – exclamou Olivia antes de dar uma risada. Simon fitou o futuro sogro com curiosidade. Em seguida, olhou para Milly. Mas ela não parecia estar ouvindo a conversa.

– E você, Harry? – perguntou Olivia com os olhos semicerrados.

– Eu?

– Nunca pensou em se casar novamente?

– Estou velho demais para me casar.

– Bobagem! Você pode encontrar uma esposa encantadora com facilidade.

– Se você diz...

– Não tenho dúvida. – Olivia bebeu outro gole de vinho – Eu mesma me casaria com você!
– Ela deu um riso.

– Gentileza sua – disse Harry.

– De jeito nenhum – retrucou Olivia, tremulando sua taça. – Seria um prazer. Sinceramente.

HAVIA UMA VARIEDADE DE sobremesas para escolher.

– Nossa! – exclamou Olivia, indecisa entre a mousse de limão e a torta de chocolate. – Ah, não sei qual vou querer.

– Então coma as duas – sugeriu Harry.

– Esta falando sério? Não tem problema? Alguém vai comer as duas? – Olivia olhou para todos ao redor da mesa.

– Não vou querer nada – disse Milly, amassando o guardanapo entre os dedos.

– Você não está de dieta, não é? – perguntou Harry.

– Não – respondeu Milly. – Só não estou com fome. – Ela esboçou um sorriso para Harry, e ele acenou com a cabeça educadamente. Ele era um homem gentil, pensou ela. Reconhecia isso, embora Simon não o admitisse.

– Você é igualzinha a Isobel! – disse Olivia. – Come como um passarinho.

– Ela não tem tempo para comer – explicou James.

– Como ela está? – perguntou Harry com delicadeza.

– Muito bem! – respondeu James com súbita animação. – Alavancando a carreira, viajando pelo mundo...

– Ela tem namorado?

– Ah, não. – James sorriu. – Ela trabalha demais. Isobel sempre teve uma personalidade independente. Não vai se prender a ninguém sem pensar bem.

– Tudo é possível – objetou Olivia. – Ela pode conhecer alguém a qualquer momento! Algum executivo interessante.

– Deus nos livre – retorquiu James. – Você consegue ver Isobel se estabelecer com algum executivo chato? Além disso, ela ainda é muito jovem.

– Ela é mais velha do que eu – lembrou Milly.

– É verdade – anuiu James –, mas vocês são muito diferentes.

– Diferentes como? – Milly encarou o pai. As tensões do dia pulsavam de maneira insuportável dentro de sua cabeça, e ela ficou subitamente nervosa. – Como somos diferentes? Você está querendo dizer que eu sou burra demais para fazer qualquer coisa a não ser me casar?

– Não! – disse James. Ele pareceu surpreso. – Claro que não! O que eu quero dizer é que Isobel é mais aventureira do que você. Ela gosta de correr riscos.

– Eu já corri riscos! – gritou Milly. – Corri riscos sobre os quais você não sabe nada! – Ela parou abruptamente e fitou o pai, ofegante.

– Calma, Milly – pediu ele. – Tudo que estou querendo dizer é que você e Isobel são diferentes.

– Eu prefiro você – sussurrou Simon para a noiva. Ela deu-lhe um sorriso agradecido.

– *Aliás*, James, o que há de errado com executivos? – perguntou Olivia. – Você é um, não é? E eu casei com você.

– Eu sei, amor – ponderou James sem empolgação. Mas eu espero que Isobel encontre alguém com uma posição melhor do que a minha.

MAIS TARDE, QUANDO os pratos de sobremesa estavam sendo retirados, Harry pigarreou para obter a atenção de todos.

– Não quero fazer alarde – disse ele. – Mas tenho um presentinho para o jovem casal.

Simon ergueu os olhos na direção do pai defensivamente. Ele havia comprado um presente com o próprio dinheiro para dar a Milly está noite. E planejava surpreendê-la quando estivessem tomando café. Mas o que quer que Harry tivesse comprado seria, com certeza, mais caro do que os brincos que ele havia escolhido. Discretamente, ele tateou a procura da pequena caixa de couro escondida no bolso e pensou em deixar a surpresa para outra ocasião, um dia em que não teria que competir com o pai. Porém, uma onda de indignação o atingiu. Por que ele deveria se envergonhar? Talvez seu pai pudesse se permitir gastar um pouco mais do que ele. Mas, como poderia ser diferente?

– Tenho um presente também – disse Simon, tentando parecer casual. – Para Milly.

– Para mim? – indagou Milly meio confusa. – Mas eu não comprei nada para você. Pelo menos, nada para está noite.

– Mas não precisava – disse Simon.

Ele se debruçou e suavemente jogou o cabelo louro de Milly para trás, expondo suas pequenas orelhas rosadas. O gesto pareceu levemente erótico, e, ao fitar sua pele perfeita e inspirar seu doce perfume almiscarado, sentiu-se tornado por um desejo impetuoso. "Danem-se os outros", pensou. Olivia, com sua insuportável presunção; Harry, com todo o seu dinheiro. Ele tinha o corpo divino de Milly só para si, e era isso que importava.

– O que é? – disse Milly.

– Primeiro o seu, papai – disse Simon, sentindo-se generoso.

– O que você comprou?

Harry tateou o bolso e, por um momento, Simon ficou desesperado, achando que ele iria retirar um par de brincos idênticos ao que ele havia comprado. Mas em vez disso, Harry pôs uma chave sobre a mesa.

– Uma chave? – perguntou Milly. – Para quê?

– Um carro? – indagou Olivia incrédula.

– Não é um carro – respondeu Harry. – É um apartamento

Todos ficaram surpresos. Olivia abriu a boca para falar, mas desistiu.

– Você só pode estar brincando – disse Simon. – Você comprou um apartamento?

Harry empurrou a chave sobre a mesa.

– Todo seu.

Simon fitou o pai, sentindo uma serie de emoções inconvenientes virem à tona. Ele tentou experimentar um sentimento de gratidão, mas tudo que conseguia sentir era desgosto, além do início de uma raiva defensiva e dolorosa. Percebeu que Milly olhava para Harry com olhos brilhantes, abismada, e sentiu um súbito desespero.

– Como... – começou ele, tentando reunir o tom correto e agradecido, mas só conseguia parecer rabugento. – Como você pode saber se nos vamos gostar?

– É aquele que você queria alugar.

– Aquele em Marlborough Mansions?

Harry fez que sim.

Aquele que você queria alugar. Aquele que você não pode pagar.

– O apartamento em Parham Place? – sussurrou Milly. – Você o *comprou* para nós?

Simon fitou o pai e teve vontade de socá-lo. Foda-se ele por ser tão generoso.

– Isso é muito gentil de sua parte, Harry – disse James. – Muita consideração.

Harry deu de ombros.

– Uma coisa a menos para eles se preocuparem.

– Ah, querida! – disse Olivia, segurando a mão de Milly – Vai ser perfeito. E é perto da nossa casa.

– Mais uma vantagem – disse Simon antes que pudesse se controlar. James olhou para ele e pigarreou diplomaticamente.

– E o presente de Simon? – perguntou.

– Isso mesmo – disse Milly. Ela se virou para o noivo e tocou sua mão suavemente. – O que é?

Simon enfiou a mão no bolso e, em silêncio, entregou a pequena caixa. Todos olharam quando ela a abriu e exibiu dois pequenos e reluzentes brincos de diamante.

– Ah, Simon – disse Milly, olhando para ele, emocionada.

– Que lindo!

– Bonitinho – observou Olivia com desdém. – Ah, Milly! Imagine só! Parham Place!

– Vou colocá-los - disse Milly.

– Não precisa fazer isso agora – disse Simon ainda tentando se controlar, sentindo o coração disparar de raiva e mágoa. Era como se todos rissem dele. Inclusive Milly. – Não é nada muito especial.

– Claro que é – retrucou Harry em tom de censura.

– Não é não! - Simon se viu gritando. – Comparado a uma porra de um imóvel!

– Simon – disse Harry calmamente –, ninguém esta fazendo essa comparação.

– Eles são lindos! – disse Milly. – Dá uma olhada.

Ela jogou o cabelo para trás e os pequenos diamantes brilharam sob a luz das velas.

– Bonito – concordou Simon sem erguer os olhos. Ele sabia que estava piorando as coisas, mas não conseguia fazer nada para impedir isso. Sentia-se como um menininho humilhado.

Harry ficou de pé.

– Vamos tomar café – propôs a James. – Nicki irá servi-lo na sala de estar.

– Claro – assentiu James, aproveitando a sugestão. – Vamos, Olivia.

Os três saíram da sala de jantar, deixando Milly e Simon em silêncio. Após um momento, Simon viu que Milly o fitava. Ela não estava rindo, tampouco demonstrava compaixão. Ele se sentiu envergonhado.

– Desculpe – murmurou. – Estou agindo como um babaca.

– Eu ainda não o agradei pelo presente.

Ela se inclinou para a frente e beijou-o com carinho. Simon fechou os olhos e segurou o rosto dela, sentindo apenas aquela doce sensação. Aos poucos, conseguiu afastar a imagem do pai do pensamento e sua irritação começou a diminuir. Milly era toda sua e nada mais realmente importava.

– Vamos fugir – disse ele repentinamente. – Dane-se o casamento. Vamos fazer do nosso jeito, em um cartório.

Milly se afastou.

– Você quer mesmo fazer isso? – perguntou. Ele não tinha falado sério, mas ela o fitava atentamente. – Topa, Simon? – insistiu com uma leve ansiedade na voz. – Amanhã?

– Bem – replicou ele um pouco espantado. – Nós podemos fazer isso. Mas você não acha que todos ficariam enfurecidos? Sua mãe nunca me perdoaria.

Milly fitou-o por um momento, e mordeu o lábio.

– Tem razão. É uma ideia idiota. – Ela empurrou a cadeira e se levantou.

– Vamos. Está pronto para agradecer a seu pai? Ele é muito gentil, sabia?

– Espere – pediu Simon. Ele estendeu o braço e segurou a mão dela com força. – Você fugiria mesmo comigo?

– Sim – respondeu Milly sem afetação. – Claro.

– Pensei que sonhasse com o casamento: o vestido, a festa, todos os seus amigos...

– Eu sonho. Mas... – Ela desviou o olhar e encolheu ombros ligeiramente.

– Mas desistiria de tudo e fugiria – disse Simon com a voz trêmula. – Abriria mão da festa.

– Ele fitou Milly e percebeu que nunca experimentara tanto amor, tamanha abnegação. – Nenhuma outra garota faria isso. – A voz dele estava tomada pela emoção. – Como eu te amo. Não sei o que fiz para merecer você. Venha aqui.

Ele a sentou sobre os joelhos e começou a beijá-la no pescoço. Em seguida, tentou abrir o sutiã dela e puxou desesperadamente o zíper da saia.

– Simon... – advertiu Milly.

– Vamos fechar a porta – sussurrou ele. – Eu coloco uma cadeira debaixo da maçaneta.

– Mas seu pai...

Ele nos deixou esperando um tempão – murmurou *Simon* contra a pele quente e perfumada de Milly. – E agora, e ele quem vai nos esperar.

CAPÍTULO QUATRO



Na manhã seguinte, Milly acordou revigorada. A comida farta, o vinho e a conversa da noite anterior pareciam ter desaparecido do seu corpo; ela se sentia leve e cheia de energia.

Ao entrar na cozinha para tomar o café da manhã, um casal de hóspedes de Yorkshire, o Sr. e a Sra. Able, cumprimentaram-na com um cordial aceno de cabeça.

– Bom dia, Milly! – disse sua mãe, que falava ao telefone. – Há outra entrega especial para você. – Ela apontou para uma caixa grande que estava no chão. – Ah, e chegou uma garrafa de champanhe que eu guardei na geladeira.

– Champanhe! – exclamou Milly. – E o que é isso? – Ela se serviu de uma xícara de café, sentou no chão e começou a rasgar o papel do embrulho.

– Parece algo interessante – disse a Sra. Able em tom encorajador.

— E Alexander disse que encontrará às dez e meia — acrescentou Olivia.

— Para tirar algumas fotos e resolver uns detalhes.

— Ah — disse Milly, nervosa. — Tudo bem.

— Você devia se maquiar antes — sugeriu Olivia, olhando para a filha com ar crítico. — Querida, você está bem?

— Claro. Claro que sim.

— Oi, Andrea — disse Olivia, voltando a falar ao telefone. — Sim, eu recebi sua mensagem. E francamente, fiquei intrigada.

Com as mãos trêmulas, Milly começou a arrancar o plástico que ainda envolvia o presente, sentindo o pânico aumentar cada vez mais. Ela não queria ver o fotógrafo. Queria fugir como uma criança e tirá-lo da mente.

— Bem, acho que Derek terá que *comprar* um fraque — dizia Olivia com firmeza. — Andrea, estamos falando de um casamento elegante, não de um evento qualquer em um salão paroquial. Portanto, um bom terno não será suficiente — observou revirando os olhos para Milly. — O que é isso? — perguntou para a filha, apenas movendo os lábios e apontando para

o presente.

Em silêncio, Milly exibiu um par de malas Louis Vuitton, fitando-as. Outro presente suntuoso. Tentou sorrir, tentou parecer feliz, mas só conseguia pensar no medo que a atormentava. Ela não queria sentir os olhos de Alexander examinando minuciosamente seu rosto mais uma vez. Queria se esconder até estar seguramente casada com Simon.

— Muito Bom! — disse Olivia.

— Nossa! — admirou-se a Sra. Able. — Geoffrey, dá só uma olhada neste presente de casamento. Quem enviou, querida?

Milly olhou o cartão.

— Alguém de quem nunca ouvi falar.

— Um dos amigos de Harry, imagino — sugeriu Olivia, colocando o telefone no gancho.

— Eu nunca vi um casamento como esse — disse a Sra. Able, balançando a cabeça. — Vou ter muitas histórias para contar quando voltar para casa!

— Eu falei do cortejo de entrada, não falei? — perguntou Olivia com ar de contentamento, indo até o fogão. — Um organista virá especialmente de Genebra. Ele é o melhor, ao que parece. E haverá um toque de trombetas quando Milly chegar à igreja.

— Toque de trombetas! — repetiu a Sra. Able, olhando para Milly. — Você vai se sentir uma princesa.

— Coma um ovo, querida. — pediu Olivia.

— Não, obrigada — recusou Milly. — Vou tomar apenas um café.

— Ainda está um pouco frágil depois da noite passada. — Olivia, distraída, quebrou alguns ovos em uma panela. — Foi um jantar maravilhoso, não foi Milly? — Ela sorriu para a Sra. Able. — Tenho que admitir: Harry é um anfitrião impecável.

— Ouvi falar que ele oferece jantares de negócios sofisticadíssimos — comentou a Sra. Able.

— Devem ser mesmo — assentiu Olivia — Mas, naturalmente, quando é algo só para nós, as coisas são diferentes. — Ela deu um breve sorriso nostálgico. — Não há uma formalidade sufocante; nós apenas nos divertimos. Comemos, bebemos, conversamos... — Ela voltou os olhos ao Sr. e Sra. Able para assegurar-se de que eles estavam prestando atenção. — Afinal, Harry, é um amigo próximo. E logo será parte da família.

— Isso é inacreditável — disse o Sr. Able. — Harry Pinnacle parte da sua família. E você, administrando uma pensão.

— Uma pensão de *prestígio* — completou Olivia. — Faz uma diferença!

— Geoff! — sussurrou a Sra. Able para o marido em tom de reprovação.

— Você deve jantar na casa dele com frequência — retrucou rapidamente, olhando para Olivia. — Considerando que ele é um amigo tão chegado.

— Bem... — ponderou Olivia. A fatia de ovo que ela segurava oscilou no ar.

“Duas vezes”, pensou Milly. “Foram duas vezes.”

— Depende — disse Olivia, lançando um sorriso amável a Sra. Able. — Não temos uma frequência, um compromisso obrigatório. Às vezes, ele fica fora do país por várias semanas. Quando volta, quer apenas passar uns dias tranquilos na companhia dos amigos.

— Você já esteve na casa dele em Londres? — perguntou a Sra. Able.

— Não — respondeu Olivia com pesar. — Mas Milly já foi. Ela também esteve na casa de campo na França. Não, é meu amor?

— Sim.

— É um salto e tanto na sua vida, querida. — disse Sr. Able. — Imagine só entrar para a alta sociedade da noite para o dia.

Olivia engoliu em seco, num esforço para se controlar diante da afirmação.

— Parece até que Milly vem de uma família carente — replicou. — Você está acostumada a lidar com todo o tipo de pessoas, não é, querida? Na escola onde ela estudava havia uma princesa árabe — acrescentou Olivia, dando ao Sr. Able um olhar de satisfação. — Qual era mesmo o nome dela?

— Eu preciso ir — disse Milly, incapaz de suportar os comentários. Ela se levantou sem ter tomado o café.

— Está certo — ponderou Olivia. — Use um pouco de maquiagem. Vai ficar melhor nas fotos.

— Está bem — concordou Milly um pouco hesitante. Ela parou na porta da cozinha e perguntou para a mãe de forma casual: — Por acaso Isobel ligou para mim esta manhã?

— Não. Ela deve ligar mais tarde.

AS DEZ E QUARENTA, Alexander surgiu na sala de estar.

— Oi, Milly. Desculpe o atraso.

Milly levou um susto. Sentiu-se como se a tivessem chamado para uma prova ou fosse a sua vez de entrar no consultório do dentista.

— Não tem problema — disse ela, pousando a *Country Life* que fingira estar lendo.

— Tudo bem. — Olivia surgiu logo atrás de Alexander. — O que você acha de tirar algumas fotos ao lado da janela, ou perto do piano?

— Fique exatamente onde está — disse Alexander com um olhar perscrutador para Milly, que estava sentada no sofá. — Vou ter que usar um pouco de luz...

— Alguém quer café? — perguntou Olivia.

— Eu quero — respondeu Milly imediatamente e, sem olhar para trás, apressou-se para fora da sala. A caminho da cozinha, ela se olhou no espelho. Sua pele estava ressecada, seus olhos pareciam assustados; sua aparência em nada lembrava a de uma noiva feliz. Com os punhos fechados, cravando as unhas na palma da mão, ela se forçou a sorrir diante do próprio reflexo. Tudo ficaria bem. Se ela conseguisse ao menos agir de modo confiante, tudo ficaria

perfeito.

Quando voltou, a sala havia sido transformada em um estúdio fotográfico. Um tecido branco encontrava-se estendido no chão, e sombrinhas brancas e tripés de luz rodeavam o sofá no qual Olivia estava sentada, sorrindo constrangida para a câmera.

— Estou posando no seu lugar, filha! — disse ela alegremente.

— Está nervosa? — perguntou Alexander a Milly.

— De jeito nenhum — respondeu ela com ar impassível.

— Deixe-me ver suas unhas, querida — pediu Olivia, levantando-se. — Se for mostrar o anel...

— Elas estão perfeitas — interrompeu Milly, puxando a mão. Depois, caminhou cuidadosamente sobre o tecido branco, sentou no sofá e olhou para Alexander com toda a calma que conseguiu reunir.

— Ótimo — disse Alexander. — Agora relaxe. Acomode-se. Afrouxe as mãos. — Ele fitou-a durante algum tempo com olhar crítico. — Pode jogar o cabelo para trás?

— Acabei de lembrar! — exclamou Olivia. — Aquelas fotografias de que lhe falei. Vou buscá-las.

— Tudo bem — concordou Alexander distraidamente. — Milly, agora quero que você se recoste um pouco e sorria.

Sem perceber, Milly se viu obedecendo às ordens do rapaz. Ao sorrir, ela sentiu o corpo relaxar, afundando nas almofadas do sofá. Alexander parecia completamente preocupado com a câmera. Qualquer sugestão de que já haviam se encontrado anteriormente parecia ter sido esquecida. Não havia por que se preocupar, disse a si mesma, confiante. Tudo daria certo. Olhou para o anel, que brilhava em seu dedo, e deslocou ligeiramente as pernas para uma posição mais confortável.

— Aqui estão elas — disse Olivia, aproximando-se rapidamente de Alexander com um álbum de fotografias. — São de Isobel, um pouco antes da formatura. Nós achamos que ficaram maravilhosas, mas não temos o olhar de um profissional. O que acha?

— Muito boas — disse Alexander, olhando-as rapidamente.

— Você acha mesmo? — Olivia pareceu satisfeita. Ela folheou as páginas de trás para frente. — Aqui está Isobel novamente. Nesta também. — Ela folheou mais um pouco. — E esta é uma foto de Milly, mais ou menos na mesma época. Deve ter uns dez anos. Olha só o cabelo dela!

— Bem legal — elogiou Alexander automaticamente. Mas ao se virar para olhar mais de perto, ele parou, petrificado. — Espere — pediu. — Deixe-me ver esta melhor. — Ele tomou o álbum das mãos de Olivia, observou a fotografia durante alguns segundos e fitou Milly, incrédulo.

— Ela cortou e descoloriu o cabelo sem nos avisar! — disse Olivia em tom de brincadeira — Ela era meio rebelde naquele tempo! Não dá para acreditar, vendo agora, não é?

— Não — assentiu Alexander. — Não dá mesmo para acreditar. — Ele continuou olhando para o álbum, boquiaberto. — A noiva! — disse lentamente, como se estivesse pensando em voz alta.

O coração de Milly disparou. Ela fitou Alexander com expressão de desamparo, nervosa, sem se atrever a mover um músculo sequer. Ele lembrou. Ele se lembrou dela. Mas se mantivesse a boca fechada, tudo continuaria bem. Ele só precisaria manter a boca fechada.

— Bem — disse Alexander, finalmente levantando os olhos. — Que diferença! — Ele olhou para Milly, sorrindo com o canto da boca. Ela o encarou com o estômago revirado.

— É o cabelo — disse Olivia, ansiosa. — É só isso. Quando mudamos o penteado, o resto parece mudar também. Você devia me ver com o cabelo preso em um coque.

— Não acho que seja só o cabelo — retrucou Alexander. — O que você acha Milly? Foi só o cabelo? Ou há mais alguma coisa diferente?

Ele encarou Milly, e ela o fitou apavorada.

— Não sei. — Ela conseguiu responder após um momento.

— É bem estranho, não é? — disse Alexander, apontando para o álbum.

— Você, há dez anos... e agora, uma mulher completamente diferente. — ele fez uma pausa, colocando o filme na câmera. — E aqui estou eu.

— Esta é uma ótima foto de Isobel em uma peça de teatro da escola — disse Olivia, mostrando a fotografia a Alexander, que a ignorou.

— A propósito, Milly — disse ele informalmente — , eu não perguntei antes. Este é seu primeiro casamento?

— Claro que é o primeiro casamento! — exclamou Olivia, dando uma risadinha. — Ela parece velha o bastante para estar se casando pela segunda vez?

— Nunca se sabe — ponderou Alexander, ajustando a câmera — Nos dias de hoje... — Um súbito flash disparou, e Milly estremeceu como se estivesse sendo atacada. — Relaxe — sugeriu, e o brilho de um sorriso passou por seu rosto. — Se conseguir.

— Você está linda, querida — observou Olivia, levando as mãos ao peito.

— Só perguntei — prosseguiu Alexander — porque tenho feito muitas fotos de segundo casamento. — Ele fez uma pausa e observou Milly por cima da câmera. — Mas não é o seu caso.

— Não — repetiu Milly com a voz sufocada. — Não é o meu caso.

— Interessante — insistiu Alexander.

Milly lançou um olhar apreensivo à mãe, mas Olivia apresentava a mesma expressão educadamente confusa que exibia quando os executivos que se hospedavam na pensão começavam a falar de softwares ou da cotação de iene. Ao perceber o olhar de Milly, ela acenou com a cabeça e começou a se afastar, submissa.

— Eu voltou depois, está bem? — sussurrou ela.

— Claro — disse Alexander. — Agora, vire a cabeça para esquerda. Excelente. — O flash disparou novamente. A porta se fechou devagarinho atrás de Olivia.

— Então, Milly — começou Alexander. — O que aconteceu com seu primeiro marido?

Milly sentiu a sala girar, cada músculo do seu corpo se contraiu. Ela olhou fixamente para a lente da câmera, em silêncio.

— Relaxe as mãos — instruiu o fotógrafo. — Elas estão tensas. Tente se soltar. — Ele bateu mais algumas fotos. — Vamos, qual é a história?

— Não sei do que você está falando — retrucou Milly com a voz apática. Alexander riu.

— Vai ser preciso inventar algo melhor. — Ele estendeu o braço e ajeitou uma das sombrinhas brancas. — Você sabe exatamente do que estou falando. E parece óbvio que ninguém, além de mim, sabe. Estou intrigado. Experimente cruzar as pernas — acrescentou, olhando-a através da lente. — Coloque a mão direita sobre o joelho para mostrar o anel. E a outra, sob o queixo.

Mais um flash. Milly olhava desesperadamente para a frente, tentando pensar em uma reação, um fora, uma resposta incisiva. Mas seus pensamentos eram inconsistentes, desarticulados, como se sua mente tivesse sido dominada pelo pânico. Sentia-se presa ao sofá pelo medo, incapaz de fazer qualquer coisa a não ser obedecer às instruções dele.

— Um primeiro casamento não é algo ilegal, você sabe? — observou Alexander. — Portanto, qual é o problema? Seu noivo desaprovava? Ou seria o pai dele? — Ele bateu mais algumas fotos e colocou um novo rolo de filme na máquina. — É por isso que você está guardando segredo? — Ele a olhou pensativo. — Ou talvez haja mais detalhes nessa história. — Ele aproximou o rosto da câmera. — Você poderia se inclinar para a frente?

Milly moveu o corpo. Estava tensa, sentia a pele formigar.

— A propósito, eu ainda tenho uma fotografia sua — continuou ele. — Vestida de noiva, nos degraus do cartório. Ficou ótima, quase a emoldurei.

A sala brilhou novamente com mais um flash. Milly estava tonta de tanto medo. Lembrou-se daquele dia em Oxford, dos turistas tirando fotos enquanto ela sorria, estimulando-os. Como ela pôde ter sido tão burra? Como ela...

— Claro, você está muito diferente agora — prosseguiu Alexander. — Quase não a reconheci.

Milly esforçou-se para erguer os olhos e encará-lo.

— Você não me reconheceu — disse ela com um leve tom de súplica na voz. — Você não me reconheceu.

— Bem, não sei — retrucou o fotógrafo, balançando a cabeça. — Guardar segredos do seu futuro marido, Milly, não é um bom sinal. — Ele tirou o suéter e jogou-se em um canto. — O pobre rapaz merece saber. Alguém deveria contar a ele.

Milly moveu os lábios para falar, mas não conseguiu emitir nenhum som. Nunca se sentira tão assustada em toda sua vida.

— Assim está perfeito — afirmou ele, observando-a através da lente. — Mas procure não franzir a testa. — Ele desviou os olhos da câmera e sorriu. — Pense em coisas boas.

Depois do que pareceram horas, ele terminou.

— Certo — disse ele. — Você está liberada. — Milly levantou-se e fitou-o em silêncio. Se ela contasse a história toda, talvez ele pudesse se compadecer. Ou não. De repente, viu-se dominada por um tremor incontrollável. Não podia arriscar.

— Quer alguma coisa? — perguntou Alexander, afastando o rosto da câmera.

— Não — respondeu Milly. Por um instante, seus olhares se cruzaram, e uma sensação de pânico atravessou seu corpo. — Obrigada.

Ela se dirigiu à porta mais rápido possível, tentando não demonstrar pressa. Esforçou-se para virar a maçaneta calmamente e saiu da sala. Ao fechar a porta atrás de si, sentiu-se prestes a chorar de alívio. Mas o que deveria fazer agora? Fechou os olhos por alguns segundos, voltou a abri-los e pegou telefone. A esta altura, ela já sabia o número de cor.

— Oi — atendeu a voz na caixa postal. — Se quiser deixar uma mensagem para Isobel Havill, por favor, fale após o sinal.

Milly bateu o telefone com raiva. Precisava falar com alguém. Não aguentava mais. Então, teve uma súbita inspiração e apanhou o telefone novamente.

— Alô — disse quando a ligação foi atendida. — Esme? É Milly. Preciso muito falar com você.

A MADRINHA DE MILLY morava em uma casa grande e bonita ao norte da cidade, distante da rua principal e cercada por um jardim murado. Enquanto Milly subia a rampa em direção à entrada, Esme abriu a porta e seus dois cães brancos e de corpo alongado, da raça whippet, correram na neve e pularam alegremente sobre ela.

— Sosseguem, seus brutos — exclamou Esme, da porta. — Deixem a pobre Milly em paz. Ela está sensível.

Milly a encarou.

— É tão evidente assim?

— Claro que não — ponderou Esme, tragando o cigarro e apoiando-se na porta. Seus olhos escuros e examinadores encontraram os da afilhada. — Mas você não costuma ligar pedindo para me ver com urgência. Suponho que haja algo errado.

Milly percebeu a expressão avaliadora de Esme e ficou constrangida.

— Não exatamente — disse, afagando a cabeça dos cachorros de maneira casual. — Eu só queria conversar com alguém, e Isobel está longe...

— Conversar sobre o quê?

— Não sei bem — respondeu Milly, engolindo em seco. — Todo tipo de coisa.

Esme deu outra tragada.

— Todo tipo de coisa. Estou intrigada. É melhor você entrar.

A lareira crepitava na sala de estar e uma jarra de vinho quente com especiarias exalava um vapor perfumado no ar. Quando Milly entregou o casaco a Esme e, agradecida, afundou no sofá, perguntou-se mais uma vez como uma mulher tão sofisticada podia ter qualquer relação de parentesco com seu pai, uma pessoa tão simples.

Esme Ormerod e James Havill eram primos de segundo grau. Ela fora criada em Londres pelo lado mais rico da família, e James mal a conhecia. Porém, logo depois que Milly nasceu, ela se mudou para Bath e, educadamente, entrou em contato com James. Olivia, impressionada com esse exótico laço familiar do marido, imediatamente a convidou para ser madrinha de Milly, com a intenção de estreitar os laços de amizade entre as duas. No entanto, isso não aconteceu. Esme nunca se tornou grande amiga de Olivia; até aonde Milly sabia, ela não tinha grandes amizades com ninguém particular. Em Bath, todos conheciam a bela Esme Ormerod. Muitos iam às festas na casa dela, admiravam suas roupas fabulosas e os novos itens da coleção de objetos de arte espalhados pelos cômodos, mas poucos podiam alardear que a conheciam bem. Milly, que entre todos os membros da família era quem mais convivía com ela, nunca sabia o que ela pensava ou como reagiria diante de uma situação específica.

Milly também não sabia ao certo como Esme se sustentava. Embora sua origem fosse mais abastada, todos reconheciam que o dinheiro da família não era suficiente para financiar, por si só, a vida confortável de Esme ao longo de todos esses anos. As poucas pinturas que ela ocasionalmente vendia não eram suficientes sequer para mantê-la confortável, segundo dizia o pai de Milly. Afora isso, ninguém tinha conhecimento de nenhuma outra fonte de renda. A fortuna de Esme era motivo de muita especulação. Um dos últimos rumores que circularam em Bath davam conta de que ela viajava para Londres uma vez por mês para prestar serviços sexuais inefáveis a um velho rico, que lhe pagava uma generosa mesada. Ao ouvir a fofoca, Olivia reagiu indignada: "Francamente, que absurdo!" Porém, logo em seguida afirmou: "Mas não duvido de que seja possível..."

— Coma alguma coisa — disse Esme, servindo uma bandeja de biscoitos finamente confeitados.

— São lindos! — disse Milly, indecisa entre um coberto com espirais de cacau em pó e outro salpicado com flocos de amêndoas. — Onde você os comprou?

— Em uma lojinha que descobri — respondeu Esme.

Milly experimentou o de cacau e, imediatamente, um sabor achocolatado divino se espalhou em sua boca. Esme parece comprar tudo em lojas pequenas e desconhecidas, ao contrário de sua mãe, que preferia estabelecimentos grandes e famosos: Fortnum & Mason, Harrods, John Lewis.

— E então, como estão os preparativos para o casamento — perguntou a madrinha, sentando-se no chão em frente da lareira e arregaçando as mangas do suéter de caxemira cinza. O pingente de opala, que ela sempre trazia pendurado no pescoço, reluzia sob a luz do fogo.

— Está tudo bem — respondeu Milly. — Sabe como é. Esme deu de ombros, demonstrando total desconhecimento, e a afilhada se lembrou de que não via ou falava com a madrinha há várias semanas, ou até meses. Mas isso era comum. A relação entre as duas sempre fora

pontuada por fases desde que Milly chegara à adolescência. Quando tinha algum problema, ela ia direto para a casa de Esme e sempre era compreendida, sempre era tratada como adulta. Ela passava vários dias na casa da madrinha, refletindo, adotando seu vocabulário ou ajudando-a a preparar refeições sofisticadas com ingredientes dos quais Olivia nunca ouvira falar. Ficavam na sala de estar bebendo vinho e ouvindo música de câmara. Milly se sentia culta e madura, e jurava que no futuro viveria como Esme. Alguns dias depois, ela voltava pra casa retomava sua vida exatamente do ponto em que deixara, e a influência de Esme acabava se restringindo somente a descoberta de uma expressão nova ou das qualidades do azeite prensado a frio.

— Então, querida — disse Esme —, se não é o Casamento, qual é o seu problema?

— É o casamento — confessou Milly. — Mas é um tanto complicado.

— É com Simon? Vocês brigaram?

— Não — respondeu Milly imediatamente. — Não. Eu apenas... — Ela suspirou profundamente e pousou o biscoito na bandeja. — Eu preciso de um conselho. Um... conselho hipotético.

— Um conselho hipotético?

— Isso — assentiu Milly, aflita. Ela olhou bem nos olhos madrinha. — Hipotético.

— Entendi — disse Esme após um momento de silêncio. Ela deu um sorriso dissimulado. — continue.

A UMA DA TARDE, Simon recebeu um telefonema de Paris.

— Simon? É Isobel.

— Oi, Isobel! Como vai?

— Você sabe onde está Milly? Estou tentando falar com ela. — A voz de Isobel parecia ridiculamente distante e inaudível para quem estava em Paris, pensou Simon.

— Ela não está no trabalho?

— Acho que não. Escute, vocês brigaram ou algo assim? Eu vi que ela tentou ligar para mim várias vezes.

— Não — respondeu ele espantado. — Pelo menos não que eu saiba.

— Então deve ser por outra razão — disse Isobel. — Vou tentar achá-la em casa. Tudo bem, vejo você quando voltar.

— Espere! — pediu Simon repentinamente. — Isobel queria pedir uma coisa.

— Sim? — Simon teve a impressão que ela estava desconfiada. Ou talvez fosse apenas paranoia sua. Ele sempre achou Isobel um pouco ardilosa. Para começar ela falava pouco. Sempre conversavam. Ele acabava sempre se sentindo constrangido diante de seu olhar observador e inteligente. Ele ficava indeciso sobre o que ela pensava a respeito dele. Ele gostava dela, mas também achava um tanto intimidadora.

— Para falar a verdade, é um favor. Você poderia me ajudar a comprar um presente para

Milly?

— Que tipo de presente?

“Se fosse a Milly”, pensou Simon, “teria gritado ‘claro!’ imediatamente, e só depois perguntaria os detalhes.”

— Queria comprar uma bolsa Chanel. Poderia me ajudar escolher?

— Chanel? — repetiu Isobel, incrédula. — Você sabe quanto custa uma bolsa dessas?

— Sei.

— É muito caro.

— Não tem problema.

— Simon, você é louco. Milly não quer uma bolsa Chanel.

— Quer sim!

— Não é o estilo dela.

— Claro que é — retrucou Simon. Milly gosta de peças clássicas e elegantes.

— Se você pensa assim... — retrucou Isobel em tom apático. Ela suspirou e perguntou: — Simon, isso tem alguma coisa a ver com o presente que seu pai comprou?

— Não! Claro que não. — Ele hesitou. — Como você ficou sabendo disso?

— Mamãe me contou. Ela falou dos brincos também. — a voz de Isobel abrandou-se. — Veja bem, eu posso imaginar que não foi um momento fácil para você. Mas não é motivo para gastar todo o seu dinheiro em uma bolsa cara.

— Milly merece o melhor.

— Ela tem o melhor. Ela tem você!

— Mas...

— Escute, Simon. Se você realmente quer comprar algo para Milly, compre alguma coisa para o apartamento. Um sofá. Ou um tapete. Ela iria adorar.

— Tem razão — admitiu ele após um momento de silêncio.

— Claro que tenho razão.

— É que... — Simon soltou o ar dos pulmões. — Meu pai!

— Eu sei — ponderou Isobel. — Mas o que você pode fazer? Ele é um milionário generoso. É um ordinário.

Simon estremeceu diante da afirmação.

— Nossa, você não tem mesmo papas na língua, hein? Acho que prefiro sua irmã.

— Por mim, está ótimo. Olha, eu preciso desligar. Tenho que pegar o avião.

— Está certo. Obrigada, Isobel. Estou realmente agradecido.

— Tudo bem. Até logo. — E desligou antes que Simon dizer alguma coisa.

— BOM — DISSE MILLY. Ela ergueu os ombros e, desviando o olhar, fitou a luz

bruxuleante do fogo. — Vamos imaginar uma pessoa. E que essa pessoa tem um segredo.

— Uma pessoa — repetiu Esme, olhando-a de forma esquisita. — E um segredo.

— Sim — continuou Milly ainda fitando o fogo. — E vamos supor que ela nunca contou isso a ninguém. Nem para o homem que ama.

— Por que não?

— Porque ele não precisava saber — respondeu Milly em tom defensivo.

— Porque foi apenas uma coisa estúpida e irrelevante que aconteceu há dez anos. E se viesse à tona, arruinaria tudo. Não somente para ela, mas para todos.

— Ah. Um segredo dessa magnitude.

— Isso. Um segredo dessa magnitude. — Milly respirou fundo e prosseguiu: — E vamos supor... — Ela mordeu o lábio — Vamos supor que alguém que conhece esse segredo de repente tenha aparecido. E ameaça contar tudo.

Esme suspirou lentamente.

— Entendi.

— Mas a dona do segredo não sabe se ele está falando sério ou não. Ela acha que ele pode estar apenas brincando.

Esme acenou com a cabeça, como se estivesse analisando a situação.

— A questão é: o que ela deveria fazer? — prosseguiu Milly. Ela olhou bem nos olhos de Esme. — Deveria... contar ao namorado? Ou ficar quieta e torcer para que nada aconteça?

Esme pegou o maço de cigarros.

— É realmente um segredo que precisa ser mantido? — perguntou. — Ou é somente um descuido bobo com o qual ninguém se incomodaria? Será que essa pessoa não está exagerando?

— Não, de jeito nenhum. É um segredo importante. Algo como... — Milly fez uma pausa. — Como um casamento anterior. Ou algo assim.

Esme arqueou as sobrancelhas.

— Esse, *com certeza*, é um segredo importante.

— Ou algo assim — repetiu Milly. — Não importa o que seja. — Ela olhou diretamente para Esme. — A questão é que ela manteve esse segredo por dez anos. Ninguém jamais soube. Nem precisa saber.

— Certo. Entendi. — Esme acendeu um cigarro e o tragou profundamente.

— Então, o que você faria se fosse essa pessoa? — perguntou Milly, enquanto Esme soltava, pensativa, uma nuvem de fumaça.

— Qual é o risco desse cara contar tudo?

— Não sei — respondeu Milly. — No momento, bem pequeno, eu acho.

— Eu não diria nada. Por enquanto. E tentaria encontrar um modo de manter o cara calado.

— Esme deu de ombros. — Aos poucos tudo irá se dissipar.

— Você acha mesmo? — perguntou Milly, encarando-a. — Realmente pensa assim?

Esme sorriu.

— Querida, quantas vezes você passou a noite em claro preocupada com algo e, de manhã, se deu conta de que não havia nada a temer? Quantas vezes se apressou em encontrar uma desculpa por uma péssima atitude e acabou percebendo que ninguém notou que você tinha feito algo errado? — Ela tragou.

— Nove em cada dez vezes é melhor não dizer nada, agir de maneira discreta e esperar que tudo prossiga naturalmente. E ninguém precisa saber. — Esme fez uma pausa. — Hipoteticamente falando, claro.

— Sim, claro.

Houve um momento de silêncio, quebrado apenas pelo estalido do fogo. Do lado de fora, a neve voltara a cair em flocos espessos e difusos.

— Tome mais um pouco de vinho — sugeriu Esme. — Antes que esfrie. E coma um biscoito.

— Obrigada — murmurou Milly. Ela apanhou um biscoito de fondant de laranja e o fitou. — Você não acha que eu... quero dizer, a pessoa, deve ser franca e contar tudo ao namorado.

— Por quê?

— Porque... porque ela está prestes a casar com ele!

Esme sorriu.

— Querida, essa é uma ideia romântica. Mas uma mulher nunca deve tentar ser franca com um homem. É impossível.

— Como assim, impossível? — indagou Milly.

— Bem, pode-se até tentar — corrigiu-se Esme. — Mas, basicamente, homem e mulheres não falam a mesma língua. Eles têm... reações distintas. Basta colocá-los diante de uma mesma situação. O homem irá reagir de modo totalmente diferente da mulher.

— Sim, e daí?

— E daí conclui-se que eles são estranhos um para o outro. E a verdade que não dá para ser completamente franco com alguém que você não compreende.

Milly pensou por um momento.

— As pessoas que têm um casamento feliz por muitos anos se compreendem — disse.

— Eles se esforçam — retrucou Esme — empregando uma mistura de linguagem de sinais e de boa vontade, além de algumas frases usadas durante os anos de convívio. Mas não se compreendem. Não tem acesso às valiosas profundezas da alma do outro. Não compartilham a mesma língua. — Ela deu outra tragada. — E não existe intérprete para isso. Talvez poucos.

— Então você está querendo dizer que não existe casamento feliz?

— O que estou dizendo é que não existe casamento baseado na verdade

— corrigiu Esme. — Felicidade é outra coisa. — E soltou uma nuvem de fumaça.

— Acho que você tem razão — assentiu Milly, hesitante, e deu uma olhada no relógio. — Esme, tenho que ir embora.

— Tão rápido?

— O pessoal do escritório de Simon marcou uma festinha.

— Ah, sim. — Esme bateu um cigarro em um cinzeiro de madrepérola.

— Bem, espero ter ajudado com seu probleminha.

— Não muito — disse Milly bruscamente. — Na verdade, estou mais confusa do que antes.

Esme sorriu.

— Ah, querida. Desculpe. — Ela analisou por um momento o rosto da afilhada. — Então, o que você acha que essa... pessoa irá fazer?

Houve silêncio.

— Não sei — respondeu Milly, finalmente. — Realmente não sei.

JAMES HAVILL SAIU DO escritório na hora do almoço e foi direto para casa. Quando chegou, o lugar estava imerso na tranquilidade do meio-dia, exceto pelo ruído de seus passos. Ele permaneceu no hall por um momento, atento ao possível som de vozes. Mas a casa parecia vazia, exatamente como ele esperava. Milly estaria trabalhando; a diarista já teria ido embora. A única pessoa que poderia estar em casa era Olivia.

Ele subiu as escadas sem fazer barulho. Ao chegar no andar de cima, seu coração começou a disparar. Planejara esse encontro durante toda a manhã, participara das reuniões pensando apenas no que falaria à esposa. No que diria e como diria.

A porta do quarto dela estava fechada. Antes de bater James fitou por um momento à pequena placa de porcelana em que se lia: PRIVATIVO.

— Quem é? — A voz feminina pareceu assustada.

— Sou eu — respondeu ele, abrindo a porta. O quarto estava aquecido pela lareira elétrica, “aquecido demais” pensou. Olivia encontrava-se em sua poltrona floral desbotada diante da televisão. Seus pés estavam apoiados no banco que ela mesma havia estofado. Tinha uma xícara de chá ao seu alcance e, nas mãos, um vestido de seda em tom rosa pálido.

— Oi — disse James. Ele deu uma olhada na TV. Bette Davis, com ar blasé, em preto e branco, dialogava com um homem de queixo quadrado. — Não queria incomodá-la.

— Tudo bem — disse Olivia. Ela apanhou o controle remoto e reduziu o volume da voz de Bette Davis a um murmúrio quase inaudível. — O que você acha?

— Do quê? — perguntou James, espantado.

— Do vestido de Isobel! — disse Olivia, erguendo a seda cor-de-rosa. — Achei meio sem graça, então resolvi enfeitá-lo com umas rosas.

— Está lindo — declarou James com os olhos na TV, tentando entender o que Bette Davis

dizia. Ela havia desabotoado as luvas; será que pretendia desafiar o homem de queixo quadrado para uma briga? Ele olhou para a esposa. — Eu queria falar com você.

— E eu com você — retrucou Olivia, apanhando um caderno vermelho que estava perto da sua cadeira. Após consultar algumas páginas, ela continuou: — Em primeiro lugar, você verificou o trajeto até a igreja na prefeitura?

— Eu conheço o caminho — disse James.

Olivia suspirou irritada.

— É claro que conhece. Mas você sabe se vai ter alguma obra ou manifestação no sábado? Não! Por isso temos que telefonar para prefeitura. Esqueceu? — Ela começou escrever no caderninho. — Não se preocupe. Eu mesma farei isso.

James ficou em silêncio. Em seguida, olhou ao redor, procurando algum lugar para sentar, mas não havia outra cadeira. Após uma breve hesitação, sentou-se na beira da cama. O edredom de Olivia era macio e exalava levemente o perfume dela. Estava estendido de maneira impecável sobre a cama, junto com as almofadas de renda imaculadas e assexuadas, como se ela nunca dormisse ali. Talvez ela não dormisse mesmo. James não via a face interno do edredom de Olivia há seis anos.

— Outra coisa — prosseguiu ela. — Sobre as lembrancinhas para os convidados.

— Lembrancinhas *para* os convidados?

— Sim, James — disse Olivia em tom impaciente. — Lembranças para convidados. Hoje em dia os noivos dão lembrancinhas aos convidados.

— Pensei que fosse o contrário.

— São as duas coisas. Os convidados dão presentes aos noivos e nós damos presentinhos aos convidados.

— E quem dá presente para nós? — perguntou James. Olivia revirou os olhos.

— Você não está ajudando, James. Eu e Milly já organizamos tudo para cada convidado receba uma taça para champanhe.

— Bem, então está perfeito. — James respirou fundo. — Olivia...

— Mas eu estava pensando, será que um arranjo de rosas não seria mais original? Dá só uma olhada. — Ela apontou para uma revista aberta no chão. — Não é lindo?

— Um arranjo para cada convidado? O lugar vai ficar parecendo uma floresta.

— Um *miniarranjo* — explicou Olivia, impaciente. — Do tipo que cabe dentro da bolsa, como dizem por aí.

— Olivia, você não tem mais o que fazer além de organizar os miniarranjos de rosas de última hora?

— Talvez você tenha razão — assentiu Olivia com uma expressão triste. Ela pegou a caneta e riscou um item no caderno. — Agora o que mais?

— Olivia, escute por um momento — pediu James. Então pigarreou. — Eu queria falar

sobre... sobre o que irá acontecer. Depois do casamento.

— Pelo amor de Deus, James! Vamos pelo menos deixar passar o casamento antes de começarmos a falar sobre o que irá acontecer depois. Já não bastam os detalhes com os quais tenho que me preocupar?

— Apenas ouça, sem me interromper. — James fechou os olhos e respirou profundamente. — Acho que ambos sabemos que as coisas serão diferentes quando Milly se casar, não é? Quando ficarmos somente nós dois nesta casa.

— O pagamento do coral... — murmurou Olivia, contando nos dedos. — -Arranjos de lapela...

— Não há razão para fingir que as coisas vão continuar como estão.

— Suportes para bolo...

— Temos nos afastado ao longo dos anos. Você tem a sua vida, e eu tenho a minha...

— Discurso! — disse Olivia, levantando os olhos com ar triunfante. — Você já escreveu o seu discurso?

— Sim — disse James, fitando-a. — Mas ninguém parece estar escutando.

— Acho melhor você fazer *duas* cópias de suas anotações. Eu posso guardar uma, só para prevenir. — Ela sorriu satisfeita.

— Olivia...

— Vou sugerir o mesmo a Simon. Deixe-me anotar isso.

Ela começou a escrever, e James voltou à atenção para a TV. Bette Davis caía nos braços do homem de queixo quadrado; lágrimas brilhavam em seus cílios.

— Certo — disse Olivia. — Bem, é isso. — Ela olhou o relógio e levantou-se. — Agora tenho que sair para falar com o maestro do coral. Você queria me dizer mais alguma coisa?

— Bem...

— É que estou um pouco atrasada. Desculpe. — Ela fez um gesto para que James se levantasse e pôs a seda cor-de-rosa cuidadosamente sobre a cama.

— Até logo!

— Certo — disse James. — Até logo.

Ao sair do quarto, ele fechou a porta e se viu fitando a pequena placa novamente.

— O que eu queria falar — disse ele para a porta — é que pretendo ir embora depois do casamento. Quero uma nova vida. Entendeu?

Silêncio total. James deu de ombros e se afastou.

CAPÍTULO CINCO



Quando Milly chegou no escritório em que Simon trabalhava, houve um pequeno alvoroço na recepção.

— Ela está aqui! — gritou Pearl, uma das recepcionistas de meia-idade. — Milly está aqui! — Ela sorriu exultante quando Milly se aproximou da mesa. — Como vai, querida? Nervosa por causa de sábado?

— Não há motivo para ficar nervosa! — exclamou outra recepcionista, uma moça que usava um casaco de lã azul-claro e sombra da mesma cor. — Apenas se certifique de aproveitar e curtir o dia, querida. Passa muito rápido!

— É muita correria — disse Pearl, com uma expressão séria. — O que você tem que fazer e dar uma parada de vez em quando, olhar em volta e dizer a si mesma: este é o dia do meu casamento. Diga somente isto: este é o dia do meu casamento. E você vai aproveitar melhor! — Ela sorriu para Milly. — Vou pedir que avisem ao Simon que você chegou, depois a acompanharei até a sala dele.

— Não precisa — disse Milly. — Eu sei onde é.

— Não é trabalho nenhum! — exclamou Pearl. Ela digitou algo no teclado. — Margaret, continue tentando avisar ao Simon, está bem? E diga que estou subindo com a Milly.

Em meio a um coro de desejos de boa sorte, Milly e Pearl atravessaram a área da recepção em direção aos elevadores.

— Nós iremos vê-la no sábado — disse Pearl quando a porta do elevador se fechou. — Do lado de fora da igreja. Você Não se importa, Não é querida?

— Claro que Não — respondeu Milly meio confusa. — Quer dizer, você vai ficar lá olhando?

— A Beryl vai levar cadeiras de armar! — explicou Pearl, triunfante. — E teremos uma garrafa térmica com café. Queremos ver todo mundo chegar. Todas as pessoas importantes. Será como um casamento da realeza!

— Bem — disse Milly constrangida. — Não sei...

— Ou como aquele casamento maravilhoso que apareceu outro dia na televisão. Naquela novela, *EastEnders*. Você viu?

— Ah, sim! — respondeu Milly entusiasticamente. — Foi muito romântico.

— E aquelas duas pequenas damas de honra — Pearl deu um suspiro afetuoso. — Eram umas gracinhas.

— Lindas. Mas — acrescentou Milly enquanto o elevador se aproximava do andar do escritório de Simon — Não sei quem são os personagens. Não costumo assistir a novelas. Prefiro ... documentários.

— É mesmo? Eu Não consigo viver sem minhas novelas — confessou Pearl. — Seu noivo vive implicando comigo por causa disso. Está sempre zombando dos enredos. — Ela sorriu para Milly. — Ele é realmente um rapaz encantador. Tão pé no chão! Ninguém imagina que ele seja quem é. Você entende o que eu quero dizer. — O elevador emitiu um sinal — Chegamos. — Ela olhou o corredor atapetado. — Ué, onde ele se meteu?

— Estou aqui — disse Simon, surgindo de repente. Ele entregou uma garrafa de vinho e alguns copos plásticos à Pearl. — Leve para o pessoal da recepção.

— Quanta gentileza! — disse Pearl. — E Não se esqueça de nos mostrar seu presente quando descer. — Ela apertou mão de Milly. — Boa sorte, querida. Você merece toda a felicidade do mundo.

— Obrigada — disse Milly, sentindo lágrimas brotarem nos olhos. — Você é muito gentil.

As portas do elevador se fecharam e Simon sorriu para Milly.

— Vamos. Estão todos esperando por você.

— Pare com isso! Você está me deixando nervosa.

— Nervosa? — Simon riu. — Não ha motivo para ficar nervosa!

— Eu sei. É que ... eu ando meio tensa ultimamente.

— É por causa do casamento.

— É — assentiu Milly com um sorriso. — Deve ser.

O DEPARTAMENTO DE SIMON encontrava-se todo reunido na sala que ele compartilhava com outros quatro colegas. Quando o casal chegou, eles estavam se servindo de espumante em copos plásticos, e uma mulher vestida com uma jaqueta vermelha colhia apressadamente algumas assinaturas de ultima hora em um enorme cartão.

— O que eu devo escrever?— perguntava uma moça quando Milly passou. — Todos os outros escreveram algo legal.

— Escreva seu nome! — sugeriu a mulher de jaqueta vermelha. — Rápido.

Milly segurou seu copo com força e fixou um sorriso no rosto. Sentia-se vulnerável diante do olhar de tantas pessoas, tantos estranhos. Ela bebeu o espumante e serviu-se de um salgadinho, oferecido por um dos animados colegas de Simon.

— Aha! — Uma voz grave interrompeu o falatório. Um homem calvo, de bigode, e usando

um terno marrom se aproximou. — Você deve ser a noiva de Simon. — Ele agarrou mão dela. — Prazer, Mark Taylor. Chefe do setor de publicações. E um prazer conhecê-la.

— Oi — disse Milly educadamente.

— Onde e que ele se meteu? Temos que começar a homenagem. Simon! Venha até aqui!

— Vocês já foram apresentados? — perguntou Simon. — Desculpe, eu devia ter feito isso.

Mark Taylor começou a bater palmas.

— Atenção, todo mundo. Silêncio. Em nome de todos aqui da Pendulum, eu gostaria de desejar a Simon e Mandy muitas felicidades na vida a dois. — Ele ergueu o copo.

— Milly! — gritou alguém.

— O quê? — perguntou Mark Taylor com uma expressão confusa.

— É Milly, Não Mandy!

— Tudo bem ... — disse Milly, ruborizada.

— O que eles estão dizendo? — perguntou Mark Taylor.

— Nada — respondeu Milly. — Continue.

— À Mandy e Simon! Que tenham uma vida longa, próspera e feliz juntos. — Um telefone começou a tocar no canto da sala. — Alguém pode atender, por favor.

— Onde está o presente? — gritou outra pessoa.

— Isso — disse Mark Taylor. — Onde está o presente?

— Vai ser entregue na casa da noiva — respondeu uma mulher a esquerda de Milly. — Não está na lista. E uma sopeira. Tem uma foto aqui.

— É muito bonita — disse Mark Taylor. Ele aumentou o tom de voz. — O presente é uma sopeira que Não estava lista! Sally tem uma foto, se alguém quiser dar uma olhada.

— Mas há um cartão — disse Sally. — Onde está o cartão?

— Aqui! — respondeu a mulher de jaqueta vermelha.

Houve um breve momento de silêncio, enquanto Simon rasgava o enorme envelope e abria um cartão com o desenho de dois ursos de pelúcia. Ele deu uma olhada nas assinaturas rindo de vez em quando, e, a medida que lia as mensagens levantava os olhos e acenava com a cabeça. Milly deu olhada por cima do ombro do noivo. A maioria dos dizeres fazia referências, em tom de brincadeira, a metas e anúncios de um quarto de página, além da alusão confusa a algo chamado Powerlink.

— Obrigado — disse Simon após um momento. — Estou emocionado.

— Discurso! — gritou alguém.

— Não, nada de discurso — retrucou Simon.

— Faça um agradecimento a Deus! — sugeriu um dos presentes.

Simon bebeu um gole do espumante.

— Eu só gostaria de dizer para os que acham que a coisa mais importante da minha vida e

bater as insanas metas mensais do Eric ... — Houve um a risada geral — ... Ou acabar com o Andy nos dardos ... — Outra onda de risada, e Simon sorriu. — Para todos vocês, tenho que esclarecer uma coisa. Vocês estão enganados.— Ele fez uma pausa. — A coisa mais importante da minha vida está ao meu lado. — Ele tomou a mão de Milly e ouviu-se o suspiro de algumas moças. — Esta mulher, para quem não a conhece, e a pessoa mais bela, dócil, sincera e generosa do mundo. E eu me sinto honrado pelo fato de que, no próximo sábado, ela se tornara minha mulher. Estou muito feliz.

Após um rápido silêncio, alguém disse em tom abafado:

— À Milly e Simon.

— À Milly e Simon — repetiram os outros em uníssono.

Milly olhou para o rosto feliz e despreocupado de Simon e sentiu uma súbita tristeza.

— Vejo vocês no bar! — acrescentou Simon. O grupo começou a se dispersar, e ele sorriu para Milly.

— Eu deixei você envergonhada?

— Só um pouquinho — respondeu ela, tentando retribuir o sorriso. Sentia a pele arder de culpa e o estomago se contrair.

— Eu tinha que contar a todo mundo como me sinto — disse ele, acariciando os cabelos dela com ternura.— As vezes, Não consigo acreditar no quanto te amo.

Os olhos de Milly encheram-se de lágrimas.

— Por favor — pediu ela. — Pare.

— O que é isso! — disse Simon, secando as lágrimas da noiva. — Ah, amor. Quer um lenço?

— Obrigada — respondeu Milly. Ela enxugou os olhos e suspirou profundamente.

— Simon! — interrompeu uma voz alegre. — É a sua vez de pagar a bebida!

— Tudo bem! — concordou o jovem noivo, sorrindo. — Eu já vou.

— Simon — disse Milly rapidamente. — Você ficaria chateado se eu não fosse com vocês?

— Ah — reagiu Simon, desapontado.

— Estou um pouco cansada — completou Milly. — Realmente não estou muito disposta.

— Simon! — gritou alguém. — Você vem ou não?

— Estou indo! — respondeu ele e tocou o rosto de Milly suavemente. — Você prefere ir a outro lugar, só nós dois?

Milly olhou para ele e teve uma súbita visão dos dois em um restaurante isolado. Eles se sentariam escondidos em uma mesa de canto, comeriam risoto e beberiam vinho tinto suave. E, com muito tato, ela lhe contaria a verdade.

— Não. Vá e divirta-se. Vou dormir cedo.

— Tem certeza?

— Tenho. — Ela o beijou. — Vá. A gente conversa amanhã.

ELA CHEGOU EM CASA querendo ir direto para a cama.

Quando estava tirando o casaco, ouviu vozes na cozinha e estremeceu ao imaginar que a tia Jean poderia ter chegado mais cedo. Porém, quando abriu a porta, foi Isobel que viu, sentada, usando um vestido cor-de-rosa de dama honra e uma grinalda no cabelo.

— Isobel! — exclamou Milly quase as lágrimas, sentindo um súbito alívio. — Quando você chegou?

Isobel sorriu.

— Esta tarde. Eu chego em casa e o que eu descubro? Meu cano alto sumiu.

— Cano alto?

— É, minhas botas de cano alto — explicou Isobel. — O que você pensou que fosse?

— Isobel vai ficar aqui até o casamento — disse Olivia com a mão cheia de grampos de cabelo. — Acho que vamos ficar um pouco espremidos quando a tia Jean e os primos chegarem...

— Livre-se de Alexander — sugeriu Milly. Ela sentou-se a mesa e começou a mexer em uma flor solta da grinalda. — Assim teremos espaço.

— Não seja boba — retrucou Olivia. — Ele precisa ficar aqui. — Ela empurrou outro grampo no cabelo de Isobel, prendendo a grinalda. — Agora sim. Está bem melhor.

— Você é quem sabe — disse Isobel. Ela sorriu para a irmã e perguntou: — O que você acha?

Milly olhou para ela e, só então, percebeu o que Isobel estava usando.

— O que aconteceu com seu vestido? — perguntou, tentando não parecer assustada.

— Acrescentei umas rosas de seda — disse Olivia. — Ficou bom?

As irmãs se entreolharam.

— Ficou ótimo — respondeu Milly.

Isobel sorriu.

— Fale a verdade. Estou parecendo uma idiota?

— Não — Milly franziu a testa. — Você parece... cansada.

— Foi isso que eu disse! — exclamou Olivia com ar triunfante. — Ela parece exausta e doente.

— Não pareço exausta e doente — retrucou Isobel com impaciência. Milly fitou a irmã. A pele de Isobel estava sem cor, o cabelo, liso e claro, estava sem vida. As flores no cabelo só acentuavam a palidez do rosto.

— Você vai estar ótima no sábado — disse Milly, hesitante. — É só usar um pouco de maquiagem.

— Ela perdeu peso também — completou Olivia em tom de reprovação. — Acho que

vamos ter que apertar o vestido.

— Não perdi tanto peso assim — retrucou Isobel. — Enfim, não importa a minha aparência. É o dia da Milly, não meu. — Ela olhou para a irmã. — Como vão as coisas?

— Eu estou bem. Sabe como é...

— Eu sei — disse Isobel antes de tirar o vestido cor-de-rosa. — Bem, acho que vou subir e desfazer as malas.

— Vou ajudar você — disse Milly imediatamente.

— Ótimo — concordou Olivia. — Boa ideia, filha.

O QUARTO DE ISOBEL ficava ao lado do de Milly, no andar de cima. Depois que ela saiu de casa, o cômodo passou a ser usado ocasionalmente pelos hóspedes. Mas, na maior parte do tempo, permanecia vazio, limpo e arrumado, esperando pelo regresso dela.

— Nossa! — exclamou Isobel ao abrir a porta. — O que é tudo isso?

— Presentes de Casamento. E isso é só uma parte.

Em silêncio, ambas observaram o quarto. Cada pedacinho do chão estava repleto de caixas empilhadas. Algumas tinham sido abertas e estavam rodeadas de papel rasgado e plástico bolha, expondo peças de porcelana.

— O que é isso? — Isobel cutucou uma das caixas.

— Não sei. Acho que é uma terrina.

— Uma terrina! — repetiu Isobel, incrédula. — Você está planejando fazer sopa quando se casar?

— Talvez.

— Você vai ter que fazer, porque agora tem uma terrina especial. — Milly começou a rir involuntariamente com a afirmação da irmã. — Vai ter que servir sopa na sua terrina todo dia.

— Ah, pare com isso!

— E beber *xerez* nos seus *oito copos para xerez* — prosseguiu Isobel, lendo a etiqueta em outro pacote. — A vida de casada vai ser bem agitada.

— Pare com isso — pediu Milly, as gargalhadas.

— Uma máquina de fazer pão. Eu até gostaria de ter uma dessas. — Isobel levantou a cabeça. — Milly, está tudo bem?

— Está sim. Está tudo bem. — Mas a risada se transformou em soluços e duas lágrimas escorreram pelo rosto de Milly.

— Eu sabia que havia algo errado! — Isobel se aproximou e pôs as mãos nos ombros da irmã. — O que aconteceu? O que você queria falar comigo quando eu estava em Paris?

— Ah, Isobel! — disse Milly, chorando mais ainda. — Está tudo errado!

— Como assim?

— Estou numa enrascada!

— O quê? — A voz de Isobel soou alarmada. — Por favor, fale! O que aconteceu?

Milly a fitou por algum tempo.

— Venha aqui — disse, finalmente. Foram para o quarto dela; Milly esperou até que Isobel entrasse e fechou a porta. Então, enquanto a irmã a observava em silêncio, ela foi até a chaminé e puxou um velho saco de guardar sapatos, fechado com um nó.

— O que...

— Espere — pediu Milly, tateando o interior do saco, de onde tirou uma sacola menor. De dentro dela, retirou uma caixa, amarrada com um barbante. Ela o puxou e abriu a tampa. Durante alguns segundos, fitou a caixa aberta e então a entregou a Isobel.

— Veja. Foi isso que aconteceu.

— Caramba! — disse Isobel, perplexa ao ver uma fotografia de Milly vestida de noiva, sorrindo, atrás de uma nuvem de confetes. Retirou a foto da caixa e a examinou. Em seguida, pegou a segunda, em que se via dois homens lado a lado um de cabelos escuros; o outro, louro. Uma terceira mostrava o homem de cabelos escuros beijando a mão de Milly, sorria de modo afetado para a câmera. Seu véu estava por cima dos ombros e ela parecia muito feliz.

Em silêncio, Isobel olhou rapidamente toda a pilha fotos. No fundo da caixa, havia um velho confete e um pequeno cartão florido.

— Posso? — perguntou ela, pegando o cartão.

— Claro.

Isobel abriu o cartão e leu a inscrição: “A melhor do mundo. Sempre seu, Allan.” Ela olhou para a irmã.

— Quem é esse Allan?

— Quem você acha que é, Isobel? — perguntou Milly a voz áspera. — É meu marido.

QUANDO MILLY ACABOU DE contar sua história incoerente, Isobel suspirou. Logo depois, levantou-se e foi até a lareira, sem dizer nada. Milly, que estava apreensiva, sentada em uma poltrona e apertando uma almofada contra o peito, limitava-se a observar a irmã.

— Não consigo entender — disse Isobel após uma pausa.

— Pois é — ponderou Milly.

— Você se casou com um cara só para que ele pudesse permanecer no país?

— Sim — respondeu Milly, olhando para as fotos espalhadas pelo chão, vendo-se jovem, vibrante e feliz. Enquanto contava a história, sentira aflorar todo romantismo e aventura da época e, pela primeira vez em muitos anos, sentiu saudades daqueles dias mágicos e impetuosos em Oxford.

— Que miseráveis! — resmungou Isobel. — Eles devem ter visto você chegar a cidade!

Milly fitou a irmã.

— Não foi assim — retrucou.

— É claro que foi! Milly, eles usaram você!

— Não usaram! — disse Milly, na defensiva.— Eu os ajudei porque quis. Eram meus amigos.

— Amigos — repetiu Isobel, sarcástica. — É isso o que você pensa? Bem, se eles eram tão amigos, por que eu não os conheci? Nem ouvi falar deles?

— É que nos perdemos o contato.

— Quando? Logo depois que vocês assinaram o documento? — Milly ficou em silêncio — Ah, Milly — Isobel suspirou.

— Eles te pagaram?

— Não. Eles me deram um colar — disse ela, tocando as pequenas pérolas.

— Bem, isso é uma baita compensação, considerando-se que você violou a lei para ajudá-los — retrucou Isobel, mais uma vez irônica. — Considerando-se que você poderia ter sido processada. O Ministério do Interior investiga casamentos falsos, sabia? Ou será que você não sabia?

— Não insista nisso, Isobel — pediu Milly, com a voz tremula. — Está feito, entendeu? E não há nada que eu possa fazer.

— Tudo bem. Desculpe. Isso deve estar sendo horrível. Ela apanhou uma das fotos e olhou-a por um instante. — Tenho que admitir que estou surpresa por você ter corrido o risco de guardar isto.

— Eu sei. Foi burrice. Mas Não consegui jogar as fotos fora. Elas são tudo que eu tenho do que aconteceu.

— E você nunca disse nada ao Simon. — Isobel suspirou e colocou a fotografia na caixa. Milly balançou a cabeça negativamente, comprimindo os lábios. — Bem, agora vai ter que contar — prosseguiu ela.

— Não posso — disse Milly, fechando os olhos. — Não posso contar. Simplesmente Não posso.

— Mas vai ter que fazer isso! — advertiu Isobel. — Antes que esse tal Alexander o faça.

— Talvez ele não diga nada.

— Mas talvez diga! E não vale a pena correr o risco. — Isobel suspirou. — Olha, conte tudo a ele. Ele não vai se importar! Divórcio é algo comum hoje em dia.

— Eu sei.

— Não há motivo para se envergonhar! Você é divorciada e pronto. — Ela deu de ombros. — Poderia ser pior.

— Acontece que eu não sou — disse Milly, tensa.

— O quê? — Isobel parecia atônita.

— Eu não sou divorciada. Ainda estou casada. Houve um momento de silêncio.

— Você ainda está casada? — perguntou Isobel em um sussurro. — Você ainda está *casada*? Mas Milly, o seu casamento é no sábado!

— Eu sei! — gritou Milly. — Você acha que eu não sei? — E enquanto Isobel a olhava estupefata, ela enfiou a cabeça na almofada e caiu no choro.

O CONHAQUE ESTAVA NA cozinha. Quando Isobel abriu a porta, torcendo para que não houvesse ninguém por perto, Olivia, que estava ao telefone, ergueu a cabeça.

— Isobel! — disse a mãe em um sussurro. — Aconteceu uma desgraça!

— O que foi? — perguntou Isobel, assustada.

— Não ha folhetos suficientes para todos os convidados. As pessoas terão que compartilhar!

— Ah, é isso? — disse Isobel com uma imensa vontade de dar uma gargalhada. — Bem, isso não é importante.

— Não é importante? — sibilou Olivia. — Vai dar a impressão de que estamos economizando! — Ela estreitou os olhos ao ver a filha encher um copo de conhaque. — Por que você vai beber?

— É para Milly. Ela está um pouco tensa.

— Algum problema?

— Não — respondeu Isobel, afastando-se. — Não há problema nenhum.

Ela voltou para o quarto e fechou a porta.

— Vamos, beba isso — ordenou. — E tente se acalmar. Tudo vai ficar bem.

— Como? — soluçou Milly. — Tudo vira a tona e será o fim!

— Pare com isso — disse Isobel, abraçando a irmã. — Nós vamos dar um jeito. Não se preocupe.

— Não vejo como. — O rosto de Milly estava banhado em lágrimas. Ela bebeu um gole do conhaque. — Eu fiz uma tremenda besteira, Não é?

— Não. Claro que não.

Milly deu um sorriso trêmulo.

— Boa tentativa, Isobel. — Bebeu outro gole do conhaque. — Eu preciso de um cigarro. Você quer também?

— Não.

— Pegue um — insistiu Milly, abrindo a janela de guilhotina com as mãos trêmulas. — Um cigarrinho só não vai dar câncer no pulmão.

— Tem razão — concordou Isabel após um momento. Acho que um só não vai fazer mal. — Ela se sentou no peitoral da janela. Milly lhe deu um cigarro e ambas tragaram profundamente. Assim que inalou a fumaça, Milly sentiu-se relaxar.

— Eu estava precisando disso. — Em seguida, deu outra tragada e abanou a nuvem de fumaça, afastando-a na direção da janela. — Meu Deus, que fumaceira.

— O que eu não entendo — disse Isobel lentamente — é por que você não se divorciou.

— Nós estávamos sempre para fazer isso — explicou mordendo o lábio. — Allan ia resolver tudo. Eu cheguei até pegar uns papéis com o advogado dele, mas tudo acabou caindo no esquecimento e não se falou mais a respeito. Nem fui à justiça, nada.

— E você nunca procurou se informar a respeito?

Milly ficou em silêncio.

— Nem mesmo quando Simon pediu que se casasse com ele? — Isobel elevou o tom de voz. — Nem quando começou a planejar o casamento?

— Eu não fazia ideia de como agir! Allan saiu de Oxford, eu não sabia para onde ele tinha ido, perdi todos os documentos...

— Você poderia ter contratado um advogado, não é? Ou procurado uma orientação legal.

— Eu sei.

— Então, por que...

— Porque não tive coragem, está bem? Não tive coragem de complicar a situação — respondeu Milly, dando uma rápida baforada. — Eu sabia que havia feito algo arriscado. As pessoas poderiam começar a bisbilhotar; fazer perguntas. Eu Não podia correr esse risco!

— Mas Milly...

— Eu só não queria que ninguém soubesse. Nem uma pessoa sequer.

Enquanto ninguém sabia, eu me sentia... segura.

— Segura!

— É, segura! — repetiu Milly, defensivamente. — Ninguém no mundo sabia. Ninguém fazia perguntas, ninguém suspeitava de nada! — Ela olhou para a irmã. — Quer dizer, *you* suspeitava de alguma coisa?

— Acho que não — respondeu Isobel, com relutância.

— Claro que não. Ninguém jamais suspeitou. — Milly deu outra tragada com a mão trêmula. — E quanto mais o tempo passava, mais parecia que isso nunca tinha acontecido. Alguns anos se passaram, tudo permaneceu em segredo e, aos poucos, isso simplesmente... deixou de existir.

— Como "deixou de existir"? — repetiu Isabel, impaciente. — Milly, você se casou! E não pode fingir que isso não aconteceu.

— Tudo se resumiu a três minutos em um cartório. Uma simples assinatura, há dez anos, perdida em algum documento que ninguém nunca mais vera. Isso não é casamento, Isobel. É pó. É nada!

— E quando Simon a pediu em casamento?

Milly ficou em silêncio por um momento.

— Pensei em contar a ele — respondeu, finalmente. — Eu juro. Mas acabei chegando à conclusão de que não valia à pena. É algo que não tem nada a ver conosco. Só iria complicar tudo. Ele não precisava saber.

— E o que você pretende fazer? — perguntou Isabel, incrédula. — Cometer *bigamia*?

— Não foi um casamento propriamente dito. — Milly desviou o olhar. — Então não conta.

— Como assim? É claro que conta! Meu Deus, como você pode ser tão idiota? Às vezes não dá nem para acreditar!

— Ah, cala a boca, Isabel! — gritou Milly, furiosa.

— Tudo bem. Vou calar a boca.

— Isso mesmo.

Houve um momento de silêncio. O cigarro de Milly chegou ao fim e ela o apagou no peitoril da janela.

— Não vai fumar o seu? — perguntou ela, sem olhar Isabel.

— Não quero mais. Pode ficar.

— Está bem. — Milly pegou o cigarro e voltou os olhos para a irmã, que parecia distraída.

— Está tudo bem com você? Mamãe tem razão, não parece nada bem.

— Eu estou ótima — retrucou Isabel imediatamente.

— Você não está com problemas de anorexia, está?

— Não! — Isabel sorriu. — Claro que não.

— Bem, você perdeu peso...

— Você também.

— É mesmo? — perguntou Milly, ajeitando a roupa. — Provavelmente por causa de toda essa tensão.

— Bem, então procure relaxar — disse Isabel, com firmeza. — Está bem? É inútil. — Ela dobrou os joelhos e os abraçou. — Se nos pudéssemos descobrir até que ponto o seu divórcio chegou...

— Não chegou a ponto nenhum — afirmou Milly, desesperada. — Eu já disse, eu não compareci diante de um juiz.

— E daí? Não é preciso fazer isso para se obter um divórcio.

— É, sim.

— Não é, não.

— É, sim! Eu vi em *Kramer versus Kramer*.

— Pelo amor de Deus, Milly! Será que você não sabe nada? Aquilo foi uma disputa pela custódia de um filho. — Milly pareceu refletir por um momento. — Se for só o divórcio, o advogado vai no lugar do cônjuge.

— Que advogado? Eu não tinha advogado.

Milly deu uma última tragada no cigarro e o apagou. Isabel estava em silêncio, perplexa. De repente, ergueu os olhos.

— Bem, talvez não tenha sido preciso. Allan deve ter realizado todo o processo sozinho.

— Está falando sério?

— Não sei. É possível.

— Então, eu posso estar divorciada?

— Teoricamente, sim.

— Como posso descobrir? — perguntou Milly, agitada. — Por que nunca fiquei sabendo? Será que existe algum registro de divórcios em algum lugar? Ah, meu Deus, se eu descobrisse que estou mesmo divorciada...

— Com certeza existe um registro — disse Isobel. — Mas há um modo mais rápido de se descobrir.

— Qual?

— Faça o que você deveria ter feito ha muitos anos. Ligue para seu marido.

— Não posso — retrucou Milly, imediatamente. — Não sei onde ele está.

— Encontre-o!

— Não posso.

— É claro que pode!

— Nem sei por onde começar! E, além disso... — Milly parou de falar e desviou o olhar.

— Além disso, o quê? — Milly acendeu outro cigarro com as mãos trêmulas. — O quê? — repetiu Isobel, impaciente.

— Não quero falar com ele, está bem?

— Por que não? — Isobel fitou o rosto abatido da irmã. — Por que não, Milly?

— Porque você está certa — assentiu ela com os olhos cheios de lágrimas. — Você está certa, Isobel! Aqueles nunca foram meus amigos. Eles só me usaram. Aproveitaram-se de mim para o que precisavam. Todos esses anos acreditei que eles fossem meus amigos. Eles se amavam tanto, e eu quis ajudá-los...

— Milly...

— Eu escrevi para eles quando voltei — disse Milly, fitando o vazio. — Allan costumava responder. Sempre planejei voltar um dia e fazer uma surpresa. Até que, aos poucos, perdemos contato. Mas eu ainda os considerava meus amigos. — Ela olhou para Isobel. — Você não faz idéia de como as coisas aconteceram em Oxford. Foi como um romance rápido entre nós três. Fazíamos passeios de chalana, piqueniques, conversávamos a noite inteira... — Ela parou. — E provavelmente eles riam de mim o tempo todo.

— Não — disse Isobel. — Tenho certeza de que não.

— Eles me viram chegar. — A voz de Milly estava cheia de amargura. — Uma tola ingênua que faria qualquer coisa que eles pedissem.

— Esqueça isso — disse Isobel, abraçando Milly. — Foi há dez anos. Já passou. Ponto final. Você tem que olhar para frente, tem que descobrir se houve o divórcio.

— Não posso. Não posso falar com ele. Ele vai... rir de mim.

— Você vai ter que fazer isso. — Isobel suspirou.

— Mas eu não sei onde ele está — retrucou Milly, desesperada. — Ele simplesmente sumiu!

— Milly, estamos na era da informação. Não há como uma pessoa desaparecer. — Ela tirou uma caneta do bolso e rasgou um pedaço do papelão de uma das caixas de presente. — Vamos lá — disse em tom animado. — Preciso que me diga onde ele morava, onde os pais dele moravam; Rupert, os pais de Rupert. E qualquer pessoa que eles conheciam.

UMA HORA DEPOIS, MILLY afastou o telefone do ouvido com ar de triunfo.

— Acho que consegui! — exclamou. — Eles vão me dar um número!

— Aleluia! Vamos torcer para que seja o dele — disse Isobel, olhando para o índice do mapa rodoviário em seu colo.

Milly levava um tempo para se lembrar de que o pai de Rupert tinha sido diretor de uma escola em Cornwall, e mais alguns minutos para restringir o nome do vilarejo para algo que começasse com a letra T. Só então elas seguiram o índice, fazendo uso do auxílio a lista para encontrar o Dr. Carr.

— Pronto! — exclamou Milly, pousando o telefone e fitando a fileira de dígitos.

— Ótimo — disse Isobel. — Bem, comece a discar!

— Certo. — Milly respirou profundamente. — Vamos ver se é o numero certo.

"Eu devia ter feito isso antes", pensou, sentindo-se culpada ao pegar o telefone. "Eu poderia ter feito isso há muito tempo." Mas, mesmo enquanto discava, sentiu um desânimo doloroso. Não queria falar com Rupert. Não queria falar com Allan. Queria esquecer que aqueles safados, em algum momento, fizeram parte de sua vida; queria expulsá-los da memória.

— *Alô?* — Uma voz masculina atendeu e Milly teve sobressalto. — *Alô?* — repetiu o homem. Milly fechou o punho, cravando as unhas na palma da mão.

— É Dr. Carr? — perguntou ela, lentamente.

— Sim — respondeu ele, agradavelmente surpreso por tê-lo reconhecido.

— Ótimo. — Milly pigarreou e acrescentou: — Eu... poderia falar com Rupert, por favor?

— Ele não está. Você já tentou ligar para o número em Londres?

— Não — respondeu ela, espantada por agir de forma natural. Olhou para

Isobel, que fez um gesto com a cabeça estimulando-a a prosseguir. — Eu sou uma amiga da faculdade. Só queria retomar o contato.

— Ah, sim. Bem, ele está em Londres, em Lincoln's trabalhando como advogado. Mas eu posso dar o telefone da casa dele.

Ao escrever o numero, Milly ficou espantada. Fora tão simples. Durante anos, ela considerara Rupert e Allan pessoas fora de sua vida para sempre, figuras nebulosas que

poderiam estar em qualquer parte do mundo e que ela nunca mais veria. No entanto, aqui estava ela, falando como pai de Rupert, a apenas um telefonema do antigo amigo de faculdade.

Em alguns minutos, ela ouviria a voz dele. Ah, meu Deus!

— Nos chegamos a nos conhecer? — perguntou o pai de Rupert. — Você estudou na Corpus Christ?

— Não — respondeu Milly apressadamente. — Desculpe, preciso desligar. Muito obrigada.

Ela desligou e, por alguns segundos, fitou o aparelho.

Respirou profundamente, tirou o fone do gancho e, antes que pudesse mudar de ideia, discou o numero de Rupert.

— *Alô?* — Uma educada voz feminina atendeu.

— Oi — disse Milly, antes de se render ao impulso de desistir. — Eu poderia falar com Rupert, por favor? É muito importante.

— Claro. Quem está falando?

— É Milly. Milly, de Oxford.

Enquanto aguardava, Milly torcia o fio, tentando manter a respiração normal. Ela não se atrevia a olhar para Isobel, pois poderia entrar em pânico.

Dez anos era muito tempo.

Como Rupert estaria agora? O que ele diria? Ela podia ouvir uma música ao fundo, e o imaginou deitado no chão, fumando maconha e ouvindo jazz. Ou sentado numa velha cadeira aveludada, jogando cartas e bebendo uísque.

Talvez jogando cartas com Allan. Milly sentiu um súbito terror.

A qualquer momento, Allan poderia estar na linha.

De repente, a garota voltou ao telefone.

— Desculpe, mas Rupert está ocupado no momento. Quer deixar recado?

— Não é necessário — respondeu Milly. — Será que ele poderia ligar para mim depois?

— Claro.

— O numero é 89406, em Bath.

— Anotei.

— Ótimo — disse Milly. Ela olhou para os rabiscos no bloco de anotações com imenso alívio. Deveria ter feito isso há anos; fora bem mais fácil do que pensava.— Você divide o apartamento com Rupert? — acrescentou, alongando a conversa.— Ou é só uma amiga?

— Nenhum dos dois — respondeu a garota, surpresa com a pergunta. — Sou a esposa dele.

CAPÍTULO

SEIS

Rupert Carr estava apavorado, sentado próximo à lareira em sua casa em Fulham. Quando Francesca desligou o telefone, ela olhou para ele, curiosa, e Rupert sentiu o coração disparar. O que Milly teria dito a esposa? O que exatamente ela teria dito?

— Quem é Milly? — perguntou Francesca, antes de beber um gole de vinho. — Por que você não quer falar com ela?

— É apenas uma garota es-esquisita que eu conheci há muito tempo — respondeu Rupert, irritado consigo mesmo por gaguejar. Ele tentou parecer tranquilo, mas seus lábios tremiam e seu rosto estava vermelho de pânico. — Não tenho ideia do que ela quer. Vou ligar para ela amanhã do escritório. — Ele se esforçou para levantar os olhos e encarar a esposa. — Mas agora quero revisar minha leitura.

— Tudo bem — disse ela, sorrindo. Em seguida, sentou-se ao lado dele, no sofá da marca Colefax & Fowler, que fora presente de casamento de um dos tios ricos dela. Diante dele havia outro sofá, que combinava com o primeiro e que foi comprado por eles, no qual Charlie e Sue Smith-Halliwell, seus amigos, estavam sentados. Os quatro saboreavam um vinho antes de irem para a celebração noturna em St. Catherine, na qual Rupert leria um trecho bíblico. Ele tentava evitar os olhares e fitava sua Bíblia, mas as letras flutuavam diante de seus olhos; seus dedos suavemente em contato com a folha do livro.

— Desculpe, Charlie — disse Francesca. Ela se virou e abaixou o volume do rádio, que tocava a soprano Kiri te Kanawa. — O que você estava dizendo?

— Nada muito profundo — respondeu ele e riu. — Eu só acho que depende de pessoas como nós — acrescentou, apontando para todos os presentes — incentivar famílias jovens a frequentar a igreja.

— Em vez de passar as manhãs de domingo em lojas de móveis — completou Francesca, antes de franzir a testa. — É isso mesmo que elas fazem, dá para acreditar?

— Afinal — prosseguiu Charlie —, a família e a base da sociedade.

— A questão é que já não é mais! — exclamou Sue imediatamente, sugerindo que o

argumento não era novo. — Família é coisa do passado! Agora só se vê mães solteiras e lésbicas...

— Você leu a respeito da nova versão gay do Novo Testamento? — interrompeu Francesca.
— Tenho que admitir que fiquei chocada.

— Tudo isso me deixa enojado — disse Charlie, segurando com força a taça de vinho. — Essas pessoas são aberrações.

— Sim, mas você não pode ignorá-las — lembrou Sue. Não se pode simplesmente desprezar uma parcela da sociedade. Por mais que ela esteja fora dos padrões e destoe do resto. O que você acha Rupert?

Ele sentiu um nó na garganta.

— Desculpe. Eu não estava prestando atenção.

— Ah, tudo bem — disse Sue. — Você quer se concentrar na leitura, não é? — Ela sorriu.
— Você vai se sair bem como sempre. E o mais engraçado é que você nunca gagueja quando esta lendo em público!

— Eu diria que você é um dos melhores leitores que temos, Rupert — disse Charlie, em tom encorajador. — Deve ser por causa de sua educação universitária. Nós não praticamos oratória em Sandhurst.

— Isso não é desculpa! — retrucou Sue. — Deus deu boca e cérebro a todo mundo, não é? Que trecho você vai usar?

— Mateus 26 — respondeu Rupert. — A negação de Pedro — Todos ficaram em silêncio por um momento.

— Pedro — repetiu Charlie com expressão séria. — Como seria estar no lugar dele?

— Quando me lembro de como eu quase perdi a fé completamente... — Francesca estremeceu.

— Sim, mas você nunca negou Jesus, não é? — perguntou Sue, segurando a mão da amiga.
— Mesmo no dia seguinte, quando a visitei no hospital.

— Eu estava com tanta raiva — disse Francesca. — E envergonhada. Era como se, de alguma maneira, eu não merecesse ter um filho. — Ela mordeu o lábio.

— Mas você merece - completou Charlie. — Vocês dois. E você terá um filho. Lembre-se, Deus esta ao seu lado.

— Eu sei. — Francesca olhou para Rupert. — Ele esta do nosso lado, não é, querido?

— Sim — respondeu Rupert, sentindo como se a palavra tivesse sido extraída de sua boca com uma navalha. — Deus está do nosso lado.

MAS DEUS NÃO ESTAVA do lado dele. Disso ele tinha plena consciência. Quando todos saíram e se dirigiram para a Igreja de St. Catherine, numa pequena praça em Chelsea, a dez minutos de distância, Rupert se viu andando lentamente, a ponto de quase ficar para trás. Queria ser ignorado, esquecido. Mas era impossível. Ninguém em St. Catherine passava despercebido. Qualquer um que se aventurasse a entrar por aqueles portões tornava-se

imediatamente parte da família. Os visitantes mais casuais recebiam as boas-vindas com entusiasmo e sorrisos, e todos faziam com que eles se sentissem importantes, amados e incentivados a voltar. A maioria retornava. Aqueles que não o faziam recebiam telefonemas animados e encorajadores: "Só queríamos saber se está tudo bem. Sabe como é, nós nos preocupamos com você. De verdade." Os céticos recebiam boas-vindas ainda mais efusivas do que os crentes. Eles eram estimulados a expressar suas dúvidas; quanto mais convincente fossem seus argumentos, mais amplos eram os sorrisos de todos em volta. Os membros de St. Catherine sorriam muito. Exibiam sua felicidade claramente e mantinham uma aura brilhante de convicção.

Fora essa certeza que atraía Rupert. Em seu primeiro ano no escritório de advocacia, atormentado por dúvidas em relação a si mesmo, ele acabou conhecendo Tom Innes, também advogado. Tom era simpático, extrovertido e tinha uma vida social tranquila que girava em torno da Igreja de St. Catherine. Ele tinha resposta para todas as perguntas quando isso não acontecia, sabia onde buscá-las. Era o homem mais feliz que Rupert já havia conhecido. E ele, que na época achava que nunca mais seria feliz novamente, converteu-se, com uma ânsia quase desesperada a vida do amigo ao cristianismo e ao matrimônio. Agora, sua vida era comum e tinha significado, algo que ele apreciava. Estava casado com Francesca há três felizes anos; sua casa era confortável e sua carreira ia bem.

Ninguém sabia sobre seu passado. Ninguém sabia sobre Allan. Ele não contara a ninguém. Nem a Francesca, nem Tom, nem ao vigário. Nem mesmo a Deus.

QUANDO CHEGARAM À IGREJA, Tom os esperava na porta. Assim como Rupert e Charlie, ele estava usando roupas de trabalho: terno bem-cortado, camisa Thomas Pink e gravata de seda. Todos os homens em St. Catherine usavam o mesmo tipo de roupa, o mesmo corte de cabelo e os mesmos e pesados anéis de brasão de ouro. Nos fins de semana, usavam calças chino e camisas Ralph Lauren casuais, ou paletós esportivos de tweed.

— Rupert! Que bom ver você. Pronto para a leitura?

— Com certeza! — disse Rupert.

— Ótimo. — Tom deu um sorriso e Rupert sentiu um frio na espinha, a mesma sensação que experimentara ao conhecê-lo. — Gostaria que você fizesse uma reflexão no próximo grupo de estudos bíblicos lá no escritório.

— Tudo bem. E qual será o tema?

— Falaremos sobre isso depois. — Tom sorriu mais uma vez e se afastou; Rupert sentiu-se ridiculamente decepcionado.

A sua frente, Francesca e Sue cumprimentavam algumas amigas com abraços calorosos, e Charlie apertava vigorosamente a mão de um amigo de escola. Para onde quer que ele olhasse, via uma multidão de pessoas bem-vestidas.

— Eu apenas pedi a Jesus — disse uma voz atrás dele. — No dia seguinte acordei com a resposta totalmente formada na cabeça. Então liguei para o cliente e disse...

— Será que essas pessoas não conseguem se controlar? — Indagava-se Francesca em tom

veemente e com os olhos brilhando. — Todas essas mães solteiras, sem meios de se sustentar...

— Mas pense nas condições em que elas vivem — argumentou uma mulher loura, vestida com uma jaqueta Armani. Ela lançou um sorriso caridoso a Francesca. — Elas precisam do nosso apoio e orientação. E não de críticas.

— Eu sei — murmurou Francesca. — Mas é muito difícil. — Inconscientemente, ela acariciou sua barriga plana, e Rupert foi tomado por

uma onda de compaixão. Ele se inclinou para frente e beijou o pescoço da esposa.

— Não se preocupe — sussurrou no ouvido dela. — Nós vamos ter um bebê. Você vai ver.

— Mas, e se Deus não quiser que eu tenha um bebê? — Ela se virou e encarou o marido. — E então?

— Ele quer — respondeu Rupert, tentando parecer seguro de si. — Tenho certeza de que ele quer.

Francesca suspirou, virou-se novamente, e Rupert sentiu uma onda de pânico. Ele não sabia as respostas. Como poderia saber? Ele era um cristão convertido a menos tempo do que ela, estava menos familiarizado com a Bíblia, tinha uma posição inferior, e até seu salário era menor que o dela. No entanto, ela sempre acatava sua opinião. Ela insistira na promessa de obedecer-lhe e sempre pedia a orientação dele sobre qualquer coisa.

Aos poucos, a multidão começou a se dispersar e a ocupar os bancos. Alguns se ajoelhavam, outros se sentavam com semblantes esperançosos, e alguns ainda conversavam. Muitos tinham nas mãos notas novinhas, prontas para o momento da coleta. O montante de dinheiro gerado na St. Catherine em cada culto era aproximadamente o mesmo do em um ano inteiro na pequena igreja Cornish, que frequentava quando menino. Aqui, a congregação se permitia doar de forma extravagante, sem que isso afetasse seu estilo de vida; eles dirigiam carros caros, saboreavam boa comida e viajavam para o exterior. Eram o público-alvo dos sonhos dos anunciantes, pensou Rupert. Se a igreja apenas vendesse o espaço disponível nas paredes, faria uma fortuna. Um sorriso forçado se abriu em seu rosto ao se dar conta de que esse era o tipo de comentário que Allan teria feito.

— Rupert! — A voz de Tom interrompeu seus pensamentos. — Venha se sentar aqui na frente.

— Claro. — Rupert sentou-se na cadeira reservada para ele e ficou de frente para a congregação. Rostos conhecidos o fitavam e havia alguns sorrisos amistosos. Ele tentou sorrir também, mas se sentia o centro das atenções diante dos olhares atentos de quinhentos cristãos. O que eles viam? O que achavam dele? De repente, viu-se tomado por um pânico quase infantil. "Todos pensam que sou como eles", pensou. "Mas não sou. Sou diferente."

A música começou a tocar e todos se levantaram. Rupert também se levantou e olhou obedientemente para a folha de papel amarela. A melodia do cântico era animada; a letra era alegre e inspiradora. Mas ele não se sentia animado, e sim, envenenado. Não conseguia cantar, não conseguia libertar os pensamentos do círculo vicioso. "Todos acham que sou como eles",

continuou pensando. "Mas não sou. Sou diferente."

Ele sempre fora diferente. Quando criança, em Cornwall, fora rejeitado pelos colegas antes de ter uma chance de se enturmar, pois era o filho do diretor da escola. Enquanto os pais de outros meninos dirigiam tratores e bebiam cerveja, o seu ensinava poesia grega e punia seus colegas. O Sr. Carr tinha sido um diretor querido, o mais estimado que a escola tivera, mas isso não ajudava Rupert, que tinha natureza acadêmica e era péssimo em atividades esportivas, além de ser muito tímido. Os garotos o ridicularizavam, e as garotas o ignoravam. Aos poucos, Rupert desenvolveu gagueira e preferiu ficar isolado.

Então, por volta dos 13 anos, suas características infantis deram lugar a uma ótima aparência, e as coisas tornaram-se ainda piores. As garotas passaram a persegui-lo, dando risadinhas e passando cantadas; os garotos o olhavam com inveja. Presumia-se, devido a sua beleza, que ele era capaz de dormir com quem quisesse, o que, de fato, ele fazia. Quase todo sábado à noite, Rupert levava uma ou outra garota ao cinema, sentava-se nos fundos e a abraçava, para que todos pudessem ver. Na segunda-feira, via-se a menina rindo com as amigas e fazendo insinuações. Sua reputação não parava de crescer. Para surpresa de Rupert, nenhuma delas jamais revelou que sua coragem sexual ia até o beijo de boa-noite. Ao completar 18 anos, ele já havia saído com todas as garotas da escola e permanecia virgem.

Ele achava que em Oxford as coisas seriam diferentes. Imaginava que se adequaria, que encontraria outro tipo de mulher, que tudo se encaixaria. Ele chegara bronzeado e em forma depois de um verão na praia, e imediatamente chamou atenção. Havia sempre um bando de garotas atrás dele; todas inteligentes e encantadoras, o tipo que ele sempre desejara.

Só que, agora que ele as tinha a sua disposição, não as queria mais. Não desejava as moças que conhecia, todas de testa alta, jogando os cabelos de um lado para o outro, com ar de intelectual. Em Oxford, eram os rapazes que o fascinavam. Os homens. Ele os observava discretamente nas aulas, nas ruas, e ficava perto deles nos bares. Estudantes de direito afetados, trajando coletes; estudantes franceses de cabelo bem curto, usando Doc Martens, típico da contracultura; membros do grupo de teatro reunidos no bar após uma apresentação, usando maquiagem e beijando, de brincadeira, um ao outro nos lábios.

Às vezes, um deles notava o olhar de Rupert e o convidava a se juntar ao grupo. Chegou a receber cantadas abertamente. Mas sempre recuava, apavorado. Ele não podia sentir atração por aqueles rapazes. Não podia ser gay. Simplesmente não podia.

No final do seu primeiro ano em Oxford, ele permanecia virgem e mais solitário do que nunca. Não pertencia a nenhum grupo, não tinha namorada, nem namorado. Como era muito bonito, o pessoal da faculdade interpretava sua timidez como indiferença. Atribuíram a ele uma autoconfiança e arrogância que de fato não tinha; imaginavam que sua vida social acontecia fora do ambiente da faculdade; então, mantinham-no isolado. No final do semestre, ele passava a maior parte das noites bebendo uísque, sozinho, no quarto.

Nessa época Rupert foi encaminhado para uma aula particular com Allan Kepinski, um pesquisador-assistente americano, na Keble College. O tema era *Paraíso perdido*. O debate sobre o assunto se tornou cada vez mais acalorado, conforme a tarde caía. No final da aula,

Rupert estava ruborizado, completamente envolvido pela discussão e pelo clima intenso entre eles. Allan aproximara-se da ponta da cadeira, ficando mais perto do aluno, seus rostos quase se tocando.

Em silêncio, Allan se inclinou um pouco mais e roçou seus lábios nos de Rupert, que sentiu o corpo arder de desejo. Fechou os olhos, torcendo para que Allan o beijasse novamente, chegasse mais perto. Então, suavemente, o professor o abraçou e o jogou sobre o tapete, para uma nova vida.

Mais tarde, Allan explicou a Rupert o risco que correria por ter dado o primeiro passo.

— Eu poderia ter ido parar na cadeia — dissera com sua voz rouca, enquanto acariciava os cabelos despenteados do jovem. — Ou pelo menos ter sido mandado de volta para casa, no primeiro avião. Tentar seduzir os alunos não é algo muito ético.

— Foda-se a ética — dissera Rupert, deitando-se de costas. Sentia-se resplandecente de alívio, de libertação. — Nossa, eu me sinto tão vivo. Eu não podia imaginar... — Não terminou a frase.

— Não — dissera Allan, achando graça. — Eu sei.

Aquele verão permaneceu gravado na memória de Rupert como um tempo de emoções perfeitas. Subordinou-se inteiramente a Allan e passou as férias na companhia dele. Almoçava e jantava com ele, dormia com ele. Acima de tudo, amava-o e respeitava-o. Nada, nem ninguém, parecia importar ou sequer existir.

Milly não despertara seu interesse, nem de longe, mas Allan se sentira atraído. Ele a achava ingenuamente encantadora, divertia-se com sua conversa tola e inocente. Mas para Rupert, ela não passava de mais uma garota boba, superficial, uma perda de tempo, de espaço, uma concorrente à atenção de Allan.

— Rupert? — A mulher ao lado dele o cutucou, e ele percebeu que o cântico havia acabado. Sentou-se rapidamente e tentou organizar seus pensamentos.

Mas a lembrança de Milly o perturbava. Não conseguiu pensar em mais nada. Ela se identificara como "Milly, de Oxford". Um espasmo, misto de medo e raiva, o atingiu quando se recordou da esposa pronunciando o nome dela. Em que ela estaria pensando ao ligar para ele depois de anos? Como teria descoberto seu telefone? Será que ela percebia que tudo havia mudado? Que ele não era gay? Tudo não passara de um terrível engano?

— Rupert! É a sua vez! — A mulher ao seu lado sibilou bruscamente, e ele voltou a se concentrar na cerimônia. Cuidadosamente, abaixou a folha de papel amarela, apanhou Bíblia e levantou-se. Depois, andou lentamente até o púlpito, colocou o livro sobre o apoio e enfrentou o público.

— Eu vou ler o Evangelho de Mateus — disse. — O tema é negação. Como podemos viver em paz se negamos aquele a quem realmente amamos?

Com as mãos trêmulas, abriu a Bíblia e respirou profundamente. "Estou lendo isso para Deus", disse a si mesmo, "como fazem todos os leitores em St. Catherine. Estou lendo isso para Jesus." A imagem de um rosto sério e traído encheu sua mente, e ele sentiu um sentimento

de culpa familiar. Mas o que via não era o rosto de Jesus. Era o rosto de Allan.

CAPÍTULO

SETE

Na manhã seguinte, Milly e Isobel esperaram um grupo de quatro hóspedes se dirigir até a cozinha e saíram, antes que Olivia pudesse perguntar aonde elas iam.

— Certo — disse Isobel assim que se aproximaram do carro. — Acho que tem um expresso para Londres às oito e meia. Você não pode perdê-lo.

— E se ele disser alguma coisa? — perguntou Milly, olhando para a janela do quarto de Alexander. Seus lábios começavam a tremer no ar frio da manhã. — E se ele disser algo a Simon enquanto eu estiver fora?

— Ele não vai falar nada — assegurou Isobel, com firmeza. — Simon vai passar a manhã inteira trabalhando, não é? Alexander nem sequer irá vê-lo. E quando ele sair do escritório, você já vai ter descoberto o que aconteceu. — Ela abriu a porta do carro. — Vamos.

— Não consegui dormir — disse Milly quando a irmã deu partida no carro. — Estava tão tensa. — Ela enrolou uma mecha de cabelo no dedo, soltando-a em seguida. — Durante dez anos pensei que fosse casada. E agora... talvez não seja!

— Milly, você não tem certeza — lembrou Isobel.

— Eu sei. Mas faz sentido, não faz? Por que Allan daria início aos tramites do divórcio e não iria até o fim? É lógico que ele teria ido até o fim.

— Talvez.

— Não seja tão pessimista, Isobel! Foi você mesma quem disse...

— Eu sei. E realmente espero que você esteja divorciada. — Ela olhou para a irmã. — Mas não acho que devemos comemorar antes de ter certeza.

— Não estou comemorando. Pelo menos não ainda. Estou somente... esperançosa.

Elas pararam em um sinal e observaram uma fileira de crianças, todas vestidas com parcas vermelhas iguais, atravessarem a rua.

— É claro que, se o seu encantador amigo Rupert tivesse se dado ao trabalho de telefonar, a esta altura você já poderia ter entrado em contato com Allan — prosseguiu Isobel. — Você

já saberia.

— É mesmo. Safado. Como pode *me ignorar* assim? Ele deve saber que estou com algum problema. Por que eu telefonaria? — O tom de voz de Milly aumentou, incrédula. — Como alguém pode ser tão egoísta?

— A maioria das pessoas é egoísta — afirmou Isobel. — Eu sei do que estou falando.

— E como ele de repente arranhou uma esposa?

Isobel deu de ombros.

— Aí está à resposta. Foi por isso que ele não retornou a ligação.

Milly passou a palma da mão pela janela embaçada do carro e olhou para a rua. Nas calçadas, pessoas seguiam apressadas para o trabalho, transformando a neve da manhã em lama e observando os cartazes berrantes em que se lia liquidação nas lojas fechadas.

— Então, o que você vai fazer? — perguntou Isobel repentinamente. — Se descobrir que está divorciada?

— Como assim?

— Vai contar tudo ao Simon?

Milly permaneceu em silêncio por um momento.

— Não sei — respondeu lentamente. — Talvez não seja necessário.

— Mas Milly...

— Eu sei que deveria ter contado a ele — interrompeu Milly. — Poderia ter feito isso há vários meses e resolvido tudo. — Ela fez uma pausa. — Mas não contei. E agora não posso fazer mais nada. É tarde demais.

— E daí? Você pode contar agora.

— Mas agora é diferente! O Casamento é daqui a três dias. Já está tudo pronto. Por que estragar tudo com... isso?

Isobel ficou em silêncio e Milly virou a cabeça para a janela defensivamente.

— Pelo jeito, você acha que eu deveria contar tudo de qualquer maneira. Pelo jeito, você acha que não se pode ter segredos para alguém que se ama.

— Não — retrucou Isobel. — Na verdade, não acho nada disso. — Surpresa, Milly olhou para a irmã, que desviou o olhar, as mãos agarrando o volante com força. — Você pode perfeitamente amar alguém e guardar um segredo.

— Mas...

— Se for algo que incomodaria o outro desnecessariamente. Algo que a pessoa não precisa saber. — A voz de Isobel tornou-se ligeiramente áspera. — Há segredos que precisam ser guardados.

— Que tipo de segredo? — Milly fitou Isobel. — Do você esta falando?

— Nada.

— Você tem um segredo?

Isobel permaneceu em silêncio. Durante alguns minutos, Milly encarou a irmã, examinando seu rosto, tentando compreender sua expressão. De repente, ela percebeu. Uma terrível descoberta.

— Você está doente, não é? Ah, meu Deus, agora tudo faz sentido. Por isso você está tão pálida. Você tem algo e não quer nos contar! — Milly elevou o tom de voz. — Você prefere esconder de todo mundo! Até quando? Até morrer?

— Milly! Eu não vou morrer. Não estou doente.

— Bem, qual é seu segredo, então?

— Eu nunca disse que tinha um. Eu estava falando teoricamente. — Isobel entrou no estacionamento da estação. — Chegamos. — Em seguida, abriu a porta do carro e, sem olhar para a irmã, saltou.

Com relutância, Milly a seguiu. Assim que chegaram ao saguão da estação, um trem partiu de uma das plataformas e um grupo de passageiros que havia acabado de chegar circulava por ali. Pessoas despreocupadas, felizes, com suas sacolas e acenando para amigos. Pessoas para quem a palavra "casamento" significava felicidade e celebração.

— Ah, meu Deus — disse Milly, alcançando Isobel. — Não quero ir. Não quero descobrir nada. Só quero esquecer tudo isso.

— Você tem que ir. Não tem escolha. — De repente, o rosto de Isobel se tornou muito pálido. — Compre a passagem, eu volto logo — disse ela, ofegante. E para surpresa de Milly, ela começou a correr em direção ao banheiro feminino. Observou-a por um momento e, logo, se virou.

— Uma passagem para Londres, ida e volta para hoje, por favor — pediu à atendente. O que havia de errado com Isobel? Ela não estava doente, mas também não estava normal. Não podia estar grávida; afinal, nem tinha namorado.

— Pronto. — Isobel reapareceu ao seu lado. — Comprou a passagem?

— Você está grávida! — sibilou Milly. — Não é?

Isobel deu um passo para trás, como se tivesse levado um tapa no rosto.

— Não.

— Está sim. É óbvio!

— O trem sai dentro de um minuto — informou Isobel, olhando para o relógio. — Você vai acabar perdendo o horário.

— Você está grávida e não me contou! Caramba, você deveria ter me contado. Eu vou ser tia!

— Não — retrucou Isobel, tensa. — Não vai não.

Milly fitou-a atônita. Então, com um susto, ela entendeu o que a irmã quis dizer.

— Não! Você não pode fazer isso! Não pode! Você não está falando sério.

— Não sei. Não sei, está bem? — Isobel se aproximou de Milly, segurou suas mãos e deu alguns passos para trás, como um animal enjaulado.

— Isobel...

— Você tem que pegar o trem. Vá. — Ela fitou Milly com os olhos brilhantes. — Ande logo!

— Pegarei um trem mais tarde — sugeriu Milly.

— Não! Você não tem tempo. Vá agora!

Milly encarou a irmã por alguns segundos silenciosa. Jamais vira Isobel tão vulnerável; isso a deixou preocupada.

— Tudo bem — assentiu. — Eu vou.

— Boa sorte.

— Falaremos sobre... sobre isso, quando eu voltar.

— Talvez.

Quando, no portão de embarque, Milly se virou para dar adeus, Isobel já havia ido embora. ISOBEL CHEGOU EM CASA e encontrou Olivia esperando por ela na cozinha.

— Onde está Milly? — perguntou a mãe.

— Ela foi a Londres, mas volta ainda hoje.

— A Londres? Fazer o quê?

— Comprar um presente para Simon. — Isobel pegou uma lata de biscoito. Olivia fitou-a.

— Você está falando sério? Ela foi a Londres? Ela poderia muito bem comprar um bom presente para ele aqui, em Bath.

— Ela quis ir a Londres — disse Isobel, abrindo a lata. Algum problema?

— Claro — replicou Olivia, contrariada. — É lógico! Você sabe que dia é hoje?

— Sei — respondeu a filha, saboreando o biscoito. — Quinta-feira.

— Exatamente! Faltam só dois dias! Tenho mil coisas para fazer e Milly deveria estar me ajudando. Que falta de responsabilidade!

— Dê um tempo a ela. Milly já tem muito com que se preocupar.

— Eu também, querida! Tenho que fazer um pedido extra de folhetos da cerimônia e verificar o serviço de jantar. Para completar, a tenda acabou de chegar. Quem vai comigo conferir se está tudo certo?

Houve silêncio.

— Ah, céus — disse Isobel, enfiando outro biscoito na boca. — Tudo bem, eu vou.

SIMON E HARRY CAMINHAVAM ao longo da Parham Place, uma rua larga, elegante e cara. O local costumava ser movimentado a essa hora do dia, pois seus moradores — profissionais liberais, advogados e executivos dos mais altos escalões da indústria — estão saindo para o trabalho. Uma bela morena que entrava em um carro sorriu para Simon quando

eles passaram; alguns metros adiante, pedreiros sentados nos degraus de entrada de uma residência tomavam chá.

— Chegamos. — Harry parou em frente a uma escadaria de mármore que terminava em uma porta azul brilhante. — Está com as chaves?

Em silêncio, Simon subiu os degraus e colocou a chave na fechadura. Depois, entrou em um espaçoso hall e abriu outra porta, à esquerda.

— Entre — disse Harry.

Ao entrar no cômodo, Simon lembrou-se imediatamente do motivo pelo qual ele e Milly tinham adorado aquele apartamento. Era espaçoso, com paredes brancas, pé-direito alto e assoalho de madeira. Nada do que tinham visto se comparava a ele; e nada mais era tão proibitivamente caro.

— Então, gostou? — perguntou Harry.

— É maravilhoso — respondeu Simon, aproximando-se da lareira e passando a mão na superfície do console. — É maravilhoso. — Não conseguia dizer mais nada. O apartamento era mais do que maravilhoso; era lindo, perfeito. Milly iria adorar. Mas, ao olhar ao redor, tudo que sentiu foi uma tristeza ressentida.

— Pé-direito alto — observou Harry. Ele abriu um armário de lambril vazio, olhou o interior, e o fechou novamente. Ao se aproximar de uma janela, seus passos ecoaram no soalho. — Belas venezianas de madeira — acrescentou, apreciando-as com a mão.

— As venezianas são lindas — disse Simon. Tudo era lindo. Ele não conseguia encontrar uma falha.

— Requer uma mobília a altura. — Harry voltou-se para o filho. — Precisa de ajuda?

— Não, obrigado.

— Enfim, espero que tenha gostado. — Harry deu de ombros.

— É um belo apartamento. — Simon tinha um ar sério. Milly vai adorar.

— Ótimo. Onde ela está?

— Em Londres. Em uma missão misteriosa. Acho que foi comprar um presente para mim.

— Todos esses presentes — disse Harry em tom descontraído. — Você vai acabar ficando mal-acostumado.

— Vou trazê-la aqui está noite para dar uma olhada. Posso?

— O apartamento é seu. Faça o que quiser.

Eles saíram da sala principal e entraram em um corredor claro e amplo. O quarto maior, cujas portas imensas abriam-se para uma pequena sacada de ferro forjado, tinha vista para o jardim.

— Dois quartos parecem ser suficientes. — Harry tinha um leve tom de interrogação na voz. — Vocês não pensam em ter filhos imediatamente.

— Não. Há muito tempo para isso. Milly só tem 28 anos.

— Mesmo assim.. — Harry acionou o interruptor ao lado da porta e a lâmpada, pendurada no teto, acendeu. — Vai ser preciso colocar um lustre aqui. Ou qualquer outra coisa.

— É — concordou Simon. Ele olhou para o pai. — Por quê? Você acha que deveríamos ter filhos logo?

— Não — respondeu Harry em tom enfático. — De jeito nenhum.

— É mesmo? Mas você teve logo que se casou com mamãe.

— Pois é. Esse foi o nosso erro.

Simon estremeceu.

— Eu fui um erro, então? Fruto de um erro de vocês?

— Você sabe que não foi isso o que eu quis dizer — retrucou Harry, irritado. — Pare de ser tão sensível.

— O que você esperava? Você está afirmando que eu não fui desejado.

— Claro que foi desejado! — Harry fez uma pausa. — Só que não naquele momento.

— Bem, desculpe ter estragado as coisas — disse Simon, furioso. — Mas eu não tive escolha quando nasci, não é? Não dependia de mim.

Harry recuou.

— Escute, Simon. O que eu quis dizer é que...

— Eu sei muito bem o que você quis dizer! — vociferou o filho, dirigindo-se a janela. Ele olhou para o jardim coberto de neve, tentando se manter sob controle. — Eu fui um estorvo, não é? Ainda sou.

— Simon...

— Muito bem. Ouça, pai. Não vou mais ser um estorvo para você, está bem? — Ele se virou com o rosto tenso. — Agradeço muito, mas pode ficar com seu apartamento. Milly e eu daremos o nosso jeito. — Ele jogou as chaves no chão brilhante e seguiu rapidamente em direção à porta.

— Simon! — gritou Harry exasperado. — Não seja idiota.

— Peço desculpas por ter importunado você todos esses anos — disse Simon ao chegar à porta. — Mas sábado estou indo embora. Você nunca mais terá que me ver novamente. Talvez isso seja um alívio para nós dois.

E saiu batendo a porta, deixando Harry sozinho, fitando as chaves que brilhavam sob o sol de inverno.

O CARTÓRIO ERA GRANDE, claro e com carpete verde. Vários catálogos estavam enfileirados sobre modernas prateleiras de madeira de faia, divididas por nascimentos, casamentos e óbitos. A parte destinada a registros de casamentos era, de longe, a maior. Enquanto Milly, um tanto constrangida, andava lentamente em direção as prateleiras, algumas pessoas ao seu redor iam de um lado para outro, retirando e recolocando catálogos nas prateleiras, fazendo anotações em pedaços de papel e falando em voz baixa. Na parede, havia

um aviso em que se lia: NÓS PODEMOS AJUDÁ-LO A RASTREAR SUA ÁRVORE GENEALÓGICA. Duas senhoras de meia-idade olhavam atentamente um catálogo dos anos 1800. "Charles Forsyth!", exclamou uma delas. "Mas será que é o nosso Charles Forsyth?" Ninguém parecia se sentir culpado ou preocupado. Para todos os outros, pensou Milly esta devia ser uma prazerosa ocupação matinal.

Sem se atrever a encarar ninguém, ela se dirigiu a prateleira onde estavam os catálogos mais recentes e puxou um deles, tomando coragem para abri-lo. Por um momento, conseguiu encontrar o que procurava e sentiu-se tomada de uma esperança ridícula. Porém, de repente, as letras saltaram aos seus olhos: HAVILL, MELISSA G.-KEPINSKI. OXFORD.

Milly ficou com o coração apertado. Alimentara, involuntariamente, uma pequena esperança de que seu casamento com Allan não tivesse efeito legal. Porém, lá estava seu nome, datilografado para quem quisesse ver. Alguns minutos irrefletidos em um cartório em Oxford resultaram nesta duradoura evidência: um registro indelével que jamais desapareceria. Ela fitou a página por um longo tempo, até as palavras começarem a dançar diante de seus olhos.

— Você pode pedir uma certidão — informou uma voz alegre. Milly levou um susto e cobriu seu nome com a mão. Um jovem simpático, usando um crachá no peito, estava diante dela. — Nós fornecemos cópias de certidões de casamento. Você também pode mandar emoldurar. Fica um presente muito bonito.

— Não, obrigada — disse Milly. A ideia do presente quase a fez rir de maneira histérica. — Não, obrigada. — Ela olhou seu nome uma última vez e fechou o livro, como se tentasse esmagar o registro e destruí-lo. — Na realidade, eu estava procurando a lista de divórcios.

— Então você veio ao lugar errado — explicou o jovem, com um sorriso de desdém diante da ignorância dela. — Você tem que ir a Somerset House.

ERA A MAIOR TENDA que Isobel já tinha visto: um enorme cogumelo branco elevava-se magnificamente ao vento, tornando pequenos os carros e as peruas estacionados ao lado.

— Caramba! — exclamou. — Qual é o preço dessa coisa? Olivia estremeceu.

— Fale baixo, querida! Alguém pode ouvir.

— Eu tenho certeza de que todos sabem quanto custa — disse Isobel, olhando a pequena multidão de homens e mulheres que entravam e saíam da tenda. Todos pareciam apressados e com um único objetivo; muitos transportavam engradados, cabos ou pranchas de madeira.

— Lá adiante haverá uma passagem coberta que ligará a tenda aos fundos de Pinnacle Hall — disse Olivia, gesticulando. — E à chapeleira.

— Caramba. Parece um circo.

— Bem, nós chegamos a pensar em incluir um elefante — informou Olivia. Isobel arregalou os olhos.

— Um elefante?

— Para transportar o casal, no final da cerimônia.

— Eles não iriam muito longe em um elefante — observou Isobel, começando a rir.

— Mas, em vez disso, vai haver um helicóptero. Mas não diga nada a Milly. É surpresa.

— Uau! Um helicóptero!

— Já andou de helicóptero?

— Já. Algumas vezes. Para falar a verdade, achei meio irritante.

— Eu nunca andei. Nem uma vez. — Olivia deu um pequeno suspiro, e Isobel riu.

— Por que você não vai no lugar da Milly? Tenho certeza de que Simon não se incomodaria.

— Não seja boba — retrucou Olivia. — Venha, vamos olhar o interior.

Pisando cautelosamente no chão coberto de neve, elas foram em direção à tenda e levantaram uma aba do tecido.

— Caraca, parece ainda maior por dentro — observou Isobel. — As duas olharam em volta. Havia pessoas por todo o lugar, carregando cadeiras, instalando o sistema de calefação, a iluminação.

— Não é tão grande assim — disse Olivia em tom de incerteza. — Depois que as cadeiras e as mesas estiverem aqui dentro, ficará bastante aconchegante. — Ela fez uma pausa. — Talvez não exatamente aconchegante...

— Bem, eu tiro o chapéu para o Harry! — disse Isobel. — Isso é o máximo!

— Nós contribuímos também! — exclamou Olivia, indignada. — Mais do que você imagina. E de qualquer maneira, Harry pode se dar a esse luxo.

— Não duvido.

— Ele gosta muito da Milly, sabia?

— Eu sei. Nossa... — Ela olhou em volta da tenda e mordeu o lábio.

— O que foi? — perguntou Olivia, desconfiada.

— Ah, não sei. Toda essa preparação, todo esse gasto de dinheiro. Tudo para um dia apenas.

— O que há de errado nisso?

— Nada. Tenho certeza de que a festa será um sucesso.

Olivia fitou-a.

— Isobel, o que há com você? Você não está com inveja, não é?

— Talvez — admitiu Isobel.

— Você também poderia se casar, mas prefere ficar solteira.

— Nunca me pediram em casamento.

— Não tem nada haver!

— Acho que tem tudo haver. — E para seu espanto, Isobel sentiu lágrimas brotarem dos

olhos. Por que diabos estava chorando? Ela virou-se antes que sua mãe pudesse dizer mais alguma coisa e se afastou, em silêncio, para a outra extremidade da tenda. Distraída, Olivia apressou-se atrás dela.

— Aqui é onde vai ficar a comida — anunciou ela, empolgada. — E aqui ficarão os cisnes.

— Cisnes? — repetiu Isobel, virando-se.

— Cisnes feitos de gelo — explicou Olivia. — recheados de ostras.

— Não! — A risada de Isobel ressoou em toda a tenda. Quem teve essa ideia?

— Foi o Harry — respondeu Olivia, em tom defensivo. — Qual é o problema?

— Nada. É apenas a coisa mais brega que eu já vi.

— Foi o que eu disse — concordou Olivia, ansiosa. — Mas ele falou que achava casamento uma coisa tão brega que não adiantava tentar fazer algo de bom gosto. Então, a gente fez por menos!

— Ele vai estar falido assim que os convidados acabarem de se servir das ostras.

— Não, não vai! Pare de falar assim, Isobel.

— Tudo bem - assentiu Isobel, em tom apaziguador. — Sério, acho que vai ser um casamento maravilhoso. — Ela olhou em torno da enorme tenda e, pela centésima vez naquele dia, perguntou-se o que a irmã teria descoberto em Londres. — Será o momento mais feliz da vida de Milly.

— Ela não merece ter o momento mais feliz de sua vida, fugindo para Londres dessa maneira — resmungou Olivia. — Só faltam dois dias! Dois dias!

— Eu sei — disse Isobel, mordendo o lábio. — Eu sei. E acredite, Milly também sabe.

ASSIM QUE CHEGOU A Strand, o sol de inverno começou a brilhar e Milly sentiu-se otimista. Em alguns minutos, teria uma resposta; para o bem ou para o mal. De repente ela teve certeza de que sabia qual seria a resposta. A carga que a afligira nos últimos dez anos seria eliminada. Finalmente estaria livre.

Ela andou de modo descontraído, sentindo o cabelo esvoaçar com a brisa e o sol bater em seu rosto.

— Com licença — disse uma garota, tocando seu ombro. Milly se virou.

— Estamos procurando modelos de cabelo. Eu trabalho em um salão em Covent Garden.

— Ela sorriu. — Você estaria interessada?

Milly ficou envaidecida.

— Ah, desculpe — disse, com pesar — , mas vou estar muito ocupada nos próximos dias.

— Ela fez uma pausa e sorriu. — Vou me casar no sábado.

— É mesmo? Jura? Parabéns! Você será uma noiva linda.

— Obrigada. — Milly ficou ruborizada. — Desculpe, mas tenho que resolver umas coisas.

— Claro — disse a moça em tom compreensivo. — Eu sei como é! Aquelas coisinhas que a gente sempre deixa para a última hora!

— Exatamente — assentiu Milly, sem parar de andar. — Há sempre uns detalhes de última hora.

Quando entrou na Somerset House e encontrou o departamento que procurava, sentiu-se otimista. O homem responsável pelos decretos de divórcio era rechonchudo, alegre e tinha olhos brilhantes e um computador rápido.

— Você está com sorte — disse ele quando digitou os dados de Milly. — Todos os registros feitos a partir de 1981 estão no computador. Qualquer informação anterior a essa data esta em papel. — Ele deu uma piscadela. — Mas você devia ser um bebê nesse tempo! Agora, só precisa ter um pouco de paciência...

Milly retribuiu o sorriso. Já estava planejando o que faria quando recebesse a confirmação de seu divórcio: pegaria taxi até a loja da Harvey Nichols, iria direto para o quinto andar e tomaria uma enorme taça de champanhe. Depois telefonaria para Isobel. Em seguida...

Seus pensamentos foram interrompidos quando o computador emitiu um curto sinal sonoro. O homem perscrutou a tela e olhou para Milly.

— Nada — disse ele, surpreso. — Não há nada. Milly sentiu o estômago revirar.

— O quê? — perguntou incrédula. — Como assim?

— Não há registro de divórcio — disse o homem, digitando novamente. O computador emitiu o mesmo som, e ele fez uma careta. — Pelo menos nesse período e com esses nomes.

— Mas tem que haver — insistiu Milly. — Tem que haver...

— Tentei duas vezes — explicou o homem. Ele olhou para ela. — Tem certeza de que a grafia está correta?

Milly engoliu em seco.

— Acho que sim.

— E você tem certeza de que o peticionário solicitou decreto definitivo de divórcio?

Milly olhou para o homem, confusa. Não fazia ideia do que significava aquilo.

— Não. Não tenho certeza.

O homem fez um movimento com a cabeça, como um boneco de marionete.

— Seis semanas depois de a ordem provisória ser emitida, o peticionário tem que solicitar o decreto definitivo.

— Ah, entendi.

— Você recebeu a ordem provisória do divórcio, não recebeu?

Milly olhou para o homem com ar inexpressivo e viu que ele a observava com curiosidade. Sentiu-se apavorada.

— Sim — respondeu rapidamente, antes que ele pudesse perguntar algo mais. — Claro que sim. Foi tudo certinho. Eu vou... Eu vou verificar o que aconteceu.

— Se precisar de assistência jurídica...

— Não, obrigada — disse Milly, recuando. — Você foi muito gentil. Muito obrigada.

Ao se voltar para abrir a porta, ouviu uma voz atrás dela.

— Sra. Kepinski?

Ela se virou, totalmente pálida.

— Ou é Sra. Havill agora? — perguntou o homem, sorrindo. Ele saiu de trás do balcão. — Este folheto explica todo o procedimento.

— Obrigada — disse Milly, desesperada. — Vai ajudar bastante.

Ela lhe deu um sorriso enorme ao guardar o folheto e saiu da sala, assustada. Isobel estivera certa desde o início. Allan era um safado egoísta e inescrupuloso. E deixara Milly completamente em apuros.

ELA ATRAVESSOU A RUA e começou a andar as cegas, sem se dar conta de nada além das sementes de pânico que brotavam com voracidade em sua mente. Estava de volta ao ponto de partida, mas de alguma maneira sua posição parecia infinitamente pior agora; infinitamente mais precária. Lembrou-se do sorriso brilhante e malicioso de Alexander, como o de um abutre. E de Simon, que esperava por ela em Bath, completamente inocente. A simples ideia de que os dois estavam na mesma cidade a deixava em pânico. O que ela deveria fazer? O que poderia fazer?

O leteiro de um bar chamou sua atenção e, sem pensar ela entrou no estabelecimento. Foi direto para o balcão e pediu um gim-tônica. Quando acabou de beber, pediu outro e, em seguida, um terceiro. Pouco a pouco, à medida que o álcool entorpecia seus sentidos, a adrenalina que esmagava seu corpo começou a ceder, e suas pernas pararam de tremer. Nesse ambiente propício e inebriante ela era anônima; o mundo real estava distante. Conseguiu alienar-se de tudo exceto do sabor forte do gim, da sensação do álcool do seu estômago e do sal dos amendoins, dispostos em pequenos recipientes de metal.

Durante meia hora ela permaneceu absorta, sem prestar atenção no fluxo de pessoas que se aproximavam e se afastavam dela rapidamente. Mulheres lançavam-lhe olhares curiosos; homens tentavam chamar sua atenção. Ela ignorou todos. Algum tempo depois, quando começou a se sentir faminta e um pouco enjoada, pousou o copo na mesa, pegou sua bolsa e saiu do bar. Ao chegar à rua, parou cambaleante sem saber para onde ir. Era hora do almoço, e as ruas estavam repletas de pessoas que passavam apressadas, acenando para taxis, entrando em lojas, bares e lanchonetes. Ouviu o sino de uma igreja tocar a distância e sentiu lágrimas brotarem nos olhos. O que iria fazer? Não conseguia decidir.

Ela observou a multidão difusa e desejou de todo coração ser outra pessoa. Gostaria de ser aquela garota de aparência alegre, comendo um croissant; ou a senhora tranquila que entrava no ônibus; ou...

De repente, Milly estremeceu. Ela pestanejou algumas vezes, limpou as lágrimas e olhou novamente. Mas o rosto já havia desaparecido, engolido pela multidão em movimento. Apavorada, andou apressadamente, prestando atenção em todos a sua volta. Por um momento, só viu desconhecidos: moças usando casacos brilhantes e coloridos; homens de terno escuro;

advogados ainda com as perucas usadas no tribunal. Era difícil passar por tantas pessoas, e ela abria caminho com impaciência, dizendo a si mesma de forma quase frenética que devia estar enganada, que devia ter visto outra pessoa. Então, seu coração disparou. Lá estava ele novamente, do outro lado da rua, falando com outro homem. Parecia mais velho do que a imagem que guardara na memória, e mais gordo. Mas definitivamente era ele. Era Rupert.

Uma onda de ódio invadiu Milly quando ela o fitou. Quanta audácia passear tranquilamente pelas ruas de Londres, tão feliz e a vontade consigo mesmo! Quanta audácia ficar alheio a tudo o que ela estava passando! Sua vida era um caos por causa dele. Por causa dele e de Allan. E ele nem tinha consciência disso.

Com o coração saindo pela boca, ela começou a correr em direção ao homem, ignorando as buzinas furiosas dos táxis ao atravessar a rua e os olhares curiosos dos transeuntes. Em alguns minutos, o alcançaria. Andando com passos largos e a poucos metros de Rupert, ela fitou com ódio o cabelo louro dele e deu-lhe um forte cutucão nas costas.

— Rupert! Rupert! — chamou. Ele se virou e lançou-lhe um olhar amistoso, demonstrando não reconhecê-la.

— Desculpe. Por acaso...

— Sou eu — cortou Milly, concentrando-se em usar seu tom de voz mais frio e amargo. — Milly. De Oxford.

— O quê? — Rupert empalideceu e deu alguns passos para trás.

— Isso mesmo — insistiu Milly. — Sou eu. Acho que nunca imaginou que me veria novamente, não é, Rupert. Você pensou que eu tinha desaparecido da sua vida para sempre.

— Não seja boba! — disse Rupert em tom de brincadeira. Ele olhou nervoso para o amigo. — Como vão as coisas, afinal?

— As coisas — repetiu Milly — não poderiam estar piores, obrigada por perguntar. Ah, e obrigada por retornar minha ligação ontem. Estou profundamente agradecida.

— Não tive tempo — desculpou-se Rupert. Uma rápida faísca de ódio se acendeu nos olhos azuis dele, e Milly retribuiu o olhar. — Agora estou ocupado. — Ele olhou para amigo. — Vamos, Tom?

— Não se atreva! — vociferou Milly entre os dentes. Você não vai a lugar nenhum! Você vai me ouvir!

— Não tenho tempo...

— Bem, então arranje tempo! — gritou ela. — Minha vida está um caos, e tudo por sua culpa. Sua e daquele Allan Kepinski. Ah, meu Deus! Você tem noção do que vocês dois fizeram comigo? Tem noção do problema que estou enfrentando por causa de vocês?

— Rupert — disse Tom —, talvez você e Milly devam conversar.

— Não sei do que ela está falando — redarguiu Rupert furioso. — Esta mulher é louca.

— Esse é mais um bom motivo — observou Tom, calmamente. — Você está diante de uma alma realmente aflita. E talvez possa ajudar. — Ele sorriu para Milly. — Você conhece Rupert

há muito tempo?

— Sim — respondeu Milly de modo conciso. — Nos conhecemos em Oxford. Não é, Rupert?

— Ouça Rupert — disse Tom. — Eu posso fazer a reflexão bíblica no seu lugar. Assim vocês conversam com calma. — Ele lançou um sorriso a Milly.

— Quem sabe, em uma próxima oportunidade, você possa nos acompanhar?

— Claro — assentiu Milly, sem ter a mínima ideia do que ele falava. — Por que não?

— Prazer em conhecê-la, Milly. — Tom apertou a mão dela. — Espero vê-la na St. Catherine.

— É — disse Milly. — Espero que sim.

— Ótimo! Eu ligo para você mais tarde, Rupert — disse Tom, antes de se afastar e atravessar a rua.

Milly e Rupert se entreolharam.

— Sua vaca — sibilou Rupert. — Está tentando arruinar a minha vida?

— Arruinar a sua vida? — repetiu Milly, incrédula. — Arruinar a sua vida? Você tem noção do que fez comigo? Você me usou!

— Ninguém a forçou — retrucou Rupert bruscamente, começando a se afastar. — Se não concordava, deveria ter dito "não".

— Eu tinha 18 anos! Não sabia nada a respeito da vida! Não sabia que um dia iria querer me casar com outra pessoa, com alguém que eu realmente amasse...

— E daí? — perguntou Rupert, virando-se bruscamente de frente para ela. — Você pediu o divórcio, não foi?

— Não! — Milly soluçou. — Não pedi! Não sei onde Allan está! E meu Casamento é sábado!

— Bem, o que você espera que eu faça a respeito?

— Eu preciso encontrar Allan! Onde ele está?

— Não sei — respondeu Rupert, afastando-se novamente.

— Não posso ajudá-la. Agora me deixe em paz.

Milly o fitou com uma raiva que crescia como uma avalanche.

— Você não pode simplesmente virar as costas e ir embora! — gritou. — Você tem que me ajudar! — Ela começou a persegui-lo e ele apertou o passo. — Você tem que me ajudar Rupert! — Com um enorme esforço, ela agarrou o paletó dele, forçando-o a parar.

— Me solta! — esbravejou Rupert.

— Escute aqui — disse Milly, enfurecida, olhando nos olhos dele. — Eu fiz um favor a vocês, um imenso, enorme favor. E agora é sua vez de retribuir com outro bem mais simples. Você me deve isso.

Ela o fitou de modo inflexível, observando a mente dele trabalhar e sua expressão, aos poucos, se modificar. Por fim, ele suspirou e esfregou a testa.

— Tudo bem. Venha comigo. Vamos conversar.

CAPÍTULO

OITO

Eles foram a um antigo bar na Fleet Street, onde havia escadas sinuosas, muita madeira escura e pequenos reservados. Rupert comprou uma garrafa de vinho e duas porções de pão com queijo e levou-as até uma pequena mesa em um canto. Logo depois, sentou-se pesadamente, bebeu um gole de vinho e recostou-se na cadeira. Milly não tirava os olhos dele. Sua raiva cedera um pouco, e agora ela conseguia examiná-lo com calma. Percebeu que havia algo errado. Ele continuava bonito, ainda chamava atenção, mas seu rosto estava mais rosado e carnudo do que na época em que estudava em Oxford. A mão dele tremeu quando pousou o copo na mesa. Há dez anos, ela pensou, Rupert era um jovem belo e radiante. Agora parecia um homem de meia-idade. E quando ela olhou bem nos olhos dele, percebeu uma infelicidade sedimentada, permanente.

— Vou ter que ser breve — disse ele. — Estou muito ocupado. Então, o que exatamente você quer que eu faça?

— Você não parece bem, Rupert — observou Milly, francamente. — Você é feliz?

— Sou muito feliz. Obrigado. — Ele bebeu um enorme gole de vinho, praticamente esvaziando a taça, e Milly arqueou as sobrancelhas.

— Tem certeza?

— Milly, estamos aqui para falar de você — disse Rupert, impaciente. — Não de mim. Qual é o seu problema?

Milly olhou para ele por um momento, em seguida recostou-se na cadeira.

— O meu problema — começou ela devagar, como se analisasse a situação. — O meu problema é que vou me casar no sábado com um homem que amo muito. Minha mãe organizou o casamento mais grandioso do mundo; uma cerimônia linda, romântica e perfeita em cada detalhe, exceto em um. — Ela lançou-lhe um olhar afiado como um punhal. Ainda estou casada com seu amigo Allan Kepinski.

Rupert estremeceu.

— Não entendo. Por que você não pediu o divórcio?

— Pergunte a Allan! Ele é quem deveria ter feito isso.

— E não fez?

— Ele chegou a dar entrada no processo. Eu recebi alguns papéis pelo correio, assinei o canhoto e enviei de volta. Mas não soube de mais nada.

— E você nunca procurou se inteirar disso?

— Ninguém sabia de nada — explicou Milly. — Ninguém nunca perguntou nada. Não parecia ser importante.

— O fato de estar casada não parecia importante? — perguntou Rupert, incrédulo. Milly olhou para ele e percebeu sua expressão.

— Não comece a *me* responsabilizar! Isso não é culpa minha!

— Você deixa para correr atrás do seu divórcio apenas alguns dias antes do seu casamento e diz que a culpa não é sua?

— Não pensei que tivesse que correr atrás disso — retrucou Milly, furiosa. — Tudo estava indo bem. Ninguém sabia de nada! Ninguém suspeitava de nada!

— Então, o que aconteceu? — perguntou Rupert. Milly pegou a taça de vinho e a segurou com ambas as mãos.

— Agora há uma pessoa que sabe. Alguém nos viu em Oxford. E está ameaçando contar tudo.

— Entendi.

— Não se atreva a me olhar desse jeito — disse Milly, indignada. — Tudo bem, eu sei que devia ter feito algo. Mas Allan também. Ele disse que resolveria tudo e eu confiei nele! Confiei em vocês dois. Pensei que vocês fossem meus amigos.

— E éramos — disse Rupert, após uma pausa.

— Mentira! — gritou Milly, começando a enrubescer. — Vocês eram uma dupla de aproveitadores. Apenas me usaram para o que interessava a vocês e depois, assim que eu saí de Oxford, me esqueceram. Nunca escreveram, nem telefonaram. — Ela bateu com a taça na mesa. — Você recebeu minhas cartas?

— Sim — respondeu Rupert, passando a mão pelos cabelos. — Desculpe. Eu devia ter respondido. Mas... foi uma época difícil.

— Pelo menos Allan escreveu. Mas você não quis se dar ao trabalho, e eu continuei acreditando em vocês. — Ela balançou a cabeça. — Ah, Deus, como eu era tola.

— Éramos todos tolos — completou Rupert. — Olha, Milly, sei que não adianta nada, mas quero dizer que sinto muito. Do fundo do coração, eu preferia que nada daquilo tivesse acontecido. Jamais!

Milly o fitou. Ele movia os olhos rapidamente, e uma mecha de seu cabelo louro caía sobre a testa.

— Rupert, o que está acontecendo? Que história é essa de você estar casado?

— Estou casado — disse Rupert, dando de ombros. — Isso é tudo.

— Mas você era gay. E era apaixonado por Allan.

— Não era, não. Eu estava confuso. Estava... foi um erro.

— Mas vocês formavam um par perfeito!

— Não é verdade! — vociferou Rupert. — Estava tudo errado. Você não consegue aceitar isso?

— Bem, claro que consigo. — Mas é que vocês pareciam se dar tão bem. — Ela hesitou.

— Quando você se deu conta?

— Me dei conta de quê?

— De que era hétero?

— Olha, eu não quero falar sobre isso, está bem? — pediu Rupert. Ele pegou sua taça com a mão trêmula e bebeu um gole de vinho.

Milly recostou-se novamente na cadeira. Distraidamente, olhou ao redor: à esquerda, na áspera parede de gesso, havia o desenho de um jogo da velha incompleto, feito a lápis. "Uma partida destinada a terminar em um impasse", pensou.

— Você mudou muito, sabia? — disse Rupert abruptamente. — Amadureceu. Eu não a teria reconhecido.

— Estou dez anos mais velha — lembrou Milly.

— Não é só isso. É... Não sei. — Ele fez um gesto vago. — Seu cabelo. Sua roupa. Eu não podia imaginar que estaria tão diferente.

— Diferente como? — perguntou Milly, insegura. — O que há de errado comigo?

— Nada! Você apenas parece mais... elegante do que eu teria imaginado. Mais refinada.

— Bem, eu sou assim agora. — Milly lançou-lhe um olhar crítico. — Todos têm o direito de mudar, Rupert.

— Eu sei — assentiu Rupert, ruborizando. — E você está... ótima. — Ele inclinou-se para a frente. — Fale sobre o rapaz com quem você vai se casar.

— Ele se chama Simon Pinnacle — disse Milly, percebendo a mudança na expressão de Rupert.

— Não tem nada ver com..

— É filho dele — completou Milly. Rupert ficou abismado.

— Sério? O filho de Harry Pinnacle?

— Sério. — Ela deu um meio sorriso. — Eu não falei que era o casamento do século?

— E ninguém sabe de nada?

— Ninguém.

Rupert suspirou. Depois, tirou do bolso um pequeno caderno de couro preto e uma caneta.

— Bem, diga-me exatamente até que ponto chegou o processo do divórcio.

— Não sei. Conforme falei antes, eu recebi alguns papéis pelo correio, assinei e devolvi.

— E o que eram exatamente esses papéis?

— Como é que vou saber? — perguntou Milly, exasperada. — Você seria capaz de diferenciar um documento de outro?

— Eu sou advogado. Mas entendo o que você quer dizer.

— Ele guardou o caderno e olhou para ela. — Você precisa falar com Allan.

— Eu sei! Mas não faço ideia de onde ele está. Você sabe? Uma expressão de sofrimento surgiu no semblante Rupert.

— Não — respondeu ele imediatamente. — Não sei.

— Mas tem como descobrir?

Rupert permaneceu em silêncio e Milly o fitou, ansiosa.

— Rupert, você tem que me ajudar! Você é o único elo entre mim e ele. Para onde ele foi depois que saiu de Oxford?

— Manchester.

— Por que ele saiu de Oxford? Ele foi dispensado da universidade?

— Claro que não. — Rupert bebeu um gole de vinho. — Não *foi esse o motivo*.

— Então por que...

— Porque nos separamos — completou Rupert, com a voz irregular. — Ele foi embora porque nós nos separamos.

Milly ficou surpresa.

— Sinto muito. — Ela passou o dedo na borda da taça. Foi quando você percebeu que não era... que você era... — Não conseguiu completar a frase.

— Sim — disse Rupert, olhando a própria taça.

— E quando foi isso?

— No final daquele verão — respondeu ele em tom baixo. — Setembro. Milly o fitou, incrédula, com o coração acelerado.

— O mesmo verão em que eu conheci vocês? O verão em que eu e Allan nos casamos?

— Exatamente.

— Você está dizendo que, dois meses depois que me casei com Allan, vocês se separaram?

— Isso. — Rupert olhou para ela. — Mas eu prefiro...

— Quer dizer que só ficaram juntos por dois meses? — gritou Milly, angustiada. — Eu prejudiquei a minha vida para vocês ficarem juntos dois meses? — O tom de sua voz aumentava a cada palavra. — Dois *meses*?

— Sim!

— Vá se foder! — Furiosa, Milly jogou o vinho bem na cara dele. — Vá se foder — disse

novamente, trêmula, olhando o líquido vermelho escorrer feito sangue pelo rosto ofegante de Rupert, sujando sua bela camisa. — Eu infringi a lei para ajudar vocês! E agora estou presa a um marido que não quero para mim! Tudo para vocês terminarem dois meses depois!

Durante um longo tempo os dois ficaram em silêncio. Rupert permaneceu imóvel, fitando Milly através de uma máscara de líquido vermelho.

— Você tem razão — disse, finalmente. Ele parecia arrasado. — Eu fiz merda. Fodi a sua vida, fodi a minha vida. E Allan...

Milly pigarreou, constrangida.

— Por acaso ele...

— Ele me amava — completou Rupert, como se pensasse em voz alta. — Foi isso que não percebi: ele me amava.

— Rupert, desculpe — disse Milly, sentindo-se envergonhada. — Por ter jogado vinho em você. E... por tudo.

— Não peça desculpas — retrucou ele com veemência. — Não peça desculpas. Milly, eu vou encontrar Allan para você e esclarecer tudo a respeito do seu divórcio. Mas não posso fazer isso até sábado. É humanamente impossível.

— Claro.

— E o que você vai fazer?

Houve um longo silêncio.

— Não sei — respondeu Milly, finalmente. Ela fechou os olhos e massageou a testa. — Não posso cancelar o casamento agora. Simplesmente não posso fazer isso com a minha mãe. Com ninguém.

— Então vai seguir em frente? — perguntou Rupert, incrédulo. Milly deu de ombros. — Mas e o tal fulano que está ameaçando contar tudo?

— Eu... vou mantê-lo calado. De alguma forma.

— Você tem consciência — disse Rupert, abaixando o tom de voz — de que está prestes a cometer bigamia? Você estaria fazendo algo ilegal.

— Obrigada pelo aviso — disse Milly em tom sarcástico. — Mas já fiz isso antes, lembra? — Por um memento, ela o fitou em silêncio. — O que você acha? Será que vou conseguir me safar?

— Espero que sim. Você pretende mesmo fazer isso?

— Não sei. Realmente não sei.

ALGUM TEMPO DEPOIS DE beberem o vinho, Rupert se levantou e foi até o balcão, de onde trouxe duas xícaras de café preto, de gosto horrível. Quando voltou, Milly olhou para ele. Seu rosto estava limpo, mas a camisa e o paletó ainda estavam sujos de vinho.

— Você não vai ter como voltar ao trabalho hoje — observou ela.

— Eu sei. Não importa. Não tenho nada pendente no escritório. — Rupert entregou a xícara

de café a Milly e sentou-se. Durante algum tempo, ambos permaneceram em silêncio.

— Rupert? — disse Milly.

— Sim?

— Sua esposa sabe? Sobre você e Allan?

Rupert olhou para ela com os olhos injetados.

— O que você acha?

— Por que não contou? — perguntou Milly. — Você acha que ela não entenderia?

Rupert deu uma risada.

— Isso é subestimar a situação.

— Por quê? Se ela o ama...

— Você entenderia se seu noivo dissesse que já se envolveu com outro homem?

— Sim — respondeu Milly, sem convicção. — Acho que entenderia. Desde que nós tivéssemos uma conversa apropriada sobre o assunto...

— Duvido — disse Rupert, de maneira fulminante. — Agora eu posso afirmar isso. Você nem sequer tentaria entender. Nem Francesca.

— Você nem deu uma chance a ela! O que é isso, Rupert. É sua esposa! Seja franco com ela.

— Ser franco? Você está dizendo isso para *mim*?

— Aí é que está! — disse Milly com ar sério, inclinando-se para frente. — Eu deveria ter sido franca com Simon desde o início. Deveria ter contado a verdade. Nós poderíamos ter resolvido o problema do divórcio juntos e tudo estaria perfeito. Mas como eu não fiz isso... — Ela estendeu as mãos sobre a mesa. — Como eu não fiz isso, acabei numa enrascada. — Ela fez uma pausa e tomou um gole do café. — O que estou querendo dizer é que se eu tivesse a oportunidade de voltar atrás e contar tudo a ele, eu o faria, sem pestanejar. E você tem essa chance, Rupert! Você tem a possibilidade de falar a verdade a Francesca, antes... antes que tudo comece a dar errado.

— É diferente — argumentou Rupert, de modo inflexível.

— Não é não. É apenas outro segredo. Todos os segredos são revelados um dia. Se você não contar, ela vai descobrir de alguma outra forma.

— Isso não vai acontecer.

— Pode acontecer! — afirmou Milly incisivamente. — Facilmente! E você quer arriscar? Conte a ela, Rupert! Conte tudo.

— Contar o quê?

Uma voz feminina ecoou atrás de Milly como o som de uma chicotada, e ela pulou de susto. De pé, ao lado da mesa estava uma bela moça de cabelos ruivos vestida de maneira formal. Ao lado dela, estava o amigo de Rupert, Tom.

— Contar o quê? — repetiu a mulher em um tom de voz mais alto, olhando para Rupert e Milly. — Rupert, o que aconteceu com você?

— Francesca — disse Rupert, trêmulo — , não se preocupe é apenas vinho.

— Oi, Rupe! — disse Tom, descontraidamente. — Eu tinha certeza de que o encontraríamos aqui.

— Então, está é Milly — disse a mulher, lançando um olhar penetrante ao marido. — Tom me contou que você tinha encontrado uma velha amiga, Milly de Oxford. — Ela deu um riso estranho. — O mais engraçado é que você tinha dito que não queria falar com a Milly de Oxford. Inclusive me pediu para ignorar os recados dela. Disse que ela era maluca.

— Maluca? — perguntou Milly, indignada.

— Eu não queria falar com ela! — disse Rupert. — E ainda não quero. — Ele olhou para Milly com uma expressão desesperada.

— Olha, acho melhor eu ir embora. — Milly se levantou apressadamente e apanhou a bolsa. — Prazer em conhecê-la — disse, dirigindo-se a Francesca.

— Sinceramente, sou apenas uma velha amiga.

— Jura? — O tom de voz de Francesca era sarcástico. Em seguida, ela olhou para Rupert. — Então, o que você tem para me contar?

— Adeus, Rupert — disse Milly. — Adeus, Francesca.

— O que você tem para me contar, Rupert? O que é? — Ela se virou para Milly. — E você fica!

— Tenho que pegar o trem — justificou Milly. — Juro, preciso ir. Desculpe!

Evitando o olhar de Rupert, Milly atravessou o bar rapidamente. Ao chegar à rua, percebeu que deixara o isqueiro na mesa. Um pequeno castigo por ter fugido.

ISOBEL ESTAVA NA COZINHA, no número 1 da Bertram Street, costurando um laço azul sobre uma liga de renda. Olivia estava sentada a sua frente, fazendo um laço com a seda cor-de-rosa. De vez em quando, ela olhava para Isobel com uma expressão insatisfeita. Por fim, pousou o trabalho na mesa e se levantou para encher a chaleira.

— Como vai Paul? — perguntou, em tom alegre.

— Quem? — indagou Isobel.

— Paul! O médico. Você ainda esta saindo com ele?

— Ah, Paul — disse Isobel com uma careta — Não o vejo há meses. Só saí com ele algumas vezes.

— Que pena. Ele era tão gentil. E muito bonito.

— Ele era legal. Mas não deu certo.

— É uma pena.

— Não. Fui eu que terminei.

— Mas por quê? — perguntou Olivia, irritada. — O que havia de errado com ele?

— Se você quer saber, ele estava ficando um bocado esquisito.

— Esquisito? — indagou Olivia com ar suspeito. — Como assim?

— Esquisito — repetiu Isobel.

— Maluco?

— Não! Não chegava a ser maluco. Esquisito! Sério, mãe é melhor deixar para lá.

— Eu o achei bem simpático — disse Olivia, vertendo água fervente no bule de chá. — Um jovem muito simpático.

Isobel não argumentou, mas sua agulha entrava e saía do tecido de forma brusca.

— Eu vi Brenda White outro dia — disse Olivia, como se pretendesse mudar de assunto. — A filha dela vai se casar em junho.

— É mesmo? — Isobel olhou para a mãe. — Ela ainda está trabalhando na Shell?

— Não sei — respondeu Olivia, impaciente. Então sorriu e acrescentou:

— O que eu ia dizer é que ela conheceu o rapaz em um jantar oferecido pela empresa a jovens profissionais em um restaurante elegante de Londres. Eles fazem isso todo ano. Ao que parece, o lugar estava *apinhado* de homens interessantes.

— Imagino.

— Brenda disse que poderia conseguir o número de alguns deles, se você estiver interessada.

— Não, obrigada.

— Querida, você precisa se dar um tempo!

— Pare com isso! — gritou Isobel. Ela pousou a agulha e olhou para a mãe. — *Você* não está *me* dando um tempo! Está me tratando como se eu não tivesse nenhum objetivo na vida exceto encontrar um marido. E o meu trabalho? E os meus amigos?

— E filhos? — perguntou Olivia abruptamente.

Isobel enrubesceu.

— Eu posso ter um filho sem ter um marido — respondeu ela após uma pausa. — As pessoas fazem isso, sabia?

— Ah, agora você está falando bobagens — disse Olivia, contrariada. — Criança precisa de família. — Ela trouxe o bule até a mesa, sentou-se e abriu seu caderninho vermelho. Certo. O que mais precisa ser feito?

Imóvel, Isobel fitou o bule de chá. Ele era grande, decorado com desenhos de patinhos e vinha sendo usado desde quando ela conseguia se lembrar. Desde que ela e Milly se sentavam lado a lado, com seus vestidinhos idênticos, e comiam sanduíches.

Criança precisa de família. O que seria uma família?

— Quer saber? — disse Olivia, surpresa. — Acho que já fiz tudo por hoje. Todos os itens

da minha lista foram assinalados.

— Que bom. Assim, pode tirar a noite de folga.

— Acho melhor conferir com a assistente de Harry.

— Não confira nada — retrucou Isobel em tom firme. — Você conferiu tudo um milhão de vezes. Tome uma xícara de chá e descanse.

Olivia verteu o chá, tomou um gole e suspirou.

— Nossa! — disse, reclinando-se na cadeira. — Houve momentos em que cheguei a pensar que não organizaríamos este casamento a tempo.

— Bem, agora está organizado. Portanto, você deverá passar a tarde fazendo algo diferente. Nada de folhetos de igreja, nada de colocar laços em sapatos. Algo diferente! — Ela lançou um olhar severo a Olivia e, quando o telefone tocou, ambas começaram a rir.

— Eu atendo — disse Olivia.

— Se for a Milly — recomendou Isabel rapidamente — , quero falar com ela.

— Alô, Bertram Street, número 1 — disse Olivia. Ela olhou para Isobel e fez uma careta.

— Oi, cônego Lytton. Como vai? Sim... Sim... Não!

A voz da mãe mudou repentinamente e Isobel ficou atenta.

— Não. Não faço ideia do que o senhor está falando. Eu acho melhor. Até mais tarde.

Olivia desligou o telefone e olhou para Isobel, perplexa.

— Era o cônego Lytton — explicou.

— O que ele queria?

— Ele está vindo para cá. — Olivia sentou-se. — Não estou entendendo.

— O que houve? Algum problema?

— Bem, não sei! Ele disse que tinha recebido uma informação e gostaria de falar conosco.

— Informação? — repetiu Isobel, como coração disparado. — Que informação?

Não sei. — Olivia olhou para Isabel com uma expressão confusa. Algo relacionado à Milly. Ele não disse o que era.

CAPÍTULO NOVE



Rupert e Francesca sentaram-se na sala, em silêncio, olhando um para o outro. Seguindo o conselho de Tom, ambos haviam telefonado para seus respectivos trabalhos, informando que tirariam o resto do dia de folga. No caminho de volta a Fulham, os dois permaneceram calados no táxi. De vez em quando, Francesca lançava um olhar confuso e magoado a Rupert; ele permanecera o tempo todo de cabeça baixa, perguntando-se o que iria dizer, se deveria inventar uma história qualquer ou contar-lhe a verdade.

Como ela reagiria se ele contasse? Ficaria zangada? Enlouquecida? Revoltada? Talvez dissesse que sempre soube que havia algo estranho com ele. Talvez tentasse entender. Mas como ela poderia entender algo que ele próprio não entendia?

— Bem — disse Francesca — , aqui estamos. — Ela olhou para ele com expectativa, e Rupert desviou o olhar. Ele podia ouvir os sons vindos da rua, o canto dos pássaros, o ruído dos carros, o choramingo de uma criança pequena ao ser colocada no carrinho pela baba. Os sons diurnos que ele não estava acostumado a ouvir. Sentiu-se desconfortável por estar em casa em plena luz do dia e diante do olhar fixo e tenso da esposa.

— Eu acho — disse Francesca repentinamente — que devíamos rezar.

— O quê? — perguntou Rupert, perplexo.

— Antes de conversarmos. — Francesca o fitou séria — Uma oração poderá nos ajudar.

— Não acho que me ajudaria — retrucou Rupert. Em seguida, olhou para o bar, mas logo desistiu da ideia de pegar uma bebida.

— Rupert, o que está havendo? Por que você está tão estranho? Você está apaixonado pela Milly?

— Não!

— Mas estive envolvido com ela quando estava em Oxford.

— Não.

— Como não? — Francesca o encarou. — Você nunca saiu com ela?

— Nunca. — Ele teria rido se não estivesse tão nervoso. — Nunca sai com Milly. Não da forma como você esta pensando.

— Não da forma como eu estou pensando — repetiu ela — O que isso significa?

— Francesca, você esta enganada. — Ele tentou dar um sorriso. — Olha, não podemos apenas esquecer tudo isso a Milly e uma velha amiga. Ponto final.

— Eu gostaria de acreditar em você. Mas e óbvio que alguma coisa está acontecendo.

— Não está acontecendo nada.

— Então sobre o que ela estava falando? — O tom de voz de Francesca aumentou com a raiva. — Rupert, eu sou sua esposa! Você me deve lealdade. Se tiver um segredo, eu quero saber.

Rupert fitou a esposa e viu que seus olhos claros brilhavam ligeiramente, as mãos estavam pousadas firmemente sobre o colo. No pulso, ela usava o relógio caro que ele lhe dera de presente de aniversário e que haviam comprado juntos, na Selfridges, antes de assistirem a peça *An Inspector Calls*. Fora um dia feliz, de prazeres despreziosos e inofensivos.

— Não quero perder você. Eu te amo. Amo nosso casamento. Amarei nossos filhos, quando os tivermos.

Francesca fitou-o preocupada.

— Porém... — disse ela. — Qual é o porém?

Rupert a fitou em silêncio. Não sabia o que responder, como começar.

— Você está metido em alguma encrenca? — perguntou Francesca. — Está escondendo alguma coisa de mim? — Ela parecia cada vez mais alarmada. — Rupert!

— Não! Não estou metido em nenhuma encrenca. E que eu sou...

— O quê? — perguntou Francesca, impaciente. — Você é o quê?

— Boa pergunta — disse Rupert, sentindo o rosto se retesar à medida que ficava mais nervoso.

— Como assim?

Rupert fechou os punhos e respirou fundo. Agora não havia como voltar atrás.

— Quando eu estava em Oxford. — ele fez uma pausa. — Eu conheci um homem.

— Um homem?

Rupert encarou Francesca, que retribuía seu olhar com uma expressão confusa e ingênua, esperando que ele continuasse a falar. Ela não fazia ideia de que ele estava preparando o terreno para o que diria em seguida.

— Eu tive um relacionamento com ele. Um relacionamento íntimo.

Ele fez uma pausa, esperando que Francesca processasse o que ouvira e tirasse suas próprias conclusões. Pelo que pareceram horas, o olhar dela permaneceu vazio.

Até que, finalmente, aconteceu. Seus olhos piscaram rapidamente: ela havia entendido.

Rupert olhou temeroso para a esposa, tentando prever sua reação.

— Eu não estou entendendo — disse ela, aumentando o tom de voz. — Rupert, você não está dizendo coisa com coisa! Isso é perda de tempo!

Ela se levantou do sofá e começou a remover migalhas imaginárias da saia, evitando o olhar do marido.

— Querido, eu não devia ter desconfiado ou duvidado de você — disse Francesca. — Desculpe. Naturalmente você tem o direito de ver quem quiser. Vamos esquecer que isso aconteceu?

Rupert a fitou perplexo. Será que ela estava falando serio? Será que realmente queria seguir em frente, como se nada tivesse acontecido? Fingir que ele não tinha dito nada, ignorar as perguntas que provavelmente ruminavam em sua mente? Será que ela estava com tanto medo assim das respostas que poderia ouvir?

— Quer um chá? — continuou Francesca, disfarçando a tensão. — Vou tirar uns bolinhos do freezer e preparar um lanche bem gostoso!

— Francesca, pare. Você ouviu bem o que eu disse. Não quer saber detalhes? — Ele se levantou e agarrou o braço dela. — Você ouviu o que eu disse.

— Rupert! — Francesca deu um sorriso breve. — Largue meu braço! Eu não sei do que você está falando. Já pedi desculpas por ter desconfiado de você. O que mais você quer?

— Eu quero... — começou Rupert, apertando o pulso da mulher com mais força, sentindo-se encorajado a prosseguir. — Quero contar tudo.

— Você já contou tudo — retrucou Francesca rapidamente. — E eu entendi. Tudo não passou de uma confusão boba.

— Eu não contei nada. — Ele a fitou, louco para desabafar, louco por alívio. — Francesca...

— Por que não podemos esquecer tudo isso? — pediu Francesca, a voz à beira do pânico.

— Porque seria omitir a verdade!

— Bem, talvez eu não queira a verdade! — disse ela, enrubescida, com um movimento rápido dos olhos. Parecia um coelho preso numa armadilha.

"Deixe-a em paz", Rupert disse a si mesmo. "Não diga mais nada, apenas deixe-a em paz." Mas o impulso de falar era insuportável, agora que já havia começado, não podia mais se conter.

— Você não quer a verdade? — Rupert se odiava por insistir. — Quer que eu levante falso testemunho? E isso é o que você quer?

Ele percebeu a expressão de Francesca mudar enquanto ela tentava lidar com o conflito entre seus temores internos e as leis de Deus.

— Tem razão — assentiu ela, finalmente. — Desculpe. — Em seguida, olhou para ele com ar apreensivo e baixou a cabeça em sinal de submissão. — O que você quer me contar?

"Pare agora", disse Rupert a si mesmo. "Pare agora, antes de deixá-la totalmente arrasada."

— Eu tive um caso com um homem. — Ele fez uma pausa e esperou por uma reação: um grito, um suspiro. Mas Francesca permaneceu de cabeça baixa, imóvel. — O nome era Allan — murmurou, engolindo em seco. — Eu o amava.

Quase sem ousar respirar, Rupert fitou Francesca. De repente, ela ergueu os olhos.

— Você está inventando tudo isso — disse ela.

— O quê?

— Eu sei — acrescentou Francesca rapidamente. — Você está se sentindo culpado por causa dessa tal de Milly, inventou essa história boba para me confundir.

— Não estou inventando. Não é uma história. É a verdade.

— Não é — disse Francesca, balançando a cabeça. — Não é.

— É sim.

— Não é!

— É, Francesca! — gritou Rupert. — É! É a pura verdade! Eu tive um caso com um homem. O nome dele era Allan Kepinski.

Houve um longo silêncio, e então Francesca o encarou. Ela parecia estar passando mal.

— Você está querendo dizer que...

— Sim.

— Chegou a...

— Sim — completou Rupert. — Sim. — À medida que falava, sentia um misto de dor e alívio, como se pedras tivessem sido tiradas de suas costas, aliviando a carga, mas deixando sua pele sangrando e em carne viva. — Eu tive relações sexuais com ele. — Ele fechou os olhos. — Nós transamos. — De repente, as lembranças invadiram sua mente: estava com Allan, no escuro, sentindo sua pele, o cabelo, a língua. Tremendo de prazer.

— Não quero ouvir mais nada — sussurrou Francesca. — Não estou me sentindo bem. — Rupert abriu os olhos e a viu se levantar e caminhar, hesitante, até a porta. Ela estava pálida e as mãos tremiam ao girar a maçaneta. O sentimento de culpa tomou conta dele com uma intensidade insuportável.

— Perdoe-me — disse. — Perdoe-me, Francesca.

— Não peça perdão a mim — retrucou ela com a voz alterada. — Não peça perdão a mim. Peça ao Senhor.

— Francesca...

— Você deve rezar por perdão. Eu vou... — Ela parou e respirou profundamente. — Eu também vou rezar.

— Não podemos conversar? — propôs Rupert desesperadamente. — Não podemos, pelo menos, conversar a respeito disso? — Ele se levantou e foi até onde ela estava. — Francesca?

— Não! — gritou ela quando o marido tentou segurá-la. — Não me toque! — Encarou-o com os olhos brilhantes e o rosto pálido como uma folha de papel.

— Eu não...

— Não chegue perto de mim!

— Mas...

— Você fez amor comigo! Você me tocou! Você... — A voz dela falhou, interrompida pela ânsia de vômito.

— Francesca...

— Estou passando mal — disse ela, trêmula, e saiu às pressas.

Rupert permaneceu ao lado da porta enquanto ela corria pelas escadas e trancava a porta do banheiro. Sentia todo o corpo tremer, as pernas cambalearem. A repugnância na expressão de Francesca o fez querer rastejar para bem longe e se esconder. Ela se afastara como se ele estivesse contaminado, como se a maldade dele pudesse sair pelos poros e infectá-la, como se ele fosse algo asqueroso.

Rupert sentiu que estava a ponto de sucumbir e chorar. Mas, em vez disso, caminhou vacilante até o bar e pegou uma garrafa de uísque. Enquanto retirava a tampa, viu sua imagem refletida no espelho. Seus olhos estavam injetados, seu rosto, vermelho, sua expressão denotava pavor e tristeza. Parecia doente, por dentro e por fora.

"Reze", dissera Francesca. "Reze por perdão." Rupert segurou a garrafa com força. "Senhor," tentou murmurar. "Senhor Deus, perdão." Mas as palavras não fluíam; à vontade não existia. Não estava disposto a se arrepender. Não queria ser perdoado. Era um pobre pecador e não se importava com isso.

"Deus me odeia", pensou Rupert, fitando o próprio reflexo. "Deus não existe." As duas afirmações pareciam igualmente prováveis.

UM POUCO MAIS TARDE, Francesca desceu novamente. Ela havia penteado o cabelo, lavado o rosto e trocado de roupa. Agora, estava usando uma calça jeans e uma camiseta. Rupert ergueu os olhos, segurando a garrafa de uísque pela metade. Sua cabeça girava, mas ele não se sentia nem um pouco aliviado.

— Falei com Tom — anunciou Francesca. — Ele vira aqui mais tarde.

Rupert teve um sobressalto.

— Tom?

— Eu contei tudo a ele — disse ela com a voz trêmula. — Ele falou que não havia motivo para preocupação, que conhece outros casos como o seu.

A cabeça de Rupert começou a latejar.

— Não quero ver o Tom — vociferou.

— Ele só quer ajudar!

— Não quero que ele saiba! Isso e entre nos dois! — Rupert sentiu o pânico dominar sua

voz. Podia imaginar a expressão de Tom, olhando-o com um misto de compaixão e repugnância. Tom sentiria nojo dele. Todos sentiriam nojo dele.

— Ele só esta querendo ajudar. E querido... — O tom de voz de Francesca se modificou e Rupert a olhou, surpreso.

— Quero pedir desculpas. Eu não devia ter reagido tão mal. E que eu fiquei apavorada. Tom disse que isso e perfeitamente normal. Ele disse... — Francesca se deteve e mordeu o lábio. — Enfim. Podemos superar isso. Com muito apoio e oração...

— Francesca... — começou Rupert. Ela ergueu a Mão, impedindo-o de falar.

— Não, espere. — Então, andou lentamente na direção dele. — Tom disse que eu não posso permitir que minhas emoções interfiram no nosso... — Ela fez uma pausa. — Nosso contato físico. Eu não deveria ter rejeitado você. Eu coloquei as minhas emoções egoístas em primeiro plano, e isso foi um erro. — Ela engoliu em seco. — Me desculpe. Por favor, me desculpe.

Ela se aproximou até que a distância entre eles se resumisse a poucos centímetros.

— Não cabe a mim evitá-lo — sussurrou. — Você tem todo o direito de me tocar. Afinal, é meu marido. Prometi perante Deus que o amaria, que o obedeceria e me dedicaria a você.

Rupert não tirava os olhos dela. Estava surpreso demais para falar alguma coisa. Ele estendeu a mão e tocou suavemente o braço da esposa. Um olhar de repulsa surgiu no semblante de Francesca, mas ela continuou fitando-o firmemente, como se estivesse determinada a encarar a situação, como se não houvesse escolha.

— Não! — Rupert afastou a mão repentinamente. — Não vou fazer isso. Está errado! Francesca, você não é um cordeiro a ser sacrificado! É um ser humano!

— Quero curar nosso casamento — disse Francesca com a voz hesitante. — Tom disse que...

— Tom disse que, se fôssemos para a cama, tudo estaria resolvido, não é? — A voz de Rupert estava carregada de sarcasmo. — Tom disse para você se deitar comigo e pensar em Jesus.

—Rupert!

— Não permitirei que você se subjugu assim, Francesca. Eu amo você! Respeito você!

— Bem, se você me ama e me respeita — vociferou Francesca —, por que mentiu para mim? — Sua voz fraquejou. Por que se casou comigo, sabendo que você não era quem demonstrava ser?

— Francesca, ainda sou eu! Ainda sou o Rupert!

— Não é não! Pelo menos para mim! — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Não consigo mais vê-lo. O que eu vejo quando olho para você é... — Ela teve um leve tremor de repugnância. — Sinto náuseas só de pensar.

Rupert se sentiu arrasado.

— Diga o que você quer que eu faça — pediu ele após um momento de silêncio. — Quer

que eu vá embora?

— Não — respondeu ela imediatamente. — Não. — Em seguida, hesitou. — Tom sugeriu...

— O quê?

— Ele sugeriu — repetiu Francesca, engolindo em seco — uma confissão pública. No culto da tarde. Se você confessar seus pecados à congregação e a Deus, provavelmente será capaz de começar uma nova vida. Sem mentiras. Livre do pecado.

Rupert a olhou, incrédulo. Todo o seu ser rejeitava aquela proposta.

— Tom disse que você ainda não se deu conta do erro que cometeu — continuou ela. — Mas quando isso acontecer, quando você realmente se arrepender, então seremos capazes de começar tudo novamente. Será um renascimento. Para nós dois. — Ela secou as lágrimas. — O que acha? O que acha Rupert?

— Não vou me arrepender — Rupert se viu dizendo.

— O quê? — Francesca ficou boquiaberta.

— Não vou me arrepender — repetiu ele com a voz trêmula. — Não vou declarar publicamente que o que fiz foi um ato de depravação.

— Mas...

— Eu amava o Allan. E ele me amava. O que fizemos não foi deplorável ou indigno. Foi... — Repentinamente, lágrimas brotaram de seus olhos. — Foi um relacionamento belo, de amor. Como a Bíblia prega.

— Você está falando sério?

— Sim — respondeu Rupert. Ele suspirou com um leve tremor. — Eu gostaria, por nós dois, de não estar falando sério. Mas estou. — Ele a encarou. — Não lamento o que fiz.

— Bem, então você é doente! — retrucou Francesca em voz alta, carregada de pavor. — Você é doente! Você transou com um homem! Como isso pode ser belo? É repugnante!

— Francesca...

— E eu? — A voz dela subiu mais um tom. — E quando nós transamos? Todo esse tempo, você desejou estar com ele?

— Não! — gritou Rupert. — Claro que não.

— Mas você disse que o amava!

— É verdade. Mas não me dei conta disso na época. — parou. — Francesca, me perdoe.

Ela fitou-o por um momento silencioso e dolorido, então deu alguns passos para trás, tentando, cegamente, alcançar uma cadeira.

— Não consigo entender. — O tom de Francesca era desanimado. — Você é mesmo homossexual? Tom disse que não. Ele disse que muitos jovens ficam meio confusos.

— O que Tom saberia sobre isso? — esbravejou Rupert. Ele se sentia preso em uma armadilha, acuado.

— Bem, você é ou não?— insistiu ela. — Você é homossexual? — Houve uma longa pausa.

— Não sei — respondeu Rupert finalmente. Depois, jogou-se pesadamente em um sofá e afundou a cabeça entre as mãos. — Não sei o que eu sou.

APÓS ALGUNS MINUTOS, QUANDO ele ergueu os olhos novamente, Francesca havia desaparecido. Do lado de fora da janela, os pássaros continuavam a gorjear, e ainda era possível ouvir o barulho dos carros à distância. Tudo permanecia igual. Nada era igual.

Rupert olhou para suas mãos trêmulas, para a aliança que Francesca lhe dera no dia do casamento. Em um súbito flash, lembrou-se da felicidade que sentira naquele dia, do alívio que experimentou ao repetir algumas palavras e se tornar parte do grupo de pessoas legitimamente casadas.

Quando conduziu Francesca ao longo do corredor da igreja, sentiu-se finalmente uma pessoa normal, como sempre quis.

Ele não queria ser gay. Não queria ser minoria. Queria apenas ser como todo mundo.

Tudo havia transcorrido exatamente como Allan previra; ele sempre soube como Rupert se sentia. Nas últimas semanas de verão, ele notara como os sentimentos de Rupert haviam passado gradualmente da paixão ao constrangimento. E fora paciente quando Rupert começara a evitar sua companhia, ignorando-o por vários dias, até finalmente sucumbir com mais paixão do que nunca. Ele tinha sido compreensivo e solidário. Em troca, Rupert o abandonara.

As sementes da sua fuga foram plantadas no início de setembro. Rupert e Allan estavam andando pela Broad Street, não exatamente de mãos dadas, mas com os braços tão próximos que roçavam um no outro, falando pertinho e sorrindo o sorriso dos amantes. Então, alguém chamou.

—Rupert!

Ele levou um susto. Ben Fisher, um antigo colega de escola, estava do outro lado da rua com um enorme sorriso.

De repente, lembrou-se da carta do pai, recebida algumas semanas antes, na qual ele expressava a esperança saudosa de que Rupert pudesse voltar para casa por alguns dias durante as férias e anunciava, com orgulho, que outro garoto da pequena escola de Cornwall também iria estudar em Oxford.

— Ben! — exclamou Rupert, atravessando a rua apressadamente. — Bem-vindo a Oxford! Meu pai falou que você viria.

— Espero que você me mostre a faculdade — disse Bem com seus olhos escuros brilhantes, — E me apresente umas garotas. Elas devem estar todas atrás de você. Garanhão! — Após lançar um olhar curioso a Allan, que permanecia do outro lado da rua, ele perguntou: — Quem é aquele? Um amigo?

O coração de Rupert deu um salto. De repente, com uma onda de pânico, viu-se através dos olhos de seus amigos, dos professores, do pai.

— Ah, ele? — disse, depois de uma pausa. — Não é ninguém. Apenas um dos professores.

Na noite seguinte, ele foi a um bar com Ben, bebeu tequila e flertou descaradamente com duas lindas jovens italianas. Quando voltou para casa, Allan estava esperando por ele.

— A noite foi boa? — perguntou ele em tom descontraído;

— Sim — respondeu Rupert, incapaz de encará-lo. — Eu estava com... com uns amigos. — Em seguida, despiu-se rapidamente, deitou e fechou os olhos quando Allan se aproximou.

No momento em que ambos começaram a sentir o prazer físico, sua mente se esvaziou de qualquer pensamento ou culpa. Mas Rupert saiu novamente com Ben na noite seguinte, e dessa vez forçou-se a beijar uma das belas garotas que o cercaram. Elas eram como crianças ao redor de um balcão de doces. A jovem reagiu ansiosamente, estimulando-o a acariciar seu corpo suave e desconhecido. No final da noite, convidou-o para ir até a casa que dividia com outros alunos, na Cowley Road.

Ele a despiu lenta e desajeitadamente, lembrando-se de cenas de filmes e torcendo para que a visível experiência da garota o guiasse. De alguma forma, conseguiu se sair bem; se os gritos da garota eram verdadeiros ou falsos ele não sabia, e também não se preocupou com isso. Na manhã seguinte, acordou na cama dela, enroscado na pele macia e feminina, inspirando seu perfume suave. Ele beijou o ombro da garota como sempre beijava o ombro de Allan, estendeu a para tocar seu seio e percebeu, com súbita surpresa, que estava excitado. Ele queria acariciar o corpo dela. Queria beijá-la. Era tomado pelo desejo só de pensar em transar com ela novamente. Ele era normal. Podia ser normal.

— Você está fugindo de mim? — perguntou Allan alguns dias depois, enquanto comiam uma massa. — Está precisando de espaço?

— Não! — respondeu Rupert, cordial demais. — Está tudo bem.

Allan o encarou em silêncio por um momento, depois pousou o garfo sobre o prato.

— Não fique apavorado — disse ele, pegando a mão de Rupert e estremecendo quando ele a puxou. — Não desista de algo que pode ser maravilhoso só porque está assustado.

— Não estou assustado!

— É claro que está. Todo mundo fica assustado. Eu estou assustado.

— Você? — disse Rupert, tentando não parecer cruel. — Por que você está assustado?

— Simplesmente estou assustado — respondeu Allan lentamente —, porque entendo o que está fazendo e sei o que você significa para mim. Está tentando fugir. Está tentando se livrar de mim. Daqui a algumas semanas, vai passar por mim na rua e desviar o olhar. Estou certo?

Ele fitou Rupert com olhar sombrio, clamando por uma réplica. Mas Rupert permaneceu em silêncio. Não havia necessidade de dizer nada.

Depois desse episódio, as coisas se deterioraram rapidamente. Eles tiveram uma última conversa em um bar deserto da Keble College, uma semana antes do início do novo semestre.

— Eu simplesmente não consigo... — disse Rupert, tenso de constrangimento, preocupado como olhar desinteressado do garçom. — Eu não sou... — Ele interrompeu a frase antes de beber um gole de uísque. — Você entende. — Em seguida lançou um olhar suplicante para

Allan e voltou a olhar outra direção.

— Não. Não entendo. Nós éramos felizes.

— Foi um erro. Eu não sou gay.

— Você não sente atração por mim? — perguntou Allan olhando fixamente para ele. — É isso que você está dizendo? Você não sente atração por mim?

Rupert sentiu-se dividido: Ben e algumas garotas esperavam por ele em um bar. Naquela noite ele certamente transaria com uma delas. Mas ele desejava Allan mais do que qualquer garota.

— Não— respondeu. — Não sinto atração por você.

— Certo — assentiu Allan com a voz rouca de raiva. — Minta para mim. Minta para si mesmo. Case-se. Tenha filhos. Finja que é hétero. Mas você vai descobrir que não é, eu vou descobrir que você não é.

— Eu sou — replicou Rupert de forma hesitante, arrependendo-se logo depois ao ver o olhar de desprezo de Allan.

— Faça como achar melhor. — Allan esvaziou o copo e ficou de pé.

— Você vai ficar bem? — perguntou Rupert, olhando para ele.

— Não precisa se preocupar comigo. Não vou ficar bem. Mas vou superar.

— Me perdoe.

Allan não disse mais nada. Rupert o observou em silêncio enquanto ele saía do bar. Durante alguns minutos, experimentou uma imensa dor. Mas sentiu-se melhor depois de dois uísques. Então, conforme havia combinado, foi ao encontro de Bem e bebeu algumas cervejas e ainda mais uísque.

Mais tarde, naquela mesma noite, depois de transar com a mais bonita das duas garotas que Ben levara para o bar, permaneceu acordado, repetindo para si mesmo que era normal, que voltara ao rumo certo e que estava feliz. E, por um momento, quase acreditou naquelas palavras.

— TOM VAI CHEGAR daqui a pouco. — A voz de Francesca interrompeu seus pensamentos e ele ergueu os olhos. Ela carregava uma bandeja com o bule amarelo de chá que eles tinham colocado na lista de presentes de casamento, algumas xícaras, pires e um prato de biscoitos de chocolate.

— Francesca — disse Rupert, abatido. — Isso não é nenhuma festa. — Uma expressão de desapontamento se manifestou no semblante da esposa. Porém, ela se recompôs e concordou em silêncio.

— Talvez você tenha razão — disse ela, pousando a bandeja sobre uma cadeira. — Talvez isso seja um tanto inconveniente.

— A situação é inconveniente. — Rupert se levantou e caminhou lentamente até a porta. — Não vou conversar com Tom sobre a minha sexualidade.

— Mas ele quer ajudar!

— Não quer nada. — Rupert olhou para Francesca. — O que ele quer é direcionar o problema de acordo com seus interesses, não ajudar.

— Não estou entendendo — retorquiu Francesca, franzindo a testa.

Rupert deu de ombros. Durante um momento, os dois ficaram em silêncio. Ela mordeu o lábio.

— Eu estava pensando... Talvez você devesse ir a um médico. Poderíamos pedir ao Dr. Askew para indicar alguém. O que você acha?

Rupert ficou perplexo. Era como se ela tivesse acertado seu rosto com um martelo.

— Um médico? — repetiu após um momento, tentando parecer calmo. — Um médico?

— Eu achei...

— Você acha que eu tenho um problema de saúde?

— Não! Eu só quis dizer... — Francesca corou. — Talvez haja algo que eles possam dar a você.

— Uma pílula "antigay"? — Ele não conseguia controlar a própria voz. Quem era essa mulher com quem tinha se casado? Quem era ela? — Você está falando sério?

— É apenas uma ideia!

Por alguns segundos, Rupert permaneceu em silêncio.

Então, passou por ela, foi em direção ao hall e pegou uma jaqueta.

— Rupert! — chamou Francesca. — Aonde você vai?

— Preciso sair daqui.

— Mas vai para onde? — gritou ela. — Aonde você vai?

Rupert olhou para o próprio reflexo no espelho do hall.

— Vou procurar Allan.

CAPÍTULO

DEZ

O cônego Lytton havia pedido que todos os membros da família se reunissem na sala de estar, como se ele estivesse a ponto de desvendar um crime.

— Estamos só nós duas aqui — dissera Isobel com sarcasmo, apontando para si mesma e para Olivia. — O senhor quer fazer a reunião ainda assim? Ou prefere voltar mais tarde?

— Vamos deixar para mais tarde — respondera o padre com severidade.

Agora ele estava sentado no sofá, com sua batina caída em dobras empoeiradas e uma expressão inflexível e ameaçadora. "Aposto que ele pratica essa expressão no espelho", pensou Isobel. "Para assustar as crianças no catecismo."

— A minha presença aqui é para tratar de um assunto delicado — começou ele. — Para ser breve, meu objetivo e apurar até que ponto uma informação que recebi é verdadeira.

— Recebeu de quem? — perguntou Isobel. O cônego Lytton ignorou a pergunta.

— É meu dever — prosseguiu ele, aumentando ligeiramente o tom da voz —, como sacerdote da paróquia e celebrante da futura cerimônia de casamento de Milly, verificar se ela, conforme preencheu no formulário da Paróquia St. Edward, é solteira ou não. Eu mesmo a indagarei quando ela voltar. Enquanto isso, ficaria agradecido se você como mãe, pudesse responder em nome dela. — Ele se calou e lançou um olhar perturbador para Olivia, que franziu a testa.

— Não estou entendendo — disse ela. — O senhor está querendo saber se Milly e Simon vivem juntos? Porque, se é isso, posso responder que não. Eles são bastante antiquados em relação a esse assunto.

— Não foi essa a minha pergunta. A minha pergunta, colocada de forma mais simples, é: Milly já se casou antes?

— Casou? — repetiu Olivia, dando uma breve risada nervosa. — Do que o senhor está falando?

— Bem, eu fui levado a crer...

— O que o senhor quer dizer? — interrompeu Olivia.

— Alguém está dizendo que Milly é casada? — O cônego Lytton inclinou ligeiramente a cabeça. — Bem, essa pessoa está mentindo! É claro que Milly nunca se casou! Como o senhor pode acreditar em uma coisa dessas?

— É meu dever apurar todas as acusações.

— O quê? — disse Isobel — Mesmo que essas acusações sejam feitas por pessoas completamente loucas?

— Eu uso a minha descrição — explicou o cônego, lançando-lhe um olhar austero. — A pessoa que me deu essa informação foi bastante insistente e até afirmou ter uma cópia da certidão de casamento.

— Quem é essa pessoa? — perguntou Isobel.

— Isso eu não posso dizer — respondeu o cônego, ajeitando sua batina cuidadosamente.

"Você deve estar adorando isso", pensou Isobel, encarando o religioso. "Está simplesmente adorando."

— Inveja! — berrou Olivia bruscamente. — Só pode ser. Alguém com inveja da Milly está tentando estragar o casamento dela. Deve haver muitas garotas frustradas por aí. Não é de admirar que estejam visando a coitada da Milly! Francamente, padre. Estou surpresa com sua atitude. Acreditar num absurdo desses!

— Pode ser absurdo — retrucou ele. — Mesmo assim, eu gostaria de falar com Milly quando ela voltar. Afinal, pode haver fatos a respeito desse assunto que você — disse ele, acenando com cabeça em direção a Olivia — não tem conhecimento.

— Cônego Lytton — disse Olivia, furiosa — , o senhor está sugerindo que minha filha possa ter se casado sem o meu conhecimento? Minha filha me conta absolutamente tudo!

Houve um leve movimento no sofá. Olivia e o cônego Lytton se voltaram para Isobel.

— Você gostaria de dizer alguma, Isobel? — perguntou o cônego.

— Não — respondeu ela rapidamente e tossiu. — Nada.

— Com quem se supõe que ela tenha se casado, afinal de contas? — exigiu Olivia. — Com o carteiro?

Houve um breve momento de silêncio e Isobel desviou o olhar, tentando não parecer tensa.

— Um homem chamado Kepinski — respondeu o cônego Lytton, lendo uma anotação em um pedaço de papel. — Allan Kepinski.

O coração de Isobel pulou. Milly estava perdida.

— Allan Kepinski? — repetiu Olivia, incrédula. — Está na cara que é um nome inventado! É obvio que tudo isso é uma grande mentira, inventada por uma pessoa sem caráter, inconformada com a sorte de Milly. A gente lê sobre esse tipo de coisa o tempo todo. Não é, Isobel?

— É — anuiu Isobel, hesitante. — O tempo todo.

— E agora — continuou Olivia, levantando-se — , se o senhor me der licença, cônego, eu

tenho coisas mais importantes para fazer do que escutar mentiras sobre a minha filha. No próximo sábado vai haver um casamento, o senhor sabe!

— Eu sei — disse o cônego Lytton. — No entanto, preciso falar com Milly. Talvez esta noite seja conveniente.

— O senhor pode falar com ela quando quiser — completou Olivia. — Mas está perdendo o seu tempo!

— Eu voltarei mais tarde — insistiu ele, como quem prevê uma desgraça.

— Não se incomode em me acompanhar até saída.

Quando o religioso saiu e bateu a porta atrás de si, Olivia se voltou para Isobel.

— Você sabe do que ele está falando?

— Não! Claro que não.

— Isobel, você pode enganar o cônego Lytton, mas não a mim! Você sabe alguma coisa sobre isso, não sabe? Está acontecendo alguma coisa?

— Olha, mamãe — Isobel tentava parecer calma — , acho que devemos esperar Milly voltar.

— Esperar por quê? — indagou Olivia, fitando a filha. — Isobel, o que você está insinuando? Não há nenhuma verdade no que o cônego Lytton disse, há?

— Não vou dizer nada até Milly voltar — disse Isobel resoluta.

— Não vou admitir que vocês escondam nada de mim — retrucou Olivia, furiosa.

Isobel suspirou.

— Para falar a verdade, mãe, é um pouco tarde para isso.

MILLY VOLTAVA DA ESTAÇÃO, exausta, quando um carro parou ao seu lado.

— Oi, querida — disse James. — Quer uma carona?

— Ah, obrigada.

Evitando olhar diretamente para o pai, ela entrou no carro e manteve o rosto voltado para frente, para a rua escura, tentando desesperadamente pôr os pensamentos em ordem. Precisava decidir o que faria a seguir. Tinha que elaborar um plano. Durante a viagem, ela tentou pensar e chegar a uma solução. Mas agora, de volta a Bath, a poucos minutos de casa, ela permanecia em estado de incerteza. Será que conseguiria manter Alexander calado? Já era noite de quinta-feira; o casamento era no sábado. Se conseguisse pelo menos prolongar a situação até o final da sexta-feira...

— Foi tudo bem em Londres? — perguntou James. Milly se sobressaltou.

— Sim. Compras. Sabe como é.

— Eu sei. Achou algo interessante?

— Sim — respondeu Milly. Houve uma pausa, e ela se deu conta de que não tinha nenhuma sacola de compras consigo.

— Comprei... um par de abotoaduras para Simon.

— Legal. A propósito, ele falou que vai buscá-la mais tarde, depois do trabalho.

Milly sentiu um frio na barriga.

— Ah, tudo bem — disse, nervosa. Como poderia encarar Simon? Como poderia sequer olhar para ele?

Ao saltar do carro, Milly teve um súbito desejo de fugir e nunca mais olhar para ninguém. Em vez disso, subiu os degraus em direção à porta da frente, logo atrás do pai.

— Ela chegou! — A voz de sua mãe ecoou quando a porta se abriu. Olivia apareceu no hall. — Filha — disse ela em tom suspeito, furioso —, o que significa todo esse absurdo?

— Que absurdo? — perguntou Milly, apreensiva.

— Todo esse absurdo sobre você ser casada?

Milly sentiu um soco no estômago.

— Como assim? — Ela estava trêmula. — O que está acontecendo? — indagou James atrás de Milly. — Olivia, você está bem?

— Não, não estou nada bem — respondeu a esposa agitada. — O cônego Lytton veio aqui essa tarde. — Ela olhou por cima do ombro. — Não foi, Isobel?

— Sim — respondeu Isobel, surgindo da sala de estar. — Ele veio aqui. — Ela fez uma careta para a irmã, e Milly a fitou, sentindo o medo sufocá-la como se estivesse inspirando gás asfíxiante.

— O que ele...

— Ele contou uma história ridícula — vociferou Olivia. — Disse que Milly havia se casado!

Milly ficou imóvel. Seus olhos piscavam rapidamente.

— Só Isobel parece não duvidar dessa história ridícula! — disse Olivia.

— É mesmo? — observou Milly, lançando um olhar fulminante à irmã.

— Mãe! — exclamou Isobel, indignada. — Isso não é justo! Milly, eu não disse nada, juro. Eu insisti que devíamos esperar você voltar.

— Certo — disse Olivia. — E agora ela está de volta. Portanto, uma de vocês vai nos explicar o que significa tudo isso. Milly olhou para cada um dos presentes.

— Muito bem — anunciou com a voz trêmula. — Pelo menos deixem-me tirar o casaco.

Ficaram em silêncio enquanto ela desamarrou a echarpe, tirou o casaco e os pendurou. Em seguida, virou-se e examinou a plateia.

— Talvez seja uma boa ideia bebermos alguma coisa — disse ela.

— Não quero beber nada! — exclamou Olivia. — Quero saber o que está acontecendo. Milly, o que o cônego Lytton falou é verdade? Você é casada?

— Apenas... me dê um minuto para sentar — pediu ela, desesperada.

— Você não precisa de um minuto! — gritou Olivia. — Não precisa de um minuto! Qual é a resposta? Você já é casada? Sim ou não? Sim ou não?

— Sim! — gritou Milly. — Eu sou casada! Sou casada há dez anos!

Suas palavras ecoaram na sala silenciosa. Olivia deu um pequeno passo para trás e segurou com força no corrimão da escada.

— Eu me casei quando estudava em Oxford — continuou Milly com a voz trêmula. — Eu tinha 18 anos. Mas não... Não significou nada. Ninguém sabia. Ninguém sabia. E pensei que ninguém jamais descobriria. Eu pensei... — Não conseguiu prosseguir. — Ah, que diferença faz?

Todos permaneceram em silêncio. Isobel lançou um olhar apreensivo para Olivia, cujo rosto estava vermelho, como se ela estivesse com dificuldade de respirar.

— Você está falando sério, Milly? — perguntou a mãe finalmente.

— Sim.

— Você realmente se casou quando tinha 18 anos? Realmente achou que ninguém iria descobrir?

Após uma pausa, Milly assentiu, desolada.

— Então você é muito estúpida! — gritou Olivia. Sua voz a açoitou como um chicote, e Milly empalideceu. — Você é uma garota estúpida e egoísta! Como pode ter pensado que ninguém iria descobrir? Como pode ter sido tão idiota? Você estragou tudo, para todos nós!

— Pare com isso! — gritou James. — Pare, Olivia.

— Eu sinto muito — sussurrou Milly. — Eu sinto muito mesmo.

— Não adianta sentir muito! — gritou Olivia. — É tarde demais para sentir muito! Como foi fazer isso comigo?

— Olivia!

— Você deve ter achado que era alga bem inteligente, não é? Casar-se e manter segredo. Deve ter achado que estava agindo de maneira tremendamente adulta.

— Não — respondeu Milly em tom de desespero.

— Quem é ele? Um estudante?

— Um pesquisador.

— Conseguiu arrebatá-la, não é? Prometeu todo tipo de coisas?

— Não! — gritou Milly bruscamente — Eu me casei para ajudá-lo! Ele precisava ficar no país!

Olivia a encarou; sua expressão se modificou gradualmente ao compreender o que a filha estava dizendo.

— Você se casou com um imigrante ilegal? — sussurrou. Seu tom de voz aumentou de repente. — Um *imigrante* ilegal?

— Não fale desse jeito! — suplicou Milly.

— Que tipo de imigrante ilegal? — Um toque de histeria atingiu a voz de Olivia. — Ele ameaçou você?

— Pelo amor de Deus, mãe! — censurou Isobel.

— Olivia — disse James — , acalme-se. Você não está ajudando.

— Ajudando? — Olivia virou-se para o marido. — Por que eu deveria ajudar? Você tem noção do que isso significa? Seremos obrigados a cancelar o casamento!

— Talvez só adiar — observou Isobel. — Até o divórcio sair. — Ela olhou para a irmã de modo compreensivo.

— Não podemos! — gritou Olivia descontrolada. — Está tudo arranjado! Tudo organizado! — Ela pensou por um momento e virou-se rapidamente para Milly. — Simon está ciente disso?

Milly balançou a cabeça negativamente, e os olhos de Olivia começaram a brilhar.

— Bem, então ainda podemos realizar a cerimônia — disse ela rapidamente, olhando para cada um dos presentes. — A gente inventa qualquer coisa para o cônego Lytton! Se nenhum de nós disser nada, se todos mantivermos a cabeça erguida.

— Mãe! — exclamou Isobel. — O que você está propondo é bigamia!

— E daí?

— Olivia, você enlouqueceu — - interferiu James com repúdio. — É claro que o casamento deve ser cancelado. E se você quer saber, não é má ideia.

— Como assim? — perguntou Olivia histérica. — O que você quer dizer com "não é má ideia"? Essa é a pior coisa que já aconteceu na nossa família, e você está dizendo que não é má ideia?

— Sinceramente, acho que seria bom, pois só assim poderíamos voltar à vida normal! — Agora era a vez de James estar furioso. — Esse casamento já saiu do controle. É só casamento, casamento, casamento! Você não fala de outra coisa.

— Bem, alguém tem que organizar tudo! — gritou Olivia — Você sabe quantas coisas eu tive que resolver?

— Eu sei! Mais de mil! Todo dia, você tem mil coisas a fazer! Você percebe que são sete mil coisas por semana? O que é isso, Olivia? Uma expedição à lua?

— Você não entenderia — retrucou ela em tom de amargura.

— A família inteira está obcecada! Acho que seria muito bom para você Milly, colocar os pés de volta no chão por algum tempo.

— Como assim? — - indagou Milly. — Meus pés estão no chão.

— Milly, você está no mundo da lua! Você se jogou nesse casamento sem considerar o que ele significa na sua vida, sem avaliar outras possibilidades. Eu admito, Simon é um jovem muito atraente, o pai dele é muito rico...

— Isso não tem nada a ver com ele! — Milly fitou James com o rosto pálido. — Eu amo Simon! Quero me casar com ele porque o amo.

— Você pensa que ama — retrucou James. — Mas talvez esta seja uma boa oportunidade para esperar mais um pouco, tentar ser mais independente, para variar. Como Isobel.

— Como Isobel — repetiu Milly, indignada. — Você sempre quer que eu seja como Isobel. A perfeita Isobel.

— Claro que não. — James demonstrou impaciência. — Não foi isso que eu disse.

— Você quer que eu faça as mesmas coisas que Isobel faz.

— Talvez. Algumas coisas.

— Papai... — começou Isobel.

— Muito bern! — gritou Milly, sentindo o sangue subir à cabeça. — Vou agir como a Isobel! Não vou me casar! Em vez disso, vou engravidar!

Houve um silencio tenso.

— Engravidar? — repetiu Olivia, incrédula.

— Muito obrigada, Milly — disse Isobel rapidamente, andando em direção à porta.

— Isobel... — gritou Milly. Mas ela bateu a porta atrás de si sem olhar para trás.

— Engravidar — repetiu Olivia. Então tateou à procura de uma cadeira e se sentou.

— Eu não tinha a intenção de falar — - murmurou Milly, sentindo-se péssima. — Será que vocês poderiam esquecer o que eu disse?

— Você é casada — disse Olivia, trêmula. — E Isobel está grávida. — Ela ergueu os olhos. — Ela está mesmo grávida?

— Isso só diz respeito a ela. — Milly fitava o chão. — É assunto dela. Eu não devia ter dito nada.

A campainha tocou, assustando a todos.

— Deve ser a Isobel — disse James, levantando-se. Ao abrir a porta, ele teve um sobressalto. — Ah — disse, constrangido. — É você, Simon.

ISOBEL ANDOU A PASSOS largos pela rua, sem parar, sem olhar para trás, sem saber aonde ia. Seu coração estava disparado, e seu rosto, tenso. A neve havia se transformado em lama, uma garoa fria cobria seu cabelo e umedecia seu pescoço. Mas a cada passo ela se sentia um pouco melhor. A cada passo, experimentava a liberdade de passar despercebida, a sensação de estar cada vez mais distante dos olhares chocados de sua família.

Seu corpo inteiro ainda formigava de raiva. Sentia-se traída, mal-interpretada, furiosa demais com Milly... Ao mesmo tempo, tinha muita pena da irmã para culpá-la por qualquer coisa. Jamais testemunhara uma cena tão desagradável na família: Milly, indefesa, no olho do furacão. Não é de admirar que ela tenha atacado usando uma tática defensiva. É perfeitamente compreensível. Mas isso não facilitava as coisas.

Isobel fechou os olhos. Estava triste e vulnerável, confusa diante da situação. Quando

voltasse, seus pais, com certeza, iriam exigir uma explicação. Pediriam que respondesse às suas perguntas, que os tranquilizasse e os ajudasse a assimilar essa notícia perturbadora. Mas nem ela conseguira assimilar totalmente. Sua condição era algo nebuloso que flutuava em sua mente, algo indesejado e informe e, por enquanto, intangível ao mundo exterior. Ela não conseguia articular o que pensava a respeito, não conseguia mais distinguir entre o emocional e o físico. Energia e otimismo alternavam-se com choro, e os enjoos só pioravam a situação. "Qual é a sensação?" Milly, sem dúvida, perguntaria isso. "Qual é a sensação de ter uma criança dentro da gente?"

Mas Isobel não queria responder a essa pergunta. Não queria imaginar-se carregando um bebe dentro de si.

Ela parou em uma esquina e, lentamente, passou a mão na barriga. Quando imaginou o que havia dentro de si, visualizou algo como um pequeno molusco, ou uma lesma, longe de lembrar um ser humano. Algo indeterminado, cuja vida não tinha começado ainda. Cujas vidas, se ela decidisse, poderia não progredir. Uma forte sensação de tristeza e de náusea a atingiu, e ela começou a tremer. "A família toda está preocupada se o casamento de Milly deve ou não ser levado adiante", pensou. "Enquanto eu, sozinha, estou tentando decidir se a vida de outro ser humano deve ou não ser levada adiante."

O pensamento a deixou petrificada. Sentia-se praticamente sufocada pelo peso da situação, aflita diante da decisão que teria que tomar. Por um momento, achou que iria desmaiar, soluçando, no chão duro. Mas, em vez disso, balançou levemente a cabeça, afundou ainda mais as mãos nos bolsos e, cerrando os dentes, voltou a caminhar.

SIMON E MILLY ESTAVAM sentados na sala de estar, um de frente para o outro, como se estivessem em um programa de entrevistas na televisão.

— Então — disse Simon finalmente. — O que está acontecendo?

Milly o fitou em silêncio. Com a mão trêmula, ela afastou uma mecha de cabelo da testa. Seus lábios se abriram para falar, mas fecharam-se novamente.

— Você está me deixando nervoso — continuou Simon. — Vamos querida. Nada pode ser tão ruim. Não é caso de vida ou morte, é?

— Não.

— Então. — Ele lhe lançou um sorriso, e Milly retribuiu o gesto, sentindo um súbito alívio.

— Você não vai gostar de ouvir o que eu tenho a dizer — advertiu ela.

— Serei forte — assegurou-lhe Simon. — Vá em frente, pode falar.

— Está bem. — Milly respirou fundo e começou a falar. — O problema é o seguinte: nós não podemos nos casar no sábado. Vamos ter que adiar o casamento.

— Adiar? — repetiu Simon lentamente. — Bem, está certo. Mas por quê?

— Há algo que eu não contei a você — disse Milly, juntando as mãos, torcendo-as até seus dedos quase quebrarem. — Eu me casei. Foi algo muito estúpido quando tinha 18 anos. Eu me casei. Foi um casamento de fachada. Não significou nada. Mas o divórcio não aconteceu. Portanto, eu continuo... casada.

Ela olhou para Simon. Ele parecia confuso, mas não zangado, e ela se sentiu mais segura. Depois do ataque histérico de sua mãe, era um alívio ver Simon reagir com tranquilidade. Ele não estava descontrolado, não estava gritando. Afinal, esse detalhe não tinha nada a ver com o relacionamento deles. Era apenas um problema técnico.

— Resumindo, terei que esperar pelo divórcio definitivo para poder me casar — prosseguiu Milly, mordendo os lábios — Simon, eu sinto muito.

Houve um longo silêncio.

— Não estou entendendo — disse ele finalmente. — Isso é alguma piada?

— Não. Não! Deus, eu gostaria que fosse! Juro. Eu sou casada. Simon, eu sou casada!

Ela o fitou desconsolada. Ele a examinava com um olhar sombrio, que logo se transformou em um olhar incrédulo.

— Você está falando sério?

— Sim.

— Você é mesmo casada?

— Sim. Mas não foi um casamento de verdade — disse Milly rapidamente. Ela olhou para o chão, tentando manter a voz firme. — Ele era gay. Foi tudo armado para ele permanecer no país. Realmente não significou nada. Menos que nada! Você entende, não é? Entende?

Ela ergueu os olhos. E quando viu a expressão do rapaz, percebeu, desolada, que ele não entendia.

— Foi um erro — repetiu, quase tropeçando nas palavras de tanto desespero. — Um grande erro. Agora eu sei. Jamais deveria ter aceitado. Mas eu era muito jovem e boba, e ele era meu amigo. Pelo menos eu achava que fosse. Ele precisava da minha ajuda. Isso é tudo!

— Isso é tudo. — Foi à vez de Simon repetir com uma voz estranha. — E por que você fez isso? Esse cara pagou?

— Não! Foi um favor!

— Você se casou... para fazer um favor? — perguntou Simon, incrédulo. Milly o fitou, assustada. De alguma forma, as coisas não estavam indo nada bem.

— Não significou nada — insistiu. — Foi há dez anos! Eu era uma criança. Admito que devia ter contado antes. Sei disso. Mas eu apenas... — Ela parou de falar e olhou para ele, desesperada. — Simon, diga alguma coisa!

— O que você espera que eu diga? Parabéns?

Milly estremeceu.

— Não! Somente... Não sei. Diga o que você está pensando.

— Não sei o que pensar. Não sei nem por onde começar. Não posso acreditar. Você está dizendo que é casada com outro cara. O que você espera que eu pense? — Ele olhou para a mão dela, para o dedo em que estava o anel de noivado, e ela corou.

— Não significou nada — repetiu Milly. — Você tem que acreditar.

— Não importa o que significou! Você ainda está casada, não está? — Simon pulou da poltrona de repente e foi até a janela. — Deus do céu, Milly! — Sua voz era ligeiramente trêmula. — Por que não me contou?

— Não sei. Não quis... — Ela engoliu em seco. — Eu não quis estragar tudo.

— Você não quis estragar tudo — murmurou Simon. — E espera até dois dias antes do nosso casamento para me dizer que é casada.

— Pensei que não faria diferença! Pensei...

— Você chegou a pensar em não contar nunca? — Ele se virou e a encarou, desconfiado. — Você não ia me contar! Estou certo?

— Eu não...

— Você ia esconder isso de mim! — Seu tom de voz aumentou. — Esconder do próprio marido!

— Não! Eu pretendia contar!

— Quando? No dia do casamento? Quando nascesse o nosso primeiro filho? Nas nossas bodas de ouro?

Milly abriu a boca para falar, mas desistiu. Estava com medo. Nunca tinha visto Simon tão enfurecido e não sabia como acalmá-lo, não sabia o que fazer.

— Então, que outros segredos você está escondendo de mim? Algum filho? Amantes secretos?

— Não.

— E como eu vou acreditar nisso? — A voz de Simon ecoou pela sala, e Milly estremeceu. — Como posso acreditar no que você diz?

— Não sei — respondeu Milly, abatida. — Não sei. Apenas tem que confiar em mim.

— Confiar em você!

— Eu sei que devia ter contado. Eu sei! Mas isso não quer dizer que eu escondo algo mais de você. Simon...

— Não é só isso — interrompeu ele. — Não é somente o fato de você não ter contado.

O coração de Milly voltou a disparar.

— O que é, então?

Simon se afundou em uma cadeira e esfregou o rosto.

— Milly... você já fez votos de casamento à outra pessoa. Já prometeu amar outra pessoa, respeitar outra pessoa. Você sabe o que isso representa para mim?

— Mas eu não falei uma palavra sequer a sério! Nem uma palavra!

— Exatamente. — A voz dele fez com que um arrepio a percorresse. — Pensei que você levasse esses votos tão a sério quanto eu.

— E leve — retrucou Milly. — Juro.

— Como? O que fez foi menosprezá-los! Corrompê-los.

— Simon, não me olhe assim. Não sou uma criminosa! Cometi um erro, mas ainda sou eu. Nada mudou!

— Tudo mudou — retorquiu ele em tom definitivo. Houve um silêncio tenso. — Para falar a verdade, tenho a sensação de que não conheço mais você.

— Ah, é? Pois *eu* é que tenho a sensação de que não conheço mais você! — disse Milly em uma súbita explosão de angústia. — *Eu* não conheço mais você! Simon, eu admito que estraguei o casamento. Sei que arruinei tudo. Mas você não precisa agir de forma tão hipócrita. Não precisa olhar para mim como se eu não merecesse sequer o seu desprezo. Não sou nenhuma criminosa! — Ela engoliu em seco. — Bem, talvez seja, tecnicamente falando. Mas só porque cometi um erro. Um único erro! E se você me amasse, me perdoaria! — Ela começou a soluçar. — Se você realmente me amasse, me perdoaria!

— E se você realmente me amasse — retrucou Simon, parecendo subitamente perturbado — , teria me contado que era casada! Você pode falar o que quiser, Milly, mas se você realmente me amasse, teria me contado!

Milly o fitou, insegura.

— Não necessariamente — contestou, hesitante.

— Bem, acho que temos ideias diferentes sobre o que é o amor — refutou Simon. — Talvez nossos objetivos tenham sido distintos desde o início. — Ele se levantou e pegou o casaco. Milly o observou, horrorizada.

— Você está dizendo... — Ela lutou contra uma ânsia de vômito. — Você está dizendo que não quer mais se casar comigo?

— Se eu bem me lembro — disse Simon de maneira inflexível — , você já tem um marido. Portanto, esta é uma pergunta retórica, certo? — Ele parou diante da porta. — Espero que vocês dois sejam muito felizes.

— Idiota! — gritou Milly. As lágrimas embaçaram seus olhos no momento em que ela puxou o anel de noivado, enfurecida. Quando conseguiu atirá-lo, a porta já havia se fechado atrás de Simon.

CAPÍTULO ONZE



Quando Isobel chegou, encontrou a casa em silêncio. As luzes do hall estavam apagadas e não havia ninguém na sala de estar. Ela abriu a porta da cozinha e viu a mãe sentada a mesa, na penumbra. Diante dela havia uma garrafa de vinho praticamente vazia. Uma música tocava baixinho. Ao ouvir o barulho da porta, Olivia ergueu os olhos. Seu rosto estava pálido e inchado.

— Bem — disse ela, sem emoção. — Está tudo acabado.

— O que está acabado? — perguntou Isobel, desconfiada.

— O noivado. O noivado acabou.

— O quê? — Isobel se espantou. Encarou a mãe, consternada. — Você quer dizer... De vez? Por quê?

— Eles brigaram, e Simon terminou tudo. — Olivia bebeu um gole de vinho.

— Por quê? Por causa da história do casamento?

— Imagino que sim. Ela não disse o motivo.

— Onde ela está?

— Foi dormir na casa da Esme. Disse que precisava ficar longe desta casa. De todos nós.

— Não a culpo — ponderou Isobel, jogando-se em uma cadeira sem tirar o casaco. — Coitada da Milly. Não posso acreditar! O que exatamente ele disse?

— Milly não me contou. Ela não me conta nada ultimamente. — Olivia tomou um longo gole do vinho. — Com certeza, não confia mais em mim.

Isobel revirou os olhos.

— Mãe, não comece.

— Durante dez anos ela esteve casada com esse... esse imigrante ilegal! Dez anos, e nunca me disse nada!

— Não dava para contar. Como ela poderia contar isso a você?

— E quando se viu encrencada, correu para a casa da Esme. — Os olhos de Olivia estavam injetados. — Logo para a casa de Esme Ormerod!

— Ela sempre vai para a casa de Esme — retrucou Isobel.

— Sei disso. Ela corre para aquela casa e volta achando que é a Rainha de Sabá!

— Mãe...

— E depois, ela recorreu a você. — Olivia aumentou o tom de voz. — Será que em algum momento ela pensou em me procurar? A própria mãe?

— Ela não podia! Ela sabia como você iria reagir. E, francamente, não era disso que ela precisava. Ela precisava de um conselho racional, coerente.

— Eu sou incapaz de ser racional, não é?

— Quando se trata desse casamento, sim!

— Bem, agora não vai mais haver casamento — disse Olivia bruscamente. — Não vai haver casamento. Então, talvez vocês voltem a confiar em mim. Talvez comecem a me tratar como ser humano.

— Ah, mãe, pare de bancar a coitadinha! — gritou Isobel, exasperada. — Não era o seu casamento. Era o casamento da Milly!

— Eu sei! — retrucou Olivia, indignada.

— Não sabe não. Você não está preocupada com Milly ou com Simon. Não está preocupada com os sentimentos deles. Você nem mesmo se importa se eles vão ficar juntos ou não. Você só está pensando no casamento, na decoração que terá que ser cancelada, na sua roupa linda e elegante que ninguém verá e no fato de que não vai dançar com Harry Pinnacle! Fora isso, você não está nem aí!

— Como pode falar assim! — exclamou Olivia, ruborizando.

— Mas é a pura verdade. Não é de admirar que papai...

— Não é de admirar que seu pai o quê?

— Nada — disse Isobel, ciente de que havia falado demais. — Eu apenas... Eu consigo compreendê-lo. Só isso.

Houve um longo silêncio. Isobel pestanejou algumas vezes sob a luz fraca da cozinha. De repente, sentiu-se esgotada, cansada demais para discutir, cansada demais até para se levantar.

— Certo — disse ela, fazendo um esforço enorme. — Bem, acho que vou dormir.

— Espere. — Olivia ergueu os olhos. — Você não comeu nada.

— Não quero comer — justificou-se Isobel. — Não estou com fome.

— Não interessa. Você precisa comer.

Isobel deu de ombros de modo evasivo.

— Você precisa comer... na sua condição — repetiu a mãe, olhando nos olhos da filha.

— Mãe... agora não — implorou Isabel, cansada.

— Você não precisa falar sobre isso — observou Olivia, magoada. — Não precisa me contar nada se não quiser. Pode guardar todos os segredos. — Isabel desviou o olhar, constrangida. — Deixe-me apenas preparar um belo ovo mexido para você.

Houve uma pausa.

— Tudo bem — concordou. — Vou comer.

— Vou lhe servir uma taça de vinho.

— Não posso — argumentou Isabel, pega de surpresa.

— Por que não?

Ela ficou em silêncio, tentando compreender os pensamentos contraditórios que ocupavam sua mente. Ela não deveria beber apenas se estivesse decidida a levar a gravidez adiante. Que tipo de lógica distorcida era aquela?

— Isso tudo é bobagem! — disse Olivia. — Eu tomava três doses de gim por dia quando estava grávida de você. E você nasceu perfeita, não é? Mais ou menos?

Um sorriso relutante se abriu no rosto de Isabel.

— Está bem, apenas uma taça de vinho.

— Eu também vou beber. Vamos abrir outra garrafa. — Ela fechou os olhos. — Eu nunca passei uma noite tão terrível como esta.

— Nem me fale — observou Isabel, sentando-se à mesa.

— Espero que Milly esteja bem.

— Tenho certeza de que Esme cuidará dela — disse Olivia com um leve traço de amargura na voz.

MILLY ESTAVA NA SALA de estar da casa de Esme, saboreando uma bebida quente e cremosa, feita de flocos de chocolate belga e uma dose de Cointreau. A madrinha a persuadira a tomar um longo banho quente, perfumado com o conteúdo misterioso de vidros sem rótulo, emprestara-lhe um roupão branco macio e um par de chinelos confortáveis. Agora seu cabelo era penteado com uma escova antiga. Milly fitava o fogo crepitante da lareira, sentindo o puxão da escova, o calor do fogo no rosto e o contato da pele limpa com o roupão. Ela chegara à casa de Esme há mais ou menos uma hora, desatara a chorar assim que a porta se abriu e chorou novamente enquanto tomava banho. Mas agora se sentia estranhamente calma. Bebeu outro gole do achocolatado cremoso e fechou os olhos.

— Está se sentindo melhor? — perguntou Esme, baixinho.

— Sim. Bem melhor.

— Que bom.

Houve uma pausa. Um dos cães saiu do lugar onde estava, perto da lareira, aproximou-se de Milly e aninhou a cabeça em seu colo.

— Você tinha razão — disse Milly, acariciando a cabeça do cachorro. — Você tinha razão. Eu não conheço o Simon. E ele não me conhece. — Sua voz tremeu ligeiramente. — Está tudo

acabado.

Esme não disse nada, mas continuou escovando os cabelos da sobrinha.

— Sei que sou a culpada — continuou ela. — Eu sei muito bem. Fui eu que me casei, fui eu que arruinei tudo. Mas ele se comportou como se eu tivesse feito de propósito. Ele nem sequer *tentou* ver as coisas do meu ponto de vista.

— Um traço tão masculino... — observou Esme. — As mulheres fazem malabarismos para compreender o ponto de vista das outras pessoas, enquanto os homens ponderam por um momento, olham para trás e seguem como antes.

— Simon não chegou nem a ponderar — lembrou Milly, com tristeza. — Ele nem sequer quis escutar meus argumentos.

— É assim mesmo. Apenas mais um homem teimoso.

— Me sinto uma idiota. Uma grande idiota. — Mais lágrimas começaram a brotar nos olhos de Milly. — Como eu fui pensar em me casar com ele? Ele me acusou até de corromper os votos de casamento. Disse que não poderia acreditar em mais nada que eu dissesse. E me olhou como se eu fosse um monstro!

— Eu sei — disse Esme tentando confortá-la.

— Não chegamos a nos conhecer de verdade ao longo de todo esse tempo que ficamos juntos — reconheceu Milly, esfregando os olhos. — Simon não me conhece nem um pouco! E não se pode casar com alguém que não se conhece, certo? Não devíamos nem ter ficado noivos. Desde o início, foi só... — Ela fez uma pausa de repente. — Você lembra quando ele me pediu em casamento? Ele planejou tudo do jeito dele. Primeiro, me levou a um banco, no jardim da casa do pai dele, com um anel de diamante no bolso. Tinha até escondido uma maldita garrafa de champanhe na árvore!

— Querida...

— Mas nada daquilo tinha a ver comigo. Tinha a ver com ele. Ele não pensou em mim, mesmo naquele momento.

— Igualzinho ao pai — disse Esme com uma súbita tensão na voz. Milly a fitou, surpresa.

— Você conhece o Harry?

— Eu o conheci há muito tempo — respondeu Esme, escovando os cabelos de Milly com mais força. — Não tenho mais contato com ele.

— Eu sempre achei Harry uma pessoa bacana — afirmou Milly. — Mas não sei de mais nada. Estava completamente enganada a respeito de Simon, não é? — Ela começou a soluçar e Esme parou de escovar os cabelos dela.

— Querida, por que não vai para a cama? — sugeriu. Em seguida, juntou as mechas de Milly com as mãos e as soltou. — Você está exausta. Precisa de uma boa noite de sono. Lembre-se de que acordou cedo, viajou até Londres e voltou. Foi um dia cheio.

— Não vou conseguir dormir. — Milly olhou para Esme com o rosto manchado de lágrimas, como o de uma criança.

— Vai sim — retrucou Esme. — Eu coloquei uma coisinha na sua bebida. Deve fazer efeito rapidinho.

Milly se espantou. Então, fitou a caneca por um momento e esvaziou seu conteúdo. — Você costuma drogar todos os seus convidados?

— Só os muito especiais — disse a madrinha, dando um sorriso sereno.

QUANDO ACABOU DE COMER OS OVOS mexidos, Isobel suspirou e recostou-se na cadeira.

— Estava uma delícia. Obrigada. — Como não houve resposta, ela se virou. Olivia estava com a cabeça caída sobre a mesa, os olhos fechados. — Mãe?

Com enorme esforço, Olivia se ergueu.

— Você já acabou — perguntou meio confusa. — Quer mais?

— Não, de jeito nenhum. Mãe, por que você não vai dormir? Temos muito que fazer de manhã.

Por um momento, Olivia a fitou com um olhar vazio; então, com um movimento repentino, concordou:

— É mesmo. — Ela suspirou. — Sabe, por um momento eu esqueci.

— Vá dormir. Pode deixar que eu arrumo tudo por aqui.

— Mas você...

— Eu estou bem — disse Isabel com firmeza. — Além disso, quero fazer um chá. Pode ir.

— Bem, então boa noite.

— Boa noite.

Isobel observou a mãe sair da cozinha. Levantou-se e encheu a chaleira de água. Ela estava apoiada contra a pia olhando para a rua escura e silenciosa, quando, de repente ouviu o barulho de uma chave girando na fechadura.

— Milly? — disse ela. — É você?

Logo depois, a porta se abriu, e um homem estranho entrou na cozinha. Estava usando uma jaqueta de brim carregava uma sacola enorme e parecia mais sujo do que a maioria dos hóspedes da pensão. Por um instante, Isobel o fitou com curiosidade. Então, com um sobressalto, percebeu de quem se tratava. Uma fúria abrasadora a dominou. Era ele. Este era Alexander, o causador de toda aquela confusão.

— Oi — disse ele, pousando a sacola no chão e sorrindo de modo despreocupado. — Você deve ser a poliglota e talentosa Isobel.

— Não sei como você se atreve a voltar aqui — retrucou Isobel, tentando controlar a voz. — Não sei como você tem cara de pau para isso.

— Sou corajoso — replicou Alexander, aproximando-se.

Eles não me disseram que, além de talentosa, você é bonita.

— Fique longe de mim — vociferou Isobel.

— Isso não é muito simpático.

— Simpático! Você espera que eu seja simpática? Depois de tudo que você fez a minha irmã?

Alexander sorriu.

— Então você sabe o segredinho dela, não é?

— O mundo inteiro sabe o segredinho, graças a você!

— Como assim? — perguntou Alexander demonstrando inocência. — Aconteceu alguma coisa?

— Deixe-me pensar — respondeu Isabel em tom sarcástico. — Aconteceu alguma coisa? Ah, sim. O casamento foi cancelado. Mas acho que você já sabia.

Alexander a fitou perplexo.

— Você está brincando.

— Claro que não! — gritou Isabel. — O casamento foi cancelado. Portanto, parabéns, Alexander. Você conseguiu o que queria. Você fodeu completamente com a vida de Milly. Sem falar na família inteira.

— Caramba! — Alexander passou a mão vacilante pelos cabelos. — Olha, eu não pretendia...

— Ah, não? — retorquiu Isobel, furiosa. — Não? Bem, você devia ter pensado nisso antes de abrir a boca. Quer dizer, o que você *achava* que ia acontecer?

— Com certeza, isso não! Jamais, por Deus do céu! Por que ela cancelou o casamento?

— Não foi ela. Foi o Simon.

— Como é que é? Por quê?

— Acho que isso é problema deles, não acha? — esbravejou Isobel. — Vamos apenas admitir que, se ninguém tivesse dito nada sobre o primeiro casamento, tudo estaria bem. Se você ao menos tivesse ficado calado... — Ela não terminou a frase. — Qual é o seu problema? Você não passa de um maldito psicopata.

— Ei, eu não sou psicopata coisa nenhuma! — contestou Alexander. — Meu Deus! Eu não queria que ninguém cancelasse o casamento. Eu só queria...

— Queria o quê? O que você queria?

— Nada! Eu estava apenas... agitando um pouco as coisas.

— Nossa, como você é patético! — disse Isobel, olhando bem nos olhos dele. — Você não passa de um encenqueiro patético! — Ela olhou para a sacola no chão. — Você não está pensando em passar a noite aqui, está?

— Mas eu fiz reserva!

— Pois está cancelada. — Isobel chutou a sacola em direção à porta. — Você tem ideia do

que fez à minha família? Minha mãe está em choque, minha irmã não para de chorar...

— Olha, desculpe! — disse Alexander, apanhando a sacola. — Eu sinto muito se o casamento de sua irmã foi cancelado. Mas vocês não podem achar que a culpa é minha!

— Podemos e achamos — gritou Isobel, abrindo a porta. — Agora saia!

— Mas eu não fiz nada! — exclamou Alexander, furioso, enquanto passava pela porta. — Eu só fiz umas piadinhas!

— Você acha que contar tudo ao padre é uma *piadinha*? — indagou Isobel, exasperada. E logo que Alexander fez menção de retrucar, ela bateu a porta na cara dele.

OLIVIA SUBIU AS ESCADAS lentamente, tomada por uma tristeza avassaladora. A adrenalina do início da noite havia desaparecido; sentia-se cansada e decepcionada, estava prestes a chorar. Tudo havia terminado. O objetivo pelo qual trabalhara nos últimos meses fora repentinamente destruído, deixando um imenso vazio.

Ninguém jamais entenderia o quanto ela se dedicara aos preparativos do casamento de Milly. Talvez esse tenha sido seu erro, ter se envolvido tanto. Talvez tivesse sido melhor se os funcionários de Harry, com sua eficiência formal, houvessem assumido os detalhes da cerimônia e ela só aparecesse no dia festa — devidamente arrumada e agindo com entusiasmo comedido. Ela suspirou. Não poderia ter se comportado dessa forma. Não conseguiria ficar alheia a tudo enquanto outra pessoa organizava os preparativos do casamento de sua filha. Por isso, havia reunido forças e se encarregado de tudo, passando várias horas planejando, projetando e preparando. Agora jamais veria os frutos de todo seu trabalho.

A voz acusadora de Isobel ecoou em seu ouvido, e ela estremeceu. Durante esse processo, tivera conflitos com o restante da família, fora acusada de exigir perfeição nos mínimos detalhes. Talvez James tivesse razão; talvez isso tenha se tornado uma obsessão. Mas ela só queria que tudo fosse perfeito para Milly. Para todos. E agora ninguém se daria conta disso. Ninguém veria os resultados nem iria usufruir do dia festivo e luxuoso que ela havia planejado. Só se lembrariam dos aborrecimentos e transtornos.

A porta do quarto de Milly estava entreaberta, e ela entrou. O vestido de noiva ainda se encontrava pendurado na porta do guarda-roupa, protegido pela capa de algodão. Ao fechar os olhos, Olivia se lembrou da expressão de Milly ao vesti-lo pela primeira vez. Tinha sido o sétimo vestido que ela experimentara, e ambas perceberam imediatamente que era o ideal. Elas fitaram o reflexo de Milly no espelho em silêncio. Em seguida, voltando-se para a filha, Olivia dissera: "Acho que vamos ter que comprá-lo, não é?"

As medidas de Milly foram anotadas, e o vestido foi enviado a algum lugar em Nottingham para que pudesse ser cuidadosamente ajustado. Nas últimas semanas, ela havia feito diversas provas. E agora, nunca o usaria. Incapaz de se conter, Olivia abriu o zíper da capa protetora e puxou um pedaço do pesado cetim. Do interior da capa de algodão uma pequena pérola reluziu. Era um vestido realmente deslumbrante. Olivia suspirou e, antes que pudesse sucumbir ao desgosto, resolveu fechar o zíper.

James, que passava pela porta, viu Olivia pesarosa diante do vestido de Milly e ficou irritado. Ele irrompeu no quarto.

— Pelo amor de Deus, Olivia. O Casamento foi cancelado! Cancelado! Você ainda não colocou isso na cabeça? — disse ele rispidamente.

Olivia sobressaltou-se, e suas mãos começaram a tremer enquanto ela enfiava o vestido de volta na capa.

— Claro que já. Eu só estava...

— Só estava se lamentando, com pena si mesma. — O tom de James era sarcástico. — Só estava pensando no casamento tão perfeitamente organizado por você, que não vai mais acontecer.

Olivia fechou a capa e se virou.

— James, por que está agindo como se tudo fosse minha culpa? — indagou ela com a voz hesitante. — Por que eu me tornei a vilã da história? Não pressionei Milly a se casar. Não a forcei a planejar festa nenhuma! Ela queria! Tudo que fiz foi organizar os preparativos para ela da melhor maneira possível.

— Organizar para a própria satisfação, você quer dizer!

— Talvez. Mas o que há de errado nisso?

— Ah, desisto — replicou James, pálido de raiva. — Eu não consigo fazer você compreender!

— Não entendo, James. — Ela se lamentou. — Simplesmente não entendo. Você nunca se sentiu feliz com o casamento da Milly?

— Não sei. — James dirigiu-se a janela com passos firmes. — Casamento. O que um casamento poderia oferecer a uma jovem como Milly?

— Felicidade — respondeu Olivia após uma pausa. — Uma vida feliz com Simon.

James se virou e olhou para ela com ar de curiosidade.

— Você acha que casamento traz felicidade?

— Claro!

— Você deve ser bem mais otimista do que eu. — Ele se apoiou no aquecedor, curvou os ombros e analisou a esposa com um olhar indecifrável.

— O que você quer dizer? James, do que você está falando?

— O que você acha?

Um silêncio mortal ressoou pelo cômodo.

— Olhe para nós, Olivia — prosseguiu James finalmente. — Somos casados há muito tempo. Por acaso fazemos um ao outro feliz? Apoiamos um ao outro? Todos esses anos, em vez de ficarmos cada vez mais unidos, nos distanciamos.

— Não é verdade! — protestou Olivia, alarmada. — Temos sido muito felizes juntos!

James balançou a cabeça.

— Temos sido felizes separadamente. Você tem a sua vida, eu tenho a minha. Você tem os

seus amigos e eu tenho os meus. Isso não é casamento.

— Não temos vidas separadas — argumentou ela com pânico na voz.

— Ah, que é isso, Olivia! Admita, você se interessa mais pelos hóspedes do que por mim!

— Não é verdade. — Olivia enrubesceu.

— É, sim. Eles vêm em primeiro lugar, e eu, em segundo, junto como restante da família.

— Isso não é justo! Eu administro a pensão *para* a nossa família! Para podermos viajar nas férias. Para podermos usufruir de pequenas mordomias. Você sabe muito bem!

— Talvez outras coisas sejam mais importantes.

Olivia lançou ao marido um olhar cheio de insegurança.

— Você quer que eu desista da pensão?

— Não! — retrucou James, impaciente. — Eu apenas...

— O quê?

Houve uma longa pausa. Finalmente, James suspirou.

— Acho que eu só quero que você precise de mim.

— Eu preciso de você — murmurou Olivia.

— Precisa mesmo? — James deu um sorriso irônico. — Quando foi a última vez que você recorreu a mim? Quando foi a última vez que pediu meu conselho?

— Você não se interessa por nada do que eu tenho a dizer! — defendeu-se Olivia. — Sempre que eu falo alguma coisa você fica entediado, olha pela janela. Ou pega o jornal para ler. Age como se nada do que eu tenho a dizer tivesse importância. E você? Você também nunca recorre a mim!

— Eu tento! — queixou-se James. — Mas você nunca ouve! Está sempre falando do casamento: o casamento isso, o casamento aquilo. E antes dele havia sempre alguma outra coisa. Ou seja, você está sempre falando, falando, falando! Isso me deixa maluco.

Houve silêncio.

— Eu sei que, às vezes, falo demais — admitiu Olivia finalmente. — Minhas amigas dizem isso. Vivem repetindo: "Fique quieta, Olivia, deixe alguém falar." Aí eu me calo. — Ela engoliu em seco. — Mas você nunca reclamou. Sempre se mostrou indiferente em relação a isso.

James esfregou o rosto demonstrando cansaço.

— Talvez. Talvez eu tenha desistido de demonstrar irritação. Tudo que sei é que... — Ele fez uma breve pausa. — Não aguento mais essa situação.

As palavras dele ecoaram no quarto como o som de gás saindo de uma latinha de spray. Olivia sentiu o sangue sumir do rosto. Um golpe lento e assustador, o prenúncio do fim, a atingiu em cheio.

— James — disse ela antes que ele pudesse continuar. — Por favor. Esta noite, não.

James ergueu os olhos e levou um susto ao olhar para Olivia. O rosto dela estava acinzentado, seus lábios tremiam, e seus olhos expressavam um medo profundo.

— Olivia... — começou ele.

— Se você tiver algo para me dizer... — Olivia engoliu em seco — por favor, não diga esta noite. — Ela começou a se afastar com dificuldade, evitando olhar para o marido. — Esta noite, não — sussurrou, Tateando a procura da maçaneta da porta. — Eu... Eu simplesmente não poderia suportar mais nada esta noite.

RUPERT ESTAVA DIANTE DA escrivaninha do escritório, olhando a noite escura e silenciosa pela janela. Diante dele havia uma lista de números de telefone, alguns riscados ou alterados; outros anotados recentemente. Passara as duas últimas horas ao telefone, falando com pessoas com quem nunca imaginara falar novamente. Entre elas, um velho amigo de Allan na Keble e que agora fazia parte do Christ Church College, um antigo colega de monitoria que atualmente trabalhava em Birmingham e pessoas de quem mal se lembrava, amigos de amigos, nomes que ele nem conseguia associar aos rostos. Ninguém sabia onde encontrar Allan.

Mas o último telefonema o deixara esperançoso. Ele falou com um professor inglês de Leeds, que conhecera Allan em Manchester.

— Ele saiu de Manchester de repente — disse ele.

— Entendo — retrucou Rupert, que já havia anotado essa informação umas três ou quatro vezes. — Você tem ideia de algum lugar para onde ele possa ter ido depois disso?

Houve uma pausa.

— Exeter — respondeu o professor finalmente. — É isso mesmo, Exeter. Eu sei porque, aproximadamente um ano depois, ele me escreveu pedindo que lhe enviasse um livro.

O endereço era de Exeter. Acho até que cheguei a registrar na minha agenda eletrônica.

— Será que você poderia... — disse Rupert, tentando não criar expectativas. — Será que...

— Achei. St. David's House.

— O que é isso? — perguntou Rupert, estranhando o endereço. — Uma faculdade?

— Eu nunca ouvi falar — afirmou o professor. — Talvez seja o nome de um novo alojamento universitário.

Assim que desligou, Rupert telefonou para o serviço de auxílio à lista. Agora estava diante do número. Devagar, pegou o aparelho e discou. Provavelmente, Allan ainda estaria lá. Talvez ele mesmo atendesse ao telefone. O coração de Rupert disparou, seus dedos ficaram escorregadios em contato com o fone. Estava quase desfalecendo de tanta ansiedade.

— Alô? — Uma voz masculina e jovem atendeu. — St. David's House.

— Alô — disse Rupert, agarrando o fone com força. — Eu gostaria de falar com Allan Kepinski, por favor.

— Só um segundo.

Houve um longo silêncio, então outra voz masculina e jovem atendeu.

— Você queria falar com Allan?

— Sim.

— Qual é o seu nome?

— Rupert.

— Rupert Carr?

— Sim. Ele segurou o fone com mais força. — Allan está?

— Allan saiu há cinco anos — respondeu o jovem. — Ele voltou para os Estados Unidos.

Rupert fitou o telefone com um olhar vazio. Jamais imaginara que Allan voltaria para os Estados Unidos.

— Você está em Londres? — perguntou o jovem. — Haveria alguma possibilidade de nos encontrarmos amanhã? Allan deixou uma carta para você.

— É mesmo? Para mim? — O coração de Rupert começou a disparar de alegria. Não era tarde demais. Allan ainda o queria. Rupert telefonaria para ele, iria aos Estados Unidos se fosse preciso. E depois...

De repente, sua atenção foi interrompida por um barulho na porta, e ele teve um sobressalto. No vão, Tom o observava. Rupert enrubesceu.

— Então nos encontraremos no Mangetout, na Drury Lane. Ao meio-dia — dizia o jovem ao telefone. — Estarei usando calça jeans escura. A propósito, meu nome é Martin.

— Está bem — concordou Rupert rapidamente. — Adeus, Martin.

Ele desligou o telefone e olhou para Tom. Sentia-se humilhado.

— Quem é Martin? — indagou Tom, descontraído. — Um amigo seu?

— Vá embora. Me deixe em paz.

— Estive com Francesca. Ela está muito abalada, como era de se esperar. — Tranquilamente, ele se sentou diante da escrivaninha e apanhou um peso de papel feito de latão. — Sua pequena explosão a atingiu em cheio.

— Mas, pelo visto, não abalou você — disse Rupert de maneira agressiva.

— Para falar a verdade, não. Eu já estive diante de uma situação como essa. — Ele sorriu. — Você não está sozinho. Pode contar comigo. Francesca está disposta a ficar ao seu lado. Nós o ajudaremos.

— Vocês me ajudarão a fazer o quê? A me arrepender? A confessar publicamente?

— Entendo sua raiva — ponderou Tom. — É uma forma de vergonha.

— Não é! Não me envergonho de nada!

— Não importa o que tenha feito no passado, tudo pode ser apagado. Você pode recomeçar.

Rupert olhou para Tom. Lembrou-se da sua casa, de sua vida com Francesca, da felicidade, do conforto e de tudo que poderia ter de novo se apenas mentisse.

— Não posso — afirmou. - Simplesmente não posso. Não sou quem vocês pensam. Eu amei

um homem. Não foi equívoco ou engano. Foi amor.

— Amor platônico...

— Não foi amor platônico! — gritou Rupert. — Foi físico! Será que você não consegue entender, Tom? Eu amei um homem fisicamente, sexualmente.

— Você praticou atos com ele.

— Sim.

— Atos que você reconhece como abomináveis aos olhos do Senhor.

— Não fizemos mal a ninguém! Não fizemos nada de errado!

— Rupert! — exclamou Tom, levantando-se. — Você consegue ouvir suas palavras? É lógico que você fez mal a si mesmo, o mais grave de todos os males. Você provavelmente cometeu o pecado mais execrável da humanidade! Você pode apagá-lo, mas precisa se arrepender. Precisa reconhecer o pecado que cometeu.

— Não foi pecado — retrucou Rupert com a voz trêmula. — Foi lindo.

— Aos olhos do Senhor — disse Tom friamente — foi repugnante. Repugnante!

— Foi amor! — Rupert levantou-se para encarar Tom. — Você não consegue entender?

— Não — esbravejou Tom. — Infelizmente, não.

— Você não consegue entender como dois homens podem se amar?

— Não!

Rupert inclinou-se para a frente. As mechas de seu cabelo tocaram a testa de Tom.

— Você realmente sente repulsa por esta ideia? — sussurrou. — Ou será que sente medo?

Como um gato assustado, Tom pulou para trás.

— Fique longe de mim! — gritou ele com o rosto contorcido de nojo. — Afaste-se!

— Não se preocupe. Estou de saída.

— Para onde?

— Você se importa, Tom? Você realmente se importa?

Houve silêncio. Com as mãos trêmulas, Rupert recolheu seus papéis e os enfiou na pasta. Tom o observou, imóvel.

— você sabe que está condenado — disse ele quando Rupert pegou o casaco. — Condenado ao inferno.

— Eu sei — retrucou Rupert. E, sem olhar para trás, abriu a porta e saiu.

CAPÍTULO

DOZE

Isobel acordou com uma imensa dor de cabeça e um enjôo terrível. Estava deitada, imóvel, tentando se manter calma e exercer o poder da mente sobre o corpo, até que uma vontade súbita de vomitar a jogou para fora da cama, para fora do quarto, e a levou até o banheiro.

— É ressaca — disse ao espelho. Mas seu reflexo não pareceu muito convencido disso. Então bochechou, sentou-se na borda da banheira e apoiou a cabeça nas mãos. Mais um dia. O bebê está mais desenvolvido. Àquela altura, ele já devia ter características físicas. Mãozinhas, dedinhos do pé. Era um menino. Ou uma menina. Uma pessoinha. Crescendo dentro dela, com sede de vida.

Sentiu outra onda de mal-estar e levou a mão à boca. Sua indecisão a atormentava. Não conseguia chegar a uma conclusão, não conseguia sequer definir os argumentos em sua mente. A racionalidade lutava contra impulsos que jamais soube possuir e, a cada dia, ela parecia um pouco mais fraca. A decisão óbvia agora não parecia tão óbvia assim, pontos de vista lógicos que apoiara um dia pareciam se desintegrar em um mar de emoções tolas.

Ela se levantou, cambaleando, e voltou para o corredor. Ouviu sons vindos da cozinha e decidiu descer e fazer um chá. James estava de pé, lendo o jornal ao lado do fogão. E vestia um terno, sua roupa para o trabalho.

— Bom dia — cumprimentou ele. — Quer tomar um chá?

— Eu adoraria — disse Isobel. Ela se sentou a mesa e observou os próprios dedos. James a serviu; assim que ela tomou um gole, fez uma careta. — Acho que vou pôr açúcar.

— Você não costuma usar açúcar — disse James, surpreso.

— É. Bem, acho que mudei. — Ela colocou duas colheres de açúcar na caneca e, em seguida, bebeu o chá com prazer deleitando-se com a sensação quente e doce da bebida se espalhando lentamente por seu corpo.

— Então — disse James —, Milly estava certa.

— Sim. — Isobel olhou para o chá marrom e cremoso. — Milly estava certa.

— E o pai?

Isobel não respondeu.

— Entendo. — James pigarreou. — Você decidiu o que vai fazer? Suponho que ainda esteja no início.

— Sim, está no início. E não, ainda não decidi. — Ela ergueu os olhos. — Imagino que, na sua opinião, eu deva interromper a gravidez, não é? Esquecer que algum dia isso aconteceu e retomar a minha brilhante carreira.

— Não necessariamente — argumentou James após uma pausa. — A menos que...

— A minha excitante carreira — interrompeu Isobel, com a voz carregada de amargura. — A minha maravilhosa vida de aviões, hotéis e executivos estrangeiros tentando me paquerar, porque estou sempre sozinha.

James a fitou.

— Você não gosta do seu trabalho? Eu sempre achei, quer dizer, todos nós imaginávamos que gostasse.

— E gosto, quase sempre. Mas às vezes me sinto solitária, às vezes fico cansada e tenho vontade de desistir. Exatamente como a maioria das pessoas. — Ela bebeu um gole do chá.

— Às vezes, gostaria de ter me casado, ter tido três filhos e de estar divorciada agora, feliz da vida.

— Eu não podia imaginar, querida — disse James, franzindo o cenho. — Eu achei que gostasse do fato de viver para o trabalho.

— Não vivo para o trabalho. — Isobel pousou a caneca na mesa com força. — Sou apenas uma pessoa que trabalha.

— Eu não quis dizer...

— Mas disse! — retrucou Isobel, exasperada. — Vocês pensam que minha vida se resume a isso, não é? Uma carreira e nada mais. Vocês esqueceram todos os outros aspectos.

— Não é isso! Eu não me esqueceria de nada que se refere a você.

— É claro que esqueceria. Eu mesma faço isso. Frequentemente.

Houve uma pausa. Isobel pegou um pacote de flocos de milho, inspecionou seu interior, suspirou e o guardou de volta.

James tomou um último gole do chá e pegou sua pasta.

— Eu tenho que ir.

— Você vai mesmo trabalhar hoje?

— Não tenho escolha. Tem muita coisa acontecendo. Se eu não mostrar a cara, posso perder o emprego amanhã.

— É mesmo? — Isobel ergueu os olhos, surpresa.

— Não chega a tanto — esclareceu James com um sorriso. — De qualquer maneira, eu

tenho que ir.

— Desculpe. Eu não sabia.

— Pois é. — Ele fez uma pausa. — Você não tinha como saber. Eu não tenho falado sobre isso.

— Imagino que você esteja lidando com coisas suficientes aqui em casa.

— Pode apostar — disse James.

Isobel sorriu.

— Aposto que, no fundo, você está contente de se livrar de toda essa história de casamento.

— Na verdade, não estou conseguindo me livrar. Harry Pinnacle já telefonou para mim esta manhã solicitando um encontro na hora do almoço. Sem dúvida para falar sobre as despesas deste fiasco. — Ele fez uma careta. — Harry Pinnacle estala os dedos e o resto do mundo tem que se mexer.

— Boa sorte.

Ao chegar à porta, James parou.

— Afinal, com quem você teria casado?— perguntou ele. — Com quem teria três filhos?

— Não sei. Deixe-me pensar... Com quem eu estava saindo mesmo? Acho que era com Dan Williams.

James deu um gemido de desgosto.

— Querida, nesse caso, acho que fez a escolha certa. — Ele parou de falar subitamente. — Quero dizer... O bebê não é...

— Não — completou Isobel, rindo involuntariamente. — Não se preocupe. Não é dele.

SIMON ACORDOU ARRASADO. Sua cabeça doía, seus olhos estavam inchados, seu peito parecia carregado de tristeza. Por trás das cortinas, um feixe brilhante de raios do sol de inverno invadia o quarto; do andar de baixo vinha um cheiro de madeira queimando e de café fresco. Mas nada aplacava sua dor, a decepção e, acima de tudo, a forte sensação de fracasso.

As palavras impregnadas de ódio que falara para Milly na noite anterior ainda rodopiavam em sua mente, como se ele as tivesse proferido há apenas cinco minutos. Como as falas decoradas de uma peça. Naquele momento, tinha a impressão de que aquela fora uma cena que ele deveria, de algum modo, ter previsto. Uma dor imensa bateu em seu peito e ele se virou, enterrando a cabeça sob o travesseiro.

Como não havia se dado conta de que isso iria acontecer? Por que acreditara que poderia ter um casamento feliz? Por que, simplesmente, não se resignara com o fato de ser um completo fracassado? Fracassara de maneira lamentável nos negócios e, agora, também no amor. Seu pai ao menos chegara a se casar, pensou Simon de forma amarga. Seu pai ao menos não tinha sofrido uma decepção dois dias antes do casamento.

Lembrou-se do rosto de Milly na noite anterior: coberto de lágrimas, desesperado, cheio de

tristeza. Por um momento, ele fraquejou. Por um momento, teve vontade de telefonar para ela, dizer que ainda a amava, que ainda queria se casar com ela. Ele beijaria seus olhos inchados de tanto chorar, a levaria para a cama e tentaria esquecer tudo o que havia acontecido. A tentação estava ali. Para ser sincero, a tentação era enorme.

Mas ele não podia se entregar. Como poderia se casar com Milly agora? Como poderia ouvi-la repetir os mesmos votos que já havia feito a outra pessoa, como ele conseguiria passar o resto da vida se perguntando se ela estaria escondendo outros segredos? Esse não era apenas um pequeno rasgo que poderia ser remendado. Era um imenso abismo que havia modificado a ordem das coisas, que havia transformado o relacionamento com Milly em algo que ele já não reconhecia.

Sem querer, lembrou-se da noite de verão em que a pedira em casamento. Ela agira de forma impecável: chorou discretamente, riu um pouco, ficou surpresa ao ver o anel que ele havia comprado. Mas no que ela estaria realmente pensando? Será que iria rir dele? Será que alguma vez levou o casamento a sério? Será que compartilhava algum dos seus objetivos?

Durante alguns minutos, ele permaneceu deitado, imóvel, atormentando-se com diferentes imagens de Milly tentando conciliar o que sabia a respeito dela agora com as recordações de quando ela ainda era sua noiva. Ela era bela, amável e encantadora. Agora parecia dissimulada, fingida e indigna de confiança. O pior de tudo é que aparentemente ela não se dava conta do que havia feito. Ela descartara o problema, como se o fato de estar casada com outro homem fosse algo insignificante, para ser apagado e ignorado.

Uma dor carregada de raiva o atingiu e ele se sentou, tentando esquecer tudo e ocupar a mente com outros assuntos. Então, abriu as cortinas e, sem olhar a bela paisagem, começou a se vestir rapidamente. Disse a si mesmo que se dedicaria ao trabalho. Começaria novamente e superaria tudo isso. Talvez levasse algum tempo, mas iria superar.

Animado, Simon desceu as escadas e foi para a sala de jantar. Harry estava à mesa lendo o jornal.

— Bom dia — cumprimentou ele.

— Bom dia — respondeu Simon, olhando-o com desconfiança, pronto para detectar qualquer sinal de deboche ou zombaria na voz do pai. Mas o olhar dele demonstrava verdadeira preocupação.

— Então — disse ele, logo que Simon sentou. — Vai me contar o que está acontecendo?

— O casamento foi cancelado.

— Isso eu já sei. Mas por quê? Ou você não quer me contar?

Simon permaneceu em silêncio e pegou o bule de café. Na noite anterior, ele chegara em casa zangado e humilhado demais para falar com alguém. Ainda se sentia humilhado e zangado, propenso a guardar a traição de Milly para si. Por outro lado, a tristeza por si só é um sentimento muito solitário.

— Ela é casada — disse ele abruptamente. Ouviu-se apenas o barulho de papel sendo amassado enquanto Harry abaixava o jornal.

— Casada? Com quem, pelo amor de Deus?

— Um americano gay qualquer. Ela o conheceu há dez anos. Ele queria ficar no país, aí ela se casou para prestar um favor a ele. Um favor!

— Ainda bem que foi só por isso. Pensei que ela fosse casada de verdade. — Ele tomou um gole do café. — Então, qual é o problema? Ela não pode pedir o divórcio?

— Qual é o problema? — repetiu Simon, incrédulo, fitando o pai. — O problema é que ela mentiu! O problema é que eu não posso acreditar em mais nada do que ela diz! Eu pensei que ela fosse uma pessoa, e agora descobri que é outra completamente diferente. Ela não é a Milly que eu conhecia.

Harry fitou-o em silêncio.

— É só isso? — disse ele finalmente. — Essa é a única razão de tudo ter acabado? O fato de Milly ter se casado com um espertinho há dez anos?

— Não é o suficiente?

— Claro que não é o suficiente! — gritou Harry, furioso. — Nem de longe! Pensei que houvesse algum problema realmente sério entre vocês.

— E há! Ela mentiu para mim!

— Não é de admirar, vendo o modo como você está reagindo.

— Como você espera que eu reaja? Nós tínhamos um relacionamento baseado na confiança. Agora não posso mais confiar nela. — Ele fechou os olhos. — Está tudo acabado.

— Simon, quem você pensa que é? O arcebispo da Cantuária? Que diferença faz se ela mentiu? Ela falou a verdade agora, não falou?

— Só porque tinha que falar.

— E daí?

— E daí que tudo era perfeito antes! — retrucou Simon desesperadamente. — Tudo era perfeito! E agora está destruído!

— Ah, cresça! — esbravejou Harry. O filho ergueu a cabeça, chocado. — Cresça Simon! E pelo menos uma vez na vida, pare de se comportar como uma criança chata e mimada. Quer dizer que seu relacionamento perfeito não é tão perfeito como você pensava. E daí? Isso significa que você tem que jogá-lo fora, descartá-lo?

— Você não entende.

— Entendo perfeitamente. Você quer um casamento perfeito, com esposa e filhos perfeitos, e se vangloriar perante os outros! Não é? E agora que encontrou uma falha, não consegue suportá-la. Bem, aguente Simon! Resista! Porque o mundo é cheio de falhas. E, francamente, seu relacionamento com Milly não poderia ser melhor.

— Desde quando você sabe alguma coisa a respeito de relacionamentos? — perguntou Simon em tom desafiador enquanto se levantava. — O que você sabe a respeito de relacionamentos bem-sucedidos? Por que eu deveria acatar uma única palavra do que você

diz?

— Porque sou seu pai!

— Eu sei — disse Simon com amargura. — Não precisa me lembrar. — Em seguida, chutou a própria cadeira, virou-se e saiu, deixando Harry na sala praguejando baixinho.

ÀS NOVE HORAS, ALGUÉM tocou a campainha. Isobel, que acabara de entrar na cozinha, fez uma careta, foi ate o hall e abriu a porta. Havia uma enorme perua branca estacionada na frente da casa, e um homem estava na entrada, cercado de caixas brancas.

— Entrega de bolo de casamento — anunciou ele. — Em nome de Havill.

— Ah, meu Deus! — exclamou Isobel, fitando as caixas. — Nossa! — Ela se abaixou, levantou uma das tampas e vislumbrou a lisa camada branca de glacê, as rosas feitas de açúcar ao redor do bolo. — Ouça — disse, levantando-se novamente. — Muito obrigada, mas houve uma mudança de planos.

— O endereço está errado? — perguntou o homem, semicerrando os olhos ao verificar um pedaço de papel. — Bertram Street, número 1.

— Não, o endereço está certo. O endereço é este. — Ela olhou para a perua com uma súbita tristeza. Aquele dia deveria ser feliz, repleto de empolgação e expectativa, alvoroço e arranjos de última hora. — O negócio é o seguinte, não precisamos mais do bolo. Você poderia levá-lo de volta?

O homem deu um riso sarcástico.

— Transportar tudo isso na perua de volta? Acho que não!

— Mas não precisamos mais dele.

— Eu acho minha senhora, que esse não é um problema meu. A encomenda foi feita; se quiser devolvê-la, deve entrar em contato com a empresa. Agora, se puder assinar aqui... — disse ele, apontando uma caneta na direção dela. — Eu vou buscar as outras caixas.

Isobel levou um susto.

— Outras? São quantas, pelo amor de Deus?

— Ao todo, dez — respondeu o homem, consultando o pedaço de papel. — Além de pilares e acessórios.

— Dez — repetiu Isabel, incrédula.

— É muito bolo.

— É mesmo — concordou ela quando o entregador desapareceu atrás da perua. — Especialmente para quatro pessoas.

QUANDO OLIVIA APARECEU NO topo da escada, as caixas brancas haviam sido empilhadas, ordenadamente, em um canto da sala.

— Eu não sabia o que fazer com elas — explicou Isobel, saindo da cozinha.

Ela olhou para a mãe e empalideceu. O rosto de Olivia era uma mistura grosseira de maquiagem brilhosa e palidez mortal. Ela segurava o corrimão com força e dava a impressão

de que iria desabar a qualquer momento.

— Mãe, você está bem?

— Eu vou melhorar — respondeu Olivia com uma estranha vivacidade. — Não consegui dormir muito bem.

— Acho que nenhum de nós conseguiu. Devíamos todos voltar para a cama.

— É, mas não podemos — concluiu Olivia com um sorriso tenso. — Temos um casamento para cancelar. Precisamos dar alguns telefonemas. Eu fiz uma lista!

Isobel estremeceu.

— Mãe, eu sei que isso é muito difícil para você — ponderou ela.

— Não mais do que para qualquer outra pessoa — disse Olivia, erguendo o queixo. — Por que seria mais difícil para mim? Afinal, não é o fim do mundo, é? Trata-se apenas de um casamento!

— Apenas um casamento... — repetiu Isobel. — Honestamente, acho que isso não existe.

DE MANHA, MILLY OUVIU alguém bater na porta do quarto.

— Você está acordada? — perguntou Esme. — É Isobel no telefone.

— Ah, sim — respondeu Milly meio entorpecida, sentando na cama e afastando o cabelo do rosto. Sentia a cabeça pesada, sua voz parecia estranha. Ela olhou para Esme e tentou sorrir, mas sua pele estava ressecada e sem vida, e tinha a sensação de que faltava algo em seu cérebro. O que estava acontecendo, afinal? Por que ela estava na casa de Esme?

— Vou trazer o telefone sem fio — disse Esme antes de desaparecer no corredor.

Milly afundou-se de volta no travesseiro e fitou o teto verde, perguntando-se por que se sentia tão tonta, tão fora da realidade. Até que, num sobressalto, ela se lembrou: o casamento havia sido cancelado.

O casamento havia sido cancelado. Ela repetiu a frase mentalmente, esperando por uma pontada de mágoa, uma nova torrente de lágrimas. Porém, esta manhã, seus olhos estavam secos. Sua mente estava tranquila, as fortes emoções da noite anterior haviam sido atenuadas pelo sono.

Sentia-se mais chocada do que transtornada, mais inquieta do que triste. Mal conseguia acreditar em tudo aquilo. O casamento, o grandioso e intransferível casamento, não ia mais acontecer. Como isso era possível? Como o centro de sua vida podia simplesmente ter desmoronado? Era como se o cume para o qual ela se dirigia tivesse desaparecido repentinamente, e ela estivesse agarrada as rochas, olhando para baixo, desorientada.

— Oi — disse Esme, surgindo de repente ao lado da cama. — Quer café?

Milly aceitou e pegou o telefone.

— Oi — disse com voz rouca.

— Oi — respondeu Isabel do outro lado da linha. — Você está bem?

— Sim. Acho que sim.

— Teve notícias do Simon?

— Não... por quê? — acrescentou rapidamente. — Ele...

— Não — respondeu Isabel antes que ela completasse a pergunta. — Não, ele não deu notícias. Eu só queria saber.

— Ah. Bem, eu dormi. Não falei com ninguém.

Houve uma pausa. Milly observou Esme puxar as cortinas e fixá-las na braçadeira de trançado grosso. O dia estava claro e cintilava com uma fina camada de gelo. Esme sorriu para Milly e, em seguida, saiu do quarto silenciosamente.

— Isobel, me perdoe. Por ter traído você daquele jeito.

— Ah, não se preocupe. Não tem importância.

— Eu estava com raiva. Só queria... Bem. Você viu o que aconteceu.

— Claro. Eu teria feito exatamente o mesmo.

— Não teria não — retrucou Milly, dando um leve sorriso. — Você tem muito mais autocontrole do que eu.

— Enfim, não se preocupe. Não me causou nenhum problema.

— Jura? A mamãe não passou o dia lhe dando um sermão?

— Ela nem teve tempo. Estamos todos muito ocupados.

— Ah, sei. — Milly franziu o cenho. — Fazendo o quê?

Após um breve momento, com um toque de angústia na voz, Isabel respondeu:

— Cancelando algumas entregas, telefonando para as pessoas, sabe como é.

— Ah, é mesmo — disse Milly com um nó na garganta. É claro.

— Meu Deus, Milly, desculpe. Achei que você imaginasse que isto seria feito.

— Eu imaginei. É claro que isto precisa ser feito.

— Este é um dos motivos pelos quais estou ligando para você — disse Isabel. — Eu sei que é uma péssima hora para perguntar, mas há mais alguém que precisa ser avisado? Alguém cujo nome não esteja listado no livrinho vermelho?

— Não sei — respondeu Milly, engolindo em seco. — Com quem você já falou?

— Aproximadamente metade dos convidados. Fui até a letra M, dos Madison. Os funcionários de Harry estão telefonando para os convidados deles.

— Uau — disse Milly, sentindo lágrimas tolas e irracionais brotarem dos olhos. — Vocês não perderam tempo, não é?

— Não podíamos! — justificou-se Isabel. — Há essa hora algumas pessoas já estariam viajando para cá. Nós tínhamos que avisá-los.

— Eu sei — disse Milly. Ela respirou fundo e acrescentou, — Eu sei. Estou agindo como uma boba. Então, como vocês estão fazendo?

— Estamos percorrendo a lista no livro vermelho e ligando para cada um dos nomes.

Todos estão reagindo educadamente.

— Qual é a desculpa que vocês estão usando? — perguntou Milly, enrolando o lençol entre os dedos.

— Dissemos que você esta doente. Não sabíamos como explicar.

— E as pessoas acreditaram?

— Não sei. Algumas.

Houve silêncio.

— Tudo bem— disse Milly finalmente. — Se me lembrar de alguém, ligo para você.

— Quando você volta para casa?

— Não sei. — Milly fechou os olhos e pensou em seu quarto abarrotado de presentes e cartões, na mala aberta no chão, quase pronta para a lua de mel, no vestido de noiva pendurado no armário e coberto como um fantasma. — Por enquanto vou ficar aqui. Pelo menos até...

— Tudo bem — concluiu Isobel após uma pausa. — Eu entendo. Assim que eu terminar de resolver tudo, irei aí para vê-la.

— Isobel, obrigada. Por tudo.

— De nada. Tenho certeza de que você faria o mesmo por mim se eu precisasse.

— Claro. — disse Milly, esboçando um sorriso pálido. — Não tenha dúvida.

Ela desligou o telefone. Quando ergueu os olhos, viu Esme na porta. Ela carregava uma bandeja e observava Milly, pensativa.

— Café — disse, pousando a bandeja na cama. — Para comemorar.

— Comemorar? — repetiu Milly, atônita.

— Por ter conseguido escapar. — Esme se aproximou, segurando duas canecas de porcelana. — Escapar das garras do casamento.

— Não vejo as coisas dessa forma.

— Claro que não. Ainda. Mas vai ver. Já se deu conta, Milly? Você está livre. Pode fazer o que bem entender. É uma mulher independente!

— Acho que sim — assentiu Milly, fitando a caneca de café com tristeza. — Acho que sim.

— Não fique desanimada, querida! — disse Esme. — Não pense mais nisso. Beba seu café e assista a TV. Mais tarde vamos sair para almoçar.

O RESTAURANTE ERA GRANDE e estava vazio, exceto por alguns homens desacompanhados que liam jornal e tomavam café. Rupert olhou ao redor meio sem graça, tentando descobrir qual deles seria Martin. Ele dissera que estaria vestindo calça jeans escura. Mas a maioria dos clientes do lugar usava calça jeans escura. Ele se sentiu formal demais por estar de terno e camisa fina.

Após ter saído do escritório na noite anterior, ele caminhara durante algum tempo para

espairecer. Então, quando o dia começou a raiar, fez check-in em um hotel decadente de Bayswater. Permaneceu acordado, olhando para o teto manchado. Depois de algum tempo, tomou café da manhã em um restaurante, pegou um táxi e entrou em casa sem fazer barulho, rezando para que Francesca já tivesse ido embora. Sentindo-se como um ladrão, tomou banho, barbeou-se e trocou de roupa. Fez café e o tomou na cozinha mesmo, olhando para o jardim. Em seguida, colocou a caneca na lava-louça, olhou para o relógio e apanhou sua pasta. Gestos familiares, rotina automática. Por um instante, quase chegou a sentir que sua vida era a mesma de antes.

Mas isso não era verdade. Jamais voltaria a ser como antes. Tivera sua alma arrombada e a verdade arrancada; agora tinha que decidir o que fazer a respeito.

— Rupert? — Uma voz interrompeu seus pensamentos e ele ergueu os olhos. De pé, em uma mesa próxima, estava um jovem de calça jeans escura. Seu cabelo era cortado bem rente; ele usava apenas um brinco e parecia, nitidamente, ser homossexual. Rupert sentiu um tremor involuntário de espanto e, um tanto indeciso, se aproximou do rapaz.

— Oi — disse consciente de que agia de modo arrogante. — Como vai?

— Nós nos falamos ao telefone — respondeu o jovem. Sua voz era suave e ritmada. — Sou Martin.

— Ah, sim — disse Rupert, apertando a pasta com força. Estava petrificado. Diante dele encontrava-se a representação física do homossexualismo; seu próprio lado oculto, não assumido, reproduzido para todos verem.

Ele se sentou e afastou ligeiramente a cadeira da mesa.

— Foi muita gentileza sua vir até Londres — disse com ar sério.

— Não foi nada — replicou Martin. — Eu venho aqui pelo menos uma vez por semana. E como se trata de algo importante... — Ele estendeu as mãos sobre a mesa.

— Certo — disse Rupert. Em seguida, começou a ler o cardápio atentamente. Estava decidido a pegar a carta e, se possível, o número do telefone de Allan e ir embora logo. — Acho que vou querer uma xícara de café — continuou sem erguer os olhos. — Um expresso duplo.

— Eu estava esperando seu telefonema — anunciou Martin. — Allan falava muito de você. Sempre imaginei que um dia você fosse procurá-lo.

— O que ele contou a você? — perguntou Rupert, erguendo a cabeça lentamente.

Martin deu de ombros.

— Tudo.

Um forte rubor tomou conta do rosto de Rupert, e ele pousou o cardápio na mesa. Encarou Martin, pronto para enfrentar a humilhação. Mas o olhar do outro era amável; ele parecia disposto a compreender. Rupert pigarreou.

— Quando você o conheceu?

— Há seis anos — respondeu Martin.

— Você... teve um relacionamento com ele?

— Sim. Tivemos um relacionamento bem próximo.

— Entendo.

— Não, acho que você não entende. — Martin fez uma pausa. — Não éramos amantes. Eu era advogado dele.

— Ah — disse Rupert, confuso. — Ele estava...

— Ele estava doente — completou Martin, antes de olhar bem nos olhos de Rupert. Subitamente, ele percebeu o significado daquelas palavras e abaixou os olhos. Então era isto: sua sentença, o fim do ciclo, sem qualquer aviso. Ele havia pecado e estava sendo castigado. Cometera atos abomináveis. Agora deveria sofrer com uma doença abominável.

— Aids — disse Rupert lentamente.

— Não — redarguiu Martin com um leve tom de escárnio. — Não foi Aids. Leucemia. Ele teve leucemia.

Rupert ergueu os olhos e viu Martin fitá-lo com tristeza. Sentiu-se mal, como se estivesse em meio a um pesadelo. Pontos brancos começaram a dançar em seu campo de visão.

— Infelizmente — confirmou Martin —, Allan morreu há quatro anos.

CAPÍTULO

TREZE

Por um momento, houve silêncio. Um garçom se aproximou e Martin fez seu pedido, com toda discrição, enquanto Rupert fitava o vazio diante de si, com olhar inexpressivo, tentando conter sua dor. Era como se algo dentro dele se despedaçasse, como se seu corpo inteiro fosse tomado de sofrimento e culpa. Allan estava morto. Allan havia partido. Era tarde demais.

— Você está bem? — perguntou Martin em voz baixa.

Rupert acenou com a cabeça afirmativamente, incapaz de falar.

— Não sei muitos detalhes sobre o falecimento. Foi nos Estados Unidos. Os pais dele vieram e o levaram para casa. Acho que o fim foi tranquilo.

— Os pais dele — disse Rupert com a voz débil. — Ele odiava os pais.

— Eles acabaram se entendendo. Naturalmente as coisas mudaram quando Allan ficou doente. Eu os conheci quando vieram. Eram pessoas educadas, compreensivas. — olhou para Rupert. — Você chegou a conhecê-los?

— Não. Nunca os vi.

Ele fechou os olhos e imaginou o casal idoso que Allan havia descrito; imaginou Allan retornando a uma cidade que sempre odiara para morrer. Uma imensa angústia o dominou e ele sentiu-se prestes a sucumbir.

— Não pense nisso — sugeriu Martin.

— O quê? — Rupert abriu os olhos.

— Nisso que está pensando, no que todo mundo pensa quando algo assim acontece: se ao menos eu soubesse que ele iria morrer... Naturalmente você teria feito tudo diferente. É claro. Mas você não sabia. Não tinha como saber.

— O que... — Rupert passou a língua pelos lábios. — O que ele falou de mim?

— Ele disse que amava você. Disse que achava que você o amava. Não estava mais zangado. — Martin inclinou-se para frente e pegou a mão de Rupert. — É importante que você entenda isso, Rupert — disse ele em tom sério. — Ele não guardava rancor de você.

Um garçom surgiu repentinamente ao lado da mesa, trazendo duas xícaras de café.

— Obrigado — disse Martin com a mão sobre a de Rupert, que, diante do olhar fixo do garçom, estremeceu ligeiramente.

— Vocês querem mais alguma coisa?

— Não, obrigado — respondeu Rupert. Ao perceber o olhar amistoso do garçom, sentiu um constrangimento doloroso cair sobre ele como água fervente. Teve vontade de correr para se esconder, de negar tudo. Mas, em vez disso, forçou-se a manter sua mão tranquilamente sob a de Martin. Como se fosse algo normal.

— Sei que isso é difícil para você — prosseguiu Martin quando o garçom se afastou. — Em todos os níveis.

— Eu sou casado — disse Rupert bruscamente. — É difícil a esse ponto.

Martin aquiesceu com um gesto de cabeça.

— Allan suspeitava que você havia se casado.

— Suponho que ele me desprezava. — Rupert fitava a xícara. — Suponho que você também me despreza.

— Não. Você não entende. Allan torcia para que você tivesse casado. Ele torcia para que você estivesse com uma mulher, em vez de...

Rupert levantou os olhos.

— Em vez de estar com um homem?

Martin assentiu.

— Ele se perguntava, angustiado, se deveria entrar em contato. Ele não queria complicar as coisas, caso você estivesse feliz com uma mulher. Mas, ao mesmo tempo, ele não conseguia suportar a ideia de você estar com outro homem. Queria acreditar que, se você tivesse mudado de opinião, sua primeira reação seria voltar para ele.

— Com certeza eu teria feito isso — disse Rupert com a voz trêmula. — Ele sabia disso. Ele me compreendia como nenhum outro ser humano jamais me compreendeu.

Martin deu de ombros, diplomático.

— Sua esposa...

— Minha esposa! — exclamou Rupert. Ele lançou um olhar aflito para Martin. — Minha esposa não me compreende! Nós nos conhecemos, saímos para jantar algumas vezes, passamos as férias juntos e nos casamos. Eu a vejo uma hora por dia, quando muito. Com Allan tudo era...

— Mais intenso.

— Ficávamos juntos o dia todo, a noite toda. — Ele fechou os olhos. — Compartilhávamos cada hora, cada minuto e cada pensamento, medo e esperança.

Houve silêncio. Quando Rupert abriu os olhos novamente, Martin estava tirando uma carta de sua pasta.

— Allan deixou isto para você, caso aparecesse algum dia.

— Obrigado. — Rupert pegou o envelope, no qual seu nome estava escrito com a bonita caligrafia de Allan. Ele fitou o papel em silêncio. Quase conseguia ouvir a voz de Allan. Pestanejou algumas vezes e guardou a carta no bolso da jaqueta. — Você tem celular? — perguntou.

— Claro — respondeu Martin, tateando o bolso.

— Há outra pessoa que precisa saber disso— justificou-se Rupert. Ele discou um número, aguardou um momento e, em seguida, desligou. — Ocupado — disse.

— Com quem você está tentando falar?

— Milly. A moça com quem ele se casou para poder ficar na Grã Bretanha.

Martin franziu o cenho.

— Allan me falou. Mas ela já deve saber, porque ele escreveu para ela.

— Bem, se ele realmente fez isso, ela nunca recebeu a carta, porque ela não sabe de nada. — Ele discou o número novamente. — E precisa saber.

ISOBEL DESLIGOU O TELEFONE e passou a mãos nos cabelos.

— Era a tia Jean — disse. — Queria saber o que vamos fazer com o presente que ela enviou.

Ela se reclinou na cadeira e inspecionou a mesa apinhada de papéis. Listas de nomes e agendas com endereços e números de telefone estavam espalhadas por toda a superfície, tudo coberto por marcas de círculos marrons das xícaras de café e migalhas de sanduíche. Caixas de sapato com documentos, folhetos e catálogos formavam uma pilha em uma das cadeiras da cozinha. Em uma delas via-se um impresso em preto e branco e papel brilhante; de outra, pendia um pedaço de renda. Diante de Isobel, havia uma sacola aberta contendo uma amostra de amêndoas confeitadas, coloridas em tom pastel.

— Dá tanto trabalho organizar uma festa de casamento! — disse ela, estendendo a mão para pegar algumas amêndoas. — Meses e meses de trabalho e esforço. E, em cinco segundos, tudo se acaba. E como pular sobre um castelo de areia. — Ela mastigou as amêndoas e fez uma careta. — Cruzes, isso é horrível. Vai quebrar meus dentes.

— Sinto muito, Andrea — dizia Olivia ao celular. — Sim, eu compreendo que Derek tenha comprado um fraque especialmente para a ocasião. Por favor, peça desculpas a ele por mim... Sim, talvez você tenha razão. Talvez um terno tivesse sido suficiente. — Houve uma pausa, e as mãos dela seguraram o telefone com mais força. — Não, eles ainda não definiram uma nova data. Sim, eu avisarei... Bem, se ele quiser devolvê-lo à loja, não tem problema. Sim, querida, até logo.

Ela desligou o telefone, riscou um nome da lista e pegou o livro vermelho.

— Certo — disse. — Quem é o próximo?

— Por que você não descansa um pouco? — sugeriu Isobel. — Você parece cansada.

— Não, querida. É melhor acabar logo com isso. Afinal precisa ser feito, não é? — Ela

sorriu para a filha. — Não podemos ficar sentadas nos lamentando.

— Tem razão. Acho que não. — Isobel ergueu os braços alongando-os. — Estou com o pescoço dolorido de tanto tocar no telefone.

Assim que terminou a frase, o aparelho tocou novamente. Ela fez uma careta e atendeu.

— Alô? Ah, sim, é verdade. Pode deixar, vou avisá-la que você mandou lembranças. Tudo bem. Até logo. — Isobel bateu o telefone e retirou-o do gancho novamente. — Todo mundo tem que ligar e tripudiar — resmungou, irritada. — Eles sabem muito bem que ela não está doente coisa nenhuma.

— Talvez tivesse sido melhor ter dado outra desculpa. — disse Olivia, esfregando a testa.

— Não faria diferença. Eles iriam perceber de qualquer jeito. Gente horrível. — Isobel fez outra careta. — A tia Jean quer o presente dela de volta imediatamente. Ela vai a outro casamento daqui a duas semanas e quer dá-lo a outra noiva. Vou falar para ela que nós o achamos tão horroroso que resolvemos jogá-lo no lixo.

— Não faça isso — ordenou Olivia. Em seguida, fechou os olhos. — Devemos tentar agir com dignidade e equilíbrio.

— Devemos? — Isobel examinou o rosto de Olivia. — Mãe você está bem? Está muito esquisita.

— Estou bem, sim — sussurrou Olivia.

— Ok, então. — Isobel não demonstrou muita convicção. Voltou a analisar a lista de nomes. — Ligaram da floricultura para informar que, como o buquê já está pronto, eles podem desidratá-lo. Para ser guardado de lembrança.

— Lembrança?

— É — disse Isobel, rindo involuntariamente. — Que tipo de gente é essa?

— Lembrança! Como se algum dia fôssemos esquecer o dia de hoje!

Isobel olhou para Olivia e viu que ela estava com os olhos cheios de lágrimas.

—Mãe!

— Desculpe, filha. — Uma lágrima escorreu até o nariz de Olivia, e ela abriu um largo sorriso. — Não queria parecer uma boba.

— Eu sei o quanto você desejava esse casamento — disse Isobel, segurando a mão da mãe. — Mas vai haver outro, você vai ver.

— Não é o casamento — sussurrou Olivia. — Se fosse...

A campainha tocou e ambas ergueram os olhos.

— Quem deve ser? — indagou Isobel, impaciente. — Será que as pessoas não percebem que não estamos a fim de receber visitas? — Ela pousou a lista na mesa. — Não se preocupe, eu vou...

— Não. Vamos nós duas.

Ao abrirem a porta, avistaram um casal desconhecido. Os dois usavam casacos verdes

brilhantes, da Barbours, e portavam mochilas idênticas, da Mulberry.

— Oi — disse a mulher em tom descontraído. — Nós gostaríamos de um quarto, por favor.

—Um o quê?— perguntou Olivia, com ar de espanto.

—Um quarto — repetiu a mulher. — Com café da manhã. — Ela acenou com um exemplar do guia de viagem Heritage City.

— Infelizmente estamos lotados no momento — desculpou-se Isobel. — Vocês poderiam tentar em um centro de turismo...

— Disseram que conseguiríamos um quarto aqui — insistiu a mulher.

— Não pode ser — disse Isobel, pacientemente —, porque não há quartos disponíveis.

— Eu falei com alguém por telefone! — anunciou a mulher, aumentando o tom. — E confirmei que poderíamos ficar aqui! Devo acrescentar que esta pensão nos foi recomendada pelos nossos amigos, os Rendles. — Ela olhou emocionada para Isobel.

— Quanta honra — zombou ela.

— Não se dirija a mim neste tom, jovem! — reagiu a mulher. — É assim que costuma administrar seu negócio? Lembre-se de que o cliente sempre tem razão! Disseram-nos que conseguiríamos um quarto. Você não pode simplesmente recusar hóspedes na porta sem uma explicação.

— Ah, pelo amor de Deus — retrucou Isobel.

— Você quer uma explicação? — perguntou Olivia com a voz trêmula.

— Mãe, deixa para lá.

— Você quer uma explicação? — Olivia respirou fundo. — Bem, por onde eu começo? Será que devo começar pelo casamento de minha filha? O casamento que deveria acontecer amanhã?

— Ah, um casamento na família! — disse a mulher desconcertada. — Bem, isso é diferente.

— Ou devo começar pelo primeiro casamento, que aconteceu há dez anos?— prosseguiu Olivia, ignorando a mulher. — O casamento de que não tínhamos conhecimento? — Sua voz começou a aumentar de forma ameaçadora. — Ou será que eu deveria começar pelo fato de termos que cancelar tudo e de que nossa família e todos os nossos amigos estão rindo nas nossas costas?

— Ouça, eu não queria... — A mulher tentou se justificar.

— Mas pode entrar! — gritou Olivia, escancarando a porta. — Nós vamos arrumar um quarto! Em algum lugar no meio de todos os presentes que temos que devolver, dos bolos que teremos que comer, da roupa que nunca será usada e do belo vestido de noiva...

— Vamos, Rosemary — disse o homem, constrangido, puxando o braço da esposa. — Desculpe ter incomodado. Eu insisti para que fôssemos a Cheltenham.

Quando o casal se afastou, Isobel olhou para Olivia. Ela ainda agarrava a porta, o rosto

cheio de lágrimas.

— Você precisa mesmo descansar, mãe — aconselhou. Tire o telefone do gancho. Vá ver televisão. Ou vá dormir um pouco.

— Não posso. Precisamos continuar telefonando.

— Que nada! Todo mundo com quem eu falei já estava sabendo. Fofoca viaja rápido, você sabe. Já telefonamos para as pessoas mais importantes. As outras vão esperar mais um pouco.

— É — disse Olivia após uma pausa. — Para falar a verdade, estou mesmo me sentindo um pouco cansada. Acho que vou me deitar. — Ela fechou a porta e olhou para Isobel. — Você vai descansar também?

— Não — respondeu ela, pegando o casaco. — Eu vou sair. Vou ver Milly.

— Boa ideia. Ela vai gostar de vê-la. — E Olivia acrescentou, após um momento: — Não esqueça...

— Sim?

— Não se esqueça de dizer que eu mandei um beijo — completou ela, cabisbaixa. — Só isso. Diga a ela que eu mandei um beijo.

NA CASA DE ESME, a sala estava aconchegante e silenciosa, um mar de tranquilidade. Ao se sentar em um elegante sofá de cores claras, Isobel olhou ao redor com prazer, admirando a coleção de caixas de prata casualmente dispostas em uma mesa lateral e uma bandeja de madeira contendo pedras cinzentas, lisas e arredondadas.

— Então — disse Milly, sentando-se diante dela. — Mamãe ainda está furiosa?

— Não muito. — Isobel franziu o cenho. — Ela está esquisita.

— Provavelmente isso significa que ela está furiosa.

— Não está não. Ela mandou um beijo para você.

— É mesmo? — Milly dobrou as pernas sob o corpo e bebeu um gole de café. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo desgrenhado e, sob o jeans, ela usava meias de esqui velhas.

Esme serviu uma caneca de café a Isobel.

— Infelizmente terei que roubar Milly daqui a pouco. Vamos sair para almoçar.

— Boa ideia — disse Isobel. — Aonde vocês vão?

— A um pequeno restaurante que eu conheço — respondeu Esme, sorrindo. — Dez minutos são suficientes, Milly?

— Sim, está ótimo.

Assim que Esme fechou a porta atrás de si, Isobel perguntou:

— E então, como está se sentindo?

— Não sei. Em alguns momentos, me sinto bem; em outros, tudo o que quero é chorar sem parar. — Ela suspirou com um leve tremor. — Fico todo o tempo me perguntando o que eu

estaria fazendo agora... o que eu estaria fazendo agora? — Ela fechou os olhos. — Não sei como vou conseguir passar o dia amanhã.

— Tome um porre.

— Vou fazer isto esta noite. — Milly esboçou um sorriso. — Quer se juntar a mim?

— Talvez — retrucou Isobel. Em seguida, tomou o café. — E Simon, telefonou?

— Não — respondeu Milly com tristeza.

— Está realmente tudo acabado entre vocês?

— Sim.

— Não posso acreditar. — Isobel balançou a cabeça. — Só porque...

— Porque eu omiti um assunto — disse Milly subitamente em tom sarcástico. — Portanto, sou uma mentirosa patológica. Ninguém pode acreditar em nada do que eu disser.

— Cretino. Você está muito melhor sem ele.

— Eu sei. — Milly levantou os olhos e deu um sorriso tenso, de alguém que luta contra a dor. — Foi melhor assim.

Isobel olhou para a irmã e teve vontade de chorar.

— Ah, Milly. Que pena.

— Não importa — disse Milly rapidamente. — Pior se eu estivesse grávida. Aí sim, seria terrível. — Ela tomou um gole de café e deu um sorriso forçado.

Isobel esboçou um sorriso.

— Já decidiu o que vai fazer? — perguntou Milly finalmente.

— Não.

— E o pai?

— Não quer filhos. Ele deixou isso bem claro.

— Você não pode persuadi-lo?

— Não. Nem quero! Não pretendo forçar ninguém a ser pai. Que chance teria um relacionamento como esse?

— Talvez o bebê unisse vocês.

— Filho não é cola — argumentou Isobel, ajeitando o cabelo. — Se eu resolvesse ter o bebê, iria criá-lo sozinha.

— Eu ajudaria! E mamãe também.

— Eu sei — assentiu Isobel, contraindo os ombros. Milly a fitou.

— Você não pensa em interromper a gravidez, pensa?

— Não sei! Eu só tenho 30 anos, Milly! Eu poderia conhecer um cara maravilhoso amanhã. Poderia me apaixonar. Mas, tendo um filho...

— Não faria diferença — observou Milly com firmeza.

— Faria, sim! E você sabe muito bem que cuidar de um bebê não é nada fácil. Eu vejo minhas amigas. Elas se transformaram em zumbis. E nem são solteiras.

— Bem, não sei — disse Milly após uma pausa. — A decisão é sua.

— Pois é. É exatamente esse o problema.

A porta se abriu e elas ergueram os olhos. Esme surgiu sorridente, usando um enorme chapéu de pele.

— Pronta, Milly? Isobel, querida, você quer ir também?

— Não, obrigada. — Ela se levantou. — Eu preciso ir para casa.

ISOBEL FICOU OLHANDO MILLY entrar no Daimler vermelho de Esme e desejou que sua madrinha aparecesse de repente e também a levasse para longe. Mas Mavis Hindle era uma mulher chata, que morava no norte da Escócia e ignorava a existência de Isobel desde a véspera de sua crisma. Na ocasião ela lhe enviou um suéter cheio de bolinhas com um caimento horroroso, e um cartão escrito com uma letra ilegível, que Isobel nunca conseguira entender. “Nem toda madrinha é como Esme Ormerod”, pensou.

Quando o carro de Esme virou a esquina, ela começou a caminhar, dizendo a si mesma que iria direto para casa. Mas não estava disposta a suportar a atmosfera claustrofóbica e triste da cozinha, não queria mais ter que dar telefonemas constrangedores para estranhos curiosos. Agora que estava fora de casa, queria continuar ao ar livre, esticar as pernas e curtir a sensação de não ter um telefone colado ao ouvido.

Começou andar pela cidade, sentindo-se levemente irresponsável, como se estivesse matando aula. No início, caminhava sem destino, limitando-se a desfrutar da sensação de esticar as pernas a cada passo, de balançar os braços, leves, ao lado do corpo. Então, tomada por um pensamento súbito, parou e, impelida por uma curiosidade que reconhecia como mórbida, pegou a rua principal em direção a Igreja de St. Edward.

Ao chegar no pórtico, quase imaginou que ouviria o órgão tocar a "Marcha Nupcial". A igreja estava repleta de flores, os bancos estavam vazios, o altar brilhava. Ela caminhou lentamente pelo corredor, visualizando a igreja cheia de rostos felizes e ansiosos, imaginando como teria sido entrar logo atrás de Milly, vestida de dama de honra, e observar a irmã fazer os votos tradicionais que todo mundo conhece e adora.

Ao chegar perto do altar, ela parou e notou uma pilha de folhetos, agora inúteis, empilhados na extremidade de um dos bancos. Com um sentimento de mágoa, pegou um deles e, ao ler os dois nomes impressos na primeira página, piscou os olhos, surpresa: Eleanor e Giles, impresso com uma horrorosa letra prateada cheia de floreios. Quem eram Eleanor e Giles? Como se atreviam a se apossar da cerimônia?

— Cambada de parasitas! — disse Isobel em voz alta.

— Como disse? — perguntou uma voz masculina atrás dela.

Ao se virar, deparou-se com um jovem usando uma batina.

— Você trabalha aqui? — perguntou ela.

— Sim.

— Bem, oi. Sou a irmã de Milly Havill.

— Ah, sim — reconheceu o sacerdote, constrangido. Que pena. Ficamos todos muito tristes quando soubemos do cancelamento.

— Ficaram? E o que aconteceu? Acharam que poderiam fazer uso das flores caras da cerimônia de Milly?

— Como assim?

Isobel apontou para os folhetos.

— Quem é essa tal de Eleanor? Por que a cerimônia é no dia do casamento de Milly?

— Não é — explicou o padre, nervoso. — O casamento deles é hoje à tarde. Eles marcaram há um ano.

— Ah, bom — assentiu Isobel. Ela olhou para os folhetos e os colocou de volta no lugar. — Está certo, então. Espero que eles sejam felizes.

— Sinto muito — disse o religioso, sem jeito. — Talvez sua irmã possa vir a se casar depois. Quando resolver tudo.

— Seria bom. Mas duvido. — Os olhos de Isobel percorreram a igreja mais uma vez, e ela se virou para ir embora.

— Para falar a verdade, eu vim fechar a igreja agora. — anunciou o padre, apressando-se atrás dela. — É uma precaução que normalmente tomamos quando há arranjos de flores. Você ficaria surpresa com as coisas que as pessoas roubam nos dias de hoje.

— Posso imaginar — retrucou ela. Em seguida, parou ao lado de uma pilastra, arrancou o lírio branco de um arranjo em formato de caracol e inspirou o perfume suave. — Realmente teria sido um belo casamento — observou, desapontada. — E agora está tudo acabado. Vocês não têm ideia do que fizeram.

O jovem esboçou um breve sinal de irritação.

— Até onde eu sei, era um caso de tentativa de bigamia.

— Sim — disse Isobel. — Mas ninguém saberia. Se o cônego Lytton tivesse feito vista grossa, se não tivesse dito nada...

— O casal saberia! — exclamou o padre. — Deus saberia!

— É — disse Isobel de forma lacônica. — Talvez Deus não se incomodasse.

Em seguida, saiu da igreja de cabeça baixa e acabou esbarrando em alguém.

— Desculpe — disse ela antes de erguer os olhos e parar, atônita. Harry Pinnacle estava diante dela, usando um sobretudo de caxemira azul-marinho e um cachecol vermelho brilhante.

— Olá, Isobel — cumprimentou. Ele olhou por cima dos ombros dela e deu de cara com o padre. — Tudo isso é tão terrível.

— É mesmo. Terrível.

— Estou indo encontrar seu pai para almoçarmos.

— Eu sei. Ele me falou.

Ouviu-se um ruído quando o religioso fechou a porta da Igreja. De repente, eles estavam a sós.

— Bem, eu preciso ir — murmurou ela. — Prazer em vê-lo.

— Espere.

— Estou com pressa — justificou-se Isobel, afastando-se.

— Não importa. — Harry agarrou seu braço, forçando-a a encará-lo. — Por que tem ignorado minhas mensagens?

— Me deixe em paz — ordenou ela, virando-se.

— Isobel! Precisamos conversar!

— Não posso — retrucou, com expressão fechada. — Harry eu... não posso.

Depois de alguns instantes de silêncio, Harry a soltou.

— Certo. Se é o que você quer.

— Não importa o que eu quero — disse Isobel, impassível.

Sem olhar para ele, enfiou as mãos nos bolsos e se afastou.

CAPÍTULO QUATORZE



Harry estava encostado no balcão com um copo de cerveja na mão quando James chegou ao Pear and Goose, um pequeno bar no centro de Bath, repleto de turistas alegres e anônimos.

— É um prazer vê-lo, James — disse ele, levantando-se para cumprimentá-lo. — Vou pedir uma cerveja para você.

— Obrigado — respondeu o recém-chegado. Em silêncio, ambos observaram o garçom encher o copo, e James se deu conta de que aquela era a primeira vez que os dois se encontravam sozinhos.

— Saúde — disse Harry, erguendo o copo.

— Saúde.

— Vamos nos sentar — sugeriu Harry, apontando para uma mesa no canto. — Ali é mais reservado.

— Certo. — James pigarreou. — Suponho que você queira discutir os aspectos práticos do casamento.

— Por quê? — perguntou Harry, surpreso. — Há algum problema? Pensei que meus funcionários estivessem resolvendo tudo com Olivia.

— Eu me refiro ao aspecto financeiro — explicou James em tom formal. — A revelação de Milly custou uma pequena fortuna.

Harry fez um movimento com a mão.

— Isso não é importante.

— É importante — insistiu James. — Acho que não tem meios de ressarcir-lo totalmente. Mas se pudermos chegar a um acordo...

— James — interrompeu Harry. — Não pedi que você viesse aqui para falar de dinheiro. Achei que você gostaria de tomar uma bebida. Certo?

— Ah, claro — assentiu James, espantado.

— Então, vamos nos sentar e tomar uma bebida.

Eles se dirigiram para uma mesa no canto do bar. Harry abriu um pacote de salgadinhos e ofereceu a James.

— Como está Milly? — perguntou. — Ela está bem?

— Honestamente, não sei. Ela está na casa da madrinha. E Simon?

— Garoto idiota — disse Harry, mastigando o salgadinho. — Hoje cedo eu disse a ele que era uma criança chata e mimada. — James não soube o que dizer. — No primeiro sinal de problema, ele foge. Na primeira dificuldade, desiste. Não é de admirar que tenha fracassado nos negócios.

— Você não está sendo um pouco severo? — questionou James. — Ele sofreu um enorme choque. Todos nós. Se está sendo difícil para nós, imagine o que ele deve estar sentindo.

— Então vocês realmente não sabiam que ela era casada — perguntou Harry.

— De jeito nenhum.

— Ela mentiu para todos vocês.

— Para todos nós — disse James em tom sóbrio. Quando ergueu os olhos, percebeu que Harry estava rindo. — Você acha engraçado?

— Ah, vamos lá, você tem que admirar a ousadia dessa garota! É preciso muita coragem para decidir se casar, sabendo que tem um marido por aí prestes a estragar tudo.

— Essa é uma forma de ver as coisas.

— Mas não a sua.

— Não. Acho que a negligência de Milly causou muitos problemas e sofrimento a muita gente. Francamente, me envergonho de pensar que ela é minha filha.

— Não seja tão severo!

— Então não seja tão severo com Simon! Não se esqueça de que ele é inocente nessa história. Ele é que foi prejudicado.

— Simon é um ditador arbitrário e moralista. Para ele, a vida tem que seguir um determinado rumo, sem desvios. — Harry tomou um gole de cerveja. — As coisas sempre foram muito fáceis para ele, esse é o problema.

— Sabe de uma coisa, eu diria exatamente o contrário. Não deve ser nada fácil viver à sua sombra. Não sei se eu seria capaz.

Harry deu de ombros. Durante um momento, os dois ficaram calados. Harry tomou um grande gole de cerveja e, em seguida, olhou para James.

— E Isobel? — perguntou, casualmente. — Como ela reagiu a tudo isso?

— Como sempre. Praticamente não emitiu opinião. — James esvaziou o copo. — A pobrezinha já tem os próprios problemas.

— Problemas no trabalho? — Harry inclinou-se para a frente, curioso.

— Não é só trabalho.

— Algo mais, então? Ela está envolvida em alguma encrenca?

James deu um sorriso tremulo.

— Você acertou em cheio.

— Como assim?

James fitou seu copo vazio. — Não acho que seja um grande segredo — disse, depois de pensar por um momento. Olhou para Harry, que estava com a testa franzida, e declarou: — Ela está grávida.

— Grávida? — Uma expressão de choque tomou conta do rosto de Harry. — Isobel está grávida?

— Pois é. Nem eu consigo acreditar.

— Você tem certeza? — perguntou Harry, segurando o copo com força. — Não pode ser um engano?

James sorriu, comovido com o interesse de Harry.

— Não se preocupe. Ela vai ficar bem.

— Ela conversou com você sobre isso?

— Ela está sendo bem discreta. Nós nem sabemos que é o pai.

— Ah. — Harry bebeu toda a cerveja do copo.

— Tudo o que podemos fazer é apoiá-la, seja qual for a decisão que ela venha a tomar.

— Decisão? — Harry ergueu os olhos.

— Se vai ter o bebê ou... não. — James desviou o olhar. Harry assumiu uma expressão estranha.

— Entendi. Naturalmente seria uma opção. — Ele fechou os olhos. — Como sou estúpido.

— Como assim?

— Nada — respondeu Harry, abrindo os olhos novamente. — Nada.

— Enfim, você não tem que se preocupar com isso. — Ele olhou para o copo vazio de Harry. — Vou pagar uma cerveja para você.

— Não — disse Harry —, é por minha conta.

— Mas você já.

— Por favor, James — insistiu Harry. James percebeu que ele parecia repentinamente abatido, quase triste. — Por favor, James. Deixe-me fazer isso.

ISOBEL CAMINHARA ATÉ UM jardim sensorial. Estava sentada em um banco de ferro, observando a fonte no pequeno lago, tentando pensar com clareza. Como em um filme que se repete continuamente, ela via a expressão de Harry quando se encontraram na igreja e ouvia a voz dele várias vezes.

Acreditava que isso atenuaria sua dor, a deixaria anestesiada e livre para analisar a situação de maneira lógica. Mas a dor não seria atenuada; sua mente não iria se acalmar.

Sentia-se fisicamente arrasada.

Eles haviam se conhecido há apenas alguns meses, na festa de noivado de Milly e Simon. Ao se cumprimentarem com um aperto de mãos, perceberam, surpresos, uma identificação instantânea; suas vozes vacilaram e, como se fossem imagens refletidas em um espelho, viraram-se rapidamente para falar com outras pessoas. Mas o olhar de Harry, a seguiu durante todo o tempo, e todo seu corpo correspondia aquela atenção. Na semana seguinte, saíram para jantar. Depois, foram secretamente para a casa dele. Pela manhã, da janela do quarto, ela viu Milly se despedindo de Simon na entrada da casa. Um mês depois, foram a Paris em voos diferentes. Cada encontro tinha sido especial; uma experiência única, fugaz e secreta. Decidiram que não contariam nada a ninguém; manteriam um relacionamento casual e superficial. Apenas dois adultos se divertindo, nada mais.

Mas agora nada poderia ser superficial, nada poderia ser casual. Não havia mais falta de comprometimento. Qualquer que fosse sua decisão, estaria empreendendo uma ação com enormes consequências. Um minúsculo e despercebido evento biológico determinou que, qualquer que fosse a opção, suas vidas jamais voltariam a ser as mesmas.

Harry não queria filhos. Ele deixara isso perfeitamente claro. Se ela fosse em frente e tivesse o bebê, faria isso por conta própria. E perderia Harry. Perderia sua liberdade. Seria forçada a contar com a ajuda da mãe. A vida se resumiria a um ciclo insuportável de trabalho extenuante, lanches para arrecadar dinheiro para caridade e choro irritante de bebê.

Se, por outro lado, ela não tivesse o bebê...

Uma dor prolongada atingiu o peito de Isobel. A quem ela tentava enganar? Quais eram as opções? Havia apenas uma. Toda mulher moderna possui uma. Mas a verdade é que ela não tinha escolha. Fora dominada por si mesma, pelas emoções maternas que nunca soube que possuía, pelo pequeno ser crescendo dentro dela, pelo desejo primordial e dominante de vida.

RUPERT SE SENTOU EM um banco na National Portrait Gallery, fitando um quadro de Filipe II da Espanha. Martin se despedira há cerca de duas horas, apertando sua mão e encorajando-o a telefonar sempre que quisesse. Desde então, Rupert tinha vagado sem direção, sem se dar conta quantidade de turistas e transeuntes que esbarravam nele. Estava alheio a tudo, exceto aos próprios pensamentos. De vez em quando, parava em um telefone público e tentava ligar para Milly. Mas a linha estava sempre ocupada, o que, no fundo, o deixava aliviado. Não queria compartilhar a morte de Allan com ninguém. Pelo menos por enquanto.

A carta permanecia fechada em sua pasta. Não se atrevera a lê-la. Temia que ela não correspondesse as suas expectativas ou que, ao contrário, correspondesse. Mas agora, sob o olhar sério e inflexível de Filipe, ele tateou o fecho da pasta e tirou o envelope de dentro dela. Ao ver novamente seu nome escrito na caligrafia de Allan, sentiu uma pontada de tristeza. Essa seria a última comunicação que existiria entre eles. Uma parte dele quis enterrar a carta sem abri-la, guardar as últimas palavras de Allan intactas e imaculadas. Porém, mesmo com essa ideia em mente, suas mãos trêmulas rasgaram o papel, e ele arrancou do envelope as grossas folhas cor de creme preenchidas com letras pretas.

Querido Rupert,

“Não tema. Não tema”: disse o anjo. Não estou escrevendo para que se sinta mal. Pelo menos não conscientemente. Não muito.

Na realidade, não sei por que estou escrevendo. Será que algum dia você vai ler esta carta? Provavelmente não. Provavelmente se esqueceu de mim; está casado, feliz e é pai de trigêmeos. De vez em quando fantasio que a qualquer momento você surgirá na porta e me arrebatará em seus braços, enquanto os outros pacientes terminais irão comemorar e bater suas bengalas no chão. Na verdade, esta carta provavelmente terminará como tantas outras que já fizeram parte significativa da estrutura do mundo: em um caminhão de lixo, para ser transformada em alguma outra coisa. Eu gosto dessa ideia. Allan se desfazendo. Com mais otimismo e uma dose de amargura.

Contudo, continuo escrevendo, como se eu tivesse certeza de que um dia você voltaria novamente para mim e leria estas palavras. Talvez você venha a fazer isso, talvez não. Será que minha mente confusa entendeu tudo errado? Será que eu elevei o que tínhamos a um nível que não era o real? As proporções de minha vida foram reduzidas tão drasticamente que reconheço que minha visão dos acontecimentos ficou um tanto distorcida. E ainda assim — apesar de tudo continuo escrevendo. A verdade, Rupert, é que eu não consigo deixar este país, que dirá este mundo, sem deixar registrado um adeus a você em algum lugar.

Quando fecho os olhos e penso em você, eu o vejo como era em Oxford, embora você deva ter mudado desde então. Cinco anos depois, quem é Rupert? Tenho as minhas próprias ideias mas não estou disposto a revelá-las. Não quero ser o babaca que achava que o conhecia melhor do que você mesmo. Esse foi o meu erro em Oxford. Confundi raiva com discernimento. Acreditei que meus próprios desejos fossem os seus. Que direito eu tinha de ficar zangado com você? A vida é muito mais complicada do que nos percebíamos naquela época.

O que espero é que você esteja feliz. O que temo é que, se estiver lendo esta carta, talvez não esteja. As pessoas felizes não buscam o passado a procura de respostas. Qual é a resposta? Não sei. Possivelmente teríamos sido felizes se tivéssemos ficado juntos. Possivelmente nossa vida teria sido agradável. Mas não se pode estar certo disso.

Nosso relacionamento deve ter chegado ao seu melhor momento. E aí terminamos. Mas pelo menos um de nós teve escolha, embora não tenha sido eu. Se tivéssemos continuado juntos, nenhum de nós teria tido escolha. Terminar é uma coisa; morrer é algo bem diferente. Francamente, não sei se conseguiria enfrentar as duas coisas ao mesmo tempo. De qualquer forma, vou levar bastante tempo para lidar com a minha morte.

Mas prometi a mim mesmo que não falaria sobre isso. Esta carta não trata disso. Não é uma carta de culpa. É uma carta de amor, apenas isso. Ainda amo você, Rupert. Ainda sinto sua falta. Isso é tudo que eu realmente queria dizer. Ainda amo você. Ainda sinto sua falta. Se não o vir novamente, então... Acho que a vida é assim mesmo. Mas de qualquer maneira espero vê-lo um dia.

Sempre seu,

Allan.

Algum tempo depois, uma jovem professora rodeada de crianças animadas chegou à porta da galeria. Haviam planejado passar a tarde fazendo o esboço do retrato de Elizabeth I, mas ao ver o homem sentado, ela prontamente afastou as crianças e as guiou em direção a outro quadro.

Rupert, perdido em lágrimas silenciosas, nem se deu conta do que havia acontecido.

HARRY VOLTOU PARA CASA naquela tarde e viu o carro de Simon estacionado em seu lugar habitual, do lado de fora da propriedade. Ele foi direto para o quarto do filho e bateu na porta. Como não houve resposta, ele a abriu ligeiramente. A primeira coisa que viu foi o fraque ainda pendurado na porta do armário; no cesto de papéis, um convite do casamento. Harry estremeceu e fechou a porta. Então, parou por um momento. Em seguida, desceu as escadas e atravessou o corredor até a área de lazer.

A piscina brilhava com a iluminação subaquática, a música tocava baixinho, mas ninguém estava nadando. Na outra extremidade, a porta da sauna estava embaçada. Imediatamente, Harry se aproximou e a abriu. Simon ergueu o rosto vermelho e surpreso.

— Pai? — disse ele, semicerrando os olhos em meio ao vapor denso. — O que...

— Preciso falar com você — disse Harry, sentando-se no banco de plástico diante de Simon. — Preciso pedir desculpas.

— Pedir desculpas? — repetiu o filho, incrédulo.

— Não devia ter gritado com você esta manhã. Desculpe.

— Ah — disse Simon, desviando o olhar. — Bem. Não tem problema.

— Tem, sim. Você sofreu um terrível choque. Eu deveria ter entendido. Afinal, sou seu pai.

— Eu sei — disse Simon, imóvel. Harry o fitou por um momento.

— Você gostaria que eu não fosse?

Simon não respondeu.

— Eu não o culparia — continuou Harry. — Fui uma porcaria de pai.

Simon mudou de posição, constrangido.

— Você...

— Não precisa ser gentil — interrompeu Harry. — Sei que falhei. Durante 16 anos, você não teve notícias minhas. Aí, de repente, bum! Estou todo o tempo incomodando você. Não é de admirar que as coisas tenham sido um tanto complicadas. Se fossemos um casal, a esta altura estaríamos divorciados. Desculpe — acrescentou, após uma pausa. — Toquei em um assunto delicado.

— Tudo bem. — Simon se virou e esboçou um sorriso. Então, pela primeira vez, observou a aparência do pai. — Pai, você sabe que deveria ter tirado a roupa?

— Se eu fosse fazer sauna. Mas entrei aqui para conversar. — Ele franziu o cenho. — Tudo bem, eu fiz a minha parte. Agora você deve me dizer que fui um pai maravilhoso e que posso ficar tranquilo.

Houve um longo silêncio.

— Eu só queria... — começou Simon, mas logo parou de falar.

— O quê?

— Eu só queria não me sentir sempre um fracassado — continuou ele em um ímpeto. — Tudo que faço dá errado. E você... Quando tinha a minha idade, já era milionário!

— Não, de jeito nenhum.

— É o que diz sua biografia...

— Aquela merda. Simon, quando eu tinha a sua idade eu devia um milhão. Por sorte, encontrei um modo de pagar.

— E eu nem isso — disse Simon com amargura. — Pedi falência.

— Qual é o problema? — perguntou Harry. — E daí que pediu falência? Pelo menos nunca se vendeu. Nunca veio chorando me pedir ajuda. Em vez disso, continuou independente. Ferozmente independente. Tenho orgulho de você por isso. — Ele fez uma pausa. — Estou orgulhoso de você até por ter devolvido as chaves daquele apartamento. Enfurecido, mas orgulhoso.

Houve uma longa pausa, acentuada apenas pela respiração dos dois em meio ao vapor da sauna e ao borrifão irregular de gotas quentes caindo no chão.

— Se, em vez de terminar o noivado, você tentasse se acertar com a Milly — prosseguiu Harry —, eu ficaria mais orgulhoso ainda. Porque isso é algo que eu nunca fiz. E devia ter feito.

O silêncio era palpável. Harry reclinou-se, esticou as pernas e estremeceu.

— Tenho que admitir — disse ele — que essa experiência não é nada agradável. Minha cueca esta grudando na pele.

— Eu avisei.

— Eu sei. — Harry olhou para o filho através da nuvem de vapor. — Então, vai dar uma chance a Milly?

Simon expirou profundamente.

— Claro. Se ela me der uma chance. Não sei o que passou pela minha cabeça na noite passada. Fui estúpido. Fui injusto... — Ele não terminou a frase. — Tentei telefonar para ela esta tarde.

— E?

— Ela deve ter saído com Esme.

— Esme? — disse Harry.

— A madrinha dela, Esme Ormerod.

Harry arqueou as sobrancelhas.

— Ela é madrinha de Milly? Esme Ormerod?

— Sim — respondeu Simon. — Por quê?

Harry fez uma careta.

— Ela é uma mulher esquisita.

— Eu não sabia que você a conhecia.

— Levei-a para jantar algumas vezes. Grande erro.

— Por quê?

— Não importa. Foi há muito tempo. — Ele se reclinou e fechou os olhos. — Então, ela é madrinha de Milly. Isso me surpreende.

— Ela é prima em algum grau ou algo assim.

— E parecia uma família tão bacana... — observou Harry em tom de gracejo. Em seguida, sua expressão se fechou. — Estou falando sério. Eles formam uma família bacana. Milly é uma moça encantadora. James parece ser um cara honesto. Eu gostaria de me tornar mais próximo dele. E Olivia... — Ele abriu os olhos. — Bem, o que posso dizer? Ela é uma mulher simpática.

— Concordo. — Simon sorriu.

— Eu só não gostaria de encontrá-la sozinho em uma noite escura.

— Ou em qualquer noite.

Uma gota d'água caiu na cabeça de Harry e ele estremeceu.

— O único membro da família que eu não conheço muito bem — comentou Simon, pensativo — é Isobel. Ela é um enigma. Nunca sei o que está pensando.

— Tem razão. Nem eu.

— Ela é totalmente diferente da Milly. Mas mesmo assim eu gosto dela. — Eu também — murmurou Harry. — Eu gosto muito dela. — Ele fitou o chão em silêncio durante um momento e então se levantou abruptamente. — Chega deste inferno. Vou tomar uma chuva.

— Dessa vez experimente tirar a roupa.

— Ah, pode deixar. Bem lembrado. — E fez um gesto de cabeça amistoso antes de fechar a porta.

JÁ ESTAVA ANOITECENDO QUANDO Rupert se levantou, endireitou o corpo, guardou a carta de Allan e saiu da galeria. Ele parou na Trafalgar Square por um momento e observou alguns turistas, táxis e pombos. Logo depois, começou a andar vagarosamente em direção ao metrô. Cada passo era inseguro e trêmulo, como se ele tivesse perdido uma parte vital do próprio corpo cuja função era mantê-lo equilibrado.

Sabia que havia perdido a única certeza que tivera na vida. Ficou sem chão. Sentia que tudo o que fizera nos últimos dez anos tinha sido parte de uma batalha interna contra Allan. Agora a batalha estava encerrada, e não havia vencedor.

Durante a viagem de trem de volta a Fulham, Rupert permaneceu com olhar vazio, fitando seu reflexo no vidro escuro e perguntando-se, com uma curiosidade quase especulativa, o que deveria fazer. Sentia-se cansado, abatido, desolado, como se uma tempestade o houvesse lançado em uma praia desconhecida, sem um caminho seguro de volta. De um lado, havia sua esposa, sua casa e sua antiga vida, além dos compromissos que ele passara a encarar como rotineiros. Não era exatamente felicidade, mas também não chegava a ser sofrimento. Do outro lado, havia a verdade, nua, crua e dolorosa. E todas as suas conseqüências.

Rupert passou a mão no rosto cansado e voltou a olhar o próprio reflexo embaçado e desfocado na janela do trem. Ele não queria a verdade, também não queria a mentira. Queria não ser nada, apenas uma pessoa em um trem, sem precisar tomar decisões, sem nada para fazer a não ser escutar o barulho das rodas sobre os trilhos e observar os rostos despreocupados de outros passageiros lendo livros e revistas. Queria adiar a vida o máximo possível.

Finalmente, o trem chegou à estação. Como um robô, ele pegou sua pasta, levantou-se e se dirigiu para a plataforma. Seguiu os outros passageiros pelos degraus, na noite escura de inverno. Um enorme grupo de pedestres desceu a rua principal, diminuindo gradativamente à medida que as pessoas entravam em ruas secundárias. Rupert as acompanhou, reduzindo a velocidade quando se aproximou da rua em que morava. Ao chegar à esquina, ele parou e, por um momento, pensou em dar meia-volta. Mas para onde iria? Não havia outro lugar para ir.

As luzes de casa estavam apagadas, e ele se sentiu aliviado ao abrir o portão. Tomaria um banho e beberia alguma coisa. Quando Francesca chegasse, sua mente estaria mais clara. Talvez mostrasse a carta de Allan. Ou talvez não. Ele pegou a chave no bolso e tentou enfiá-la na fechadura, parando logo em seguida. A chave não serviu. Ele a retirou, inspecionou e tentou novamente. Havia algum tipo de obstrução. Ao olhar mais de perto, pode ver os sinais do trabalho feito no orifício. Francesca havia trocado a fechadura. Deixara-o do lado de fora.

Por alguns segundos não conseguiu se mover. Permaneceu fitando a porta, tremendo de raiva e humilhação. Filha da puta, disse com a voz sufocada. *Filha da puta*. Uma súbita saudade de Allan bateu em seu peito, e ele começou a se afastar da porta com os olhos marejados de lágrimas.

— Você está bem? — A voz alegre de uma moça veio do outro lado da rua. — Ficou trancado do lado de fora? Se quiser, pode telefonar daqui!

— Obrigado — murmurou Rupert, olhando para a moça.

Ela era jovem e atraente, e parecia disposta a ajudar. Por um momento, teve vontade de apoiar a cabeça no ombro dela e lhe contar tudo. Então, imaginou que Francesca poderia estar observando-o de dentro da casa, e ficou apavorado. Confuso, começou a se afastar rapidamente. Chegou até a esquina e fez sinal para um táxi, sem saber para onde ia.

— Boa noite — disse o motorista quando ele entrou no carro. — Para onde o senhor vai?

— Para... para... — Rupert fechou os olhos, voltou a abri-los e olhou o relógio. — Para a estação de Paddington.

ÀS SEIS HORAS, ALGUÉM tocou a campainha. Isobel abriu a porta e deu de cara com

Simon, carregando um enorme buquê.

— Ah, é você — disse ela em tom hostil. — O que você quer?

— Quero falar com a Milly.

— Ela não está.

— Eu sei — retrucou Simon. Isobel percebeu que ele estava ansioso e estranhamente bem-arrumado, como um pretendente dos velhos tempos. A visão quase a fez rir. — Eu queria confirmar o endereço da madrinha dela.

— Você devia ter telefonado — disse Isobel, inflexível. — Teria me poupado de vir até a porta.

— O telefone daqui estava ocupado.

— É mesmo? — indagou ela de modo sarcástico. Em seguida, cruzou os braços e apoiou-se no portal, pronta para puni-lo. — E aí? Já desceu do pedestal?

— Cale a boca e me dê o endereço — ordenou Simon, irritado.

— Não sei se devo. Por acaso Milly quer falar com você?

— Ah, esqueça — disse ele, dando as costas e descendo os degraus. — Eu mesmo a encontrarei.

Isobel fitou-o por alguns segundos, então gritou:

— Walden Street, número 10.

Simon parou e se virou.

— Obrigado.

Isobel deu de ombros.

— Tudo bem. Espero que... — Ela fez uma pausa. — Você sabe.

— Sim. Eu também.

ESME ATENDEU A PORTA usando um longo roupão branco.

— Desculpe incomodá-la. Eu queria falar com a Milly. — disse Simon, constrangido.

Esme observou o rosto dele.

— Ela está dormindo. Bebeu um pouco no almoço. Acho que não vou conseguir acordá-la.

Simon hesitou.

— Bem... você poderia dizer a ela que eu estive aqui? E se puder lhe dar isso... — Ele entregou o buquê a Esme, que olhou para as flores com desdém.

— Pode deixar. Tchau.

— Talvez ela possa me telefonar quando acordar.

— Talvez. Isso é com ela.

— Claro — assentiu Simon, corando ligeiramente. — Bem, obrigado.

— Tchau — disse Esme, e fechou a porta. Ela olhou as flores por um momento. Então,

entrou na cozinha e jogou-as na lata de lixo. Depois, subiu as escadas e bateu na porta do quarto.

— Quem era? — perguntou Milly, erguendo os olhos. Ela estava deitada em uma maca de massagem, enquanto a esteticista de Esme passava um óleo facial em seu rosto.

— Um vendedor — respondeu Esme tranquilamente. — Queria vender espanadores.

— Ah, eles aparecem lá em casa também. Sempre na hora errada.

Esme sorriu.

— Gostou da massagem?

— Amei.

— Que bom. — Esme foi até a janela, pensou por um momento e se voltou para Milly novamente. — Sabe de uma coisa? Acho que devíamos viajar — sugeriu. — Eu devia ter pensado nisso antes. Você não quer estar em Bath amanhã não é?

— Não. Mas... Para falar a verdade, não quero estar em lugar nenhum. — A expressão de Milly se tornou triste, e as lágrimas começaram a rolar em seu rosto. — Desculpe — disse ela a esteticista, com a voz embargada.

— Iremos para Gales — propôs Esme. — Conheço um pequeno hotel nas montanhas. Teremos uma vista fabulosa e cordeiro galês todas as noites. Que tal? Milly ficou em silêncio. A esteticista removeu delicadamente as lágrimas de seu rosto usando um líquido amarelo de um frasco dourado, gravado em relevo.

— Amanhã será um dia difícil — continuou Esme com delicadeza. — Mas nós vamos superar. E depois... — Ela se aproximou e segurou a mão da afilhada. — Pense nisso, querida, você foi agraciada com uma oportunidade que poucas mulheres têm. Pode começar tudo de novo. Pode refazer a vida do jeito que bem entender.

— Tem razão — assentiu Milly, olhando para o teto. — Do jeito que eu quiser.

— O mundo é todinho seu! E pensar que você estava a ponto de se limitar a ser apenas a Sra. Pinnacle. — Um sinal de desdém se manifestou na voz de Esme. — Querida, você escapou por pouco. Quando se lembrar de tudo isso, vai me agradecer. Pode ter certeza!

— Já sou agradecida — disse Milly, olhando para a madrinha. — Não sei o que teria feito sem você.

— É assim que se fala! — Esme acariciou a mão de Milly. — Agora deite-se e aproveite a limpeza de pele. Vou colocar umas coisas no carro.

CAPÍTULO

QUINZE



Naquela noite, quando James chegou, a casa estava silenciosa e pouco iluminada. Ele pendurou o casaco e fez uma careta ao ver seu reflexo no espelho. Em seguida, abriu a porta da cozinha sem fazer barulho. A mesa estava repleta de restos inúteis de artigos para festas de casamento e xícaras de café. Olivia estava sentada no escuro, cabisbaixa e abatida.

Por um momento, ela não se deu conta da presença do marido. Então, como se James tivesse falado algo, ela lhe dirigiu um olhar apreensivo, desviando-o rapidamente. Levou as mãos ao rosto. O marido se aproximou desajeitado, sentindo-se como um estudante que acabara de praticar bullying com um colega.

— Então — disse ele, pousando a pasta sobre uma cadeira e olhando em volta —, acabou. Você deve ter tido um dia infernal, telefonando para Deus e o mundo.

— Não foi tão ruim — replicou Olivia com a voz embargada. — Isobel ajudou muito. Nós duas... — Ela não terminou a frase. — E o *seu* dia? Isobel me disse que você estava com problemas no trabalho. Eu... não sabia. Sinto muito.

— Nem tinha como saber. Eu não contei nada a você.

— Me conte agora.

— Agora não — retrucou James, cansado. — Talvez depois.

— Sim, depois — assentiu Olivia com a voz débil. — Claro.

James olhou para a esposa e se sentiu chocado ao perceber o pavor nos olhos dela.

— Vou fazer um chá para você — disse ela. - Obrigado. Olivia...

— Vou levar menos de um minuto! — Ela se levantou apressadamente e acabou prendendo a manga da blusa na quina da mesa. Deu um puxão, como se estivesse desesperada para dar as costas para ele e ir em direção a pia, a chaleira, objetos inanimados, familiares para ela. James se sentou e apanhou o livro vermelho que estava na mesa. Começou a folheá-lo aleatoriamente; páginas e páginas de listas, ideias, lembretes, até pequenos esboços. "Planos para um evento espetacular", pensou.

— Cisnes — disse ele, parando em um item marcado com um asterisco. — Você não ia

alugar cisnes vivos, ia?

— Cisnes feitos de gelo — explicou Olivia, animando-se um pouco. — Eles iam ser recheados de... — Ela parou de falar. — Não importa.

— Recheados de quê?

Houve uma pausa.

— Ostras.

— Eu gosto de ostras.

— Eu sei — disse Olivia, apanhando o bule de chá de maneira desajeitada. Ao se virar para colocá-lo na mesa, ela escorregou. O bule caiu sobre o piso, fazendo um barulho enorme, e Olivia gritou, aflita.

— Olivia! — James pulou da cadeira. — Você está bem?

Pedaços da porcelana quebrada jaziam espalhados pelo chão em meio a uma poça de chá quente; o líquido escorria por entre as placas do piso em direção aos pés dele. O olho do patinho, contornado de amarelo, o encarava com ar de reprovação.

— Está quebrado! — choramingou Olivia. — Este bule de chá tinha 32 anos! — Ela abaixou-se, apanhou um caco da alça e o fitou, incrédula.

— Nós compraremos outro.

— Não quero outro. Quero o velho. Quero... — Sem completar a frase, ela se virou para o marido. — Você vai me deixar, não vai, James?

— O quê? — perguntou James, perplexo.

— Você vai me deixa — repetiu Olivia calmamente. Ela olhou para o caco de porcelana e suas mãos o envolveram com força. — Vai partir para uma nova vida. Uma vida nova e excitante.

Houve uma pausa, então James suspirou.

— Você me ouviu — disse ele, tentando reunir os pensamentos. — Você me *ouviu*. Eu não tinha me dado conta...

— Sim, ouvi — assentiu Olivia sem erguer os olhos. — Não era o que você queria?

— Olivia, eu não quis dizer...

— Suponho que você tenha esperado até o casamento — retorquiu Olivia, girando o caco de porcelana repetidas vezes nas mãos. — Provavelmente não queria estragar um evento tão feliz. Bem, o evento feliz já foi arruinado de qualquer maneira. Portanto, não precisa mais esperar. Você pode ir.

James olhou para a esposa.

— Você quer que eu vá?

— Não foi isso o que eu disse. — retrucou Olivia com a voz embargada, ainda com a cabeça baixa. Durante um longo tempo, os dois ficaram em silêncio. Do outro lado da cozinha, o líquido marrom do chá derramado lentamente parou de escorrer.

— O problema no trabalho — disse James de repente, andando até a janela — , o problema ao qual Isobel se referiu, é uma reestruturação na empresa. Eles estão transferindo três departamentos para Edimburgo e me perguntaram se eu gostaria de ir para lá. E eu respondi... — Ele se virou para a esposa. — Eu respondi que pensaria a respeito.

Olivia ergueu os olhos.

— Você não falou nada comigo.

— É. Não falei. Eu sabia qual seria a sua resposta.

— Sabia? — repetiu Olivia. — Quanta perspicácia!

— Você tem vínculos aqui, Olivia. Seu negócio e seus amigos estão aqui. Eu sabia que você não iria querer deixar tudo isso. Mas eu só senti que precisava de algo novo! — O semblante de James foi tomado pelo sofrimento. — Você entende? Será que, em toda sua vida, você nunca desejou fugir e começar tudo de novo? Eu me sentia acuado e culpado. Achei que me mudar para uma nova cidade talvez pudesse ser a resposta para minha insatisfação; uma visão nova a cada manhã, um ar diferente.

A cozinha ficou silenciosa.

— Entendi — disse Olivia finalmente, com a voz débil. — Bem, então vá em frente. Não se prenda por mim. Quer que eu o ajude a fazer as malas?

— Olivia...

— Não se esqueça de mandar um cartão-postal.

— Olivia, não faça isso!

— Isso o quê? Como esperava que eu fosse reagir? Você estava planejado me abandonar!

— Bem, o que eu deveria ter feito? — vociferou James. Eu deveria ter respondido imediatamente que não iria? Deveria me acomodar por mais vinte anos aqui em Bath?

— Não! — Os olhos de Olivia estavam cheios de lágrimas. — Deveria ter me pedido para acompanhá-lo. Sou sua esposa, James. Você deveria ter me pedido para acompanhá-lo.

— De que adiantaria? Você teria dito...

— Você não sabe o que eu teria dito! — A voz de Olivia oscilou e ela ergueu o queixo. — Você não sabe o que eu teria dito, James. E não quis se dar ao trabalho de descobrir.

— Eu... — James não completou a frase.

— Você não quis se dar ao trabalho de descobrir — repetiu Olivia com escárnio. Houve um longo silêncio.

— O que você teria dito? — perguntou James finalmente. — Se eu houvesse perguntado? — Ele tentou olhar bem nos olhos da esposa, mas ela os tinha fixos no caco de porcelana que ainda segurava. A expressão dela era indecifrável.

A campainha tocou. Os dois permaneceram imóveis.

— O que você teria dito, Olivia? — insistiu James.

— Não sei — respondeu ela após um momento. Em seguida, pousou o caco sobre a mesa e

ergueu os olhos. — Provavelmente teria perguntado se você era realmente tão infeliz com a vida que leva aqui. Teria perguntado se achava mesmo que uma nova cidade resolveria todos os seus problemas. E se você tivesse respondido afirmativamente... — A campainha tocou mais uma vez, de maneira insistente, e ela não concluiu a frase. — É melhor você atender — sugeriu. James continuou fitando-a por alguns segundos e se levantou.

Ele foi até a sala, abriu a porta e teve um sobressalto ao dar de cara com Alexander. Estava cercado de malas, com a barba por fazer, e seus olhos pareciam atentos.

— Ouça — disse ele assim que viu James. — Desculpe. Vocês precisam acreditar em mim. Eu não tinha a intenção de causar tanta confusão.

— Isso não importa mais — retrucou James, cansado. — O estrago já foi feito. Se eu fosse você, iria embora.

— É importante para mim. Além disso... — Alexander fez uma pausa. — Além disso, eu ainda tenho algum material aqui. No meu quarto. Sua filha me expulsou antes que eu pudesse pegá-lo.

— Bem, então é melhor entrar.

Receoso, Alexander entrou. Ele olhou para as caixas de bolo e contorceu levemente o rosto.

— A Milly está? — perguntou.

— Não. Está na casa da madrinha.

— Ela está bem?

— O que você acha? — perguntou James, cruzando os braços. Alexander estremeceu.

— Olha, não foi culpa minha! — justificou-se.

— Como assim, não foi culpa sua? — Olivia apareceu na porta da cozinha, indignada. — Milly nos contou como você a importunou. Como você a ameaçou. Você não passa de um homenzinho intimidador e desagradável!

— Ah, dá um tempo — replicou Alexander. — Ela também não é nenhuma santa!

— Você deve achar que fez um favor ao mundo expondo-a dessa forma — acusou James. — Deve achar que cumpriu com seu dever. Mas você poderia ter falado conosco primeiro, ou com Simon, antes de informar ao padre.

— Eu não queria expor ninguém, pelo amor de Deus — disse o fotógrafo, impaciente. — Eu só queria instigá-la pouco.

— Instigar?

— É, provocar. Sabe como é. E foi só isso que eu fiz. Eu não contei nada ao vigário! Por que eu faria isso?

— Quem sabe o que se passa na sua mente sórdida? — disse Olivia.

— Não sei por que estou me dando ao trabalho — retrucou Alexander, indignado. — Vocês nunca irão acreditar em mim. Mas eu não fiz o que vocês estão pensando! Por que eu

destruiria o casamento da Milly? Vocês estavam me pagando para fotografar a festa! Por que eu iria querer acabar com tudo?

Houve silêncio. James olhou para Olivia.

— Eu nem sei o nome do padre! — continuou Alexander, justificando-se. Em seguida, suspirou. — Ouçam, eu tentei explicar a Isobel, mas ela não me deu ouvidos. E agora estou tentando explicar a vocês, mas não querem acreditar. É verdade. Eu não contei nada a ninguém. Juro. Por mim, ela poderia ter seis maridos, não é problema meu!

— Certo — disse James com um profundo suspiro. — Bem, se não foi você, quem foi?

— Só Deus sabe. Quem mais sabia dessa história?

— Ninguém — respondeu Olivia. — Ela não tinha contado a ninguém.

Mais silêncio.

— Ela contou a Esme — lembrou James. Ele e Olivia se entreolharam. — Ela contou a Esme.

ISOBEL ESTAVA EM UMA esquina afastada da entrada de Pinnacle Hall e observava, pelo pára-brisa do carro, a tenda alugada para o casamento de Milly, visível apenas por trás da casa. Parada ali há meia hora, ela tentava organizar os pensamentos e se concentrar, como se estivesse se preparando para uma prova. Diria a Harry o que precisava ser dito, toleraria o mínimo possível de objeção e iria embora. Seria simpática, porém metódica. Se ele recusasse sua proposta, ela iria... Isobel vacilou. Ele não poderia recusar uma oferta tão razoável. Ele simplesmente não poderia.

Ela observou as próprias mãos, já inchadas da gravidez. A simples palavra lhe dava calafrios. A gravidez, conforme aprendera na escola, podia ser comparada a um míssil nuclear: destruía tudo o que encontrava no caminho e deixava suas vítimas lutando por uma vida praticamente inútil. Ela destruía carreiras, relacionamentos, felicidade. "O risco simplesmente não compensa", afirmavam as professoras. Na parte de trás da sala de aula do sétimo ano, os alunos riam dissimuladamente e passavam números de telefone de clínicas de aborto por todas as fileiras da sala. Isobel fechou os olhos. Talvez as professoras estivessem certas. Se ela não tivesse ficado grávida, seu relacionamento com Harry poderia ter evoluído para algo além de encontros casuais. Ela já havia começado a sentir vontade de estar com ele com mais frequência, de compartilhar momentos de dor e prazer, de ouvir a voz dele ao acordar. De querer dizer que o amava.

Mas agora havia um bebê. Havia um novo elemento, um novo compasso; ambos se submeteriam a uma nova pressão. Ter o bebê significaria ignorar o desejo de Harry, forçar o relacionamento a tomar outro rumo, no qual não sobreviveria. Ter o bebê destruiria o relacionamento deles. E, como se não bastasse, por conseguinte, a destruiria.

Com o coração partido, Isobel tateou o interior da bolsa a procura de um pente e ajeitou o cabelo. Em seguida, abriu a porta do carro e saltou. O ar estava surpreendentemente brando e com uma leve brisa, como uma tarde de primavera. Ela atravessou o caminho de cascalho em direção à imensa porta de entrada, dessa vez sem temer olhares curiosos. Hoje tinha todos os

motivos para estar em Pinnacle Hall.

Ela tocou a campainha e sorriu para a moça ruiva que atendeu a porta.

— Eu gostaria de falar com Harry Pinnacle, por favor. É Isobel Havill. A irmã de Milly Havill.

— Eu sei — disse a moça em tom pouco amistoso. — Suponho que seja sobre o casamento. Ou o "não casamento", melhor dizendo. — Ela fitou Isobel com olhos arregalados, culpando-a, e pela primeira vez Isobel se perguntou o que as pessoas poderiam estar dizendo e pensando a respeito de Milly.

— Isso mesmo — assentiu. — Você poderia apenas anunciar que estou aqui?

— Não sei se ele poderá atender.

— Você poderia perguntar? — replicou Isobel educadamente.

— Espere aqui.

Após alguns minutos a moça retornou.

— Ele irá atendê-la — disse, como se estivesse fazendo um enorme favor. — Mas ele dispõe de pouco tempo.

— Ele disse isso? — O silêncio da secretária chegava a ser agressivo, e Isobel sorriu consigo mesma.

Elas se dirigiram ao escritório de Harry e a moça bateu à porta.

— Sim! — respondeu ele de imediato. A secretária abriu a porta e ele ergueu os olhos.

— Isobel Havill — anunciou ela.

— Claro. — Harry olhou diretamente para Isobel. — Eu sei.

Quando a porta se fechou atrás da secretária, ele pousou a caneta sobre a mesa e continuou a observar Isobel em silêncio. Ela permaneceu imóvel, tremendo ligeiramente, sentindo o olhar fixo de Harry aquecer sua pele, como o sol. Então, fechou os olhos, tentando pôr as ideias em ordem.

Percebeu que ele havia se levantado e, agora, começava a se aproximar. Ele pegou sua mão e pressionou os lábios contra a pele sensível da parte interna de seu pulso antes que ela pudesse abrir os olhos e dizer: "Não."

Então, ainda segurando a mão dela, ele ergueu os olhos. Isobel o encarou, tentando transmitir tudo o que tinha a dizer em um único olhar. Mas havia muitos desejos e pensamentos conflitantes a serem decifrados. Em um rompante de decepção, ele largou a mão dela abruptamente.

— Quer beber alguma coisa? — perguntou ele.

— Tenho algo a lhe dizer — disse Isobel.

— Sim. Quer sentar?

— Não, quero apenas falar.

— Pois bem, então fale!

— Certo! Lá vai. — Ela fez uma pausa, tentando reunir forças. — Estou grávida — anunciou e, em seguida, fez uma pausa. A frase, carregada de culpa, pareceu ecoar pelo ambiente. — Vou ter um filho seu — acrescentou.

Harry mal esboçou uma reação.

— O que foi? — perguntou Isobel. — Você não acredita?

— É claro que *acredito*. Eu só ia dizer... Não importa. Continue.

— Você não parece surpreso.

— Isso faz parte do seu pequeno discurso?

— Ah, cala a boca! — Ela respirou fundo e fixou o olhar na lareira, tentando manter a voz constante. — Eu tenho pensado muito nisso — confessou. — Analisei todas as opções e decidi que vou seguir adiante com a gravidez. — Ela fez uma pausa. — Eu tomei essa decisão sabendo que você não quer ter filhos. Portanto, ela terá o meu nome e eu serei responsável por ela...

— Você sabe se é uma menina?

— Não — respondeu Isobel com a voz trêmula, perdendo o foco do que estava dizendo. — Eu... Tenho tendência a usar o pronome feminino quando o gênero não está definido.

— Ah, entendi. Continue.

— Serei responsável por ela — prosseguiu Isobel, falando mais rápido. — No aspecto financeiro, assim como em relação a todo o resto. Mas acho que toda criança precisa de um pai, na medida do possível. Sei que você não escolheu este caminho, mas eu também não, e muito menos o bebê. — Ela fez uma pausa e cerrou os punhos, nervosa. — Portanto, eu gostaria de pedir que você assuma alguma responsabilidade como pai. O que proponho é uma visita regular, talvez uma vez por mês, para que ela cresça sabendo quem é o pai. Não estou pedindo nada além disso. Mas toda criança merece isso, é o mínimo. Só estou tentando ser razoável. — Ela ergueu os olhos cheios de lágrimas. — Estou apenas tentando ser razoável, Harry!

— Uma vez por mês — repetiu Harry, com a expressão sombria.

— Sim! — assentiu Isabel, furiosa. — Você não pode esperar que uma criança estabeleça laços encontrando-o duas vezes por ano.

— Acho que não. — Harry foi até a janela, e Isobel o observou, apreensiva. De repente, ele se virou para ela. — Que tal duas vezes por mês? Seria suficiente?

Isobel o fitou.

— Sim. Claro...

— Ou, duas vezes por semana?

— Tudo bem. Mas...

Harry se aproximou, com o olhar carregado de afeto fixo nos olhos dela.

— E duas vezes por dia?

— Harry...

— E todas as manhãs, todas as tardes e a noite inteira? — Ele segurou suavemente as mãos de Isobel, e ela não tentou impedi-lo.

— Não estou entendendo — retrucou, tentando se manter sob controle. — Eu não...

— E se eu disser que amo você? — propôs Harry. — E se eu disser que quero ficar com você para sempre e ser um pai melhor para nosso filho do que fui para Simon?

As emoções de Isobel vinham à tona em ondas incontroláveis.

— Mas como? Você disse que não queria filhos! — As palavras saltaram em um rugido dolorido e acusatório. Lágrimas rolaram por seu rosto, e ela afastou as mãos bruscamente. — Você disse...

— Quando eu disse isso? — interrompeu Harry. — Eu nunca disse isso.

— Você não disse isso exatamente — justificou-se Isobel após uma pausa — , mas fez uma careta quando falamos a respeito.

— Eu fiz o quê?

— Há alguns meses. Eu contei que uma amiga estava grávida e você... fez uma careta. — Isobel engoliu em seco. — Eu disse: "Ah, você não gosta de crianças?", e você mudou de assunto. — Ela ergueu os olhos e encontrou os de Harry, atônitos.

— É isso?

— E não é o bastante? Eu entendi o que você quis dizer.

— Você quase tirou nosso filho por causa disso?

— Eu não sabia o que fazer! — defendeu-se Isobel. — Pensei...

Harry balançou a cabeça.

— Você pensa demais. Este é o seu problema.

— Não é verdade!

— Como é que você presume que eu não gosto de crianças? Já me viu alguma vez com um bebê?

— Não — respondeu Isobel.

— Exatamente.

Ele a abraçou com força, e ela fechou os olhos. Aos poucos, sentiu que a tensão inicial começava a ceder. Mil perguntas percorriam a mente de Isobel, mas ela resolveu deixá-las de lado por enquanto.

— Eu gosto de bebês — disse Harry. — Desde que eles não chorem.

Ela teve um sobressalto.

— Todo bebê chora! — retrucou. — Você não pode esperar... — Ela parou de falar ao perceber a expressão dele. — Ah! Você está brincando.

— É claro que estou brincando — disse Harry. Em seguida, ergueu as sobrancelhas. — É dessa maneira que você traduz o que os diplomatas estrangeiros dizem? Não é de admirar que o mundo esteja em guerra. "Isobel Havill está conduzindo as negociações. Ela achou que você não queria acordo de paz porque fez uma cara feia."

Isobel soluçou e deu uma risada, aninhando-se no peito de Harry.

— Você realmente quer ter este bebê? — perguntou. — Tem certeza?

— Certeza absoluta — respondeu ele, acariciando os cabelos dela. — E mesmo se eu não tivesse, você não deveria tirá-lo — acrescentou com uma voz inexpressiva. — Nunca se sabe, esta poderia ser sua única chance de ser mãe.

— Obrigada.

— De nada.

Eles permaneceram em silêncio por algum tempo, então Isobel se afastou com relutância.

— Tenho que ir — anunciou.

— Por quê?

— Devem estar precisando de mim lá em casa.

— Não estão precisando de você. Eu preciso de você. Fique aqui esta noite.

— Está falando sério? — indagou Isobel, surpresa. — Mas e se alguém me vir?

Harry deu uma risada.

— Isobel, você ainda não entendeu? Eu quero que todo mundo te veja! Eu te amo! Eu quero... — Ele se calou e a fitou, mudando de expressão. — Agora responda. O que você acha ... de dar meu nome ao bebê?

— Você quer dizer... — Isobel olhou para ele, sentindo a pele formigar.

— Não sei — disse Harry. — Depende. Você já tem algum marido? Essa é a hora de me contar.

— Seu cretino! — disse Isobel em tom de brincadeira chutando a canela dele.

— Isso significa que sim? — perguntou Harry, dando uma gargalhada. — Ou não?

— Seu cretino!

JAMES E ALEXANDER ESTAVAM na cozinha, bebendo conhaque e esperando Olivia desligar o telefone.

— A propósito — disse Alexander, retirando um envelope marrom da bolsa —, eu revelei as fotos que foram tiradas aqui.

— Como ficaram? — perguntou James.

— Dê uma olhada.

James pousou o copo e abriu o envelope, de onde retirou uma pilha de fotos em preto e branco e papel brilhante. Fitou a primeira delas em silêncio. Em seguida, folheou o restante lentamente. Em cada uma, via-se a face de Milly, os olhos grandes e reluzentes, as curvas do

rosto envoltas em sombras suaves, o anel de noivado reluzindo discretamente no canto da imagem.

— Essas ficaram incríveis — disse ele, afinal. — Absolutamente extraordinárias.

— Obrigado. Fiquei bastante satisfeito.

— Ela está linda, naturalmente. Ela está sempre linda. Mas não é só isso. — Ele examinou novamente a primeira foto, que estava no topo da pilha. — Você conseguiu capturar uma intensidade em Milly que eu nunca tinha percebido. Ela parece... enigmática.

— Parece uma mulher que guarda um segredo — disse Alexander. Ele bebeu um gole do conhaque. — Que é exatamente o que estava acontecendo.

James olhou para ele.

— Foi por isso que você a provocou? Para obter estas fotos?

— Em parte, sim — admitiu Alexander. — E em parte porque... — Ele deu de ombros — Sou um cretino cruel, e esse tipo de coisa me diverte.

— E não importam as consequências?

— Eu não sabia que haveria consequências — justificou-se Alexander. — Não podia imaginar que ela iria se desesperar. Ela parecia tão... — Ele fez uma pausa. — Segura de si.

— Ela pode parecer forte, mas no fundo é frágil. Igual à mãe.

Ambos ergueram os olhos quando Olivia apareceu na cozinha.

— E então — disse James com ar severo —, falou com o cônego Lytton? Foi Esme quem contou a ele?

— Aquele padre mais jovem é um tolo, recusou-se a me contar! — respondeu Olivia com uma faísca de seu antigo vigor. — Dá para acreditar? Ele disse que não podia revelar um segredo e que o cônego Lytton estava muito ocupado e não podia atender o telefone. Muito ocupado!

— O que ele está fazendo? — perguntou James.

Olivia suspirou, e uma centelha de curiosidade surgiu em seu rosto.

— Coordenando o ensaio de uma cerimônia. Do outro casamento de amanhã. — Houve uma pausa, pontuada por um sentimento de desânimo. — Acho que não há muito a fazer. — Ela se serviu de um copo de conhaque.

— Há, sim — disse James. — Podemos ir até lá e obter uma resposta.

— E interromper o ensaio do casamento? — indagou Olivia. — James, você está falando sério?

— Estou. Se a minha prima traiu a confiança de Milly e, deliberadamente, destruiu seu casamento, então quero saber essa história direitinho. — Ele pousou seu copo. — Vamos, Olivia! Onde está seu espírito guerreiro?

— Você está mesmo falando sério? — repetiu Olivia.

— Claro — disse James. — Além do mais... — Ele olhou para Alexander. — Acho que

vai ser divertido.

SIMON ESTAVA SENTADO PERTO da janela do quarto, tentando ler um livro, quando alguém tocou a campainha. Sentiu uma onda de nervosismo e se levantou rapidamente, descartando o livro. Era Milly. Tinha que ser.

Ele voltara da casa de Esme com o coração cheio de uma felicidade esperançosa, que borbulhava como a nascente de um riacho. Após o doloroso choque e a raiva da noite anterior, sentia-se como se a vida estivesse mais uma vez seguindo seu curso normal. Ele dera o primeiro passo em direção à reconciliação e, assim que Milly entrasse em contato, reforçaria o pedido de desculpas e tentaria curar a ferida que se abrira no relacionamento deles da melhor forma possível. Então esperariam pacientemente pelo divórcio, marcariam outra data para o casamento e começariam tudo de novo.

E ali estava ela. Ele desceu os amplos degraus sorrindo como um tolo e atravessou o hall apressadamente. No mesmo instante, a porta do escritório de seu pai se abriu, e Harry apareceu. Com um copo de uísque na mão, ele estava rindo e gesticulando para alguém.

— Pode deixar — disse Simon rapidamente. — Eu atendo.

Harry se virou, surpreso.

— Ah, oi — cumprimentou ele. — Você está esperando alguém?

— Não sei — respondeu Simon um tanto sem jeito. — Milly, talvez.

— Vou deixar vocês à vontade então.

Simon sorriu e, sem pensar, olhou para o interior do escritório. Para sua surpresa, vislumbrou uma perna feminina perto da lareira. Tornado por uma leve curiosidade, lançou um olhar interrogativo ao pai. Harry pareceu hesitar

por alguns segundos, então escancarou a porta do escritório. Isobel Havill estava ao lado da lareira. Ela ergueu a cabeça subitamente com ar de espanto, e Simon a fitou, surpreso.

— Você conhece Isobel, não é? — perguntou Harry em tom descontraído.

— Sim, claro. Oi, Isobel. O que você está fazendo aqui?

— Vim falar sobre o casamento — respondeu ela após um momento.

— Não é verdade — retrucou Harry. — Não minta para ele.

Simon ficou confuso.

— Bem, eu não...

— Temos uma coisa para contar a você, Simon — anunciou Harry. — Embora talvez este não seja o melhor momento...

— Não é o melhor momento — interrompeu Isobel com firmeza. — Por que um de vocês não atende a porta?

— O que você tem para me contar? — perguntou Simon. Seu coração começou a disparar. — É sobre Milly?

Isobel suspirou.

— Não.

— Não diretamente — corrigiu Harry.

— Harry! — exclamou Isabel, com um leve traço de irritação na voz. — Simon não quer saber disso agora!

— Saber o quê? — perguntou Simon quando a campainha tocou novamente. Ele olhou para ambos. Isabel fez um gesto discreto para Harry, que retribuiu com um sorriso provocador. Simon observou os dois se comunicando em uma linguagem íntima e silenciosa. De repente, entendeu o que estava acontecendo.

— Alguém precisa atender a porta — insistiu Isabel.

— Eu vou — disse Simon, com a voz abalada. Isabel disparou um olhar furioso a Harry.

— Simon, você está bem? — perguntou o pai. — Ouça, eu não queria...

— Está tudo bem — disse Simon sem olhar para trás.

Ele se afastou rapidamente e abriu a porta com a mão trêmula e desajeitada. Deparou-se com um desconhecido: um homem alto, forte, de cabelos louros que brilhavam sob a luz do sol como um halo e olhos azuis inchados que expressavam receio e angústia.

Simon, decepcionado, fitou o estranho. Estava tão surpreso com a descoberta a respeito de seu pai que não conseguia falar nada. Os pensamentos deslizavam por sua mente como bolas em uma pista de boliche à medida que seu cérebro tentava relacionar essa nova informação às evidências que presenciara nos últimos meses. Quantas vezes havia visto seu pai e Isabel juntos? Praticamente nenhuma. Talvez esse fato, por si só, fosse um sinal. Se tivesse prestado mais atenção, será que teria notado algo? Afinal, há quanto tempo eles estavam juntos? E onde estava Milly?

— Estou procurando Simon Pinnacle — informou o estranho, finalmente. Os olhos dele brilhavam suplicantes, e havia uma mistura de curiosidade e antecipação em sua voz. — Por acaso é você?

— Sim- respondeu Simon, forçando-se a se concentrar e organizar os pensamentos. — Sou eu. Como posso ajudá-lo?

— Você não sabe quem sou.

— Acho que eu sei — interrompeu Isabel, que se encontrava atrás de Simon. — Acho que sei exatamente quem você é. — Sua voz assumiu um tom cético quando ela olhou para o desconhecido. — Você é o Rupert, não é?

GILES CLAYBROOK E ELEANOR Smith estavam diante do altar da Igreja de St. Edward, entreolhando-se em silêncio.

— Agora — disse o cônego Lytton, com um sorriso benevolente — , as alianças.

— É só uma — retrucou Giles erguendo os olhos.

— Giles não usara aliança — explicou Eleanor com um leve rubor de aborrecimento. — Eu tentei convencê-lo a usar.

— Ellie, querida — disse o tio da noiva, enquanto registrava o momento com uma câmera.
— Você poderia chegar um pouquinho para a direita? Perfeito.

— Apenas uma aliança. — O cônego Lytton fez uma anotação em seu folheto da cerimônia.
— Bem, nesse caso...

Ouviu-se um barulho na porta da igreja, e o cônego ergueu os olhos, surpreso. A porta se abriu, dando passagem para James, Olivia e Alexander.

— Desculpe — começou James, dirigindo-se apressadamente ao altar. — Só precisamos falar um minuto com o cônego Lytton.

— Não vamos demorar — prometeu Olivia.

— Desculpe interromper — acrescentou Alexander em tom descontraído.

— O que está acontecendo? — perguntou Giles, estreitando os olhos.

— Sra. Havill, eu estou ocupado! — trovejou o cônego Lytton. — Aguarde lá no último banco, por favor!

— Não vai levar nem um segundo— - declarou James. — Só queremos fazer uma pergunta: quem lhe contou sobre o primeiro casamento de Milly?

— Se vocês pretendem me convencer agora de que a informação é falsa... — começou o cônego.

— Não é isso! — James fez um gesto de impaciência — Só queremos saber quem foi.

— Por acaso foi ele? — perguntou Olivia, apontando Alexander.

— Não, não foi. E agora se vocês me permitem..

— Foi a minha prima, Esme Ormerod? — perguntou James. — Houve silêncio.

— Eu ouvi essa informação em uma confissão — explicou o cônego Lytton finalmente, em tom inflexível. — E acho que...

— Vou considerar suas palavras como uma confirmação. — James afundou em um banco.
— Não consigo acreditar. Como ela pôde fazer isso? Ela é madrinha de Milly! Deveria ajudá-la e protegê-la!

— Não diga! — O cônego Lytton tinha uma expressão séria. — E ela ajudaria se omitisse essa informação enquanto Milly estava prestes a realizar deliberadamente um casamento baseado em mentiras e deslealdade?

— O que o senhor está dizendo? — perguntou Olivia, espantada. — Que Esme queria o bem de Milly?

Cônego Lytton assentiu com um pequeno gesto.

— Bem, então o senhor é louco! — gritou Olivia. — Ela agiu de maldade, e o senhor sabe muito bem disso! Ela é maliciosa e despeitada, e só quer causar problemas! Honestamente, nunca gostei daquela mulher. Eu vi quem ela era desde o início. — Ela acenou com a cabeça em direção a James. — Desde o início.

O cônego Lytton virou-se para Giles e Eleanor.

— Desculpe por esta inconveniente interrupção. Agora vamos prosseguir. A entrega da aliança.

— Espere — ordenou o tio de Eleanor. — Vou rebobinar a fita, está bem? Ou você prefere que eu mantenha registrado tudo isso que aconteceu? — perguntou, apontando para James e Olivia. — Poderíamos mandar essas imagens para um programa de televisão.

— De jeito nenhum — respondeu a noiva. — Pode prosseguir, cônego Lytton. — Ela lançou um olhar hostil a Olivia. — Vamos ignorar essas pessoas grosseiras.

— Muito bem — disse o cônego. — Giles, agora coloque a aliança no dedo de Eleanor e repita comigo. — Ele aumentou o tom de voz: — Eleanor, receba esta aliança.

— Eleanor, receba esta aliança — repetiu Giles, constrangido.

— Em sinal do meu amor e da minha fidelidade.

— Em sinal do meu amor e da minha fidelidade.

Quando as tradicionais palavras ecoaram no espaço vazio da igreja, todos pareceram relaxar. Olivia olhou para o teto abobadado e, em seguida, para James. Com uma expressão saudosa, ela se sentou ao lado do marido. Ambos observaram Alexander quando ele furtivamente tirou uma foto do cônego Lytton tentando ignorar a câmera de vídeo.

— Você se lembra do nosso casamento? — perguntou ela, baixinho.

— Sim — respondeu James, olhando nos olhos dela, meio desconfiado. — Por quê?

— Por nada. Eu só... me lembrei. Como eu estava nervosa!

— Você, nervosa? — James deu um sorriso de canto de boca.

— Sim, nervosa. — Após um momento de silêncio, sem olhar para o marido, ela acrescentou: — Se você quiser, podemos ir a Edimburgo semana que vem. Só para descansar. Podemos passear, ficar em um hotel. E... e conversar.

— Eu gostaria muito. — Ele fez uma pausa. — E a pensão?

— Posso fechá-la por alguns dias — disse Olivia, corando ligeiramente. — Não é a coisa mais importante na minha vida.

James a fitou em silêncio e então, lentamente, se aproximou dela. Olivia permaneceu imóvel. Neste momento, ouviu-se um barulho na porta e eles pularam, um para cada lado, como gatos assustados. O padre mais jovem entrou apressadamente, trazendo um telefone sem fio consigo.

— Cônego Lytton — disse ele, ansioso — , é a Srta. Havill. Ela pediu para falar com o senhor. Em circunstâncias normais eu não interromperia, mas ela afirmou que é urgente.

— É a Milly? — perguntou Olivia surpresa. — Deixe-me falar com ela!

— É Isobel Havill — disse o padre, ignorando Olivia. — A ligação é de Pinnacle Hall. — Com os olhos brilhando, ele entregou o telefone ao cônego Lytton. — Ao que parece, aconteceu algo inesperado.

ISOBEL DESLIGOU O TELEFONE e olhou para os demais.

— Acabei de falar com mamãe. Vocês não imaginam o que aconteceu. Não foi Alexander que contou o segredo de Milly ao cônego.

— Quem foi? — perguntou Simon.

— Vocês não vão acreditar. — Isobel fez uma pausa para criar um efeito dramático. — Foi Esme.

— Isso não me surpreende — disse Harry.

— Você a conhece? — perguntou Isobel, surpresa.

— Nós costumávamos nos encontrar. Mas não a vejo há muito tempo — acrescentou rapidamente. Isobel lançou-lhe um olhar suspeito e assumiu uma expressão séria, tamborilando as unhas no telefone.

— E Milly nem desconfia! Vou ligar para ela.

— Por isso ela nem me deixou entrar — disse Simon quando Isobel pegou o telefone. — Essa mulher é bem esquisita!

Houve um silêncio tenso enquanto Isobel esperava que alguém atendesse a ligação. De repente, seu rosto mudou de expressão, e ela fez um gesto para que todos ficassem em silêncio.

— Oi, Esme — disse ela com a voz mais casual possível. — Por acaso a Milly está? Ah, sim. Será que você poderia acordá-la? — Ela fez uma careta para Simon, que retribuiu o gesto. — Ah, entendi. Tudo bem, não precisa se preocupar. Diga apenas que eu mandei um beijo!

Ela desligou o telefone e olhou para Harry e Simon.

— Sabem de uma coisa? Não confio nem um pouco nessa mulher. Eu vou lá.

CAPÍTULO DEZESSEIS



Quando chegou na base da escada, Milly parou e pousou a mala no chão.

— Não sei se quero ir.

— Como assim não sabe? — perguntou Esme de forma enérgica, entrando no hall. Ela usava um chapéu de pele e tinha nas mãos um par de luvas pretas de couro e um mapa rodoviário. — Vamos! Está ficando tarde.

— Não sei se quero mesmo viajar. — Milly se sentou na escada. — Sinto como se estivesse fugindo. Talvez fosse melhor ficar, reunir coragem e enfrentar.

Esme balançou a cabeça.

— Querida, você não está fugindo. Está apenas agindo de modo sensato. Se ficarmos aqui, você vai passar o dia inteiro com o rosto apoiado na janela, chorando. Se viajarmos, pelo menos haverá uma vista diferente para ajudá-la a esquecer.

— Mas eu deveria avisar meus pais.

— Eles ainda estarão aqui na segunda-feira, e devem estar muito ocupados agora.

— Bem, então eu deveria ficar e ajudá-los.

— Milly — disse Esme, impaciente — , você está sendo ridícula. Neste momento, o melhor para você é se isolar em um lugar distante, tranquilo e discreto, onde poderá refletir de forma apropriada uma vez na vida. Passe um tempo fora, busque o equilíbrio novamente, analise suas prioridades.

Milly fitou o chão por um momento.

— Tem razão — assentiu afinal. — Eu preciso de uma oportunidade para pensar.

— É claro que precisa! Você precisa de paz, serenidade e de um tempo sozinha. Se for para casa, só vai encontrar confusão e pressão emocional. Principalmente por parte da sua mãe.

— Ela ficou muito chateada. Queria muito que o casamento acontecesse.

— É claro que ela ficou chateada. Todos nós ficamos. Mas agora que você não vai mais se casar, precisa pensar na vida de um modo diferente. Certo?

Milly suspirou e se levantou.

— Certo. Tem razão. Um fim de semana no campo é exatamente do que estou precisando.

— Você não vai se arrepender. — Esme sorriu. — Vamos pegar a estrada.

O Daimler de Esme estava estacionado na frente da casa, debaixo de um poste de luz. Quando entraram no carro, Milly se virou para olhar pela janela traseira.

— Parece o carro de Isobel — disse.

— Há um monte de Peugeot como o dela por toda parte — murmurou Esme. Em seguida, virou a ignição, e o som de Mozart invadiu o carro.

— É o carro de Isobel! — confirmou Milly, olhando com atenção. — O que ela está fazendo aqui?

— Bem, infelizmente não podemos esperar. — Esme engatou a primeira marcha. — Você pode ligar para ela quando chegarmos ao hotel.

— Não, espere! — protestou Milly. — Ela está saltando. Está vindo na nossa direção. Pare! — Esme acelerou, e Milly a fitou horrorizada. — Esme, pare! — insistiu. — Pare o carro!

ENQUANTO SE APROXIMAVA, ISOBEL viu o carro de Esme se afastar do meio-fio e entrou em pânico. Ela começou a persegui-lo, arfando no ar frio do inverno, tentando desesperadamente não perder Milly de vista. O máximo que conseguia ver era o cabelo louro da irmã na janela do luxuoso Daimler. Percebeu que ela a vira e dissera algo a Esme, mas o carro não parou. Furiosa, Isobel viu o automóvel desaparecer no final da rua. "Quem essa vaca pensa que é? Para onde está levando Milly?" Tomada pela adrenalina e pela raiva, ela apertou o passo com um esforço sobre-humano. Começou a correr, com o olhar fixo na lanterna traseira do Daimler, sem saber o que faria quando Esme dobrasse a esquina e pegasse a estrada principal.

Mas o semáforo no final da rua estava vermelho, e Esme foi forçada a reduzir a velocidade. Sentindo-se uma atleta olímpica vencedora, Isobel alcançou o carro e começou a bater na janela. Ela podia ver Milly aflita, gritando com a madrinha e tentando puxar o freio de mão. De repente, a porta do carona se abriu e ela saltou, quase caindo no chão.

— O que aconteceu? — perguntou Milly, ofegante, a Isobel. — Achei que devia ser algo importante.

— E é muito importante! — anunciou Isobel, ofegante e com o rosto vermelho, quase incapaz de falar, tamanha a raiva que sentia. — É muito importante! Ah, meu Deus! — Ela afastou o cabelo dos olhos e forçou-se a respirar fundo. — Para começar, acho que vai gostar de saber que foi esta vaca que dedurou você. — Com desprezo, ela apontou para Esme, que a fitou do banco do motorista, enfurecida.

— Como assim? — perguntou Milly. — Foi Alexander.

— Não foi Alexander, foi ela! Estou mentindo? — gritou Isobel para Esme.

— Isso é verdade? — Milly fitou Esme com os olhos arregalados. — *É verdade?*

— Claro que não! — respondeu ela, com sarcasmo. — Por que eu faria uma coisa dessas?

— Para se vingar de Harry, talvez — disse Isobel em tom mordaz.

— Você esta falando um monte de bobagens!

— Não estou, não. Ele me contou tudo sobre você. Tudo.

— Ele fez isso? — perguntou Esme com desdém.

— Fez — respondeu Isobel friamente.

Esme lançou um olhar frio para Isobel. Então fez um gesto de compreensão.

— Entendi. Quer dizer que é isso... — Ela deu um sorriso arrogante para Isabel. — Eu devia ter adivinhado. As mulheres da família Havill têm realmente uma queda por dinheiro, não é?

— Você é uma filha da puta, Esme — xingou Isobel.

— Não estou entendendo — disse Milly, olhando para as duas mulheres. — Do que vocês estão falando? Esme, você contou mesmo ao cônego Lytton que eu era casada?

— Sim, contei. E foi para o seu próprio bem. Você não queria se casar com aquele pedante imaturo e moralista!

— Você me traiu! — gritou Milly. — Você é a minha madrinha! Deveria me apoiar!

— Eu estou apoiando.

Atrás delas, uma fila de carros começava a aumentar. Um deles buzinou, e Isobel gesticulou com impaciência.

— Milly, escute — disse Esme. — Você é boa demais para se casar com Simon Pinnacle! Sua vida ainda nem começou. Será que não entende? Eu salvei você de uma vida de tédio e mediocridade.

— É isso que você pensa? — perguntou Milly, aumentando o tom de voz. — Que me salvou?

Outros carros começaram a buzinar. No final da fila, um motorista abandonou o carro e começou a andar pela rua.

— Querida, eu a conheço muito bem — começou Esme. — E sei que...

— Você não me conhece! — interrompeu Milly. — Nem um pouco. Não conhece nada! Todos vocês acham que me conhecem, mas ninguém me conhece de verdade! Vocês não têm ideia de como eu sou por baixo disso tudo aqui...

— Por baixo disso tudo o quê? — desafiou Esme.

Milly fitou a madrinha em silêncio, ofegante e com o rosto esverdeado sob a luz do semáforo. Então, desviou o olhar.

— Com licença. — Uma voz masculina truculenta as interrompeu. — Vocês viram o sinal?

— Sim — respondeu Milly, atordoada. — Devo ter visto.

— Ela já esta saindo — disse Isobel, batendo a porta do carro — Venha, Milly. — Ela tomou o braço da irmã. — Vamos embora.

NO CARRO DE ISOBEL, Milly, recostada no banco, massageava a testa. A irmã dirigia em alta velocidade, mas com segurança, e se voltava para observá-la de vez em quando, sem dizer nada. Após alguns minutos, Milly se ajeitou e jogou o cabelo para trás.

— Obrigada, Isobel.

— Não tem de quê.

— Como adivinhou que foi a Esme?

— Tinha que ser. Ninguém mais sabia. Como Alexander não tinha contado a ninguém, só podia ser ela. E... — Ela fez uma pausa. — Havia outras razões.

— Que razões? — perguntou Milly, olhando para Isobel. — Que história foi aquela de se vingar de Harry?

— Eles tiveram um caso. Vamos dizer que não deu certo.

— Como você sabe?

— Ele contou ao Simon. E a mim. Eu estava na casa dele agora há pouco. — Isobel ruborizou e pisou mais forte no acelerador.

— Está tudo bem?

— Sim — respondeu Isobel. Mas o rubor em seu rosto se intensificou, e ela não encarou a irmã. O coração de Milly disparou.

— Isobel, o que está acontecendo? O que Esme quis dizer com "vocês tem uma queda por dinheiro"?

Isobel não respondeu, mas arranhou a marcha ao engatá-la. Em seguida, ao tentar ligar a seta para virar à esquerda, acionou o limpador de para-brisa por engano.

— Merda — vociferou. — Droga de carro!

— Você está escondendo alguma coisa, Isobel.

— Não é nada.

— O que você foi fazer em Pinnacle Hall? — O tom de voz de Milly se tornou mais alto.
— Com quem você foi falar?

— Com ninguém.

— Não me faça de boba! Você e Simon tem se encontrado em segredo?

— Claro que não! — respondeu Isobel, rindo. — Não seja ridícula.

— Como é que eu vou saber? Se minha própria madrinha me traiu, por que minha irmã não faria o mesmo?

Isobel olhou para Milly. Ela estava pálida e tensa, e suas mãos agarravam o banco do carro.

— Pelo amor de Deus, Milly. Nem todo mundo é Esme Ormerod! É claro que eu não estou

saindo com Simon.

— Bem, então o que é? Isobel, diga o que está acontecendo!

— Tudo bem! Tudo bem. Vou contar. Eu ia fazer isso depois, com calma, mas levando em consideração que você está tão desconfiada... — Ela voltou os olhos para a irmã e respirou fundo. — É Harry.

— O que é que tem Harry?

— A pessoa com quem eu saía. Ele é... — Isobel engoliu em seco. — O pai. — Ela olhou para Milly, que permanecia pálida e confusa. — Do bebê, Milly! É... com ele que eu estava saindo.

— O quê? — A voz de Milly invadiu o carro como o grito de um pássaro — Você está saindo com Harry Pinnacle?

— Sim.

— Ele é o pai?

— É.

— Você tem um caso como pai do Simon? — A voz de Milly ficava cada vez mais alta.

— Tenho! — respondeu Isobel, receosa. — Mas... — Ela parou de falar ao perceber que a irmã irrompera em soluços. — Milly, o que houve? — Ela estava com o rosto entre as mãos. Lágrimas também brotaram nos olhos de Isobel, embaçando sua visão. — Querida, sinto muito. Sei que é uma péssima hora para contar isso. Ah, Milly, não chore!

— Não estou chorando — esclareceu, tentando se conter. — Não estou chorando!

— O que então...

— Estou rindo! — Milly respirou fundo e olhou para Isobel, irrompendo em uma risada histérica novamente. — Você e Harry! Mas ele é tão velho!

— Ele não é velho!

— É sim! Ele é ancião! Tem o cabelo grisalho!

— Bem, não me importo. Eu o amo. E vou ter o bebê!

Milly fitou a irmã. Ela continuava a olhar para a frente com uma expressão desafiadora, mas seus lábios estavam trêmulos e lágrimas rolavam pelo seu rosto.

— Ah, Isobel, desculpe! — disse Milly, aflita. — Eu não quis dizer isso! Ele não é velho. — Milly, fez uma pausa. — Tenho certeza de que vocês farão um belo casal.

— É. De velhos cafonas — completou Isobel, ligando a seta para virar a direita.

— Não! — Milly sufocou uma gargalhada. — Não posso acreditar. Minha irmã envolvida com Harry Pinnacle. Eu sabia que você estava aprontando alguma coisa. Mas nunca poderia adivinhar; nem em um milhão de anos. — Ela levantou os olhos. — Alguém mais sabe?

— Simon.

— Você contou a ele antes de contar para mim? — perguntou Milly, ofendida. Isobel

revirou os olhos, irritada.

— Milly, você esta parecendo à mamãe! — disse em tom de censura. — E, se quer saber, eu não contei a ele antes de contar a você. Na verdade, ele nos pegou em flagrante.

— Como, na cama?

— Não, claro que não!

Milly deu uma risada.

— Bem, não sei. Poderia ter sido. — Ela observou o perfil de Isobel. — Você sabe mesmo guardar segredos.

— Você não fica para trás!

— É, acho que não fico mesmo — assentiu Milly, após um momento de silêncio. — Mas sabe de uma coisa... — Ela esticou as pernas e colocou os pés no painel. — Nunca considereirei meu casamento com Allan exatamente um segredo.

— E o que foi, então?

— Não sei — respondeu Milly, vagamente. Então, pensou por um momento e acrescentou: — Segredo é algo que você tem que manter escondido. Mas o casamento parecia... algo que tinha acontecido em um mundo diferente.

Algo que nunca existiu de fato neste mundo. — Ela olhou pela janela e percebeu as cercas vivas, escuras como tinta preta, passarem rapidamente diante de seus olhos. — Ainda penso nisso dessa forma. Se ninguém tivesse descoberto, ele não teria existido.

— Você é louca — declarou Isobel, ligando a seta para a esquerda.

— Não sou! — retrucou Milly. Em seguida, apontou para o sapato de camurça rosa contra o vidro. — - Já ia me esquecendo, gostou do meu sapato?

— Achei lindo.

— Custou cinquenta pratas. Simon acharia horroroso. — Então, com um leve ar de satisfação, acrescentou: — Pensei em cortar o cabelo, também.

— Boa ideia — concordou Isobel sem prestar muita atenção.

— E clareá-lo. E fazer um piercing no nariz. — Ela deu de cara com o olhar horrorizado da irmã e sorriu. — Ou algo assim.

QUANDO SE APROXIMARAM DE Pinnacle Hall, Milly subitamente se deu conta de onde estava e estremeceu.

— Isobel, o que está havendo?

— Estamos indo à Pinnacle Hall

— Isso eu já percebi. Mas por quê?

Isobel não respondeu imediatamente.

— Acho que você vai ter a resposta quando chegarmos lá.

— Não quero ver Simon — disse Milly — , se é isso que esta planejando. Se você armou

algum encontro, pode esquecer. Não quero vê-lo.

— Você sabia que ele foi procurá-la esta tarde para se desculpar? — perguntou Isobel. — Levou flores e tudo. Mas Esme não o deixou entrar. — Ela olhou para a irmã. — E agora, mudou de ideia?

— Não — respondeu Milly. — É tarde demais. Ele não pode retirar as coisas que disse.

— Acho que ele está realmente arrependido — disse Isobel ao se aproximar dos portões de Pinnacle Hall —, se é que isso muda alguma coisa.

— Não quero saber — retorquiu Milly. Quando o carro atravessou o portão, ela se encolheu no banco. — Não me incomode de encontrar Harry. Mas não quero ver Simon. Eu simplesmente não quero vê-lo.

— Perfeito. Não foi para vê-lo que eu a trouxe até aqui. Há outra pessoa que quer falar com você. — Ela desligou o motor e olhou para Milly. — Prepare-se para uma surpresa.

— Qual? — Mas Isobel já havia saído do carro e andava direção à porta da casa. Hesitante, Milly saiu também e começou a segui-la, pisando sobre o cascalho que estalava sob seus pés. Num gesto automático, seus olhos se voltaram para a janela do quarto de Simon, no lado esquerdo da casa. As cortinas estavam fechadas, mas ela pode ver uma fresta de luz. Ele provavelmente estava atrás das cortinas, observando-a. Sentiu uma leve apreensão e começou a andar mais rápido, pensando no que Isobel dissera. Ao se aproximar da entrada, a porta se abriu de repente e uma pessoa alta surgiu das sombras.

— Simon! — disse Milly, sem pensar.

— Não. — A voz suave de Rupert atravessou o ar da tarde. Quando ele deu um passo para frente, seu cabelo louro ficou visível sob a luz. — Sou eu, Milly.

Ela parou, perplexa.

— Rupert? — perguntou, incrédula. — O que está fazendo aqui? Você estava em Londres.

— Eu vim de trem. Precisava vê-la. Não havia ninguém na sua casa, então resolvi vir até aqui.

— Suponho que você já esteja sabendo — disse Milly, voltando a andar sobre o cascalho. — Meu segredo foi revelado. O casamento foi cancelado.

— Eu sei. Por isso estou aqui. — Ele esfregou o rosto e a encarou. — Milly, eu fui procurar Allan para você.

— Você o encontrou? Já? — Milly aumentou o tom de voz empolgada. — Onde ele está? Está aqui?

— Não. — Rupert aproximou-se e segurou as mãos de Milly. — Tenho más notícias. Allan... Allan morreu. Morreu há quatro anos.

Milly o fitou atordoada, como se alguém tivesse jogado um balde de água fria nela. Allan está morto. O pensamento rodeou sua mente como uma espécie de corpo estranho, impossível de ser assimilado ou digerido. Não podia

ser verdade. Allan não podia estar morto. Pessoas dessa idade não morrem. Era ridículo.

Ao olhar para Rupert, ela sentiu um desejo súbito de rir, de transformar aquela informação na piada que com certeza era. Mas Rupert não estava rindo. Ele a fitava com um desespero estranho, como se esperasse por uma reação, uma resposta. Milly pestanejou algumas vezes e engoliu, sentindo a garganta áspera e seca como uma lixa.

— O quê... Como? — balbuciou. Imagens de acidentes de carro percorreram sua mente. Em seguida, visualizou desastres de avião e destroços espalhados, vistas pela televisão.

— Leucemia — declarou Rupert.

Milly levou outro susto e a base de sua coluna começou a formigar.

— Ele estava doente? — perguntou, tentando se recompor. — Naquela época, em Oxford, ele já estava doente?

— Não. Ele adoeceu depois.

— Ele... sofreu muito?

— Acho que não — respondeu Rupert, desolado. — Mas não sei ao certo. Eu não estava com ele.

Milly permaneceu em silêncio por alguns segundos.

— Está tudo errado — disse ela. — Ele não devia... — Um nó na garganta a impedira de terminar a frase. — Ele não devia ter morrido. Allan não merecia morrer.

— Não mesmo — assentiu Rupert com a voz trêmula.

Os dois se entreolharam e, naquele instante, compartilharam diversas lembranças. Então, em um gesto instintivo, ela abriu os braços. Rupert praticamente se jogou no seu abraço, tropeçando no cascalho, e aninhou a cabeça no ombro dela. Milly o abraçou com força e olhou para o céu escuro. Lágrimas a impediam de ver as estrelas nitidamente e quando uma nuvem passou pela lua, ocorreu-lhe, pela primeira vez, que ela era viúva.

QUANDO ISOBEL ENTROU NA cozinha, Simon, que estava sentado diante da enorme mesa de jantar, ergueu os olhos. Tinha nas mãos uma taça de vinho e, diante dele, o Financial Times aberto, mas Isobel desconfiou de que ele não estivesse lendo.

— Oi — cumprimentou ele.

— Oi. — Isobel se sentou diante dele e pegou a garrafa de vinho. Durante algum tempo, os dois permaneceram em silêncio. Ela lançou um olhar curioso para Simon. Ele estava cabisbaixo, evitando seu olhar, como se travasse uma espécie de luta interior.

— Então — disse ele afinal. — Quer dizer que você está grávida. Parabéns.

— Obrigada. — Isobel sorriu. — Estou muito feliz.

— Que bom. Isso é ótimo. — Simon pegou a taça e tomou um longo gole.

— Será seu meio-irmão. Ou irmã.

— Pois é.

Isobel lançou-lhe um olhar piedoso.

— Está com dificuldade para lidar com isso?

— Bem, para falar a verdade, só um pouquinho! — disse Simon, pousando a taça na mesa. — Você ia ser minha cunhada. Agora, não vai mais. Então, de repente, você vai ser minha madrasta e vai ter um bebê!

— É, eu sei. É tudo muito repentino. Desculpe. Do fundo do coração. — Pensativa, ela tomou um gole do vinho. — A propósito, como você quer me chamar? "Madrasta" é uma palavra meio comprida. Que tal "mãe"?

— Muito engraçado — retrucou Simon, irritado. Ele bebeu outro gole, apanhou o jornal e tornou a pousá-lo sobre a mesa. — Onde está Milly, afinal? Eles estão conversando há um tempão.

— Calma. De um tempo para ela. Milly acabou de descobrir que o marido está morto.

— Eu sei. Mas mesmo assim... — Simon se levantou e foi até a janela, virando-se em seguida. — E o que você acha desse tal de Rupert?

— Não sei. Devo admitir que eu esperava um cafajeste. Mas esse cara parece... — Ela pensou por um momento. — Muito triste. Ele só parece muito triste.

— A VERDADE — começou Rupert — é que eu nunca deveria ter me casado com ela. — Ele estava inclinado para a frente, com a cabeça apoiada sobre os nós dos dedos. Ao lado dele, Milly passou os braços em torno dos joelhos. Estavam sentados em um muro baixo que ficava atrás da ala do escritório; acima deles, como uma segunda lua, brilhava o relógio do antigo estábulo. — Eu sabia o que eu era. Sabia que estava vivendo uma mentira. Mas achei que conseguiria. — Ele olhou para Milly, desolado. — Realmente achei que conseguiria!

— Conseguiria o quê? — perguntou ela.

— Ser um bom marido! Um marido normal e digno. Fazer as coisas que todo mundo faz. Oferecer jantares, ir à igreja, admirar nossos filhos em uma peça de Natal na escola... — Ele parou de falar e fitou o vazio. — Nós estávamos tentando ter um filho, sabia? Francesca engravidou no ano passado. O bebê ia nascer em março. Mas ela acabou perdendo a criança. Agora todos vão agradecer a Deus por ela ter abortado, não vão?

— Não — disse Milly, indecisa.

— É claro que vão. Todos dirão que foi uma benção. — Os olhos azuis de Rupert estavam inchados. — Talvez eu esteja sendo egoísta. Mas eu queria aquele filho. Queria demais aquele filho. E eu... Eu teria sido um bom pai.

— Ele teria sorte de tê-lo como pai.

— Bondade sua. — Rupert deu um leve sorriso. — Obrigado.

— Mas filho não é cola, não é mesmo? — lembrou Milly. — Um filho não consegue unir os pais e segurar um casamento.

— Não. Com certeza, não. — Ele pensou por um momento. — O mais estranho é que eu não considero minha relação com Francesca um casamento. Ou pelo menos o que eu chamaria de casamento. Nós éramos como dois trens, correndo lado a lado, sem se dar conta da existência um do outro. Nunca discutíamos, nunca batíamos de frente. Para falar a verdade, nós mal nos conhecíamos. Tudo era muito civilizado e prazeroso, mas não verdadeiro.

— Você era feliz?

— Não sei. Eu fingia ser. Durante um tempo, cheguei até a me enganar.

Houve silêncio. Em algum lugar, à distância, uma raposa uivou. Rupert suspirou e esticou as pernas.

— Vamos entrar? — sugeriu.

— Tudo bem — respondeu Milly vagamente. Rupert a olhou com curiosidade por um momento.

— E você? — perguntou ele finalmente.

— E eu?

— Você sabe que a morte de Allan muda tudo.

— Eu sei — assentiu Milly, examinando as mãos atentamente. Então, levantou-se. — Vamos. Estou com frio.

AO OUVIR A PORTA da frente sendo aberta, Simon se levantou de forma abrupta, como se uma corrente elétrica tivesse atravessado seu corpo. Ele passou a mão pelo cabelo e começou a andar desajeitadamente até a porta da cozinha, verificando a própria aparência no reflexo do vidro ao passar por uma janela sem cortinas. Isobel o observou com as sobrancelhas arqueadas.

— Ela provavelmente não vai querer falar com você — observou Isobel. — Você a magoou demais.

— Eu sei — admitiu Simon. — Eu sei. Mas... — Ele pegou a maçaneta, hesitou por alguns segundos e abriu a porta.

— Boa sorte — gritou Isobel.

Milly estava parada perto da porta de entrada da casa com as mãos nos bolsos. Quando ouviu os passos de Simon, ergueu os olhos. Ele a fitou. Ela parecia diferente, como se os eventos dos últimos dois dias tivessem modificado seu rosto, seu corpo inteiro.

— Milly — começou ele com a voz trêmula. Ela o cumprimentou com um gesto de cabeça — Milly, me desculpe. Sinto muito. Eu não quis dizer nada do que disse. — As palavras caíam dele como maçãs de uma árvore. — Eu não tinha o direito de falar com você daquele jeito. Não tinha o direito de dizer aquelas coisas.

— Não tinha mesmo — disse Milly, baixinho.

— Eu fiquei muito magoado e assustado. E saí ofendendo você sem pensar. Mas se me der outra chance, eu vou... Vou me redimir. — Os olhos de Simon brilharam de lágrimas. — Milly, não me importo se você era casada. Não

me importo se você tem dez filhos. Tudo que eu quero é ficar com você. — Ele se aproximou. — Portanto, peço que você me perdoe e me dê outra chance.

Houve um longo silêncio.

— Eu perdoo — disse Milly afinal, fitando o chão. — Eu perdoo você, Simon.

— Jura?

Ela deu de ombros.

— Sua reação foi perfeitamente compreensível. Eu devia ter contado a você desde o início.

Houve um silêncio desconfortável. Simon se aproximou um pouco mais e tentou segurar as mãos de Milly, mas ela estremeceu. Ele desistiu e pigarreou.

— Eu soube o que aconteceu com ele — disse Simon. — Sinto muito.

— Pois é.

— Você deve estar...

— É.

— Mas... — Ele hesitou. — Você sabe o que isso significa?

Milly o encarou como se ele falasse uma língua estrangeira.

— O quê? — perguntou ela.

— Bem. Isso significa que podemos nos casar.

— Não, Simon.

Ele empalideceu.

— Por que não? — perguntou ele, mantendo a voz branda. Por um breve momento, o olhar de Milly encontrou o de Simon, mas logo se desviou.

— Quero dizer que não podemos nos casar.

Enquanto Simon a fitava, incrédulo, Milly se virou e foi embora.

CAPÍTULO DEZESSETE



Milly só parou quando chegou ao carro de Isobel. Então, encostou-se na porta do carona e procurou um cigarro no bolso, tentando ignorar a dor no peito, tentando não pensar na expressão assustada de Simon. Fizera a coisa certa, disse a si mesma. Tinha sido franca. Finalmente, tinha sido franca.

Com as mãos trêmulas, pôs o cigarro na boca e tentou acendê-lo, mas a brisa noturna apagou a chama diversas vezes. Por fim, com um grito de frustração, ela jogou o cigarro no chão e pisou nele. Sentiu-se subitamente impotente e desamparada. Não podia entrar no carro. Não podia dirigir sem a chave. Não tinha sequer trazido o celular. Talvez Isobel a encontrasse logo.

Ela ouviu passos e teve um sobressalto ao ver Simon se aproximando rapidamente, com ar decidido.

— Simon, não perca seu tempo — disse Milly, virando-se de costas para ele. — Está tudo acabado, entendeu?

— Não, não entendi! — exclamou Simon. Ele se apoiou no carro, ofegante. — Por que você disse que nos não podemos nos casar? É por causa do que eu falei? Milly, por favor, me perdoe. Eu farei qualquer coisa para reparar o que fiz. Mas não desista de nós dois só por causa disso!

— Não tem nada a ver com isso! Sim, você me magoou. Mas eu disse que o perdoaria.

— Bem, o que é, então?

— É mais profundo. É sobre... nós dois. Você e eu como um casal, é isso. — Ela deu de ombros e começou a se afastar.

— O que há de errado com a gente como casal? — perguntou Simon, começando a segui-la. — Milly, fale comigo! Não fuja!

— Não estou fugindo! — Milly virou-se de frente para ele, — Mas não adianta falar sobre isso. Pode acreditar, simplesmente não daria certo. Portanto, vamos agir com um pouco de dignidade, está bem? Adeus, Simon.

Ela começou a se afastar depressa.

— Foda-se a dignidade! — exclamou Simon, apressando-se atrás dela. — Não vou deixar você sair da minha vida assim! Milly, eu te amo. Quero me casar com você. Você não me ama? Deixou de me amar? Se é isso, basta me dizer!

— Não é isso!

— Então, qual é o problema? — A voz dele soou como uma pancada na cabeça de Milly. — Qual é o problema?

— Tudo bem! - disse ela, parando repentinamente. — Tudo bem! — Milly fechou os olhos e, quando os abriu, olhou diretamente para Simon. — O problema é que... Não fui franca com você. Nunca.

— Eu já disse que não me importo. Por mim, você pode ter dez maridos, não faz a menor diferença!

— Não estou falando de Allan. Estou falando de todas as outras mentiras que eu contei a você. — As palavras dela ecoaram no ar noturno como uma revoada de pássaros. — Mentiras, mentiras e mais mentiras!

Simon a fitou, transtornado, e passou a mão pelo cabelo.

— Que mentiras?

— Viu? Você não tem ideia! Você não imagina quem eu realmente sou! Não conhece a verdadeira Milly Havill.

— Kepinski — corrigiu Simon.

Milly semicerrou os olhos. Em seguida, começou a se afastar.

— Desculpe — disse Simon imediatamente. — Eu não quis dizer isso! Milly, volte!

— Não adianta! Não vai dar certo. Não posso continuar com isso.

— Do que você está falando? — Simon apressou-se atrás dela.

— Não posso ser quem você pensa que eu sou! Não posso ser a sua Barbie perfeita.

— Eu não trato você como uma Barbie! — refutou Simon, ofendido. — Pelo amor de Deus! Eu trato você como uma mulher inteligente e madura!

— Exatamente! — Milly virou-se para ele. — E esse é o problema! Você me trata como uma versão pensante da Barbie. Você quer uma mulher inteligente e atraente, que usa sapatos caros e acha novelas triviais, e que sabe tudo sobre o impacto da taxa de câmbio nas importações europeias. Bem, não posso ser assim! Eu cheguei a pensar que poderia me transformar nessa mulher, mas não consigo! Simplesmente não consigo!

— O quê? — Simon parecia perplexo. — Do que você está falando?

— Simon, não posso mais atender as suas expectativas. — Lágrimas brotaram nos olhos de Milly e ela as enxugou, impaciente. — Não posso interpretar um personagem a vida, inteira. Não posso ser algo que não sou. Rupert tentou fazer isso e veja no que deu!

— Milly, não quero que você seja algo que não é. Quero que seja autêntica.

— Você não pode querer isso. Você nem sequer me conhece.

— É claro que eu a conheço!

— Não conhece — retrucou Milly, desesperada. — Simon, tenho mentido desde o nosso primeiro encontro.

— Sobre o quê?

— Sobre tudo!

— Você tem mentido sobre tudo?

— Sim.

— Sobre o quê, por exemplo?

— Tudo!

— De um exemplo.

— Tudo bem. — Milly fez uma pausa e jogou o cabelo para trás. — Eu não gosto de sushi.

— Houve um silêncio constrangedor.

— É isso? — perguntou Simon finalmente. — Você não gosta de sushi?

— Claro que não é só isso. Esse não foi um bom exemplo. Eu... nunca leio jornal. Só finjo.

— E daí?

— Não entendo nada de arte moderna. E assisto aos piores programas de televisão.

— Quais? — perguntou Simon, rindo.

— Programas de que você nunca ouviu falar! Como... como *Family Fortunes*!

— Ah, Milly... — Simon começou a se aproximar.

— E eu... compro sapatos baratos e não mostro a você.

— E daí?

— Como assim, e daí? — perguntou ela, chorando. — Todo esse tempo tenho fingido ser alguém que não sou. Naquela festa em que nós nos conhecemos, eu realmente não sabia nada a respeito de vivisseção! Eu apenas repeti o que vi no *Blue Peter*!

Simon parou. Mais um longo silêncio.

— Você viu no *Blue Peter* — disse ele.

— Isso mesmo — assentiu Milly, aos prantos. — Foi um documentário especial.

Com um súbito rugido, Simon jogou a cabeça para trás e começou a rir.

— Não é nada engraçado! — protestou Milly, ofendida.

— É, sim! — Simon continuou rindo. — É muito engraçado!

— Não é! Todo esse tempo tenho me sentido culpada por isso. Você não entende? Tenho fingido ser madura e inteligente. Enganei você. Mas não sou inteligente. Simplesmente não sou!

Simon parou de rir de repente.

— Milly, você está falando sério?

— Claro que estou — admitiu ela, com os olhos cheios de lágrimas. — Não sou inteligente! Não sou brilhante!

— É claro que é.

— Não sou! Não como a Isobel.

— Como a *Isobel*? — repetiu Simon, incrédulo. Você acha que Isobel é inteligente? Você considera inteligente engravidar do namorado? — Ele arqueou as sobrancelhas e deu uma risadinha. — Isobel pode ser intelectual, mas você é a estrela mais brilhante da família.

— Você acha mesmo? — perguntou Milly com a voz manhosa.

— Acho. E ainda que não fosse, ainda que você tivesse só um neurônio, eu te amaria. Eu amo você, Milly. Não o seu QI.

— Você não pode me amar — argumentou Milly bruscamente. — Você não...

— ... Me conhece? — completou Simon. — É claro que conheço. Milly, conhecer uma pessoa não é como conhecer uma série de fatos sobre ela. É mais como... uma sensação. — Delicadamente, ele afastou uma mecha de cabelo da testa dela. — Posso sentir quando você vai rir e quando vai chorar. Posso sentir sua bondade, seu calor e seu senso de humor. Sinto tudo isso dentro de mim. E isso é o que importa. Não sushi. Ou arte moderna. Muito menos Family Fortunes. — Ele fez uma pausa e disse, reproduzindo a voz do apresentador do programa: — "De acordo com a nossa pesquisa..."

Milly ficou boquiaberta.

— Você *assiste*?

— De vez em quando. — Ele sorriu. — Qual é Milly, eu também sou humano. Não sou?

Houve silêncio. À distância, um relógio soou. Milly suspirou.

— Acho que seria um bom momento para... — disse para si mesma.

— Fumar? — interrompeu Simon. Milly olhou para ele.

— Talvez.

— Viu? — Simon sorriu. — Eu não adivinhei? Isso não prova que eu conheço você?

— Talvez.

— Admita! Eu conheço você! Sei quando quer um cigarro. Deve ser amor verdadeiro. Não é?

— Talvez — repetiu Milly após um breve silêncio. — Ela tateou o bolso a procura do maço de cigarros e permitiu que Simon protegesse a chama com as mãos.

— Então — disse ele, quando ela deu o primeiro trago.

— Então — repetiu ela.

O silêncio surgiu carregado de tensão. Milly deu outra tragada sem olhar para ele.

— Eu estava pensando... — começou Simon.

— Em que?

— Se você quiser, podemos comer um a pizza. E talvez... você possa me falar um pouco a seu respeito.

— Tudo bem. — Ela deu uma baforada e sorriu. — Seria ótimo.

— Você gosta mesmo de pizza?

— Sim. Gosto.

— Você não está fingindo só para me impressionar, não é?

— Simon. Pare com isso.

— Vou pegar o carro — disse ele, procurando a chave no bolso.

— Não, espere. Vamos caminhar. Estou a fim de andar. E... conversar.

— Daqui até Bath?

— Por que não?

— São cinco quilômetros!

— Viu, isso prova que você não me conhece. Eu posso andar cinco quilômetros. Na escola, eu fazia parte da equipe de cross-country.

— Mas está muito frio!

— A gente se aquece enquanto anda. Vamos, Simon. — Ela pôs a mão em torno do braço dele. — Par favor.

— Tudo bem. — Simon guardou as chaves do carro. — Vamos caminhar.

— ELES ESTÃO INDO para o jardim — anunciou Isobel. — E juntos, mas ainda não se beijaram.

— Talvez eles não queiram uma plateia — observou Harry. — Principalmente a da irmã mais velha e curiosa.

— Eles não sabem que estou olhando! Tive todo o cuidado. Ah! Eles se foram. — Ela mordeu o lábio e acomodou-se no assento abaixo da janela. — Espero que... você sabe.

— Calma — sugeriu Harry, sentado na poltrona perto da lareira. — Tudo vai acabar bem. Isobel o fitou. Ele tinha um pedaço de papel e uma caneta nas mãos.

— O que você está fazendo? — perguntou ela.

— Nada. — Ele dobrou o papel imediatamente.

— Mostre para mim!

— Não é nada importante. — Harry estava prestes a guardar o papel no bolso quando Isobel atravessou a sala rapidamente e o arrancou das mãos dele.

— São apenas alguns nomes que me vieram à mente — explicou Harry, nervoso, quando ela abriu a folha dobrada.

— Pensei em anotá-los.

Isobel leu a lista e começou a rir.

— Harry, você é louco! Temos sete meses para pensar nisto! — Ela olhou a lista novamente, sorrindo e fazendo caretas ao ler alguns nomes. Então, virou o papel. — E o que é isso no verso?

— Ah, isso? — disse Harry. Uma expressão ligeiramente constrangida tomou conta de seu rosto. — É para o caso de serem gêmeos.

MILLY E SIMON CAMINHAVAM lentamente pelos jardins de Pinnacle Hall em direção a um portão de ferro forjado que se abria para a estrada principal.

— Não era isso que eu deveria estar fazendo esta noite disse Milly, fitando o céu estrelado. — Esta noite eu deveria jantar tranquilamente em casa e fazer as malas para a lua de mel.

— Eu deveria estar fumando um charuto com meu pai, indeciso a respeito do casamento — disse Simon.

— E você está? Indeciso?

— Você está?

Milly não respondeu, mas continuou fitando o céu. Continuaram andando em silêncio; atravessaram o jardim, a fonte congelada e entraram no pomar.

— Olha lá. — Simon parou de repente. — O banco. Onde eu pedi você em casamento. Lembra?

Milly estremeceu.

— Sim. É claro que me lembro. Você tirou a aliança do bolso. E o champanhe estava escondido na árvore.

— Passei dias planejando tudo — confessou Simon, saudoso. Ele acariciou a árvore. — Eu queria que tudo fosse perfeito.

Milly o fitou, cerrando os punhos na lateral do corpo. Verdade, disse a si mesma com firmeza. Seja verdadeira.

— Foi perfeito demais — afirmou ela, sem rodeios.

— O quê? — Simon teve um sobressalto, e Milly sentiu uma pontada de culpa.

— Simon, desculpe. Eu não quis dizer isso. — Ela se afastou e observou as árvores. — Foi lindo.

— Milly, não finja — pediu ele, com a voz magoada. Diga a verdade. O que você realmente achou?

Houve uma pausa.

— Tudo bem — disse Milly. — Já que eu realmente pretendo ser verdadeira... foi lindo, mas... — Ela se virou de para ele — Um tanto planejado demais. Você colocou a aliança no meu dedo antes que eu pudesse respirar. No minuto seguinte, estava abrindo o champanhe e já éramos oficialmente noivos. Eu nem sequer... — Sua voz falhou, e ela esfregou o rosto. — Eu

nem sequer tive tempo para pensar.

Os dois ficaram em silêncio.

— Entendo — disse Simon finalmente. — E se houvesse tido tempo para pensar, o que teria dito?

Milly o fitou por alguns segundos e em seguida desviou o olhar.

— Vamos — disse ela. — Vamos comer aquela pizza.

— Tudo bem — assentiu Simon, desapontado. — Tudo bem.

— Ele deu alguns passos e parou. — Tem certeza de que quer andar?

— Tenho, andar clareia minha mente. — Ela estendeu a mão. — Vamos.

MEIA HORA DEPOIS, NO meio da rua escura, Milly parou.

— Simon, estou com frio.

— Vamos andar mais rápido, então.

— Mas meus pés estão doendo. O sapato está me dando bolhas.

Simon percebeu que Milly havia coberto as mãos com a manga do suéter e as enfiara sob as axilas. Os lábios dela estavam roxos, e ela batia os dentes.

— Já clareou a mente? — perguntou ele.

— Não — respondeu Milly, desolada. — Só consigo pensar em um bom banho quente.

— Bem, não falta muito agora — disse Simon de forma encorajadora. Milly perscrutou a rua escura diante de si.

— Não aguento mais. Será que a gente não consegue um táxi?

— Acho que não. Mas eu posso te emprestar minha jaqueta. — Ele a tirou e entregou a ela, que se aconchegou no agasalho quente.

— E você, não vai ficar com frio?

— Vou ficar bem. Podemos continuar?

— Podemos — disse Milly, retomando a caminhada.

— É o mais rápido que pode andar? — Simon parou.

— Meus pés estão sangrando — choramingou Milly. Simon olhou para os pés dela.

— Sapato novo?

— Sim — respondeu Milly, aflita. — Foi baratinho, mas agora eu o odeio. — Ela deu outro passo para frente e estremeceu.

Simon suspirou.

— Venha. Ponha os seus pés em cima dos meus. Vou andar por você.

— Jura?

— Vamos. Guarde os sapatos no bolso.

Ele passou os braços com firmeza ao redor da cintura de Milly e começou a andar desajeitadamente na escuridão da noite, com os pés dela sobre os seus.

— Isso é bom — confessou Milly após um momento.

— Sim — resmungou Simon. — É ótimo.

— Você anda bem rápido.

— Principalmente quando estou com fome.

— Desculpe — disse ela, envergonhada. — Mas foi uma ótima ideia, não foi? — Simon não respondeu e Milly se virou, fazendo com que ele quase perdesse o equilíbrio. — Não foi, Simon?

Ele começou a rir, com a voz rouca por causa do sereno. — Foi, Milly — assentiu, ofegante. — Uma das melhores que você já teve.

QUANDO FINALMENTE CHEGARAM A pizzaria, mal conseguiam falar, de tanto frio e cansaço. Quando abriram a porta, o calor do lugar e o cheiro carregado de alho da comida os atingiram em uma rajada inebriante. O lugar estava cheio, fervilhando de gente e música; de repente, a rua fria e escura pareceu muito distante.

— Uma mesa para dois, por favor — pediu Simon, colocando Milly de volta no chão. — E dois conhaques duplos.

Milly sorriu, esfregando o rosto frio e ruborizado.

— Meus pés não estão mais doendo — constatou, pisando no chão de mármore. — Acho que dá para andar até a mesa.

— Que bom. — Simon alongou as costas. — Ótimo.

Eles foram conduzidos a uma mesa em um local mais reservado por um garçom vestido de vermelho, que voltou logo em seguida com os dois conhaques.

— Saúde — disse Milly, hesitante, fitando Simon. — Não sei exatamente a que estamos brindando. Ao... ao casamento que não aconteceu?

— Vamos brindar a nós — sugeriu Simon com o semblante sério. — Vamos brindar a nós. Milly...

— Sim?

Silêncio. O coração de Milly passou a bater mais forte. Nervosa, ela começou a rasgar o guardanapo de papel.

— Não planejei isso — confessou Simon. — Deus sabe que eu não planejei nada disso. Mas não posso esperar mais.

Ele pousou o cardápio na mesa e se ajoelhou. Houve uma agitação no restaurante; algumas pessoas começaram a observar os dois e a cutucar umas as outras.

— Milly, por favor. Estou pedindo novamente. E... Espero, de todo o coração, que você diga sim. Quer casar comigo?

Outro longo silêncio. Por fim, Milly ergueu a cabeça. Seu rosto estava ruborizado, seu

guardanapo havia se transformado em um papel totalmente amassado em suas mãos.

— Simon, não sei. Eu... preciso pensar.

QUANDO ACABARAM DE COMER, Milly pigarreou, nervosa, e fitou Simon.

— Gostou da pizza? — perguntou ela, desinteressada.

— Estava ótima. E você, gostou?

— Adorei. — Seus olhos se encontraram por um breve momento, então Simon desviou o olhar.

— Você... Por acaso...

— Sim — disse Milly, mordendo o lábio. — Já decidi.

Ele permanecia ajoelhado próximo à mesa, como estivera durante toda a refeição, com a comida a sua volta, como se estivesse em um piquenique. Ela sorriu de leve.

— Quer se levantar agora? — perguntou ela.

— Para quê? — indagou Simon, bebendo um gole de vinho. — Estou confortável aqui.

— Tenho certeza que sim — disse Milly, com os lábios trêmulos. — Tenho certeza. Só achei que... talvez você pudesse querer me beijar.

Houve um silêncio tenso.

— Posso? — perguntou Simon. Ele pousou a taça na mesa e a encarou. Por um momento, apenas se olharam, alheios a tudo, ignorando os garçons que se cutucavam e se aglomeravam próximos à cozinha. — Posso mesmo?

— Sim. — Milly tentou controlar o tremor na voz. Ela pousou o guardanapo, deslizou o corpo pelo banco até o chão de mármore e o abraçou. Quando seus lábios se tocaram, todos aplaudiram. Lágrimas começaram a rolar no rosto de Milly, escorrendo pelo pescoço de Simon e por seus lábios unidos. Ela fechou os olhos e se aninhou no peitoral largo dele, inalando o odor de sua pele, sentindo-se fraca demais para se mover. Estava esgotada, destituída de emoção, incapaz de enfrentar qualquer outro desafio.

— Só uma pergunta — disse Simon no ouvido dela. — Quem vai contar a sua mãe?

CAPÍTULO DEZOITO



Às nove horas da manhã do dia seguinte, o ar estava fresco e claro. Quando o pequeno carro de Milly parou em frente ao numero 1 da Bertram Street, o carteiro estava prestes a enfiar um maço de cartas na caixa de correio.

— Bom dia! — cumprimentou ele. — Como está a noiva?

— Bem — respondeu Milly, esboçando um sorriso tenso.

Ele entregou-lhe as cartas, e ela procurou a chave no bolso. Seu coração batia rápido de ansiedade e medo e mil frases giravam em sua mente. Por alguns segundos ela fitou a porta brilhante; então enfiou a chave na fechadura.

— Mãe? — chamou ao entrar, a voz mais alta que o normal por causa do nervosismo. — Mãe? — Ela pôs as cartas na estante e tirou o casaco, tentando se acalmar. De repente, sentiu-se tomada por um imenso entusiasmo e abriu um largo sorriso. Estava com vontade de rir, cantar e pular como uma garotinha. — Mãe, adivinha!

Ela abriu a porta da cozinha, sorridente, e levou um susto. Seus pais estavam sentados à mesa, um diante do outro, ambos ainda de roupão, como se estivessem de férias.

— Ah — disse Milly, sem saber ao certo porque estava tão surpresa.

— Milly! — Olivia pousou o jornal na mesa. — Tudo bem?

— Imaginamos que você iria querer passar a noite na casa de Harry — disse James.

— Já tomou café? — perguntou a mãe. — Vou pegar uma xícara. Quer uma torrada?

— Quero. Quer dizer, não. Escutem! — Ela passou a mão pelos cabelos e sorriu. — Tenho boas notícias. Eu e Simon vamos nos casar!

— Ah, querida! — exclamou Olivia. — Isso é maravilhoso!

— Quer dizer que fizeram as pazes? — indagou James. — Fico muito contente em ouvir isso. Ele é um bom sujeito.

— Eu sei. — Um sorriso se estendeu no rosto de Milly. Eu amo Simon. E ele me ama. Tudo voltou ao normal.

— Isso é simplesmente maravilhoso! — Olivia pegou a caneca de café. — Quando estão pensando em realizar o casamento?

— Daqui a duas horas — respondeu Milly, radiante.

— O quê? — gritou Olivia, derrubando a caneca na mesa.

— Milly, você está falando sério? — perguntou James. — Esta manhã?

— Sim! Esta manhã! Por que não?

— Por que não? — repetiu Olivia, estupefata, aumentando o tom de voz. — Porque não há nada preparado! Porque cancelamos tudo! Sinto muito, querida, mas não há mais festa de casamento!

— Mãe, temos tudo o que é preciso para um casamento: uma noiva e um noivo; uma pessoa para me levar ao altar... — Ela olhou para James. — E outra para usar um chapéu enorme e chorar bastante. Temos até o bolo. Não precisamos de mais nada.

— Mas o cônego Lytton...

— Nós falamos com ele ontem à noite — anunciou Milly.

— Aliás, está tudo arranjado. Portanto, vamos! Vistam-se! Preparem-se!

— Espere! — gritou Olivia assim que Milly saiu pela porta da cozinha. — E quanto ao Simon? Ele não tem padrinho!

— A porta se abriu e Milly apareceu novamente.

— Tem, sim — disse ela. — Ele tem o padrinho mais perfeito.

— É TUDO MUITO fácil — disse Simon, bebendo um gole de café. — Aqui estão as alianças. Quando o vigário pedir, você as entrega. E é isso!

— Certo. — Harry tinha uma expressão séria. Então, pegou as alianças douradas das mãos de Simon e as fitou por um momento, como se tentasse memorizar o formato delas.

— Bem, o vigário pede as alianças e eu as entrego a ele. Eu devo colocá-las bem no meio da palma da mão, sobre os dedos, ou o quê?

— Não faço a menor ideia. Faz alguma diferença?

— Não sei! — confessou Harry. — Você é quem tem que saber! Meu Deus!

— Pai, você não está nervoso, está?

— É claro que não estou nervoso! Agora, ande. Vá engraxar seus sapatos.

— Até logo — disse Simon, sorrindo da porta da cozinha.

— Você *está* nervoso? — perguntou Isobel, sentada próxima à janela, quando Simon saiu.

— Não — disse Harry. — Talvez um pouquinho. — Ele empurrou a cadeira para trás e foi até a janela. — Isso é ridículo. Eu não deveria ser o padrinho do Simon!

— É claro que deveria. É o desejo dele.

— Ele não tem outra pessoa, é o que você quer dizer. Aí, recorre ao velho

pai.

— Não é isso que estou dizendo — justificou-se Isobel, paciente. — Ele poderia facilmente telefonar para um amigo do trabalho, você sabe disso. Mas ele quer você. Você é a pessoa perfeita para ele. E para mim. — Ela pegou a mão de Harry e, após um momento, ele retribuiu o gesto afagando-a. Ela olhou o relógio e fez uma careta. — Agora eu realmente preciso ir. Mamãe vai ter um troço.

— Nós nos vemos lá, então.

— Tchau — disse Isobel. Ao chegar na porta, ela se virou. — Você deve saber que o padrinho tem um bônus.

— Qual?

— Tem direito a dormir com a dama de honra.

— É mesmo? — indagou Harry, radiante.

— É, consta nos regulamentos. Pergunte ao vigário. Ele lhe dirá.

QUANDO ENTROU NO HALL, Isobel viu Rupert descendo as escadas. Sem perceber que estava sendo observado, ele expressava uma tristeza amorfa, uma angústia dilacerante. Por alguns segundos, ela permaneceu em silêncio. Então, sentindo-se uma voyeur, forçou-se a fazer barulho com os pés e aguardou um momento antes de continuar andando, dando a ele a chance de se recompor antes de vê-la.

— Oi — disse ela. — Estávamos preocupados com você. Dormiu bem?

— Sim, obrigado — respondeu ele, acenando com a cabeça. — Harry foi muito gentil em me acomodar.

— Ah, não foi nada! Foi muita bondade sua vir até aqui contar a Milly sobre... — Seu tom de voz foi se tornando mais baixo até ela finalmente se calar. — Sabia que eles resolveram se casar novamente?

— Não — disse Rupert com um largo sorriso. — Que bom.

Isobel o fitou com compaixão, tentando, de alguma maneira, diminuir sua angústia.

— Sabe, tenho certeza de que Milly ficaria feliz se você fosse à cerimônia. Não vai mais ser um casamento grandioso e elegante. Na verdade, seremos apenas seis pessoas. Mas se você quiser ir, ficaríamos todos muito contentes.

— É muita gentileza. Muita gentileza mesmo. Mas... Acho melhor ir para casa. Se você não se importa.

— Tudo bem. Faça como achar melhor. — Isobel olhou ao redor do hall vazio. — Vou arranjar alguém para levá-lo a estação. Há um expresso para Londres que sai de hora em hora.

— Não vou para Londres. — Uma expressão distante, quase pacífica, iluminou o rosto de Rupert. — Vou para Cornwall.

AS DEZ E MEIA, Olivia estava pronta. Examinou sua imagem no espelho e deu um sorriso satisfeito. Seu tailleur cor-de-rosa vestira perfeitamente, e o chapéu de abas largas, que

combinava com a roupa, dava um brilho rosado à sua face. Seu cabelo louro brilhava sob o sol de inverno na medida que ela virava o rosto de um lado para outro para conferir a maquiagem e verificar a presença de algum pelo no colarinho preto aveludado do casaco. Finalmente, apanhou a bolsa, notando, satisfeita, os laços de seda cor-de-rosa feitos a mão, que agora enfeitavam seus sapatos de verniz.

— Você está maravilhosa! — disse James ao entrar.

— E você está muito bonito — elogiou Olivia, observando o fraque do marido. — Muito distinto. O pai da noiva.

— A mãe da noiva. — James sorriu. — E por falar em noiva, onde ela está?

— Ainda se arrumando. Com a ajuda de Isobel.

— Bem, acho melhor descermos e tomarmos uma taça de champanhe antes da cerimônia. Vamos? — Ele estendeu o braço e, após um momento de hesitação, Olivia o aceitou. Quando desciam as escadas, uma voz os fez parar.

— Fiquem assim. Só um segundo. Não olhem para mim.

Eles obedeceram, sorrindo um para o outro, enquanto Alexander registrava o momento com a câmera fotográfica.

— Ótimo — disse ele. — Podem continuar agora. — Quando Olivia passou, ele deu uma piscadela. — Belo chapéu, Olivia. Muito sexy.

— Obrigada, Alexander — agradeceu ela, levemente ruborizada. James apertou seu braço, e o rubor tornou-se ainda mais forte. — Vamos — sugeriu. — Vamos tomar aquele champanhe.

Eles seguiram para a sala de estar. O fogo da lareira crepitava, e havia uma garrafa de champanhe ao lado de algumas taças, que James deixara ali anteriormente. Ele serviu Olivia e ergueu a taça.

— Ao casamento — propôs.

— Ao casamento. — Olivia bebeu um gole e sentou na beirada de uma cadeira, com cuidado para não amassar a saia. — Alguém vai fazer um discurso na recepção?

— Não sei — respondeu James bem — humorado. — E vai haver recepção?

Olivia deu de ombros, como se não soubesse a resposta, e tomou mais um gole do champanhe.

— Quem sabe? Depende de Milly. É o dia dela. — Um lampejo de emoção iluminou seu rosto. — Sou apenas convidada.

James lançou-lhe um olhar cheio de compaixão.

— Isso a incomoda? O fato de não haver o casamento extravagante que você tinha planejado? Os cisnes de gelo, o organista vindo de Genebra e os cinco mil convidados VIPS?

— Não. Não me incomoda. — Ela sorriu. — Eles estão se casando. Isso é o que importa, não é? Eles estão se casando.

— Sim. Isso é o que importa.

Houve uma pausa. Olivia fitou o fogo, enquanto balançava levemente a taça.

— E sabe de uma coisa? — disse ela de repente — Pensando bem, uma cerimônia discreta e íntima é mais original. Casamentos grandiosos podem ser vulgares se o anfitrião não ficar atento. Você não acha?

— Com certeza — respondeu James, sorrindo.

— Alguém poderia ter pensado nisso desde o início! — Um tom de felicidade começou a modular a voz de Olivia. — Afinal de contas, nos não queremos o mundo e toda sua escória no casamento de nossa filha, não é? Queremos uma recepção discreta, exclusiva.

— Bem, será discreta, com certeza. — James esvaziou o conteúdo de sua taça. — Só não posso garantir que será exclusiva.

Ouviu-se um barulho, e ele ergueu os olhos. Isobel estava no batente da porta, usando um vestido longo e esvoaçante de seda rosa-claro. Seu cabelo estava preso em uma trança enfeitada com flores, e seu rosto, ruborizado pela timidez.

— Vim para anunciar a noiva. Ela está pronta.

— Você está linda, querida! — exclamou James.

— Maravilhosa! — confirmou Olivia.

Isobel demonstrou indiferença.

— Estou razoável. Vocês precisam ver a Milly. Ela está descendo as escadas. Alexander está fotografando.

— Querida — disse Olivia bruscamente quando Isobel se virou. — E as flores?

— Que flores?

— As flores de seda que estavam no seu vestido!

— Ah, aquelas — disse Isabel após uma pausa. — Elas... caíram.

— Caíram?

— Sim. Provavelmente você não as prendeu muito bem. — Ela olhou para o rosto perplexo de Olivia e sorriu. — Ah, mãe. As rosas não importam. Venha ver a Milly. Ela é a atração principal.

Eles saíram da sala de estar e olharam para a escada. Usando um vestido de noiva de seda marfim com corte reto e simples, sorrindo timidamente por trás do véu, Milly descia as escadas. O corpete rijo, bordado, delineava seu corpo, as mangas longas eram adornadas com pele na altura dos pulsos. Em seu cabelo brilhava uma tiara de diamantes.

— Milly! — disse Olivia com a voz trêmula. — Você está linda. Uma noiva perfeita. — As lágrimas brotaram de seus olhos e ela tentou disfarçar.

— O que vocês acham? — perguntou Milly, nervosa, olhando para todos. — Está razoável?

— Querida, você está incrível — elogiou James. — Simon Pinnacle pode se considerar um homem de sorte.

— Mal posso acreditar que isso realmente esta acontecendo — confessou Olivia, levando um pequeno lenço aos olhos. — A pequena Milly se casando.

— Como iremos? — perguntou Alexander, tirando uma última foto. — Quero levar o tripé.

— Milly? — James ergueu os olhos. — Você dá as ordens.

— Não sei — disse Milly, um tanto confusa, descendo alguns degraus, a cauda do vestido deslizando atrás dela. — Eu não tinha pensado nisso.

— Vamos andando! — sugeriu Isobel, sorrindo.

— Que é isso, Isobel! — repreendeu Milly. — Ah, meu Deus. O que vamos fazer?

— Se formos em dois carros — disse James para Olivia — , você pode levar Alexander e Isabel, e eu posso ir com Milly...

Ele foi interrompido por um toque da campainha na porta da frente, e todos ergueram os olhos.

— Quem será? — perguntou James. Ele olhou ao redor e resolveu atender. Um homem estava parado nos degraus, com um quepe debaixo do braço. Ele se curvou com uma expressão séria.

— Carros para os Havill — anunciou.

— O quê? — James observou a rua por trás do motorista. — Mas o serviço foi cancelado!

— Não — retrucou o homem.

James se virou para os outros na sala.

— Olivia, você não cancelou os carros?

— Claro que cancelei.

— Não de acordo com as informações que recebi — alegou o homem.

— Não de acordo com as informações que você recebeu — repetiu Olivia, balançando a cabeça, exasperada. — Será que você não se dá conta de que sua informação pode estar errada? Eu falei com uma jovem da sua empresa ainda ontem, e ela me assegurou que tudo seria cancelado. Portanto, sugiro que você volte para o carro e fale com a pessoa que atende o telefone. Com certeza, você vai descobrir...

— Mãe! — interrompeu Milly, aflita. — Mãe! — Ela fez uma careta significativa para Olivia, que imediatamente percebeu o que ela queria dizer.

— Porém — observou ela, empertigada — , por sorte, a situação se modificou mais uma vez.

— Então, vocês vão querer os carros? — indagou o homem.

— Sim — respondeu Olivia, de modo altivo.

— Muito bem, senhora — disse o homem antes de descer os degraus. Quando o motorista alcançou a rua, todos puderam ouvir as palavras "cambada de malucos" que ele pronunciou em tom audível.

— Certo — disse James. — Bem, vocês vão primeiro... e Milly e eu iremos em seguida. Não é esse o protocolo?

— Nos vemos lá. — Isobel sorriu para Milly. — Boa sorte!

Quando desciam os degraus em direção aos carros, Alexander reteve Isobel.

— Sabe, eu gostaria muito de tirar umas fotos suas qualquer dia desses — disse ele. — Você tem uma expressão fantástica.

— Jura? — Isabel arqueou as sobrancelhas. — Ou você diz isso a todas as moças?

— Não — respondeu Alexander. — Só para as deslumbrantes. — Ele olhou para ela. — Estou falando sério.

Isobel o encarou.

— Alexander...

— Não sei se é inoportuno — começou ele, colocando o tripé no ombro — , mas talvez, quando todo este negócio de casamento acabar, nós... pudéssemos sair juntos.

— Você é atrevido! — exclamou Isobel.

— Eu sei. Você aceita?

Isabel começou a rir.

— Estou lisonjeada. E grávida também.

Ele deu de ombros.

— Isso não é problema.

— E... — acrescentou ela, começando a ruborizar — ...Eu vou me casar em breve.

— O quê? — Dez metros a frente deles, Olivia se virou com os olhos brilhantes. — Isobel! É verdade?

Isobel revirou os olhos para Alexander.

— É apenas uma possibilidade, mãe — respondeu ela, aumentando o tom de voz. — Não está nada definido.

— Mas quem é o noivo, querida? Eu o conheço? Sei o nome dele?

Isobel fitou Olivia. Chegou a abrir a boca para falar, mas desistiu e desviou o olhar.

— Ele é... Apresentarei ele depois. Depois do casamento. Vamos esperar. Está bem?

— Como quiser, querida — concordou Olivia. — Ah, estou tão emocionada!

— Que bom! — disse Isabel, esboçando um sorriso.

HARRY E SIMON CHEGARAM à igreja as dez e cinquenta. Eles abriram a porta e observaram, em silêncio, o enorme e vazio espaço decorado. Simon lançou um olhar para o pai e seguiu pelo corredor largo. Seus passos ecoaram no piso.

— Aha! — disse o cônego Lytton, surgindo de uma porta lateral. — O noivo e seu padrinho! Sejam bem-vindos! — Ele se apressou na direção deles, passando pelas fileiras de bancos de mogno vazios, adornados com flores.

— Onde devemos nos sentar? — perguntou Harry, olhando ao redor. — Os melhores lugares estão ocupados.

— Essa é boa — disse o cônego, abrindo um amplo sorriso.

— Os lugares do noivo e do padrinho são os da frente, do lado direito.

— Foi muita gentileza sua concordar em realizar a cerimônia em cima da hora — disse Simon, seguindo-o em direção ao altar da igreja. — E com tão pouca gente. Estamos muito agradecidos.

— A quantidade de pessoas é algo secundário — disse o cônego. — Como diz a Palavra do Senhor: "Quando dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles." — Ele fez uma pausa. — Com certeza as coletas podem sofrer um pouco com isso... — Ele parou de falar, e Harry pigarreou.

— Eu me encarregarei do complemento — disse ele. — Se o senhor me der um valor estimado.

— É muita gentileza sua — murmurou o cônego Lytton.

— Ah, aí vem a Sra. Blenkins, a organista. Foi muita sorte ela estar livre esta manhã!

Uma senhora usando um casaco marrom se aproximava.

— Não ensaiei nada — declarou ela assim que os alcançou. — Não houve tempo, entende?

— Claro — assentiu Simon. — Nós...

— Pode ser a "Marcha Nupcial"?

— Claro — concordou Simon, olhando para Harry. — Qualquer coisa. Ficamos muito agradecidos.

A mulher se afastou. Em seguida, o cônego Lytton desapareceu, fazendo ruídos com o movimento de seu traje.

Simon se sentou no banco da frente e esticou as pernas.

— Estou apavorado.

— Eu também. — Harry estremeceu. — Esse sacerdote me dá arrepios.

— Será que vou ser um bom marido? — indagou Simon, jogando a cabeça para trás e olhando para o imenso espaço da igreja. — Será que farei Milly feliz?

— Você já a faz feliz — disse Harry. — Apenas não mude nada. Não pense que tem que agir de modo diferente só porque está casado. — Ele encarou o filho. — Você a ama. Isso é o bastante.

Ouviu-se um som no fundo da igreja e Olivia surgiu: uma miragem em rosa reluzente. Ela caminhou em direção ao altar, o salto do sapato martelando o chão.

— Eles chegarão em um minuto — sussurrou.

— Sente-se perto de mim — sugeriu Harry, apontando para o banco. Por um instante, Olivia hesitou, pesarosa.

— Não. Não seria certo. Tenho que me sentar do outro lado. — Ela ergueu o queixo ligeiramente. — Afinal, sou a mãe da noiva.

Ela se sentou e por alguns minutos, fizeram silêncio. De algum lugar, o órgão começou a tocar suavemente. Simon esticou os dedos e os observou. Harry olhou o relógio. Olivia tirou um espelho da bolsa e conferiu a maquiagem.

De repente, ouviu-se outro som vindo da entrada da igreja e todos pularam.

Simon respirou fundo. Tentava se manter calmo, mas seu coração estava disparado, e suas mãos, úmidas.

— Será que devíamos nos levantar? — sussurrou ele para o pai.

— Não sei! — Harry parecia igualmente agitado. — Como é que eu vou saber?

Olivia se virou para a entrada da igreja.

— Eu consigo vê-la daqui! — sussurrou. — Ela chegou!

A música diminuiu até parar por completo. Entreolhando-se de maneira indecisa, os três se levantaram. Houve um silêncio aflito; ninguém parecia respirar.

Então, os familiares acordes da "Marcha Nupcial" preencheram o ambiente. Simon sentiu um nó na garganta. Sem ousar se virar, ele continuou olhando para a frente até sentir Harry puxando seu braço. Quando se voltou, sentiu o coração disparar ao olhar para o corredor da igreja. Milly caminhava em sua direção, conduzida pelo pai, e estava mais bela do que nunca. Os lábios esboçavam um sorriso tímido, seus olhos brilhavam atrás do véu e a pele resplandecia contra o tom claro do vestido.

Ao se aproximar do noivo, Milly parou e hesitou por um instante. Com as mãos trêmulas, ergueu o véu lentamente. Foi quando seus dedos tocaram o colar de perolas de água doce que ela usava. Fez uma pausa segurando uma das pequenas pérolas e, por um momento, seus olhos se tornaram turvos.

Então, ela a soltou, respirou fundo e ergueu os olhos.

— Pronta? — perguntou Simon.

— Sim — respondeu Milly, sorrindo. — Estou pronta.

ERA QUASE MEIO-DIA QUANDO Rupert chegou ao pequeno chalé no rochedo íngreme. Deu uma olhada no relógio ao se aproximar da entrada e concluiu que, a essa altura, Milly já estaria casada. Ela e Simon estariam bebendo champanhe, felizes como nunca.

A porta se abriu antes que ele a alcançasse, e seu pai olhou para fora.

— Olá, meu rapaz — cumprimentou ele, amável. — Estava esperando por você.

— Oi, pai — disse Rupert, pousando a mala no chão para abraçá-lo. Diante da recepção tão amorosa e incondicional do pai, sentiu suas defesas desmoronarem completamente, como se fosse irromper em lágrimas. Mas suas emoções haviam se esgotado; já não chorava mais.

— Entre e tome uma boa xícara de chá — sugeriu o pai, conduzindo-o a uma pequena sala com vista para o mar. Ele fez uma pausa. — Sua esposa telefonou hoje, queria saber se você

estava aqui. Ela mandou dizer que sente muito. E que envia seu amor e suas orações.

Rupert permaneceu em silêncio. Sentou-se perto da janela e olhou para o mar azul, infinito. Ocorreu-lhe que se esquecera quase completamente de Francesca.

— Outra mulher também telefonou há alguns dias — falou o pai, da pequena cozinha. Ouvia-se o ruído da louça de barro. — Acho que o nome dela era Milly. Ela conseguiu entrar em contato com você?

Algo como um sorriso iluminou o rosto de Rupert.

— Sim. — Ela conseguiu falar comigo.

— Eu nunca o ouvi falar dela antes. — O pai entrou na sala com um bule de chá. — É uma amiga sua?

— Não exatamente. Ela é... esposa de um amigo meu.

Rupert se reclinou na cadeira e olhou, pela janela, as ondas quebrarem nas rochas lá embaixo.